

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV)
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS (EBAPE)
CURSO DE DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO

LEONARDO VASCONCELOS CAVALIER DARBILLY

**BLOGOSFERA, ESTRATÉGIAS DE SUBVERSÃO E O CAMPO DA
COMUNICAÇÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO *MOVIMENTO DOS
BLOGUEIROS PROGRESSISTAS* SOB UMA PERSPECTIVA DE ESTUDOS
ORGANIZACIONAIS**

RIO DE JANEIRO
2014

LEONARDO VASCONCELOS CAVALIER DARBILLY

**BLOGOSFERA, ESTRATÉGIAS DE SUBVERSÃO E O CAMPO DA
COMUNICAÇÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO *MOVIMENTO DOS
BLOGUEIROS PROGRESSISTAS* SOB UMA PERSPECTIVA DE ESTUDOS
ORGANIZACIONAIS**

Tese apresentada ao Programa de
Doutorado em Administração da
Escola Brasileira de Administração
Pública e de Empresas, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Doutor em Administração.

Área de concentração: Estudos
Organizacionais

Professor Orientador: Flávio
Carvalho de Vasconcelos, PhD.

RIO DE JANEIRO
2014

Darbilly, Leonardo Vasconcelos Cavalier

Blogosfera, estratégias de subversão e o campo da comunicação no Brasil : uma análise do Movimento dos Blogueiros Progressistas sob uma perspectiva de estudos organizacionais / Leonardo Vasconcelos Cavalier Darbilly. – 2014.

297 f.

Tese (doutorado) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa.

Orientador: Flávio Carvalho de Vasconcelos.

Inclui bibliografia.

1. Comunicação. 2. Política de comunicação. 3. Tecnologia da informação. 4. Tecnologia digital. 5. Mídia digital. 6. Blogs. I. Vasconcelos, Flávio Carvalho de. II. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa. III. Título.

CDD – 302.231



FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS

LEONARDO VASCONCELOS CAVALIER DARBILLY

**BLOGOSFERA, ESTRATÉGIAS DE SUBVERSÃO E O CAMPO DA
COMUNICAÇÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO DOS
BLOGUEIROS PROGRESSISTAS SOB UMA PERSPECTIVA DE ESTUDOS
ORGANIZACIONAIS**

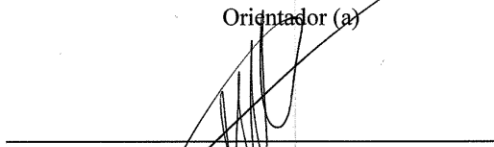
Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Administração da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas para obtenção do grau de Doutor em Administração.

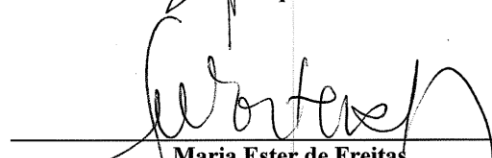
Data da defesa: 14/02/2014.

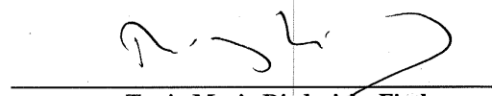
Aprovada em:

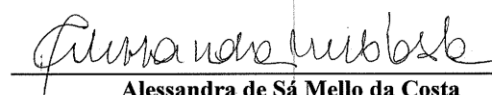
ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA


Flávio Carvalho de Vasconcelos
Orientador (a)


Mario Aquino Alves


Maria Ester de Freitas


Tania Maria Diederichs Fischer


Alessandra de Sá Mello da Costa

**À minha mãe Beatriz,
minha avó Dalva e
minha tia Odila, onde
estiverem.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à meu avô, Ivan Vasconcelos, pelo incentivo diário e por tudo que me proporcionou ao longo dos anos;

Agradeço à meu orientador, Prof. Flávio Carvalho de Vasconcelos, pelo interesse demonstrado em meu trabalho e pela disposição em me orientar;

Agradeço à meu eterno orientador de iniciação científica, mestrado e parte do doutorado, Prof. Marcelo Milano Falcão Vieira, que tanto me ensinou ao longo dos anos e que tantas boas recordações e aprendizado deixou com aqueles que tiveram o prazer de conhecê-lo em vida;

Aos funcionários da EBAPE pelo apoio administrativo, em especial Vânia Mattos da Silva e Ana Lúcia Monteiro de Souza.

Agradeço à minha sempre amiga Janaina Machado Simões pelas contribuições e atentas leituras de meu trabalho que tanto me ajudaram;

Agradeço à minha amiga Geruza D'Avila pelas contribuições e por ouvir atentamente minhas angústias e dúvidas sobre o trabalho;

Agradeço à Priscila Barbosa Correia, pelo apoio que sempre me deu ao longo de minha trajetória;

Agradeço à Cristiane Simões Netto Costa e Diana Costa de Castro pelo apoio dado ao longo do tempo em que cursei o doutorado;

Agradeço à Vanessa Almeida pelo carinho e compreensão ao longo do período em que tive que me dedicar ao curso e à elaboração da tese;

Agradeço à Sônia Montenegro pela amizade e pelo interesse demonstrado em meu tema de pesquisa;

Agradeço a todas as pessoas que gentilmente aceitaram ser entrevistadas para que este trabalho pudesse ser realizado;

À minha turma: Anderson Dias, Carlyle Oliveira, Cláudio Conti, Daniella Munhoz, Édson Lopez, Leonardo Faver, Oscar Levandoviski, Priscila Fernandes e Tânia Almeida. Agradeço pelos incentivos diários e pelo compartilhamento das angústias durante o tempo em que convivemos no curso.

RESUMO

O campo da comunicação tem passado por um processo de intensas mudanças no que tange ao modo como a notícia é produzida, distribuída e consumida em seus diversos segmentos. Tal fenômeno está ligado, principalmente, a mudanças de ordem tecnológica que têm possibilitado novas alternativas de se produzir e comercializar a notícia e que fogem ao modelo estabelecido pelas organizações dominantes nesse espaço. A Internet, além de ter modificado o processo tradicional de produção, comercialização e distribuição da informação praticado pelas corporações de mídia, possibilitou também que diferentes grupos da sociedade civil pudessem expressar-se de maneira mais livre. Nesse sentido, graças à utilização das novas tecnologias de informação e comunicação por parte de tais grupos, viu-se o surgimento, no campo da comunicação no Brasil, de um conjunto de *blogs* políticos que possui como principal intuito desafiar o poder da mídia tradicional e também o de permitir a difusão de pontos de vista políticos distintos aos das organizações *mainstream*. Tal espaço é aqui denominado como uma *blogosfera política alternativa*. Dentre os diversos grupos de agentes que ingressaram no campo da comunicação nos últimos tempos, pode-se mencionar um movimento organizado específico que ganhou visibilidade nos últimos anos tanto por sua atuação política, como por seu engajamento na discussão sobre a democratização da mídia no Brasil: o *Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg)*. O *BlogProg*, que é composto por jornalistas egressos de grandes organizações de mídia tradicional, jornalistas ligados a veículos de mídia alternativa e militantes políticos vinculados a partidos de esquerda, foi responsável pela realização de diversos encontros nacionais em que foram feitas diversas reivindicações em prol da formulação de políticas públicas que garantissem a democratização do campo da comunicação no Brasil e que incentivassem a própria blogosfera. Nesse sentido, a presente tese possui como objetivo analisar de que maneira a gênese e a consolidação de uma blogosfera política alternativa possibilitou, sobretudo a partir da criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*, o surgimento de estratégias de subversão por parte de diferentes agentes pertencentes ao campo da comunicação no Brasil. Procura-se realizar uma articulação entre a teoria sociológica de campo social desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, e a perspectiva de ativismo de mídia advinda dos campos dos estudos de mídia e comunicação e da sociologia, especialmente aquela desenvolvida por autores como Carroll e Hackett (2006) e Hackett (2008). Para que o objetivo deste trabalho pudesse ser atingido, optou-se por coletar diferentes tipos de dados que pudessem ser contrapostos e que

permitissem uma maior profundidade no que tange à análise dos elementos aqui sob investigação. Assim, foram coletados dados provenientes de treze *blogs* vinculados ao movimento *BlogProg*. Também, foram coletados dados provenientes de observação participante nos principais eventos promovidos pelos agentes que compõem o movimento. Por fim, foram entrevistados dezoito pessoas, dentre blogueiros e ativistas digitais que possuem algum tipo de relação com o movimento aqui analisado. Como resultado foi possível verificar que este novo movimento social faz uso de diferentes micro e macro estratégias de subversão não só para que seja possível desafiar as organizações dominantes vinculadas aos meios de comunicação tradicionais, mas também para modificar as regras dominantes e a ordem estabelecida no campo da comunicação. Entretanto, evidenciou-se que as estratégias de subversão, ainda que sejam orientadas por um desejo de promover transformações revolucionárias no campo por meio da defesa de práticas opostas às práticas dominantes, ainda assim muitas vezes são obrigadas a incorporar algumas práticas ou elementos que também estão presentes nestas últimas, o que está relacionado à força do *habitus* dos agentes que exercem mais peso no movimento e também pela necessidade do movimento continuar a disputar o jogo em questão. Espera-se que a pesquisa aqui proposta contribua para os estudos sobre as organizações e o elemento poder presente em toda a sua rede de relações sociais. Tais estudos, de acordo com Faria (2003), devem ser capazes de revelar não apenas o que é manifesto e que somos capazes de ver facilmente, mas também o que não pode ser expresso, o que jaz oculto.

Palavras-Chave: Campo da Comunicação, Poder, Ciberativismo.

ABSTRACT

The field of communication has undergone a process of intensive changes with respect to how news are produced, distributed and consumed. This phenomenon is linked mainly to changes in technology that have enabled new alternatives to produce and commercialize news that are different from the traditional model established by dominant organizations in this space. The Internet made possible that different civil society groups could express themselves more freely. In this sense, thanks to the use of new technologies of information and communication by such groups, a number of political blogs were created within the field with the main purpose of challenging the power of traditional media and allowing the dissemination of political views different from those of mainstream organizations. This new space is considered in this work as an alternative political blogosphere. Among the various groups of agents that entered the field of communication in recent times, it is possible to mention a specific organized movement that has gained visibility in recent years as much for its political activism as for its engagement in the discussion of media democratization in Brazil: *The Movement of Progressive Bloggers* (BlogProg). The *BlogProg* movement, which is composed by former journalists from major traditional media organizations, journalists working for alternative media vehicles, political activists and political parties linked to the left, was responsible for conducting several national meetings in order to discuss the formulation of public policies that guarantee the democratization of the field of communication in Brazil and that could encourage the Brazilian blogosphere. In this sense, this thesis aims to analyze how the appearance and consolidation of a Brazilian political alternative blogosphere made possible, especially since the creation of the movement, the emergence of strategies of subversion by different agents belonging to the field of communication in Brazil. In this thesis the author establishes a link between sociological theory of social fields developed by French sociologist Pierre Bourdieu and media activism perspectives, especially that developed by authors such as Carroll and Hackett (2006) and Hackett (2008). Data were collected through three techniques: First, participant observation in major events sponsored by agents linked to the *BlogProg* movement. Second, online observation of thirteen blogs produced by bloggers identified with the movement. Finally, eighteen people were interviewed, among bloggers and digital activists who have some kind of relationship with the movement. It was possible to find that this new social movement makes use of different micro and macro strategies of

subversion not only to challenge dominant organizations linked to traditional media, but also to change dominant rules and traditional order established within the field of communication.

Key-words: Field of Communication, Power, Cyberactivism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de *blogs* e *sites* analisados

Quadro 2 - Listagem de entrevistados

Quadro 3 - Listagem de eventos

Quadro 4 - Subcategorias de análise que emergiram no campo

Quadro 5 - Características organizacionais do movimento *BlogProg*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O Blog Luis Nassif Online

Figura 2: O Blog Conversa Afiada

Figura 3: O Blog Vi o Mundo

Figura 4: O Blog Escrevinhador

Figura 5: O Blog do Miro

Figura 6: O Blog da Cidadania

Figura 7: Imagem reproduzida por ativista digital 1

Figura 8: Imagem reproduzida por ativista digital 2

Figura 9: Imagem reproduzida por ativista digital 3

Figura 10: Imagem reproduzida por ativista digital 4

Figura 11: Imagem reproduzida por ativista digital 5

Figura 12: Logotipo do encontro WEBFOR 2013

Figura 13: Logotipo do encontro de blogueiros progressistas do Rio de Janeiro de 2011

Figura 14: Página da Rede Liberdade

Figura 15: Reunião em que foi criado o fundo de ajuda aos blogueiros alvos de processos judiciais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Objetivos da Pesquisa	22
1.1.1. Objetivo Geral	22
1.1.2. Objetivos Específicos	22
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	27
2.1. O poder na perspectiva de Bourdieu.....	27
2.2. Bourdieu e o Campo da Produção Cultural	43
2.3. Bourdieu e os Estudos sobre o Campo Jornalístico	46
2.4. Ciberativismo, Resistência Online e a Luta pela Democratização da Informação	52
2.5. O Ativismo de Mídia como um Novo Movimento Social.....	56
3. METODOLOGIA.....	68
3.1. Delineamento da Pesquisa	70
3.2. Os Procedimentos de Coleta dos Dados	73
3.2.1. Os Dados Provenientes de Publicações Eletrônicas	74
3.2.2. Os Dados Provenientes de Entrevistas	75
3.2.3. Dados Provenientes de Participação em Eventos	77
3.3. Análise dos Dados	79
4. ANÁLISE DOS DADOS	84
4.1. Primeiro Objetivo Específico:	84
4.1.1. Do surgimento da blogosfera política brasileira à gênese de uma blogosfera política alternativa.....	84
4.1.2. A campanha presidencial de 2010 e a criação do <i>Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)</i>	106

4.1.3.	A Trajetória do Movimento <i>BlogProg</i> pós-2010, Realização do Segundo e Terceiro Encontros e as Críticas à Política de Comunicação do Governo Dilma	127
4.2.	Segundo Objetivo Específico:	137
4.2.1.	Identificação dos agentes pertencentes ao campo da blogosfera política alternativa	137
4.2.2.	Recursos de Poder	153
4.3.	Terceiro Objetivo Específico:.....	169
4.3.1.	Razões que Justificam suas Atuações e Ingresso no Campo	169
4.3.2.	Público-alvo.....	170
4.3.3.	Principais Objetivos Buscados e Estratégias de Ação na Internet	178
4.3.4.	Interação entre Blogueiros e Ativistas Digitais	191
4.3.5.	Dificuldades ou obstáculos Percebidos pelos Agentes.....	200
4.4.	Quarto Objetivo Específico:	213
4.4.1.	Práticas de Comunicação.....	215
4.4.2.	Lideranças do Movimento	227
4.4.3.	Organização das atividades	236
4.4.4.	Financiamento	247
4.4.5.	Resultados alcançados pelo movimento e perspectiva futura do campo.....	255
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	268
	REFERÊNCIAS:	280

1. INTRODUÇÃO

As organizações culturais vêm sendo, cada vez mais, objeto de pesquisas diversas por parte de autores ligados à área da gestão. Tal fenômeno justifica-se, principalmente, pela importância que a cultura, em suas mais diversas manifestações, assume em nossa sociedade, inclusive do ponto de vista do desenvolvimento econômico. Dentre algumas de suas principais atribuições, pode-se mencionar a contribuição tanto para a construção da identidade dos indivíduos quanto para o desenvolvimento local e a edificação de um senso de cidadania por parte desses indivíduos, além de ser também central para que uma sociedade possa pensar a respeito de seu próprio destino. Tal idéia é pensada de forma mais específica, por exemplo, por autores como Furtado (1978), que afirma ser essencial que as forças criativas de uma sociedade sejam liberadas para que esta possa construir sua própria realidade. Nesse sentido, o autor afirma que a remoção dos entraves que constituem obstáculos à atividade criativa do povo deveria ser feita por todas as instituições que se dizem guardiãs da herança cultural, o que permitiria o próprio desenvolvimento daquela sociedade.

Já o campo da comunicação como subárea da cultura, tem sido objeto de diversos debates tanto nos próprios veículos de comunicação como no meio acadêmico, pois, além, de exercer os papéis acima mencionados, tem sofrido um processo de intensas mudanças no que tange ao modo como a notícia é produzida, distribuída e consumida em seus diversos segmentos. A crise que esse campo enfrenta e que está intimamente ligada a mudanças de ordem tecnológicas, possibilitou novas alternativas de produzir e comercializar a notícia as quais fogem ao modelo dominante estabelecido pelas organizações tradicionalmente hegemônicas nessa indústria.

No que tange às mudanças que vêm ocorrendo mais especificamente no telejornalismo e no campo da TV, Ramonet (2010, p.77) afirma que, em países como os Estados Unidos, tal tipo de transmissão está mergulhada em uma profunda crise, a qual pode ser explicada por fatores diversos, “especialmente a concorrência das redes de informações ininterruptas, das redes digitais especializadas e da Internet, assim como o custo tão alto da produção das informações e a baixa considerável da audiência das principais redes gerais”. Wang (2003), por sua vez, explica que a rápida mudança da dinâmica e configuração espaço-temporais alcançada por essas novas tecnologias digitais mudaram radicalmente a natureza da

‘propriedade’ e do mercado, o equilíbrio de poder, e as relações e meios de produção, distribuição e recepção/consumo.

Além disso, Ramonet (2010, p.56) afirma que “as novas tecnologias favorecem o desaparecimento da especificidade do jornalismo”, uma vez que “a Internet permite a qualquer pessoa não só ser efetivamente, à sua maneira, jornalista, mas até encontrar-se à frente de uma mídia de alcance planetário”. A dúvida sobre o futuro do jornalista profissional frente ao fato de que, atualmente, cada cidadão se torna jornalista, é o que está no âmago da crise atual da mídia, conforme afirma o autor.

Também, Ramonet (2011) explica que os usuários da rede já não são mais leitores-ouvintes-telespectadores inertes, mas que são indivíduos que escrevem, fotografam, filmam, comentam, analisam e que desejam produzir conteúdos. Assim, a criação profissional convive com a criação amadora, sendo que os indivíduos vinculados a esta última desenvolvem suas atividades de acordo com padrões profissionais e aspiram, de forma ativa, solitária ou coletiva, “reconquistar parcelas inteiras de atividades sociais como as artes, as ciências e a política, que tradicionalmente era de domínio dos profissionais” (RAMONET, 2011, p.21).

Já Alcadipani (2007) afirma que o campo da mídia tem passado por mudanças relevantes nos últimos anos relacionadas principalmente ao avanço da internet e ao surgimento de novas tecnologias de informação como blogs, *sites* jornalísticos e redes de relacionamento, o que gera, assim, “um bombardeio e a pluralização das fontes de informação” (ALCADIPANI, 2007, p. 34)

Pode-se dizer, então, que a Internet, além de ter modificado o processo de produção, comercialização e distribuição da informação que era praticado tradicionalmente pelas organizações tradicionais de mídia, possibilita, ao mesmo tempo, que diferentes indivíduos e grupos pertencentes à esfera da sociedade civil possam expressar-se livremente. Além disso, parece ter aberto as portas para a formação de um fenômeno denominado por autores diversos como um novo tipo de ativismo no qual ocorre na esfera virtual e que tem como principal intuito contribuir para a democratização da informação.

Silveira (2010), nesse sentido, afirma que por ciberativismo pode-se denominar um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, que ocorrem nas redes cibernéticas, em especial na Internet. Conforme explica o autor, o ciberativismo se confunde com a própria expansão da rede mundial de computadores

e influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet.

Moraes (2007, p.5), por sua vez, estabelece uma relação entre a prática de ativismo digital, que permite o surgimento de uma comunicação alternativa àquela praticada pela grande mídia, e a questão da democratização da informação, a liberdade de expressão e a luta pela cidadania por parte da sociedade civil. Nesse sentido, o autor reflete sobre a comunicação alternativa produzida por ativistas digitais e coloca como sendo alguns de seus principais pontos em comuns a “recusa do modo de produção capitalista e da ideologia de mercado; combate à exclusão social e digital; defesa da cidadania, da diversidade cultural e democratização dos meios de comunicação; e incentivo à participação de leitores e usuários”.

Já o envolvimento com causas, diz Moraes (2010), manifesta-se na prevalência de notícias e artigos como política, economia, movimentos sociais, direitos de minorias e etnias, ecologia, defesa do consumidor, cooperativismo, educação, saúde, reforma agrária, emprego, comunicação, informação, arte e cultura. A comunicação alternativa produzida pelos ativistas digitais ou ciberativistas, dessa forma, é pensada por Moraes (2010) como sendo de viés-anticapitalista e que defende a liberdade de expressão e os direitos da cidadania, em uma tentativa de romper com crivos e controles da mídia tradicional. A Internet, para Moraes (2010), deve ser concebida como uma arena de lutas ou conflitos pela hegemonia, ou seja, de batalhas permanentes pela conquista do consenso social e da liderança-cultural de uma classe ou blocos de classes sobre as outras.

Carroll e Hackett (2006), por sua vez, explicam que uma forma importante de ativismo levado a cabo por militantes na esfera digital é aquela em que os meios de comunicação são encarados como sendo tanto um meio como um fim para as diversas lutas engendradas por tais grupos e, nesse sentido, uma de suas principais bandeiras está na democratização dos meios de comunicação e na crítica ao controle corporativo da comunicação de massa.

Até recentemente, as grandes organizações midiáticas pertencentes ao campo da comunicação detinham o quase absoluto controle da informação, dominavam o mercado e possuíam os recursos necessários de poder para exercer seu papel como atores dominantes nesse espaço e manter sua posição.

No contexto brasileiro, o campo da comunicação foi tradicionalmente marcado pela situação de hegemonia das grandes corporações frente ao processo de produção de notícias. De acordo com Borges (2009, p.59), na década passada, nove famílias dominavam o setor:

Marinho (Globo), Abravanel (SBT), Saad (Bandeirantes), Bloch (Manchete), Civita (Abril), Mesquita (Estado), Frias (Folha), Levy (Gazeta) e Nascimento Brito (Jornal do Brasil). Entretanto, atualmente, afirma o autor, são “apenas cinco, já que as famílias Bloch, Levy e Nascimento faliram e o clã Mesquita atravessa uma grande crise financeira”. Ainda, Borges (2009) afirma que as Organizações Globo ainda preservam avassaladora hegemonia no setor da comunicação, sendo elas compostas por 35 grupos afiliados, os quais controlam, no total, 340 veículos, dentre emissoras de TV, rádios, revistas e canais e operadoras de TV a cabo.

Entretanto, no âmbito do contexto brasileiro, as tecnologias digitais também favoreceram a entrada de novos atores no campo, como, por exemplo, novos meios de comunicação independentes, organizações, jornais online, blogueiros etc, bem como o empoderamento daqueles que anteriormente não tinham os recursos para competir contra essa dominação.

Nassif (2009), por exemplo, considera que, no contexto brasileiro, atualmente, ocorre uma “pulverização da opinião”, sendo que, para ele, “a Internet tem um universo de pequenos formadores de opinião, que são blogs, sites de partido, sites de revistas, que formam um conglomerado (...) porque nele as alianças se formam a cada momento”. O mais importante, para autor, é o fato de que, a partir de agora, as diferentes organizações da sociedade civil poderão ser geradoras de informações, sem precisar passar pelo jornal para que aquelas se tornem notícias.

Uma manifestação desse novo tipo de conectividade é o fenômeno relativamente recente do surgimento dos chamados *weblogs* ou *blogs*, que podem ser definidos como diários pessoais por meio dos quais comentários *online* podem ser feitos fora dos limites comumente adotados pelas organizações ligadas à mídia tradicional (REESE *et al*, 2007). Os autores afirmam que, nos últimos anos, a atenção pública focou particularmente naqueles *weblogs* relacionados a notícias ou a assuntos públicos como uma força política emergente. Nesse sentido, segundo Reese *et al* (2007), o impacto da ação de *blogar* tem levado à sugestões de que o exército *online* constituído pelos blogueiros terá o poder de substituir o trabalho e o valor de jornalismo tradicionais. Ainda, eles afirmam que algumas análises temem que as comunidades de *blogs* possam aumentar a polarização política do público, uma vez que os cidadãos tenderiam a recorrer a esses novos fóruns *online* que se adéqüem a seus valores e suas afinidades, sendo que tais comunidades poderão preencher estes últimos sem que um meio termo seja a eles proporcionado.

Em trabalho que teve por intuito realizar uma análise sobre o papel dos blogs no debate político das eleições presidenciais de 2010, Araújo, Penteadó e Santos (2011) afirmam que,

apesar da blogosfera possuir um impacto limitado a um restrito número de participantes e leitores, algo que, para os autores, restringe seu potencial político, o espaço se constitui como “uma arena pública de debate mais plural, no qual existe a possibilidade de ampliação da discussão política para além do monopólio da informação pela imprensa tradicional” (ARAÚJO, PENTEADO E SANTOS, 2011, p.2). Os autores, ainda, afirmam que no âmbito da blogosfera mais especificamente, há a atuação de dois grupos: o primeiro, em que se encontram diversos jornalistas que, na maioria das vezes, passaram por vários veículos de comunicação tradicionais e que, por essa razão, asseguraram sua credibilidade, sendo, portanto, portadores de um capital simbólico dentro do jornalismo”; e o segundo, em que há blogueiros e usuários que atuam no espaço da Internet sem a formação jornalística e realizam um trabalho mais semelhante ao de uma militância”.

Como resultados de sua pesquisa, Araújo, Penteado e Santos (2011), a partir do caso estudado, verificou-se a formação de uma rede colaborativa interligada pela rede mundial de computadores, que começou a ganhar um maior espaço no debate político, e que enfraqueceu o monopólio do controle da produção, difusão e circulação de informações por parte da mídia tradicional, e teve como consequência a ampliação do debate de forma a incluir a participação de outros atores. Ainda, os autores, concluíram que “alguns jornalistas têm um papel de centralização nesse processo comunicativo, exercendo a função do nó da rede” (ARAÚJO, PENTEADO E SANTOS, 2011, p. 24).

A discussão sobre a democratização dos meios de comunicação e sobre a liberdade de expressão por parte dos diferentes grupos pertencentes à esfera da sociedade civil, aliás, é um tema que está intimamente relacionado aos movimentos ciberativistas também no contexto brasileiro. Isso por que inúmeros ativistas digitais, especialmente no âmbito da blogosfera, vem apropriando-se de tal questão como uma de suas principais bandeiras, o que se reflete não apenas em discussões na arena virtual, mas, principalmente, em movimentos que visam pressionar outros agentes que também atuam no campo. Um exemplo disso é a pressão que militantes de novas mídias vem exercendo sobre o Estado para que este formule políticas públicas que garantam o direito à comunicação por parte da sociedade, o marco civil da Internet e o fim da propriedade cruzada (PASSOS, 2011). Por esta última, entende-se a situação em que o um mesmo grupo de mídia controla diferentes veículos de comunicação como TV, rádios e jornais no mesmo mercado (LIMA, 2010).

Com base nas afirmações acima, parece ser possível afirmar que, no âmbito do contexto brasileiro, o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação e, por

consequência, o fenômeno do ciberativismo, vem possibilitando a formação de um campo de mídia política alternativa na esfera virtual. Assim, há sinais de que as grandes organizações que tradicionalmente dominaram o campo estão perdendo o controle que sempre possuíram do processo de produção, distribuição e difusão de informações, enquanto outros agentes pertencentes à esfera da sociedade civil ingressaram no campo e se articulam com o intuito de subverter a ordem tradicionalmente estabelecida nesse espaço no que tange às práticas dominantes de produção e distribuição da informação e, também, engajam-se na luta pela democratização da comunicação no país.

Um evento que pode ser considerado um marco em relação à discussão sobre o campo da mídia e que ocorreu, em parte, graças a pressões por parte de ativistas digitais e de outros movimentos sociais foi a Primeira Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), que teve como principal objetivo “constituir um espaço para o debate amplo, democrático e plural com a finalidade de elaborar propostas orientadoras para uma Política Nacional de Comunicação” (BRASIL, 2010). Dentre uma das propostas que constam no documento da conferência e que se insere no tema *liberdade de expressão*, está “defender e estimular os radiocomunitaristas e os meios de comunicação alternativos e/ou ocupados pelos movimentos sociais, como blogs, sites não jornalísticos, redes, entre tantas outras formas de exercício comunicativo livre e democrático” (BRASIL, 2010, p.184). Além disso, o próprio tema da conferência remete à discussão da esfera virtual a partir do título “Comunicação: Meios para a Construção de Direitos e de Cidadania na Era Digital” (BRASIL, 2010).

Apesar da participação de diversos representantes da sociedade civil e do reconhecimento do evento no campo, as organizações ligadas aos principais veículos de comunicação, bem como associações que os representam, não compareceram à conferência, e os principais jornais trataram o evento como uma tentativa por parte do Estado para impor uma censura no setor das comunicações (LIMA, 2009). No entanto, o autor afirma que “a 1ª Confecom é a realização de uma reivindicação histórica dos movimentos sociais e constitui um avanço democrático com o qual os grupos privados de mídia, atores historicamente dominantes no setor, não souberam lidar” (LIMA, 2009, s/p).

Dentre os diversos agentes que atuam no âmbito da Internet, pode-se mencionar um movimento organizado específico que ganhou visibilidade nos últimos anos tanto por sua atuação política, como por seu engajamento na discussão sobre a democratização da mídia no Brasil: o *Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg)*. O *BlogProg*, que é composto por jornalistas egressos de grandes organizações de mídia tradicional, jornalistas ligados a

veículos de mídia alternativa e alguns militantes políticos vinculados a partidos de esquerda, foi responsável pela realização de um encontro nacional em que foram feitas diversas reivindicações em prol da formulação de políticas públicas que garantissem a democratização do setor e que incentivassem a própria blogosfera. Além disso, foi criada por eles uma organização denominada *Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé*, com o intuito de contribuir com “uma maior organicidade e dinamismo a este movimento, lutando pela aplicação das resoluções da conferência” (BARÃO DE ITARARÉ, 2013).

Assim, diante da problemática apresentada, o presente trabalho busca identificar e analisar os principais agentes que pertencem a tal movimento, suas principais características e os principais recursos de poder que eles detêm. Além disso, procura-se analisar as principais estratégias de ação implementadas por tais agentes com o intuito de modificar a lógica que predomina no campo da comunicação no Brasil.

O uso do termo *comunicação alternativa* tem como base as classificações adotadas por Grinberg (1987) e Moraes (2007). Para o primeiro autor, a comunicação alternativa diz respeito não apenas a um meio que esteja à margem das redes de distribuição da grande imprensa, mas que deve ostentar uma *diferença qualitativa* em face dela e que vincula-se sempre ao propósito de *modificar em algum sentido a realidade*, ainda que este propósito se encontre com os limites que o próprio contexto lhe impõe (GRINBERG, 1987, p.24). Já para o segundo autor, na comunicação alternativa em rede se busca construir espaços de afirmação de óticas interpretativas críticas e de práticas jornalísticas cooperativas, com a finalidade de defender a diversidade informativa e valores éticos” (MORAES, 2007, p.3).

Procura-se realizar uma articulação entre a teoria sociológica de campo e a noção de campo de produção cultural, desenvolvidas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, e a perspectiva de ativismo digital advinda dos campos dos estudos de mídia e comunicação e da sociologia.

O conceito de campo de produção cultural formulado por Bourdieu (1993) ajuda a se pensar na blogosfera política alternativa como um campo de produção cultural que é caracterizado pela existência de indivíduos e grupos diversos dotados de diferentes capitais importantes que lhe conferem o exercício do poder.

É importante mencionar, porém, que o próprio Bourdieu (1997), em seu trabalho denominado *Sobre a Televisão*, já realizava uma análise do campo do jornalismo como estando inserido dentro do campo de produção cultural pelo fato de produzir bens de caráter

cultural. Para o autor, tal espaço possui, assim, sua própria dinâmica e é dotado de autonomia relativa, uma vez que está sujeito a pressões de ordem política, econômica, dentre outras. Nesse sentido, conforme o autor, o mundo do jornalismo é um microcosmo que possui suas próprias leis e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte de outros microcosmos.

Bourdieu (1997), assim, afirma que o campo do jornalismo possui a particularidade de ser muito mais dependente de forças externas do que todos os outros campos de produção cultural, uma vez que depende diretamente da demanda e é diretamente objeto de sanção por parte do mercado. Também, em sua concepção, o campo jornalístico, dominado pela lógica comercial, atua sobre todos os outros campos por meio da imposição de suas limitações em outros universos. Com relação às posições das organizações midiáticas dentro do campo, Bourdieu (1997) afirma que o que conta neste são os pesos relativos, e que um jornal deixa de ser dominante quando seu poder de distorcer o espaço a sua volta diminui e ele não mais dita a lei. Finalmente, Bourdieu (1997) afirma que os jornalistas ou o campo jornalístico devem sua importância no mundo social ao fato de que eles detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e a ampla disseminação da informação e, conseqüentemente, possuem uma forma rara de dominação, tendo poder sobre os meios de expressar seus pontos de vista publicamente e tendo acesso a *notoriedade pública*.

Entretanto, no que tange à possibilidade dos agentes subverterem a estrutura inerente ao campo cultural ao qual eles pertencem por meio de ações consideradas transformadoras ou, em última instância, revolucionárias, alguns autores apontam que, ainda que a teoria de campo de Bourdieu não as descarte, o próprio conceito de *habitus* acaba naturalmente por restringi-las. Hesmondhalgh (2009), nesse sentido, afirma que Bourdieu é cético quanto a transformações revolucionárias no campo da cultura, uma vez que “momentos revolucionários são, para ele, sempre dependentes de possibilidades presentes nas posições inscritas no campo”, mas que elas não são descartadas totalmente pelo autor. Para Cappelle, Melo e Brito (2005), a estrutura macrosocial desenvolvida por Bourdieu acaba por fazer com que o espaço de ação dos agentes seja minimizado e que, dessa forma, a libertação tanto com relação à violência simbólica como à dominação “só pode vir de uma ação coletiva capaz de desafiar as estruturas objetivas e corporificadas, que subverta as fundações da produção e reprodução de seu capital simbólico”.

Entretanto, outros autores como Catani, Catani e Pereira (2001), fazem uma crítica à maneira pela qual a obra de Bourdieu foi apropriada no Brasil, a partir dos anos 80, e que

acabou por reduzir o arcabouço conceitual do autor. Nesse sentido, Catani, Catani e Pereira (2001, p.10) enfatizam que, para Bourdieu, “as resistências individuais e coletivas existem sempre, são componentes inelimináveis do processo de reprodução social”, mas que o problema recai na existência de uma “forte adesão *dóxic*a dos agentes sociais à ordem estabelecida (...)”. Por fim, o próprio Bourdieu (1992) afirma que não vê como as relações de dominação podem ser estabelecidas sem que suscitem de alguma maneira a resistência e que o próprio fato de pertencerem a um campo possibilita que os agentes exerçam certa força e produzam efeitos sobre ele.

É com base em tal preocupação, qual seja, aquela que está relacionada ao poder que os agentes possuem de modificar a estrutura social na qual estão inseridos, que no presente trabalho busca-se a compreensão de como diferentes grupos e organizações, a partir da utilização de novas tecnologias de comunicação e informação que surgiram no contexto social mais amplo, passaram a se contrapor a práticas de produção e distribuição de notícias tradicionalmente exercidas no campo da comunicação com o intuito de subverter a ordem do campo e modificar a estrutura de poder que se apresentava nesse espaço.

Assim, o problema de pesquisa que orienta esta tese é o seguinte:

De que maneira a gênese e a consolidação de uma blogosfera política alternativa possibilitaram, sobretudo a partir da criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*, o surgimento de estratégias de subversão por parte de diferentes agentes pertencentes ao campo da comunicação no Brasil?

1.1. Objetivos da Pesquisa

1.1.1. Objetivo Geral

Analisar de que maneira a gênese e a consolidação de uma blogosfera política alternativa possibilitou, sobretudo a partir da criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*, o surgimento de estratégias de subversão por parte de diferentes agentes pertencentes ao campo da comunicação no Brasil.

1.1.2. Objetivos Específicos

Para que se possa atingir o objetivo geral, faz-se necessário alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Descrever os principais eventos críticos que possibilitaram o surgimento e a consolidação de uma blogosfera política alternativa no Brasil, bem como a criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)* no interior do campo da comunicação no Brasil;
- Identificar os principais agentes que pertencem à blogosfera política alternativa e ao movimento dos *Blogueiros Progressistas*, analisar suas principais características, bem como os principais recursos de poder que eles detêm;
- Analisar as principais características relacionadas à atuação de blogueiros e ativistas digitais na blogosfera política alternativa, estabelecendo uma relação entre tais características e as estratégias de subversão por eles adotadas.
- Analisar as principais características do *Movimento dos Blogueiros Progressistas*, estabelecendo uma relação entre estas e as estratégias de subversão adotadas pelos agentes que a ele se vinculam.

Já a **tese** que orienta o presente trabalho é a de que o aparecimento e a difusão das novas tecnologias digitais de informação e de comunicação possibilitaram o aparecimento, no âmbito da esfera virtual, de inúmeros grupos que se auto-reconhecem como ativistas digitais e que se articulam, estabelecem alianças entre si e formam coalizões ou organizações com os intuítos de: a) subverter as práticas dominantes de produção e distribuição da informação; b) lutar pela democratização da comunicação no país e; c) adquirir um maior volume de capital que permita a difusão de seus pontos de vista políticos. Tal fenômeno acarretou, nesse sentido, na gênese de um novo espaço social no interior do campo da comunicação no Brasil que aqui é denominado como a *blogosfera política alternativa*.

As características estruturais e as características organizacionais adotadas nesse espaço podem ser consideradas como novas estratégias de subversão da ordem dominante presente no campo da comunicação e também formas de se contrapor às práticas hegemônicas adotadas pelas organizações vinculadas à mídia tradicional. Tais estratégias de subversão, entretanto, não podem ser caracterizadas como ‘puras’, uma vez que elas se dão por meio de um *continuum* de interação entre os agentes estabelecidos e os agentes de contestação que fundamentam a luta no interior do campo. Assim, pretende-se demonstrar que mesmo em espaços considerados mais fragmentados, horizontais e descentralizados como a blogosfera, as práticas *subversivas* adotadas pelos agentes com o intuito de promover algum tipo de revolução na macroestrutura do campo são suscetíveis à adoção de elementos presentes nas organizações burocráticas formais ou mesmo à reprodução de práticas também presentes nos

grupos dominantes com os quais se disputa recursos de poder. Isso ocorre porque, conforme a teoria de campos sociais desenvolvida por Bourdieu, para que aos agentes seja dado o direito de jogar no interior de um espaço social específico, é necessário que a lógica nele presente seja aceita pelos jogadores, para que depois estes tentem modificá-la de alguma maneira. Nesse sentido, as práticas de subversão do campo da comunicação adotadas pelo movimento aqui analisado acabaram por absorver alguns elementos provenientes de uma lógica de organizar mais formal, uma vez que estes, estando também presentes em movimentos sociais organizados tradicionais, geram maior certeza no que tange às ações dos agentes e à perpetuação do próprio movimento.

Justificativa Teórica e Prática

No que diz respeito às contribuições de caráter teórico, a presente pesquisa é uma contribuição para a literatura que se propõe a investigar as organizações e o fenômeno do poder. De acordo com Faria (2003), os estudos sobre o poder devem ser capazes de revelar não apenas aquilo que é efetivamente expresso e manifesto, que somos capazes de enxergar sem muitas dificuldades, mas também aquilo que não pode ser expresso, que jaz oculto.

Com base nesse entendimento, pretendeu-se com este trabalho identificar aquelas organizações que compõem o campo da mídia no país e os papéis que lhe são atribuídos nesse espaço. A partir dos dados coletados, foi realizada uma análise das principais ações colocadas em prática por essas organizações ao longo do tempo, para que fosse possível descobrir que tipos de relações de poder ocorrem dentro do campo, e quais os recursos de poder que cada organização detém. Uma vez que grande parte das discussões sobre o campo da mídia no campo da gestão se atém à situação de incerteza por parte das organizações que tradicionalmente nele atuam devido à crise que permeia tal espaço, acredita-se que um estudo desse objeto que foque no elemento poder será bastante relevante, por lançar um novo olhar sobre o tema em que a dinâmica entre as organizações desse campo sejam a principal preocupação em questão.

Já no que tange às contribuições de aspecto prático, pretendeu-se trazer elementos que ajudassem a nortear os diversos debates que têm sido realizados pela sociedade civil com o intuito de se discutir a democratização da mídia no país. Conforme Mielli (2009, p.9), “exclusão social, analfabetismo e negação de direitos, somados à ausência de espaços públicos de comunicação, resultam numa combinação explosiva que mina a democracia e molda uma sociedade passível de dominação cultural, política e econômica”. Ainda, segundo

a autora, “entre as tantas dívidas que o Estado brasileiro tem com o seu povo, está a construção de um sistema público de comunicação que possa se constituir numa alternativa à hegemonia comercial existente nesse campo”, sendo “a luta pela democratização das comunicações é (...) uma pauta emergencial a ser enfrentada”.

Já Brant (2009, p.70) afirma que “a comunicação é, sobretudo, um direito que precisa ser garantido” e que “entender a comunicação como direito é entender que a liberdade de expressão continua sendo um direito fundamental, mas se torna insuficiente se for tratada simplesmente como uma liberdade”, tendo o Estado, portanto, um papel central no que diz respeito a “garantir que esse direito seja exercido de maneira igual, ou igualitária, pelo conjunto da população”. Para Bauer (2010), os avanços decorrentes da era da convergência tecnológica em que transitamos devem estar a serviço da garantia do acesso à informação por todos os cidadãos.

Nesse sentido, a compreensão mais aprofundada da forma como o campo da mídia digital no Brasil encontra-se configurado, bem como sobre quais são as organizações e grupos que o constitui, os recursos de poder que detém e, principalmente, sobre o novo contexto dentro do qual esse campo se encontra e que modifica substancialmente o modo de se fazer jornalismo, podem constituir-se em elementos extremamente relevantes. Isso por que tais reflexões podem auxiliar as esferas do Estado, sociedade civil e mesmo o mercado para que juntos reflitam de forma conjunta a respeito de um modelo de comunicação que, conforme as palavras de Mielli (2009, p.12), seja mais “plural, que espelhe a diversidade cultural, social, econômica e política do país, que abrigue o contraditório e contribua para o avanço da democracia”. Nesse sentido, torna-se imperativo a instituição de um marco regulatório para o setor da comunicação no país que torne este mais democrático e que estimule e permita, antes de tudo, a difusão dos pontos-de-vista e vozes dos diversos grupos presentes na sociedade brasileira de forma mais igualitária, espelhando toda a sua riqueza e complexidade. Os resultados desse trabalho de tese, assim, podem prover alguma contribuição nesse sentido.

Entretanto, tal tarefa, ou seja, a instituição de um marco regulatório para o campo da mídia, apenas é passível de ser realizada a partir da consideração sobre os diferentes interesses que colocam em conflito os diversos grupos de agentes que ocupam e que atuam nesse espaço. Assim de um lado, há aqueles que detêm um maior volume de recursos e que tentam, a partir da utilização de mecanismos altamente ideológicos - ainda que os mascarando e adotando um discurso de pretensa neutralidade - , impor sua visão de mundo e fazer valer seus interesses por meio do poder econômico e de influência que possuem e, de outro lado,

diferentes grupos pertencentes à sociedade os quais, não possuindo o mesmo volume de recursos de poder que as organizações tradicionais, tentam difundir seus pontos-de-vista por meio de mecanismos alternativos. Assim, estes últimos assumem um discurso alternativo no qual a ideologia não apenas é reconhecida e assumida, mas, também, orienta a própria luta pela liberdade de expressão no qual estão engajados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, será apresentada a fundamentação teórica preliminar que servirá de alicerce para o desenvolvimento da pesquisa relativa à tese que se pretende construir. Inicialmente, serão discutidos os conceitos principais que caracterizam o estruturalismo de Pierre Bourdieu e a relação entre estes e o elemento *poder*, categoria esta que se faz central no presente trabalho. A seguir, serão discutidos alguns conceitos provenientes do campo de estudos da mídia, especialmente, o de *ciberativismo* e o de *ativismo de mídia*, que estão diretamente relacionados ao fenômeno que aqui se pretende analisar.

O conceito de campo de produção cultural desenvolvido por Pierre Bourdieu será aqui aplicado ao campo da comunicação no Brasil, de forma a tornar possível a melhor compreensão dos jogos de poder e as mudanças de posição dos diferentes agentes no campo que ocorreram em função de um evento particular, qual seja, o aparecimento do fenômeno conhecido como *ciberativismo*, o qual, por sua vez, tornou-se possível em decorrência do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação.

2.1. O poder na perspectiva de Bourdieu

No âmbito da área da gestão, observa-se um interesse cada vez maior pelo estudo das relações de poder no interior das organizações ou entre estas últimas, algo que tem feito com que algumas abordagens teóricas ou conceitos provenientes de áreas fins como a sociologia sejam utilizados de forma a tornar possível a compreensão de fenômenos dessa natureza. Dentre as perspectivas de poder que têm sido utilizadas com este intuito, pode-se destacar os trabalhos do sociólogo francês Pierre Bourdieu que, assim como a abordagem de outros autores tais como o do filósofo Michael Foucault, são classificados como *pós-estruturalistas* pelo fato de distinguirem-se da abordagem estruturalista mais tradicional originada a partir dos trabalhos do antropólogo Claude Lévi-Strauss. Conforme Misoczky (2003a, p.170), utilizar as teorias desenvolvidas por Bourdieu na área da administração implica em uma ruptura com uma tradição de estudos organizacionais que tem sido marcada pelo funcionalismo e pelo positivismo sistêmico, bem como com a tradição estruturalista, “deixando de lado a análise de estruturas desprovidas de sujeitos que evoluem pressionadas por forças também sem sujeito”.

Özbilgin e Tatli (2005), ao comentarem sobre a contribuição de Bourdieu para área de estudos organizacionais, afirmam que a principal característica do autor em seu posicionamento filosófico foi a negação da dicotomia entre o objetivismo e o subjetivismo, ou

seja, a dualidade entre a estrutura social e os indivíduos que a compõem, que perdurava nas ciências sociais até o momento. Para superar tal dicotomia, conforme os autores, Bourdieu desenvolveu sua teoria da prática ou da ação, cujo objetivo era estabelecer um diálogo entre essas diferentes perspectivas por meio de uma metodologia pluralista que não raramente combinava técnicas quantitativas e qualitativas para a captura da realidade social. Misoczky (2003a) lembra que Bourdieu, ao caracterizar seu próprio trabalho, denominou-o de “estruturalismo construcionista”, pelo fato de que, por um lado, seus estudos reconhecem a existência de estruturas objetivas que orientam a ação dos indivíduos independentemente da vontade destes, e, por outro, reconhecem também que a relação ou prática social desses indivíduos constituem ou reconstituem essas estruturas. Para que se possa compreender a teoria da prática elaborada por Bourdieu, bem como seus esforços para transcender a dualidade entre o objetivismo e subjetivismo, por ele tão criticada, faz-se necessário entender alguns conceitos por ele desenvolvidos que se relacionam intimamente entre si. Tais conceitos são os de capital, *habitus* e campo, que, para Özbilgin e Tatli (2005), situam-se respectivamente nos níveis micro, meso e macro de análise.

O conceito de campo, também denominado como um espaço social, compreende “um espaço de diferenças que contém o princípio de uma apreensão relacional do mundo social” (MISOCZKY, 2003a). Segundo Anheier, Gerhards e Romo (1995), o posicionamento dos atores dentro desse espaço social, ou topografia, se dá de acordo com características econômicas, sociais e culturais. A topografia, em outras palavras, “é assim construída de forma que os agentes que ocupam posições similares ou vizinhas são colocados em condições similares e sujeitos a condicionamentos similares” (BOURDIEU, 1989b, p. 17).

Fazendo-se uma junção das duas definições acima, pode-se afirmar, portanto, que os diversos agentes inseridos em um determinado campo ocupam posições diferentes dentro dele, mas que também esse campo permite o fato de mais de um agente ocupar a mesma ou uma parecida posição pelo fato deles possuírem características ou recursos também similares. De acordo com Bourdieu (1989, p.133):

Num primeiro tempo, a sociologia apresenta-se como uma *topologia social*. Pode-se assim representar o mundo social em forma de um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, força ou poder neste universo. Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço, e não se pode ocupar realmente duas regiões opostas do espaço – mesmo que tal seja concebível.

É importante compreender, primeiramente, o significado do conceito de agente social, uma vez que um campo apenas existe na medida em que engloba tanto um certo número de agentes bem como as posições por eles ocupadas. Bourdieu (2002, p.101) afirma que um agente é “a unidade escondida sob a diversidade e multiplicidade de um conjunto de práticas realizadas em campos governados por diferentes lógicas e conseqüentemente incluindo diferentes formas de realização”. Essa definição considera, portanto, os agentes como unidades caracterizadas pelas diferentes práticas que realizam e que estão localizados dentro de campos que diferem entre si. Bourdieu (1992, p.107) afirmam que o objeto das ciências sociais não são os indivíduos, mas são eles que constituem o campo, e, portanto, não são puramente uma ilusão, mas “existem como *agentes* - e não como indivíduos biológicos, atores ou sujeitos – que são socialmente constituídos como ativos e que agem no campo (...) pelo fato de possuírem as propriedades necessárias”. A posição que os agentes assumirão em um determinado campo, dessa forma, dependerá dessas propriedades mencionadas acima, as quais Bourdieu atribui o nome de capitais.

Antes de compreender o que são os capitais, contudo, deve-se discorrer sobre o que Bourdieu entende por classe social ou classe objetiva e que difere do entendimento o qual habitualmente se tem sobre o termo (relacionado especialmente com a questão econômica, como na teoria marxista). De acordo com o autor, uma classe objetiva é “um conjunto de agentes que estão localizados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas homogêneos de disposições capazes de gerar práticas similares; e que possuem um conjunto de propriedades comuns (...)” (BOURDIEU, 2002). Uma classe é, portanto, “um conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de decisões semelhantes” (BOURDIEU, 1989, p.136). O sociólogo francês esclarece, ainda, que a existência da classe ocorre no plano teórico, e que não se deve entender o conceito como sendo o de um grupo mobilizado ou organizado para a luta, mas seu entendimento é importante uma vez que ele permite que o cientista social preveja a prática desses agentes, que estão reunidos em um grupo e que podem se mobilizar (BOURDIEU, 1989).

Conforme mencionado mais acima, o posicionamento dos agentes dentro de um campo depende de certas propriedades as quais Bourdieu denomina capitais. De acordo com Anheier,

Gerhards e Romo (1995), a noção de capital para o autor francês é mais ampla do que o conceito de capital na perspectiva econômica, sendo entendido como um recurso que pode assumir tanto um caráter monetário quanto não-monetário, formas tangíveis e intangíveis. Segundo Bourdieu (1989, p.135):

Pode-se escrever o campo social como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das suas posses.

Há diversos tipos de capitais, identificados por Bourdieu, os quais são distribuídos em um determinado espaço social de maneira desigual e que por isso são objetos de disputa por parte dos agentes lá inseridos. Dentre eles, pode-se mencionar o capital econômico, o capital cultural, o capital social e capital simbólico, estando este último relacionado a qualidades como prestígio, reputação e fama (BOURDIEU, 1989). O capital simbólico, na verdade, pode assumir a forma de qualquer outro tipo de capital (seja ele físico, econômico, social ou cultural) desde que este seja percebido, reconhecido e valorizado pelos agentes sociais inseridos no campo (BOURDIEU, 2004).

Para Bourdieu (1989), portanto, o capital pode existir tanto em estado objetivado, ou seja, quando assume forma de propriedade material (ex: recursos monetários), como em estado incorporado (ex: conhecimento adquirido), como no caso do capital cultural. O autor ressalta que o capital “representa um poder sobre um campo em um determinado momento” e que “as espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado” (BOURDIEU, 1989, p.134). Assim, pode-se afirmar que capital e poder, são, nessa perspectiva, termos sinônimos, tendo em vista que um agente que adquire um tipo de capital importante para um campo específico, está adquirindo recursos de poder.

De acordo com Johnson (1993, p.6), em um campo qualquer, “os agentes ocupando as diversas posições disponíveis (...) travam uma competição pelo controle de benefícios ou recursos que são específicos para o campo em questão”. Assim, diz ele, no campo econômico os agentes travam uma disputa para adquirirem capital econômico por meio da utilização de diversas estratégias, e utilizando outros capitais econômicos acumulados. Já no campo em que o capital cultural é que é eficiente, o volume deste irá determinar a posição do agente no

espaço social. Outro exemplo dado por Johnson (1993) é o campo da academia, onde a posse de títulos ou de diplomas é um capital simbólico bastante valorizado. Uma definição de Bourdieu (1992) bastante esclarecedora a respeito da relação entre o campo e o capital é a seguinte:

Eu defino um campo como uma rede, ou uma configuração, de relações objetivas entre posições definidas objetivamente, em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, pela sua situação presente e potencial (...) na estrutura de distribuição de espécies de poder (ou capital) cuja posse comanda o acesso aos benefícios específicos que estão em jogo no campo, assim como pelas suas relações objetivas relativas a outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.). Todo campo pressupõe, e gera por meio de seu próprio funcionamento, a crença no valor das apostas que ele oferece (BOURDIEU, 1992, p.97).

O capital apenas existe e funciona em relação a um campo, conferindo ele um poder sobre o campo, “sobre os instrumentos de produção ou reprodução materializados ou incorporados cuja distribuição constitui a própria estrutura do campo, e sobre as regularidades e as regras que definem o funcionamento usual do campo, e assim, sobre os benefícios engendrados nesse campo” (BOURDIEU, 1992, p.101). Uma vez que o campo constitui-se em um espaço de relações objetivas e de lutas, os agentes que ocupam diferentes posições nessa estrutura procuram de forma individual ou coletiva resguardar ou mudar de posição, e impor, por meio da utilização de estratégias relativas às próprias posições por ele ocupadas, “o princípio da hierarquização mais favorável a seus próprios produtos” (BOURDIEU, 1992, p.101).

Bourdieu (2002, p.131), ainda, afirma que podem ocorrer o que ele denomina estratégias de reconversão, ou seja, quando um agente converte o capital que ele detém em outro tipo de capital que seja “mais acessível, mais lucrativo ou mais legitimado”, algo que modifica a estrutura do campo. Para o autor, um campo pode permitir movimentos verticais (para cima ou para baixo), ou movimentos transversais (de um campo para outro). Assim, em um campo em que o capital de maior importância é o capital educacional, pode ocorrer de certos agentes investirem o capital econômico que possuem em educação, o que provavelmente fará com que eles ganhem recursos de poder e mudem de posição no campo, fazendo um movimento para cima.

A ação que os agentes colocam em prática dentro de um campo, porém, ocorrem sob determinadas condições as quais Bourdieu chama de *habitus*, e que são fundamentais para a compreensão de sua teoria. De acordo com Thiry-Cherques (2006, p.33), a noção de *habitus*

foi desenvolvida por diversos autores ao longo do tempo como Aristóteles, Tomás de Aquino, Hegel, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, e foi adotada por Bourdieu como forma de “escapar do paradigma objetivista do estruturalismo sem recair na filosofia do sujeito”. O termo *habitus*, de acordo Thiry-Cherques (2006), foi utilizado por Bourdieu como forma de se estabelecer a diferença em relação a outros conceitos como hábito, costume, praxe ou tradição, situando-se ele entre a estrutura na qual os agentes estão inseridos e a ação destes últimos.

Ainda, conforme Thiry-Cherques (2006, p.33), o *habitus* “constitui a nossa maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo e conforma a nossa forma de agir, corporal e materialmente”, sendo composto pelo *ethos*, que são “os valores em estado prático, não consciente, que regem a moral cotidiana”, o *héxis*, “os princípios interiorizados pelo corpo: posturas, expressões corporais, uma aptidão corporal que não é dada pela natureza, mas adquirida”, e o *eidos*, “um modo de pensar específico, apreensão intelectual da realidade”. Dessa forma, para Bourdieu:

Habitus é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por estes resultados (BOURDIEU, 1983, p.65).

De acordo com essa definição, pode-se afirmar que o *habitus* orienta a ação de todos os indivíduos dentro de um espaço social, bem como seus gostos e formas de avaliar as situações que surgem perante eles. É por essa razão que Bourdieu (2002, p.438) diz que o *habitus* “define a relação à posição ocupada sincronicamente e, conseqüentemente, as posições práticas ou explícitas tomadas vis-à-vis ao mundo social (...)”. De acordo com Johnson (1993, p.5), o *habitus* muitas vezes é descrito como uma “intuição para o jogo” ou uma “razão prática”, tendo em vista que ele muitas vezes faz com que os indivíduos ou agentes ajam de maneira inconsciente quando se deparam com determinadas situações, o que significa, portanto, que eles nem sempre calculam suas ações. Johnson (1993, p.5), também, explica que para Bourdieu o *habitus* constitui-se em “um conjunto de disposições que gera práticas e percepções”, o qual é internalizado no indivíduo desde a sua infância e transforma-se em algo como uma “intuição” ou “sexto sentido”.

Özbilgin e Tatli (2005), referindo-se ao conceito de ‘disposições’, afirmam que ele possui três esferas de significado: o resultado de uma ação organizadora, o existir e o agir constantes, e, por último, uma tendência ou inclinação. A seguinte afirmação ajuda a esclarecer o que são as disposições para Bourdieu:

De acordo com a definição de Bourdieu, as disposições representadas pelo *habitus* são ‘duráveis’, no sentido de que elas duram por toda a vida do agente. Elas são transponíveis, no sentido de gerarem múltiplas práticas e diversos campos de atividades, e são ‘estruturas estruturadas, no sentido de que incorporam inevitavelmente as condições objetivas sociais de suas inculcações (...) Finalmente, as disposições do *habitus* são ‘estruturas estruturantes’ por meio de suas habilidades de gerarem práticas ajustadas a situações específicas (JOHNSON, 1993, p.5).

Em resumo, o *habitus* representa, para Bourdieu, um conjunto de fatores que está diretamente relacionado à história dos indivíduos e que atua no sentido de gerar por parte destes determinadas práticas, as quais, quando realizadas, colaboram para que as estruturas presentes sejam reproduzidas. É por essa razão que as disposições representadas pelo *habitus* são, para ele, estruturas tanto estruturantes como estruturadas. Assim, Bourdieu (2002, p.114) afirma que os capitais objetivados e internalizados, ou seja, as propriedades e o *habitus*, “definem a classe social e constituem o princípio de reprodução de práticas classificadas e classificantes”. O *habitus*, portanto, ao mesmo tempo em que é individual, pois inclui elementos próprios da história particular de um indivíduo, é coletivo, pois os agentes inseridos em uma mesma classe social estão sujeitos a “determinantes fundamentais de condições materiais de existência e aos condicionamentos que eles impõem (...)” (BOURDIEU, 2002, p.106).

Bourdieu (1992) afirma que a teoria do *habitus* difere de outras teorias, como a da *Rational Choice*, que concebe a ação individual como sendo consciente e determinada pelo cálculo racional, e que é direcionada à realização de objetivos bem definidos. Para ele, isso é uma ilusão. O que ocorre na verdade é que essa “intuição do jogo”, que “implica em um ajustamento antecipado do *habitus* às necessidades e às probabilidades inscritas no campo” (BOURDIEU, 1992, p.125), aparentemente são percebidas e apresentam-se na forma de uma intenção, mas nem sempre isso é verdadeiro. Assim, a afinidade dos *habitus* de uma mesma classe dentro de um campo possibilita que práticas objetivas similares ou convergentes sejam geradas, sem que isso signifique uma “conspiração coletiva” (BOURDIEU, 1992, p.125) ou mesmo que tais práticas sejam conscientes. O autor, ainda que não negue o fato de que os

indivíduos realizam escolhas todo o tempo, afirma que eles não escolhem o princípio de tais escolhas.

Ao comentar a respeito da relação entre *habitus* e campo, Bourdieu (1992, p.127) afirma que tal relação opera de duas formas. Primeiramente, é uma relação de condicionamento, ou seja, “o campo estrutura o *habitus*, que é o produto da incorporação da necessidade imanente de um campo (...)”. Também, é uma relação de “conhecimento ou construção cognitiva”, já que o *habitus*, ao contribuir para a construção do campo, atribui a este sentido e valor.

Özbilgin e Tatli (2005, p.864), ao comentarem a importância do conceito de *habitus* para a análise das organizações, fazem a seguinte afirmação:

Para ilustrar a discussão em um contexto organizacional, nós podemos argumentar que o *habitus* no nível organizacional é reproduzido por meio de atos conscientes e inconscientes (...) de membros organizacionais que competem pela hegemonia sobre as regras da cultura organizacional. Em outras palavras, o *habitus* organizacional, como um terreno de contestação, é o lugar de tensão, negação e negociação entre diferentes membros organizacionais. É a tensão e competição entre diferentes atores organizacionais que se tornam fonte de transformação reprodutiva na cultura organizacional.

É preciso ressaltar o fato de que, para Bourdieu (2004, p.50), um campo é um campo de forças, uma vez que as “necessidades se impõem aos agentes que nele se encontram envolvidos” e um campo de lutas, já que em seu interior se encontram “agentes que se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças”. O campo, também, é um campo de poder ou “o espaço de relação de forças (...) entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente”. Em outras palavras, os agentes que estão inseridos em determinado campo disputam recursos de poder, chamados de capitais, e agem condicionados por um *habitus* específico da classe a qual pertencem.

Mizocsky (2003b) afirma que em um determinado campo, é necessário que o poder ou base de dominação seja justificado, numa tentativa de esconder sua natureza que é arbitrária. Assim, diz ela, “faz-se necessário, dentro de cada campo social e no campo do poder, um princípio de legitimidade legitimado e, inseparavelmente, um modo legítimo de reprodução das bases de dominação” (MIZOCSKY, 2003b, p. 154). Assim, quanto mais os agentes ou classes de agentes acumulam o capital específico considerado valioso em um campo social, e, paralelamente, atuam no sentido de conservá-los, maior legitimidade conferem ao poder que detêm, ou seja, adquirem um grande poder simbólico.

Bourdieu (1989, p.124), entretanto, afirma que os dominados nas relações de forças simbólicas muitas vezes lutam para subverter a ordem do campo em que estão presentes, ou seja, esforçam-se pela autonomia ou o “poder de definir os princípios de definição do mundo social em conformidade com os seus próprios interesses”.

Nesse sentido, de acordo com Thiry-Cherques (2006, p.13), uma característica importante de qualquer campo social é o fato de nele ocorrer “uma dinâmica de concorrência e dominação, derivada das estratégias de conservação ou subversão das estruturas sociais”. O autor, nesse sentido, explica que uma vez que a distribuição de capital dentro do campo ocorre de maneira desigual, os campos acabam por vivenciar uma situação de conflito permanente, uma vez que “indivíduos e grupos dominantes procurando defender seus privilégios em face do inconformismo dos demais indivíduos e grupos”. Ainda, de acordo com Thiry-Cherques (2006, p.13):

As estratégias mais comuns são as centradas: na conservação das formas de capital; no investimento com vistas à sua reprodução; na sucessão, com vistas à manutenção das heranças e ao ingresso nas camadas dominantes; na educação, com os mesmos propósitos; na acumulação, econômica, mas, também, social (matrimônios), cultural (estilo, bens, títulos) e, principalmente, simbólica (status). A conotação que Bourdieu dá ao termo /estratégia/ não é a de um cálculo cínico pela maximização de utilidades, mas a da relação infraconsciente entre um *habitus* e um campo.

Dessa forma, fica claro a partir do trecho acima que o conceito de estratégia desenvolvido por Bourdieu deve ser pensado a partir de uma perspectiva diferente daquela comumente utilizada nos estudos organizacionais, em que tal conceito é sinônimo de ações calculadas e intencionais com o intuito de se atingir algum objetivo estabelecido *à priori*. Para ele, é possível que agentes pertencentes a grupos dominantes ou a grupos dominantes lancem mão de determinadas práticas sem que se deem conta de seus atos, uma vez que tais ações são provenientes do próprio *habitus* no qual eles estão imersos.

Ainda, Thiry-Cherques (2006) explica que qualquer campo social em que há a distribuição desigual de diferentes espécies de capitais é formado por outros espaços menores, os subcampos, que seguem uma lógica semelhante à do campo em que estão inseridos. A dinâmica tanto do campo quanto a dos subcampos, segundo o autor, “é dada pela luta das classes sociais na tentativa de modificar a sua estrutura, isto é, na tentativa de alterar o princípio hierárquico (econômico, cultural, simbólico...) das posições internas ao campo”, sendo que “as classes ou frações sociais dominantes são aquelas que impõem a sua espécie de capital como princípio de hierarquização do campo” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.14). O

autor, explica, nesse sentido, que tal luta travada pelos agentes pertencentes ao campo é uma luta geralmente inconsciente pelo poder. Para ele, “o campo do poder é uma espécie de “metacampo” que regula as lutas em todos os campos e subcampos” e, dessa forma, a configuração de tal espaço social “determina, em cada momento, a estrutura de posições, alianças e oposições, tanto internas ao campo, quanto entre agentes e instituições do campo com agentes e instituições externos” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.14).

Já Emirbayer e Johnson (2008), ao também abordarem as diferentes estratégias que podem ocorrer em um campo organizacional, afirmam que, nessas lutas, podem-se encontrar duas estratégias de ação que são acentuadamente opostas: por um lado, uma estratégia de conservação por parte das organizações dominantes, em que seu objetivo primordial é preservar o princípio da hierarquização que é mais favorável para elas e para salvaguardar ou mesmo melhorarem a sua posição dentro desta hierarquia. Por outro lado, uma estratégia de subversão por parte das organizações dominadas, em que seus objetivos, ao contrário da primeira, consistem em transformar o sistema de autoridade dentro do campo, incluindo, potencialmente, as próprias regras do jogo por meio das quais ele funciona normalmente, para seu próprio benefício. Os autores afirmam que, para se analisar qualquer campo organizacional, é importante determinar de forma precisa como seus diferentes atores constituintes, estando diferentemente posicionados no campo e na distribuição do capital em seu interior, percebem a si mesmos, os seus concorrentes, e o campo como um todo, em todas suas oportunidades e seus desafios, para que possam gravitar na direção de uma ou de outra dessas estratégias opostas de ação em relação a esses elementos.

Bourdieu (1983) afirma que as estratégias de subversão são normalmente implementadas por aqueles que possuem pequenas expectativas de ganho a partir dos grupos dominantes. Assim, eles rompem radicalmente com os grupos dominantes por meio do desafio à legitimidade destes de definir os padrões do campo. Entretanto, o autor explica que independente da posição dos atores no campo, tanto os dominantes quanto os dominados partilham do mesmo interesse em preservar o campo de maneira geral. A questão é, portanto, como o campo será controlado. Quando novos atores entram no campo há sempre uma aceitação tácita das regras do jogo. Dessa forma, a luta é limitada a aspectos e formas particulares consideradas procedimentos profissionais legítimos do campo. Os novos entrantes, nesse sentido, são obrigados a pagar um investimento inicial por sua entrada. Isso envolve o conhecimento prático de como jogar o jogo e reconhecer seu valor (BOURDIEU, 1983). Ainda, afirma Bourdieu (1983, p.155):

Chamo de campo um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto... Num campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante, os que têm maior capital específico, se opõem por uma série de meios entrantes (emprego de propósito esta metáfora emprestada da economia), recém-chegados, chegados-tarde, arrivistas que chegaram sem possuir muito capital específico. Os antigos possuem estratégias de conservação que têm por objetivo obter lucro do capital progressivamente acumulado. Os recém-chegados possuem estratégias de subversão orientadas para uma acumulação de capital específica que supõe uma inversão mais ou menos radical do quadro de valores, uma redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios da produção e a apreciação dos produtos e, ao mesmo tempo, uma desvalorização do capital detido pelos dominantes. [...] Mas a condição de entrada no campo é o reconhecimento da disputa e, ao mesmo tempo, o reconhecimento dos limites que jogo devem ser ultrapassados, sob pena de exclusão do jogo. Segue-se daí que da luta interna só podem sair revoluções parciais, capazes de destruir a hierarquia, mas não o próprio jogo. (BOURDIEU, 1983, p.155)

A discussão sobre o que pode ser considerado como sendo *estratégias de subversão* com o intuito de alterar a ordem que rege a estrutura de um campo é extremamente importante no âmbito do presente trabalho de tese, uma vez que aqui se analisa justamente um movimento que surgiu justamente com o propósito de promover importantes alterações no interior do campo da comunicação no Brasil.

Nesse sentido, é importante mencionar que, diferentemente de outros autores que acusam a perspectiva de Bourdieu de ser excessivamente *reprodutivista*, uma vez que o conceito de *habitus* exerce um papel chave no que diz respeito à ação dos agentes e é claramente um limitador desta última, defende-se na presente tese que em nenhum momento Bourdieu afirma que os agentes não possuem margem de ação para alterar ou subverter a estrutura de um campo social. Nesse sentido, trabalhos como o de Catani, Catani e Pereira (2001) foram importantes por fazerem uma crítica à maneira pela qual a obra de Bourdieu foi apropriada no Brasil, a partir dos anos 80, e que acabou por reduzir o arcabouço conceitual do autor. Os autores explicam que isso está relacionado às próprias propostas pedagógicas de Bourdieu advindas de sua análise sobre o campo da educação, a qual, não possuindo um discurso doutrinal, foi interpretada à época como carecendo de propostas mais efetivas. Isso é explicado pelo fato desse campo, ao longo desse período, ter sido marcado por um caráter mais combativo, dando uma ênfase maior à ação. Nesse sentido, dizem eles que a obra de Bourdieu acabou sendo aprisionada na dicotomia *reprodução versus transformação* que ele mesmo combateu, mas que, na época, era comum dentre aqueles que atuavam no campo da educação. Assim, Catani, Catani e Pereira (2001, p.10) enfatizam que, para Bourdieu, “as resistências individuais e coletivas existem sempre, são componentes inelimináveis do processo de reprodução social”, mas que o problema recai na existência de uma “forte adesão *dóxica* dos agentes sociais à ordem estabelecida (...)”.

Outros trabalhos também fizeram uma crítica da acusação de que a perspectiva de Bourdieu seria demasiadamente restritiva no que tange às possibilidades de alteração da estrutura social e procuraram elementos dentro da própria perspectiva de Bourdieu que ajudassem a modificar tal percepção. Um exemplo foi o trabalho desenvolvido por Almeida (2005, p. 139) em que a autora, “contrariando o caráter reprodutivista conferido à teoria de Bourdieu”, procura mostrar que, “ao desvelar os mecanismos de manutenção da sociedade, o autor revela a fragilidade do processo e as possibilidades de transformação social”.

Assim, em seu trabalho, Almeida (2005), que analisa mais especificamente o campo da educação, afirma que se o desconhecimento da violência simbólica é condição essencial para que esta seja legitimidade e reproduzida na sociedade capitalista e nos diferentes campos sociais que existem em seu interior, o conhecimento dos mecanismos por meio dos quais a opressão ocorre pode inverter as bases da dominação e resultar na adoção de mecanismos de subversão, como fica claro no trecho abaixo:

Alguns críticos da teoria de Bourdieu caracterizam o seu pensamento como reprodutivista, no sentido de que ressalta a escola como instância privilegiada da violência simbólica, um meio que reforça a dominação capitalista e contribui para sua manutenção e naturalização. À primeira vista, a teoria da violência simbólica traz certo pessimismo em relação ao papel da escola, ou seja, como instituição fundamental na formação do habitus do indivíduo, pode ser apreendida apenas sob o ângulo da reprodução, à medida que utiliza sua legitimidade e pseudoneutralidade para inculcar-lhe o arbitrário cultural dominante, contribuindo eficazmente para a manutenção da ordem social. Não só em relação à escola, mas, na teoria de Bourdieu, é possível perceber a trama da reprodução das sociedades que tende a conduzir aqueles que procuram conhecê-la a um pessimismo que retira a possibilidade de mudança e transformação no contexto da sociedade capitalista. Em contraposição ao caráter reprodutivista atribuído a Bourdieu, ouso, neste exercício de pensamento, inverter as bases fundantes da reprodução social no sentido de buscar, no contexto da reprodução, brechas suficientes para conduzir o agente social à transformação. Conforme explicitei anteriormente, a reprodução da sociedade capitalista será eficiente em proporção inversa ao reconhecimento de seus agentes da violência simbólica sobre eles exercida. Nesse sentido, revela-se aqui a fragilidade do processo, ou seja, se o princípio da não consciência é a base fundamental para que a reprodução aconteça, logicamente o princípio do conhecimento é condição primeira para a transformação social (ALMEIDA, 2005, p. 148).

Para desenvolver seu argumento, a autora recorre a outros autores, tais como Martins (2002), que afirma que uma vez que tome consciência da tendência reprodutivista presente no sistema de ensino, os agentes desse campo partem para a desconfiança, reconhecem a ilegitimidade do processo, e isto pode contribuir para que ocorra uma mudança no jogo, ou seja, a possibilidade de que o mecanismo de reprodução dê lugar à transformação.

Almeida (2005) também afirma que o sistema capitalista reconhece a força da escola no sentido de sua contribuição para a transformação social e, que, por essa razão, procura fazer com que a escola sirva como um instrumento ideológico cuja função seja apenas a da

reprodução social. Ainda, afirma ela que se, na sociedade capitalista, o desenvolvimento do trabalho levou o indivíduo a procurar pelo saber na escola, conseqüentemente esse saber irá aumentar o capital do indivíduo, comprometendo o processo de reprodução. Por esta razão, o sistema vê como saída a utilização da escola e do saber nela trabalhado de maneira a reverter tal ameaça (ALMEIDA, 2005). Entretanto, a autora recorre à ideia de que o conhecimento de tal situação pode fazer com que ocorra uma transformação e, para tal, ela recorre a Bourdieu e Passeron (1982, p. 52) para reforçar seu argumento. Segundo os autores:

Ao possibilitar às classes subalternas a apropriação do saber sistemático, revelando-lhes, por essa mediação, as relações de poder em que se estrutura a sociedade, a educação lhes permite também a compreensão do processo social global, uma vez que este saber está genética e contraditoriamente vinculado à situação social por mais que, ideologicamente, se tente camuflar esta vinculação. O saber acaba levando ao questionamento das relações sociais, mediante um processo de conscientização do real significado dessas relações enquanto relações de poder, revelando inclusive a condição de contraditoriedade que as permeia.” (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 52)

Dessa forma, parece ser possível afirmar, com base no trecho acima, que de fato Bourdieu enxerga no saber um importante mecanismo por meio do qual é possível desvelar as relações de poder presentes na sociedade. Se aquilo que ele denomina como o saber sistemático, difundido especialmente por instituições como a escola, se configura como violência simbólica pelo fato de, a partir de uma pretensa neutralidade, dissimular as bases sobre as quais se constituem essas relações de poder (ao mesmo tempo em que reforça as diferenças existentes entre as classes dominantes e dominadas), o conhecimento pode exercer o efeito contrário.

Ainda, autores de outras áreas também vêm utilizando a perspectiva de Bourdieu como forma de se estudar, por exemplo, outros fenômenos sociais. Misozcksy (2009), por exemplo, afirma que a teoria de campo pode ser valiosa para se estudar, por exemplo, a luta empreendida por movimentos sociais, desde que se entenda que a noção de campo desenvolvida por Bourdieu possui um caráter conflitivo, uma vez que a organização do mundo social assim se apresenta. Nesse sentido, afirma a autora que:

As formulações de Pierre Bourdieu têm coerentes e importantes contribuições para o estudo e a organização das lutas sociais [...] Bourdieu oferece diversas contribuições para estudiosos interessados em colocar lado a lado os ativistas dos movimentos sociais: a centralidade do conflito em repúdio à centralidade da integração na análise das relações entre agentes sociais; a noção de campo como um espaço que se produz através da disputa pela definição de seu conteúdo e dos capitais nele valiosos; a indispensável noção de habitus como um sentido prático não racionalista da ação; a afirmação da impossibilidade da estabilidade estruturada e a inevitabilidade da construção constante e conflitiva da organização do mundo social; a defesa do engajamento político dos intelectuais (MISOZCKSKY, 2009, p.1163).

Com base na visão dos pesquisadores anteriormente citados, reforça-se aqui a ideia de que a abordagem de Bourdieu, enquanto de fato desvenda os mecanismos por meio dos quais ocorre o reforço e a reprodução das diferenças que distinguem socialmente os agentes pertencentes a distintos grupos no interior de um campo, também pode ser utilizada para que se analise justamente os mecanismos por meio dos quais as táticas de subversão podem ser adotados por agentes em posição distinta à dos grupos dominantes e que levam justamente à organização das lutas sociais.

Com relação aos aspectos metodológicos que devem ser considerados ao se trabalhar com a perspectiva de campos sociais, Bourdieu (1992), ao explicar como um pesquisador deve proceder ao fazer o estudo de um determinado campo, afirma que uma análise nesse sentido envolve três procedimentos que estão interconectados entre si. Primeiramente, diz ele, é necessário que seja feita uma análise da posição do campo em relação ao campo do poder, ou seja, em que medida forças políticas e econômicas afetam o campo em estudo. Em segundo lugar, é necessário que seja desvendada “a estrutura objetiva das relações entre as posições ocupadas pelos agentes ou instituições” (BOURDIEU, 1992, p.104), os quais competem pelos recursos específicos do campo que garantem a eles legitimidade. Em terceiro lugar, Bourdieu (1992, p.104) afirma que o pesquisador deve analisar o *habitus* dos agentes, ou “o sistema de disposições que eles adquiriram por meio da internalização de um determinado tipo de condição social e econômica (...)”, e que influencia a trajetória dos agentes no campo.

Já Thiry-Cherques, ao explicar a metodologia utilizada por Bourdieu em suas diferentes pesquisas, separa as diferentes etapas que compõem seu processo investigativo. São elas (THIRY-CHERQUES, 2006, p.42):

- a) marcação de um segmento do social com características sistêmicas (campo);
- b) construção prévia do esquema das relações dos agentes e instituições objeto do estudo (posições);
- c) decomposição de cada ocorrência significativa, característica do sistema de posições do campo (*doxa*, *illusio*...);
- d) análise das relações objetivas entre as posições no campo (lógica);
- e) análise das disposições subjetivas (*habitus*);
- f) construção de uma matriz relacional corrigida da articulação entre as posições (estrutura);

g) síntese da problemática geral do campo.

Com relação à primeira etapa, Thiry-Cherques (2006) explica que a escolha do campo a ser investigado é inteiramente livre, e que o próprio Bourdieu trabalhou com uma ampla variedade de campos que foram segmentos de acordo com sua própria lógica e interesses específicos. Sendo assim, os campos “não são arbitrários, mas nascem como construtos auto-referenciados” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.44).

A seguir, afirma o autor, deve-se analisar a posição que os agentes e organizações ocupam no campo investigado, ou seja, o pesquisador constrói uma teoria que precede a experimentação. Tal feito é importante no sentido de que não se pode fazer algum tipo de análise sem que haja um quadro teórico prévio que ajude o pesquisador a desvendar aquilo que está por trás das aparências daquele segmento da realidade que ele escolheu como objeto de estudo. Assim, conforme Bonnewitz (*apud* THIRY-CHERQUES, 2002, p.28), “a construção do fato social consiste em delimitar claramente um segmento da realidade – o campo – o que significa, na prática, selecionar determinados elementos dessa realidade multiforme e descobrir por trás das aparências um sistema de relações próprias ao segmento estudado”.

A partir disso, afirma Thiry-Cherques (2006, p.45), Bourdieu passa a direcionar sua atenção para o *habitus* dos agentes, procurando encontrar “o princípio de diferenciação que constitui o campo”. Identifica-se, por exemplo, aquilo que é tido como natural no campo (a *doxa*), o surgimento de *doxas* alternativas que porventura possam surgir nesse campo, e também as estratégias colocadas em prática pelas forças dominantes no campo para que uma determinada *doxa* seja estabelecida.

Sobre análise das relações objetivas entre as posições no campo, Thiry-Cherques (2006, p.45) explica que Bourdieu procura explicar a vida social por meio da “interpretação das causas estruturais que escapam à consciência”, e não somente a partir da concepção daqueles que participam do campo. Dessa forma, identifica-se qual a posição dos agentes no espaço social estudado a partir de algumas dimensões. Segundo Thiry-Cherques (2006, p.45):

Essas classes são objetivamente relacionadas à posição social, segundo três dimensões, duas espaciais e uma temporal: volume do capital detido pelo agente, isto é, o conjunto dos recursos econômicos, sociais, culturais e simbólicos utilizáveis pelo agente para conservar sua posição; estrutura do capital, isto é, a composição do capital global segundo o peso relativo das diferentes espécies de capital; e a trajetória social do agente (o seu passado, o seu presente e o seu futuro potencial), indicada ao longo dos eixos espaciais.

A próxima etapa, conforme o autor, é a análise das disposições subjetivas dos agentes, ou o *habitus*, feita “a partir da construção da gênese social do problema” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.47). Isso significa que o problema deve ser inscrito em uma teoria, ou seja, o pesquisador deve identificar os objetos válidos universalmente dentro daquele campo específico.

Por fim, de acordo com Thiry-Cherques (2006), constrói-se a matriz estrutural de relação entre as posições, o que “acompanha, corrige e arremata a análise da lógica do campo”, não podendo esquecer o pesquisador o fato de que a crítica deve ser contínua ao longo da pesquisa e de que alterações surgem no esquema conceitual elaborado. Ainda, afirma o autor:

Para concluir a pesquisa devemos nos colocar as questões de saber: como são adquiridas as estruturas cognitivas, isto é: quais os capitais, principalmente, qual o capital simbólico em jogo? Como o mundo é percebido, dividido, registrado pelos agentes? Como as estruturas cognitivas se ajustam às estruturas objetivas? E de precisar: quais as coerções, quais as relações de dominação que elas exercem? Quais os interesses de perpetuação da riqueza, do *status*, da dominação envolvidos? Quais os grupos de interesse? Quais os conflitos que se dão no interior do campo? Ao respondê-las, encerramos o ciclo investigatório que desvela a síntese da problemática geral do campo (THIRY-CHERQUES, 2006, p.50).

Por fim, Mizocsky (2003b, p.157), ao comentar sobre a importância do construto teórico elaborado por Bourdieu, afirma o seguinte:

Entre as importantes contribuições das formulações de Bourdieu, pode-se destacar a de permitir o desvendamento de mecanismos profundos de poder; a idéia da autonomia relativa dos campos sociais em relação ao campo de poder (...), a idéia de que a história do campo é a que se faz através da luta entre os concorrentes no interior do mesmo; a possibilidade de identificar as posições relativas que os agentes ocupam a partir da visão do campo como um espaço de relações de poder, onde pode estar presente a referência aos pólos opostos do dominante e do dominado; a possibilidade de estudar as estratégias dos agentes que compõem o campo e nele têm interesse em disputa, mobilizando tipos de capital (recursos de poder) nesta disputa.

Nesse trabalho, o campo escolhido para a análise é constituído por diferentes indivíduos, grupos e organizações ligados ao campo da comunicação no Brasil. Trabalha-se com a ideia de que tais grupos e organizações, atuando como agentes ou atores sociais, disputam entre si propriedades ou recursos de poder que as permitem alcançar uma posição de destaque no campo. Presume-se que o advento das tecnologias de informação e comunicação fez com que a estrutura do campo da comunicação no Brasil fosse modificada, configurando-se, assim, como um fator que causou a modificação da ordem até então estabelecida.

2.2. Bourdieu e o Campo da Produção Cultural

Uma das principais obras de Bourdieu (1993) trata a respeito do que ele denomina como *campo da produção cultural*. De acordo com Johnson (1993), este campo é muito amplo e pode incluir vários outros subcampos, tais como o literário e o da arte os quais, quando convertidos em objetos de análise, tornam-se campos autônomos.

A estrutura desse campo é um espaço que engloba diferentes posições e que não é "nada mais do que uma estrutura de distribuição do capital com propriedades específicas que determina o sucesso no campo e na aquisição dos lucros externos ou específicos que estão em jogo no campo" (BOURDIEU, 1993, p.30). Os capitais em análise podem ser de diferentes tipos e podem assumir a forma de recursos financeiros, técnicos, culturais, dentre outros. Desta forma, a posição dos agentes que atuam no campo - que podem encontrar-se na posição de dominados ou dominantes – depende particularmente das propriedades específicas presentes no campo de produção cultural, pois por meio delas os agentes diferenciam-se entre si.

Conforme Johnson (1993), os dois tipos de capital que adquirem uma maior importância no âmbito do campo da produção cultural são o capital cultural e o capital simbólico. O capital simbólico diz respeito à acumulação de honra e de prestígio no campo e sua consagração, sendo que sua base encontra-se na dialética existente entre o conhecimento e o reconhecimento; já o capital cultural refere-se principalmente a determinados conhecimentos culturais acumulados pelos agentes. Nesse sentido, não basta que o indivíduo possua o *habitus* específico que lhe permita o acesso a um campo de produção cultural em particular, mas ele também deve possuir uma quantidade mínima de propriedades (tais como conhecimento, talento ou habilidades, que o torne apto a jogar o jogo daquela estrutura, ou seja, por meio dessas propriedades ele será visto pelos outros agentes como um jogador legítimo (JOHNSON, 1993).

Segundo Bourdieu (1993), o campo da produção cultural pode ser dividido entre o sub-campo de produção cultural restrito e o sub-campo de produção cultural de larga escala. O sub-campo de produção de pequena escala envolve níveis muito baixo de capital econômico e níveis muito elevados de campo simbólico específico. Inversamente, o sub-campo de produção de cultura de massa envolve, por meio de vendas mais elevadas, níveis de capital econômico que são relativamente elevados, e que encontram-se mais próximos dos níveis característicos dos que ocupam o campo de poder, ou seja, posições mais poderosas dentro do espaço social. No entanto, o preço a ser pago por tal capital econômico por agentes e

instituições no sub-campo da produção cultural de grande escala é um nível muito menor de lucro simbólico.

Outra característica do campo de produção cultural de pequena escala diz respeito ao fato de que neles há produtores que produzem para outros produtores, isto é, existe uma ‘arte pela arte’. Já a principal característica do campo de produção cultural de grande escala é o fato de produtores produzirem para o mercado, caso, por exemplo, do campo do jornalismo. Conforme abordado anteriormente, Bourdieu (1993) situa o campo da produção cultural dentro daquilo que ele denomina campo do poder, o qual contém forças diversas como a política e econômica. Nesse sentido, quanto mais autônomo for um campo, ou seja, quanto mais ele se aproximar do campo da produção restrita, menor influência ele sofrerá das forças econômicas e maior o poder simbólico que os produtores poderão obter. De forma contrária, quanto menor for a autonomia do campo, isto é, quanto mais ele se aproximar do campo da produção de grande escala, maior será a influência das forças do mercado na produção que ali é realizada.

Em sua obra denominada *A Distinção*, Bourdieu (2002) também deixa claro que o campo de produção cultural é mais ou menos constituído pela relação entre os dois sub-campos, ou seja, o campo de sub-produção de escala restrita e o sub-campo de produção em larga escala. Estes podem ser distinguidos, conforme abordado anteriormente, a partir do grau em que eles são autônomos do campo do poder. A produção em pequena escala é descrita como tendo um grau relativamente elevado de autonomia, mas nunca dotada de plena autonomia. Já a produção em massa é "heterônoma", uma vez que é sujeita às regras provenientes do mercado, mas também não são assim em sua plenitude. Bourdieu (2002) refere-se ao campo de produção de pequena escala como orientada para a produção de produtos artísticos puros e o campo de produção de grande escala orientado para a realização de bens culturais comerciais. Ao falar sobre o campo de produção em pequena escala, ele se refere a este como orientado a outros produtores e a consequência disto é que, ao rejeitar o mercado, os produtores culturais são levados praticamente a conversarem entre si.

Já Anheier, Gerhards e Romo (1995), ao explicarem que o campo da produção cultural restrita ou de pequena escala é relativamente autônoma das influências do mercado (a palavra ‘relativamente’ se deve ao fato de que, como dito antes, nenhum campo cultural escapa totalmente das forças da economia), esclarecem que o sucesso econômico nesse contexto é algo secundário ao valor simbólico e os artistas competem para acumular capital cultural em forma de reconhecimento, reputação e legitimidade, e não para serem recompensados

financeiramente. Por outro lado, afirmam eles, no mercado de produção cultural de grande escala as considerações econômicas e o sucesso no mercado são predominantes e os artistas, nesse caso, competirão com o objetivo de serem recompensados financeiramente pelo mercado.

Ao falar sobre o campo da produção cultural de grande escala, Bourdieu (1993) afirma que este caracteriza-se pela submissão dos produtores culturais à demandas externas, ou seja, os produtores estão subordinados aos grupos que detêm o controle da produção e à mídia. Segundo ele, mesmo quando a produção cultural é destinada a um público mais restrito de ‘não-produtores’, ou seja, uma parcela específica de indivíduos que está inserida no grande mercado de consumo, ainda assim essa produção pode atingir um público socialmente heterogêneo. Para Bourdieu (1993), o trabalho produzido no campo da produção cultural de grande escala é totalmente definido por seu público, ou seja, os produtores culturais que produzem esse tipo de arte optam por adequar as características técnicas e estéticas dessa arte às próprias características da classe social a qual eles querem atingir. Isso não impede o fato de que, como afirmado anteriormente, outras classes sociais também tenham acesso e comprem essa arte. É por isso que o autor afirma que o sistema de produção cujos produtos são destinados a categorias específicas, como jovens, mulheres, crianças, entre outras, não pode se contentar somente em intensificar o consumo dentro dessas classes determinadas, mas “é obrigado a orientar-se em direção a uma generalização da composição social e cultural desse público” ou atingir um “alto denominador social” (BOURDIEU, 1993, p.126).

O presente trabalho, assim, pretende analisar um novo espaço que surgiu no interior do campo da comunicação no Brasil graças ao advento das novas tecnologias de informação e comunicação, qual seja, a blogosfera política alternativa. Tal espaço é formado por indivíduos, grupos e organizações que lutam para influenciar a configuração de tal espaço. Recorrendo à classificação adotada por Bourdieu (1993) no que se refere ao campo da produção cultural, pode-se afirmar que o campo da comunicação está inserido dentro de um campo maior, o de produção cultural. Enquanto os agentes que compõem a grande mídia fazem parte do que ele denomina como produção cultural de grande escala, a blogosfera política alternativa está vinculada à produção cultural de escala restrita, uma vez que outras forças além das econômicas orientam a produção de conteúdo por parte de seus agentes, ainda que elas também estejam nele presentes.

É importante mencionar o fato de que a opção por utilizar os conceitos elaborados por Bourdieu, especialmente o de campo, reside no fato de que eles expandem a possibilidade de

enxergar diferentes atores sociais que não exclusivamente indivíduos, grupos ou organizações, sem a necessidade de eliminar um ou outro da análise.

Com relação à potencialidade da aplicação da teoria de Bourdieu em estudos que tenham como intuito analisar o campo da mídia, Hesmondhalgh (2006) utiliza a teoria de campo da produção cultural de Bourdieu para também fazer uma reflexão sobre o jornalismo e a mídia em geral. Ainda que apresente algumas críticas ao autor decorrentes do fato dele não analisar mais profundamente as instituições responsáveis pelas produções de grande escala, ainda assim ele afirma que a aplicação da teoria de campo, juntamente com outros estudos críticos sobre a mídia, são bastante úteis para se entender a produção de notícias em grande escala, bem como sua história. O autor afirma que a teoria de Bourdieu ajuda a se pensar nas relações entre os diferentes campos (o de produção restrita e o de grande escala) e testá-las em trabalhos empíricos. Também, Hesmondhalgh (2006) ressalta que os estudos organizacionais baseados nessa perspectiva podem investigar até que ponto a autonomia das organizações que fazem parte do campo da mídia moderna são afetadas pela comercialização e mercantilização, forças que afetam diretamente o setor.

O presente estudo, dessa forma, constitui-se em um esforço por parte do pesquisador de contribuir para os estudos organizacionais no âmbito da cultura. A utilização dos conceitos propostos por Bourdieu, assim como foram bastante úteis para a análise de diferentes campos culturais como os mencionados acima, podem ser valiosos para a reflexão e o entendimento a respeito dos fenômenos que ocorrem no campo da comunicação no Brasil.

2.3. Bourdieu e os Estudos sobre o Campo Jornalístico

Em um de seus principais trabalhos denominado *Sobre a Televisão*, Bourdieu (1997) se esforça por realizar uma análise das dinâmicas do campo do jornalismo e dos fatores que influenciam a ação dos agentes que nele estão inseridos, tendo por base o contexto da mídia francesa de sua época.

Primeiramente, deve-se ressaltar que o campo jornalístico ou o campo da mídia é parte do campo da produção cultural em conjunto com as artes e as ciências, ou seja, um campo que se ocupa com a produção cultural de bens simbólicos (BOURDIEU, 1997).

Para o autor, o mundo do jornalismo pode ser encarado como um microcosmo que possui suas próprias leis e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre por parte de outros microcosmos. Assim, para ele, “dizer que ele é autônomo, que tem sua própria lei, significa dizer que o que nele se passa não pode ser

compreendido de maneira direta a partir de fatos externos” (BOURDIEU, 1997, p.55). Tal afirmação, para ele, significa dizer que aquilo que se passa no campo do jornalismo não pode ser explicado tão somente por fatores econômicos.

Assim, o mais importante, para ele, é a compreensão de que as empresas de jornalismo estão situadas em um universo de relações objetivas onde há a presença de diversas outras empresas que competem entre si, sendo tal concorrência “definida em sua forma, de maneira invisível, por relações de força não percebidas que podem ser apreendidas através de indicadores tais como as fatias de mercado, o peso aos olhos dos anunciantes, o capital coletivo de jornalistas prestigiosos, etc.” (BOURDIEU, 1997, p.56). Ao abordar tal universo de relações objetivas, evidentemente, o autor está fazendo menção ao próprio conceito de campo que é o cerne de seu trabalho e à própria noção de capital que é alvo de disputas por parte dos agentes que estão presentes em tal universo. Sendo assim, o autor ressalta que:

“Essa estrutura não é percebida nem pelos telespectadores, nem pelos jornalistas; eles percebem-lhe os efeitos, mas não veem a que ponto o peso relativo da instituição na qual se encontram pesa sobre eles, assim como seu lugar e seu peso nessa instituição. Para tentar compreender o que faz um jornalista, é preciso ter no espírito uma série de parâmetros: de um lado a posição do órgão de imprensa no qual ele se encontra [...], no campo jornalístico; em segundo lugar, sua própria posição no espaço de seu jornal ou de sua emissora” (BOURDIEU, 1997, p.57).

Dessa forma, ao estabelecer a relação entre a posição que um determinado órgão de imprensa ocupa dentro do universo do campo jornalístico e a posição que os próprios jornalistas ocupam dentro desse espaço social, Bourdieu (1997) enfatiza que:

“Em outras palavras, se quero saber hoje o que vai dizer ou escrever tal jornalista, o que ele achará evidente ou impensável, natural ou indigno dele, é preciso que se conheça a posição que ele ocupa nesse espaço, isto é, o poder específico que possui seu órgão de imprensa e que se mede, entre outros indícios, por seu peso econômico, pelas fatias de mercado, mas também por seu peso simbólico, mais difícil de quantificar.

Bourdieu (1997), também, afirma que o campo do jornalismo possui a particularidade de ser muito mais dependente de forças externas do que todos os outros campos de produção cultural, uma vez que depende diretamente da demanda e é diretamente objeto de sanção por parte do mercado. Em sua concepção, o campo jornalístico, dominado pela lógica comercial, atua sobre todos os outros campos por meio da imposição de suas limitações em outros universos. Há, assim, conforme o pensamento do autor, uma contradição que diz respeito à submissão do próprio campo jornalístico à lógica econômica, mas também a influência deste sobre todos os outros campos de produção cultural.

De fato, Bourdieu (1997) afirma que, por um lado, o campo jornalístico é aquele que mais se submete às pressões externas advindas de forças econômicas e também dos índices de audiência (caso da televisão, meio de comunicação que o autor analisou de forma mais específica por perceber sua crescente influência no campo em detrimento dos veículos de notícias impressos) e, por outro, exerce pressão e impõe limitações aos outros campos de produção cultural. Assim, diz ele que por meio da pressão relacionada ao índice de audiência, “o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais ‘puros’, e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles” (BOURDIEU, 1997, P.81). Em suma, o peso do campo jornalístico como um todo, explica o autor, pesa sobre todos os outros campos de produção cultural.

Ao abordar as características relacionadas ao surgimento e o acesso à televisão, Bourdieu (1997) menciona que tais fatores foram responsáveis pelo que ele denomina como sendo uma *censura invisível* exercida sobre jornalistas e sobre os convidados no campo e que ocasionaram a perda de autonomia deste último. Tal censura está ligada especialmente “ao fato de que o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação do tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita” (BOURDIEU, 1997, p.19).

Tal censura, pode ser analisado por meio de fatores internos e externos. Os primeiros dizem respeito ao que foi abordado mais acima, ou seja, uma restrição imposta aos próprios jornalistas que está ligada ao fato de haver uma grande precariedade de emprego e um exército de reserva nas profissões ligadas à televisão e às rádios e que acaba por levar os jornalistas a um conformismo político, gerando uma autocensura operada por eles de forma consciente ou inconsciente. A autocensura também está intrinsecamente ligada ao que Bourdieu (1997) denomina como a *circulação circular da informação*, ou seja, algo que resulta da homogeneidade dos produtos jornalísticos ocasionada pela própria lógica da concorrência. Tendo em vista que os jornalistas realizam a leitura dos grandes jornais de forma regular (e, portanto, o trabalho que seus pares realizam), aliado ao fato de que os próprios jornalistas possuem as mesmas origens sociais e formações (ou seja, um *habitus* semelhante), de se encontrarem e debaterem frequentemente uns com os outros, acaba-se por gerar um efeito de fechamento ou de censura eficaz que coíbe que determinados assuntos sejam tratados, em um círculo vicioso. O rompimento desse círculo, diz ele, apenas acontece a partir de mecanismos de transgressão, os quais só podem ocorrer por meio da própria mídia.

Nesse sentido, ele diz que é necessária a produção de um fato novo que servirá como um choque que atraia ao conjunto da mídia ou pelo menos um veículo especificamente, e que pode ser reforçado pelo interesse dos outros veículos. O segundo conjunto de fatores, ou seja, a autocensura externa, se dá em função da pressão econômica, como os anunciantes que pagam a publicidade, o Estado que dá subvenções, os índices de audiência, etc., o que faz, especialmente da televisão, “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica” e “uma forma particularmente perniciosa de violência simbólica” (BOURDIEU, 1997, p.20; 22).

Com relação a esta última afirmação, vale mencionar que Bourdieu (1997) atribui àquilo que ele denomina como sendo *fatos-ônibus* parte da ação de violência simbólica que a televisão exerce sobre as pessoas. Os fatos ônibus são, para o autor, informações elementares ou rudimentares que devem ser do interesse de todos sem que causem algum tipo de impacto e que formem consenso, sem tocar em nada que seja importante. Ainda, afirma ele que a televisão possui uma espécie de monopólio sobre a formação de opinião de parte importante da população, uma vez que há inúmeras pessoas que não leem jornal algum e que entregam a televisão o papel de fontes únicas de todas as informações que recebem. Também, Bourdieu (1997, p.140) chama a atenção para “a amnésia estrutural favorecida pela lógica do pensamento improvisado dia após dia” e também para a concorrência que condena os jornalistas “a produzirem uma representação instantaneística e descontinuística do mundo”. Ele afirma também que “esta visão des-historizada e des-historizante, atomizada e atomizante, encontra a sua realização paradigmática na imagem que do mundo dão as atualidades televisivas, sucessão de histórias na aparência absurdas que acabam todas por assemelhar-se” (BOURDIEU, 1997, p.140).

É interessante observar que, na época em que refletiu sobre a televisão, Bourdieu (1997) percebia uma maior seriedade por parte da imprensa escrita quando comparada à primeira, uma vez que ele percebia nos jornais certa preocupação por respeitabilidade inerente ao modelo que eles se acostumaram a seguir. Entretanto, o autor já colocava em dúvida a manutenção de tal seriedade por parte dos jornais em virtude da concorrência da televisão. De fato, em entrevista concedida ao Jornal do Brasil no ano 2000, ao ser perguntado se o jornalismo da TV era pior do que o da imprensa escrita dita séria, Bourdieu (2000) afirmou o seguinte:

Eu não colocaria a questão nesses termos. É verdade, para simplificar, que o jornalismo da TV (sobretudo nas grandes redes, de grandes espetáculos e grande público) está submetido a pressões (a da urgência, principalmente, ligada ao medo de entediar, isto é,

de perder telespectador), uma coisa da qual o jornalismo escrito, o dos grandes jornais ditos 'sérios', está livre. Mas, de fato, a concorrência no campo jornalístico – incluídas todas as mídias – faz com que as pressões e interesses que pesam sobre a televisão pesem também, por intermédio da televisão, sobre a totalidade dos jornais, mesmo sobre aqueles mais preocupados com sua autonomia (BOURDIEU, 2000, s/p).

Finalmente, Bourdieu (1997) afirma que os jornalistas ou o campo jornalístico devem sua importância no mundo social ao fato de que eles detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e a ampla disseminação da informação para o grande público. Este campo, ainda, possui a especificidade de garantir o acesso à *notoriedade* pública, ou seja, “o poder de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido” (BOURDIEU, 1997, p.66). Tal acesso pode ser destinado não apenas aos cidadãos, mas especialmente a outros produtores culturais, tais como cientistas, artistas escritores ou outros jornalistas. Tal fato acaba fazendo com que *alguns intelectuais-jornalistas* selecionados pelos veículos de mídia sejam legitimados no campo da produção cultural e adquiram reconhecimento social. Tais especialistas acabam por reforçar, entretanto, as exigências dos índices de audiência e frequentemente impõem julgamentos críticos ao público maior, favorecendo a escolha a escolha de bens culturais menos requintados e mais vendáveis por parte de certas categorias de consumidores.

O presente trabalho, ainda que tenha como objeto de análise o estudo de um movimento específico que não pertence ao âmbito da mídia tradicional, leva em consideração as características deste último e as críticas feitas por Bourdieu no que se refere à sua dinâmica. Isto se deve ao fato de que o movimento aqui analisado surgiu justamente como resultado de oportunidades que possibilitaram que parte da sociedade civil colocasse em prática ações que pudessem se contrapor às práticas dominantes de produção e distribuição de notícias adotadas por organizações de mídia tradicional

Em suas obras denominadas *Contrafogos* e *Contrafogos 2*, Bourdieu (1998; 2001) reflete sobre formas de atuação que poderiam ser adotadas por parte de intelectuais e ativistas como forma de se combater o neoliberalismo. Para ele, a mídia é um dos grandes aparatos que sustentam tal modelo e, portanto, deve ser combatido. Bourdieu (1998, p.77) afirma, nesse sentido, que “é preciso inventar novas formas de comunicação entre os pesquisadores e os militantes, ou seja, uma nova divisão do trabalho entre eles”. Assim, ele convoca os pesquisadores a lutarem contra o que denomina como sendo o “martelamento da mídia”, ou seja, a repetição de palavras tais como “aldeia planetária”. “mundialização”, dentre outras,

que, não sendo inocentes, representa uma visão de mundo específica que possui o poder de gerar o “fatalismo e a submissão” (BOURDIEU, 1998, p.77). Assim, para ele:

“Pode-se enfrentar esse martelamento criticando as palavras, ajudando os não profissionais a se municiarem de armas de resistência específicas, para combater os efeitos de autoridade, o domínio da televisão, que desempenha um papel absolutamente capital. Hoje, não é mais possível conduzir lutas sociais sem dispor de programas de luta específica com e contra a televisão [...] Nessa luta, o combate contra os intelectuais da mídia é importante [...] Elas têm um papel extremamente importante do ponto de vista político, e é desejável que uma fração dos pesquisadores aceite abrir mão de uma parte de seu tempo e de sua energia, à maneira militante, para contra-atacá-las [...] Evidentemente, não se trata de lutar contra os jornalistas, também eles estão submetidos às coações da precarização, com todos os efeitos de censura que ela gera em todas as profissões da produção cultural. Mas é capital saber que uma parte enorme do que podemos dizer ou fazer será filtrado, isto é, muitas vezes aniquilado, por aquilo que os jornalistas dirão (BOURDIEU, 1998, p. 78).

O trecho acima parece deixar evidente que, longe de possuir uma visão que rejeite a possibilidade dos agentes atuarem com vistas a combater uma determinada ordem dominante, Bourdieu, ao analisar as práticas da mídia corporativa de sua época, convoca pesquisadores e também movimentos sociais para que juntos elaborem um projeto que tenham o poder de se constituir no que ele denomina como sendo “armas de resistência específicas”.

Bourdieu (1998, p. 113) afirma também que, sendo a sociologia uma forma de “judô simbólico contra as formas modernas de opressão simbólica”, é necessário que a imprensa escrita também atue no sentido de difundir armas de combate às práticas adotadas pela televisão que está, em sua visão, mais próxima das forças de mercado. Nesse sentido, ele convoca jornalistas a um “combate comum, chegando assim à definição ideal de sua profissão, como condição indispensável do exercício da democracia”. Tal combate se daria especialmente pela reprodução desses agentes de mensagens de inconformismo com o atual sistema.

Ainda que as duas obras anteriormente citadas sejam coletâneas de textos que estejam mais relacionadas à atuação de Bourdieu como militante político, considera-se aqui que não se pode estabelecer uma separação entre sua visão política e a teoria por ele desenvolvida, uma vez que nenhuma abordagem teórica é neutra ou desprovida de viés político. Além disso, parece ser possível afirmar que aquilo que Bourdieu (1998) denomina como sendo armas de resistência vai ao encontro do conceito por ele desenvolvido de “estratégias de subversão”, que são justamente o conjunto de táticas dos quais os agentes de um campo lançam mão com o intuito de alterar a ordem do campo.

É com base no que foi exposto acima, ou seja, a percepção de que a perspectiva de Bourdieu concede margem de liberdade aos agentes para que, por meio de ações coletivas, eles consigam promover mudanças em um campo social (ainda que tais mudanças sejam naturalmente demoradas e limitadas pela estrutura do próprio campo e pelo próprio *habitus* dos agentes), que é realizado um esforço de complementar, no presente trabalho de tese, as abordagens de Bourdieu com a abordagem sobre ativismo de mídia advinda dos estudos críticos de comunicação.

Isto não significa dizer que as diferenças existentes entre ambas as abordagens, inclusive no que tange a suas respectivas bases epistemológicas, não sejam aqui consideradas. De fato, não se trata de promover uma combinação das duas abordagens, mas tão somente um esforço de visualizar uma outra perspectiva que, considerando também o elemento poder e as dificuldades existentes no âmbito da comunicação relacionadas à promoção de mudanças em seu interior, enxerga na utilização das novas tecnologia de informação e comunicação por parte de grupos à margem das práticas tradicionais de produção e difusão de notícias uma oportunidade para expressar uma outra visão de mundo que foge daquela defendida pelas grandes organizações do campo. Nesse sentido, defende-se aqui que o uso de tais tecnologias para a defesa de um projeto distinto daquele que é amplamente difundido pelas grandes corporações midiáticas, fenômeno surgido em tempos recentes, vai justamente ao encontro das inquietações expostas por Bourdieu em sua época quando este analisou a problemática envolvendo o campo jornalístico.

2.4. Ciberativismo, Resistência Online e a Luta pela Democratização da Informação

As inúmeras possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem a diferentes setores da sociedade civil para que estes possam difundir seus pontos de vista sem passar pelo filtro da grande mídia é um fenômeno que também vem chamando já há algum tempo a atenção de estudiosos da mídia no contexto internacional, especialmente aqueles filiados a perspectivas mais críticas existentes nesse campo.

Russel (2005), por exemplo, estabelece uma relação entre as novas formas de ativismo por meio da internet e o que ela denomina como resistência digital, ou seja, práticas opositivas levadas a cabo por grupos diversos na web e que ocorrem de forma explícita, possuindo como característica principal o fato de atuarem em rede, estando “disponível para cópia e adaptação pela vasta maioria de usuários de qualquer lugar” (RUSSEL, 2005, p.514). A autora explica que diversos grupos aos quais foram negados o direito de comunicarem-se ou difundirem suas informações, agora exercem formas de resistência às barreiras e filtros a eles impostos por

parte da mídia mainstream por meio da distribuição de mensagens alternativas na internet e, nesse sentido, os próprios sites de redes sociais facilitam manifestações políticas online e offline, bem como a formulação de estratégias diversas (RUSSEL, 2005).

Um dos principais eventos que culminaram na aceleração da percepção da internet como um instrumento de comunicação de massa inerentemente democrático e amplamente livre das hierarquias que estruturam a publicação e divulgação de notícias offline, conforme Russel (2005), foi o ataque terrorista de 11 de Setembro ocorrido nos Estados Unidos. Isso porque, segundo a autora, o governo norte-americano passou a rotinizar o monitoramento das atividades ocorridas na esfera da Internet em nome da segurança nacional, houve a expansão do uso de firewalls e leis de direitos autorais com o intuito de limitar o acesso à informação, o fechamento de servidores da web e de listas de usuários, além de prisões e de indiciamento de usuários da rede de ativistas ao redor mundo. Nesse sentido, diz Russel (2005, p.513), todos esses exemplos acabaram por evidenciar que “a Internet pode ser tanto um instrumento de repressão como de libertação”.

Entretanto, Russel (2005) também ressalta que a resistência *online* a essas e a outras formas de controle continuam a se desenvolver rapidamente, e que “as tecnologias que facilitam as práticas políticas e culturais coletivas estão moldando o uso da Internet e integrando-a de forma mais aprofundada na vida de seus usuários ao redor do mundo – por meio de mensagens instantâneas, e-mails `inteligentes`, weblogs colaborativos, redes wireless, editores de texto wiki e as redes sociais” (RUSSEL, 2005, p. 513). Tais tecnologias e práticas, diz ela, chegaram quando a guerra ao terror promovida pelo governo norte-americano acelerou a resistência baseada na web e o surgimento de movimentos de contra-resistência. O foco de análise de estudos sobre resistência digital então afastou-se, afirma a autora, da celebração da Internet e da novidade desta última e direcionou-se à natureza das redes online e a relação entre o engajamento *online* e *offline*.

Assim, Russel (2005) explica que para alguns grupos de mídia táticos, “resistência digital refere-se a uma forma de protesto que imita o modo em que a tecnologia digital, com efeito, fez de si mesma um novo meio. Diz a autora que tal tipo de resistência surgiu por meio de uma combinação de necessidade e oportunidade e, assim:

Muitos `resistentes digitais` tiveram seu acesso negado à informações e produtos da mídia e/ou o poder de expressar e controlar sua mensagem. Eles resistem por meio do deslocamento das barreiras e dos filtros impostos pela mídia mainstream e por meio do hacking de tecnologia e de restrições legais sobre a informação, difundindo mensagens alternativas para

audiências extensivas e preparando novas mídias ou utilizando mídias já existentes de novas maneiras ao longo do processo (RUSSEL, 2005, p.514).

Por fim, Russel (2005) explica que uma das mais distintas formas de resistência digital é a sua qualidade de conexão e de rede e que toda forma de oposição afiada, independentemente de sua eficácia ou de sua ideologia, é agora parte da rede de informações, disponível para cópia e adaptação pela vasta maioria de usuários em todas as partes. Dentro de um contexto em que cresce o medo de uma cultura autoritária, global e hegemônica, afirma Russel (2005), esses projetos acabam por ressaltar a independência e a pluralidade que existem no ambiente das novas mídias.

Moraes (2000), por sua vez, ao realizar uma análise da comunicação virtual e de sua relação com o alcance pleno da cidadania e de justiça social afirma, que, no Brasil, organizações as mais diversas da sociedade civil tais como “partidos, sindicatos, organizações não governamentais e até grupos guerrilheiros”, não obstante o fato de eventualmente atuarem de forma separada por possuir estratégias e táticas de ação distintas, encontram na esfera virtual possibilidades de difundir suas reivindicações e, para tal, sobrepujam os “filtros ideológicos e as políticas editoriais da chamada grande mídia” (MORAES, 2000, p.142). Ainda, o autor explica que tais grupos pertencentes à esfera da sociedade civil não têm a pretensão de, por meio do uso da internet, atingir milhares de pessoas (já que tal privilégio é obtido tão somente pelos meios de comunicação de massa), mas buscam, sim, disseminar suas idéias, obter o máximo de intercâmbios, interagir com quem quer apoiar, criticar, sugerir ou contestar e, por fim, “driblar o monopólio de divulgação, permitindo que forças contra-hegemônicas se expressem com desenvoltura, enquanto atores sociais empenhados no alcance da cidadania e justiça social” (MORAES, 2000, p.142). Para o autor, tais organizações, as quais fazem uso do espaço virtual para difundir seus pontos-de-vista e suas demandas, juntamente com os inúmeros indivíduos e grupos que se inserem na rede de forma espontânea, formam o que ele denomina como sendo uma “militância online” a qual “vem alargar a teia comunicacional planetária” (MORAES, 2000, p.142).

Em trabalho escrito no ano de 2007, o qual teve como intuito abordar os avanços e dilemas que estão relacionados à comunicação alternativa, às redes sociais e ao ativismo na web, Moraes (2007) afirma ser importante ter como foco de análise as intervenções na Web que se encontram em franca oposição à ideologia neoliberal sustentada, por sua vez, pela mídia global, e que está elevada em dois pilares, quais sejam, “a elevação do consumo à condição de instância máxima de organização societária; e a crença de que o incremento da

produtividade depende da liberação crescente e generalizada das atividades econômicas” (MORAES, 2007, p. 4). Assim, o autor adota como premissa a idéia, baseada no conceito de comunicação alternativa desenvolvida pelo Foro de Medios Alternativos, realizado na Argentina no ano de 2004, de que no âmbito da comunicação alternativa em rede “se busca construir espaços de afirmação de óticas interpretativas críticas e de práticas jornalísticas corporativas, com a finalidade de defender a diversidade informativa e valores éticos”. Já noção de comunicação alternativa, baseada, como afirmado acima, na definição aprovada no Foro, é, de acordo com Moraes (2007):

Aquela que atua como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalistas e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com uma clara tendência a democratizar a palavra e a informação (MORAES, 2007, p.4).

Dessa forma, o conceito de comunicação alternativa ou de alternatividade, conforme destaca o autor, está fundamentado em uma dupla inserção ideológica de um novo projeto comunicacional, ou seja, um alinhamento com processos de mudança social e um combate de modo sistemático ao sistema hegemônico. Está fundamentado, segundo Moraes (2007, p.4), “assumir visões transformadoras na relação com os leitores e a sociedade em geral, nos métodos de gestão, nas formas de financiamento e, sobretudo, na interpretação dos fatos sociais”. Por fim, faz-se relevante destacar cinco aspectos que Moraes (2007, p.4) aponta como estando diretamente relacionados à comunicação em rede “com direção contra-hegemônica” e que podem estar presentes na web. São eles:

a) oposição direta ao neoliberalismo e defesa da universalização dos direitos democráticos e da socialização das riquezas; b) descentralização informativa: qualquer ponto da rede pode estabelecer permutas com outros pontos, dificultando o controle pelas instâncias de poder; c) os dados podem ser difundidos sem submissão às diretrizes e às idiossincrasias da mídia; d) a dinâmica virtual incentiva a interlocução e a interação baseadas em visões de mundo convergentes; e) estoques de textos e materiais audiovisuais podem ser compartilhados com base no princípio inclusivo da “publicação aberta” (leitores podem adicionar comentários, publicar textos e/ou fotos sem prévio consentimento dos editores e aproveitar arquivos e bases de dados) e na adesão ao *copyleft* (permissão para reproduzir informações sem fins comerciais, desde que citada a fonte, evitando-se as barreiras impostas pela propriedade intelectual).

Ainda, vale destacar o alerta feito por Moraes (2007), o qual chama a atenção para falsas ilusões de que a esfera virtual encontra-se livre das contradições inerentes ao sistema

capitalista, o que já foi abordado mais acima a partir dos exemplos mencionados por Russel (2005). Assim, além da existência de dicotomias como o aperfeiçoamento do sistema financeiro graças à Internet, ao mesmo tempo em que se constata o ativismo anticapitalista, o autor destaca que “é um erro supor que as aberturas na Internet possam sobrepujar o cenário de transnacionalização da comunicação, inclusive no campo virtual”, em que as “corporações midiáticas fincam seus tentáculos com agressividade, controlando os sites mais populares e com isso atraindo crescentemente anúncios e patrocínios” (MORAES, 2007, p.11).

2.5. O Ativismo de Mídia como um Novo Movimento Social

De acordo com Moussa (2013), é impossível estudar as ligações entre os movimentos sociais e as mídias sociais sem olhar para os estudos que tem sido realizado sobre mídia alternativa. Dentre alguns dos autores que vêm desenvolvendo estudos nesse sentido, destacam-se aqueles elaborados por autores como Downing (2001), Juris (2005), Carroll e Hackett (2006) e Hackett e Carroll (2006). A mídia alternativa, segundo ele, é frequentemente definida por meio da comparação e do contraste com a grande mídia e do que esta representa. A ênfase sobre a forma de organização e sobre o processo de trabalho, e não apenas no conteúdo, é um argumento generalizado entre os críticos da mídia de massa que argumentam que a mídia convencional é organizada de forma não democrática e, ao mesmo tempo, é predominantemente mercantilizada. Um dos primeiros críticos neste campo foi Raymond Williams (*apud* Hamilton, 2000) que argumentou que a comunicação é o meio pelo qual as relações sociais são constituídas e praticadas, e, portanto, a mídia alternativa também deve propiciar uma comunicação alternativa que, em seu conjunto, possibilite a articulação de uma ordem social diferente e muitas vezes de oposição à ordem dominante. Assim, ele afirma que não se deve apenas alterar apenas o conteúdo da mensagem, tal como Baudrillard sustentava, mas que, na comunicação alternativa, o leitor e receptor devem ser empoderados para que possam escapar da armadilha da comunicação controlada (MOUSSA, 2013).

Assim, para ser capaz de promover a democracia e a justiça social na sociedade, a mídia deve adotar uma forma diferente de organização. Carroll e Hackett (2006, p. 84) formulam esta idéia claramente através da diferenciação entre dois conceitos distintos, mas relacionados, qual sejam o de “democratização dos meios de comunicação” e de “democratização através dos meios de comunicação”. Enquanto o primeiro demarca um campo em que ativistas de mídia tentam promover diferente ou formas alternativas de organizar a mídia, o segundo não se limita ao último, mas também pode ser o objetivo de

governos, entidades da sociedade civil e instituições diversas que tentam promover a democracia no seio da sociedade.

Outros autores observaram que os movimentos sociais fazem uso estratégico de mídia em sua ação, dentre outras coisas, para abranger o escopo do conflito. No entanto, por causa da relação assimétrica existente entre mídia e os movimentos sociais, estes últimos devem usar estratégias e ferramentas alternativas para fugir ao controle da grande mídia, a fim de dar suporte a suas lutas e se comunicar com outros indivíduos já identificados ou potencialmente interessados em suas causas. Alguns autores também argumentam que a mídia alternativa significa mais do que apenas ignorar a mídia tradicional.

Hamilton (2000), por exemplo, afirma que, se a comunicação é o meio pelo qual relações sociais são constituídas e praticadas, a mídia alternativa também deve propiciar a comunicação alternativa, o que torna possível a articulação de uma ordem social diferente e muitas vezes oposta à ordem dominante. Na mesma linha, Carroll e Hackett (2006) apontam que o uso da mídia alternativa por parte de movimentos sociais progressistas e de oposição envolve dois processos-chave: por um lado, esses movimentos utilizam a mídia alternativa para atingir vários objetivos em campos localizados fora do setor de mídia tradicional. Por outro lado, eles se esforçam para democratizar os próprios meios de comunicação, por meio da implementação e incorporação de práticas não mercantilizadas e não profissionalizadas, bem como estruturas que desafiam aquelas da mídia corporativa.

Conforme autores como Moussa (2013), o papel da mídia e da mídia estatal em apoiar e perpetuar regimes autoritários, por exemplo, em todo o mundo árabe, tem sido muito discutido em estudos acadêmicos e relatórios de mídia. Assim, ele justifica que é por essa razão que quando a Primavera Árabe eclodiu, símbolos da mídia estatal e privada estavam entre os principais alvos de militantes e ativistas, uma vez que eles sempre foram considerados um dos instrumentos mais visíveis da opressão. O autor afirma que, apesar disso, “construir um sistema de mídia democrática requer mais do que o desmantelamento do aparelho de propaganda do Estado e garantir a independência dos meios de comunicação e seu funcionamento” (MOUSSA, 2013).

Assim, ele afirma que, para os movimentos sociais, a principal garantia do florescimento de um sistema deste tipo é o uso da mídia alternativa capaz de promover a comunicação democrática e da cultura, e resistir à infrações do Estado e do capital. Como tal, os estudos sobre o papel dos meios de comunicação social na Primavera Árabe devem procurar explorar não só como eles foram usados para alcançar os objetivos dos movimentos sociais na

mudança política, mas também em que medidas eles vêm contribuindo para a construção de uma comunicação mais participativa e democrática (MOUSSA, 2013). Já pra McMillan (2006), a interatividade plena só acontece quando há um diálogo mútuo que não apenas propicie respostas, mas, em que exista um controle mais igualitário a todos os participantes, de modo que os papéis de emissor e receptor tornem-se indistinguíveis.

As abordagens sobre mídia alternativa também podem lançar luz sobre novas formas de ação coletiva onde a maior parte do ativismo envolve grupos e comunidades que não necessariamente possuem estruturas *offline* e presença. Para ilustrar essa afirmação, Moussa (2013) afirma que antes da erupção dos protestos de rua e revoltas populares na Tunísia e no Egito, por exemplo, as redes sociais, principalmente o *Facebook*, foram a principal arena da dissidência política e mobilização. Assim, algumas páginas do *Facebook* acumularam dezenas de milhares de membros, localizada no Egito e diáspora, formando assim uma comunidade *online* que se estendeu ao longo de geográfica e fronteiras políticas e geográficas (MOUSSA, 2013).

De acordo com Juris (2005), os ativistas de mídia independentes vêm fazendo uso particularmente eficaz de novas tecnologias por meio de formas táticas e alternativas de produção de mídia digital. Para ele, a mídia alternativa se constitui em fontes independentes de notícias e informação para além da lógica corporativa da imprensa. Já Downing (2001) analisou o que ele chamou de *mídia radical*, sendo estas diversos pontos de pequena escala, que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas. Tais meios de comunicação alternativos ou radicais, para o autor, também tendem a ser independentes, operados e auto-geridos por meio de participação horizontal ao invés de um modelo *top-down*. Assim, não apenas eles incorporam uma lógica mais ampla de estabelecimento de rede, mas se tornam cada vez mais localizados na esfera da Internet.

De acordo com autores como Downing (2001) e Juris (2005), o *Indymedia* pode ser considerado como sendo provavelmente o mais emblemático dentre todos os projetos de mídia digital alternativa. Assim, por meio do uso de *software* de publicação aberta desenvolvido pelo programador australiano Mathew Arnison, o primeiro tal projeto foi estabelecido durante a mobilização anti Organização Mundial do Comércio (OMC) na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. Os Jornalistas *Indymedia* faziam suas reportagens diretamente das ruas, enquanto ativistas faziam o *upload* de seus próprios textos, áudios, vídeo e arquivos de imagem. Em pouco tempo, segundo os autores, o *Indymedia* foi instalado e passou a funcionar em outras cidades dos EUA e Canadá como Filadélfia, Portland, Vancouver, Boston

e Washington, sendo que a rede se expandiu rapidamente em escala global para lugares como Praga, Barcelona, Amsterdã, São Paulo e Buenos Aires.

Ainda, conforme Juris (2005), durante ações de massa e reuniões, os centros do *Indymedia* tornaram-se dinâmicos centros de *hub*, particularmente entre os setores mais radicais. Durante a mobilização de dezembro de 2001 contra a União Europeia, em Bruxelas, por exemplo, o centro de convergência oficial estava situado em uma grande tenda ao ar livre, que abrigava principalmente ONGs localizadas em mesas de informações, gerando uma sensação de institucionalidade. Já o *Centro de Midia Independente* por outro lado, foi organizado em um antigo teatro no centro da cidade, sendo que o principal laboratório de computação estava cheio de atividade conforme os ativistas de mídia e manifestantes realizavam carregavam imagens e arquivos de áudio, disponibilizavam relatórios e informações *online* e editavam arquivos de vídeo. Ao mesmo tempo, o andar completo foi transformado em um projeto denominado como Radio Bruxxel, em que havia programação vinte e quatro horas por dia sobre a União Européia, imigração, exclusão social, guerra e auto-gestão.

No Brasil, outro movimento que chamou a atenção de muitos indivíduos e grupos interessados no debate sobre a hegemonia da mídia tradicional foi o Mídia Ninja, acrônimo para jornalismo independente, Narrativas e Ação. De acordo com Soares (2013), tal movimento se constitui em um grupo formado principalmente por jovens que têm como objetivo primordial o uso de tecnologias de informação e comunicação, tais como *smartphones* e redes sociais para disseminar eventos sócio-políticos e manifestações, especialmente protestos de rua e situações de repressão policial. A mídia Ninja tem sua origem em outro grupo denominado Fora-do-Eixo (FDE), uma rede coletiva criada em 2005, que organiza festivais de música e outros eventos culturais de forma independente (COSTA, 2013).

De acordo com Wattz (2013), esse movimento começou nas cidades brasileiras de Rio Branco, Cuiabá e Londrina, em 2005, e se espalhou para mais de 200 áreas e abrange uma universidade alternativa, um partido político e um sistema de financiamento. O Mídia Ninja, assim, é um braço de comunicação do movimento. Seu papel inicial era o de promover *shows* e transmissões ao vivo de concertos e conferências, mas rapidamente encontrou uma missão extra de cobertura de eventos nas favelas e pequenos protestos que sobre os quais não havia repercussão.

A visibilidade do grupo cresceu principalmente devido aos protestos públicos que ocorreram no Brasil em junho de 2013 e que teve como principal objetivo forçar os governos

locais a reduzirem as tarifas de ônibus que pouco antes haviam sofrido um reajuste expressivo que causou indignação da parte da população, especialmente a classe trabalhadora. Com o passar do tempo, os protestos passaram a visar a má qualidade de serviços públicos básicos, como a saúde e educação, e também os gastos para eventos como a Copa do Mundo e Olimpíadas, percebidos por muitos manifestantes como abusivos. Enquanto os protestos cresceram para mais de um milhão de pessoas em 52 cidades durante o torneio de futebol Copa das Confederações, os Ninjas viram um movimento de apoio expressivo a seu favor, porque as pessoas naquele momento estavam extremamente insatisfeitas com a cobertura de tais eventos por parte da grande mídia. A insatisfação aumentou depois que um famoso jornalista ligado às Organizações Globo chamou os protestos de "perda de tempo". Imediatamente, a mídia tradicional se tornou um alvo em si e era quase impossível para os jornalistas tradicionais cobrirem os protestos sem que sofressem algum tipo de inconveniente.

Também, o *Mídia Ninja* esteve entre os primeiros a coletar e transmitir imagens da violência policial contra os manifestantes. Grande parte da reportagem foi filmada e transmitida ao vivo a partir de telefones celulares. Outros materiais foram coletados a partir de imagens postadas *online* ou enviadas para o grupo através das mídias sociais. Além de ter ganhado mais apoio por parte dos manifestantes, os meios de comunicação mais tradicionais começaram a mencionar o grupo em várias de suas reportagens, e também transmitir algumas das imagens disponibilizadas pelo grupo. Já o objetivo do grupo é trazer informações sobre o Mídia Ninja para uma parcela maior da população brasileira. De acordo com o líder do movimento, eles lutam pela democratização da criação de conteúdo, o direito de informar as pessoas e, assim, modificar a configuração dos meios de comunicação, que está concentrada nas mãos de poucas pessoas (MAZOTTE, 2013).

Para Juris (2005), enquanto nos últimos anos os ativistas tiveram que contar com especialistas e os meios de comunicação de massa para circular suas mensagens, em grande parte devido aos elevados custos de transação e limitações de tempo, eles agora podem utilizar as tecnologias digitais para assumir grande parte deste trabalho eles mesmos, assumindo maior controle sobre o processo de produção de mídia, ao mesmo tempo reforçando a velocidade do fluxo de informações. Também, esses laboratórios de mídia temporários também facilitam a troca de informações, idéias e recursos, bem como a experimentação com novas tecnologias digitais, por meio das quais os ativistas de mídia adequam seus ideais políticos emergentes dentro de novas formas de espaço em rede, uma prática que o autor denomina de “utopias informacionais” (JURIS, 2005, p. 201).

Outro conceito que está diretamente relacionado às perspectivas de mídia alternativa e ativismo de mídia é o de *mídia tática*. De acordo com Juris (2005), ao invés de apenas se criar contra-espços públicos alternativos, a mídia tática tenta intervir de forma criativa nos terrenos da mídia dominante. Isto “pode envolver a justaposição de incomensuráveis elementos para gerar significados subversivos, como na ‘comunicação de guerrilha’ ou a paródia de anúncios e logotipos corporativos para produzir mensagens críticas, o que os ativistas chamam de “improviso cultural” (JURIS, 2005, p. 202).

Já o *Hacktivismo* ou a desobediência civil eletrônica constitui uma dimensão final da mídia tática. Assim, alguns grupos defendem que os ativistas devem operar ao longo da esfera virtual usando a transgressão digital e bloqueios táticos. Enquanto alguns afirmam que desobediência civil eletrônica deveriam ocorrer de maneira menos visível, outros promoveram uma abordagem mais pública ao protesto digitais. Juris (2005) exemplifica o que seriam ações de hacktivismo e afirma que, durante os protestos de Seattle, por exemplo, "virtual sit-in ", por exemplo, as táticas digitais incluíram a "bomba e-mail" e "sequestro ", em que os navegantes eram automaticamente redirecionados de um *site* para outro. Outro exemplo ocorreu no México, em que páginas do governo mexicano eram constantemente sobrecarregadas em função da invasão em massa de ativistas que atuavam em favor da ação do movimento Zapatista. Juris (2005), entretanto, afirma que as ações virtuais raramente conseguem derrubar completamente seus alvos, mas que muitas vezes geram significativa atenção da mídia.

Além dos objetivos táticos específicos, a mídia alternativas e tática ambas envolvem experimentação contínua com as novas tecnologias , que formam uma cultura de rede ativista emergente. Além disso, os ativistas de mídia cada vez mais expressam seus valores políticos mais amplos , projetando-os para os terrenos físicos e virtuais através de formas horizontais de colaboração digital. Já encontros de ativistas contemporâneos, como os foruns sociais regionais, também fornecem espaços concretos para a prática de utopias informativas (JURIS, 2005).

Uma abordagem mais específica do fenômeno do ativismo de mídia como um novo movimento social foi desenvolvida por Carroll e Hackett (2006), que propõem analisar o ativismo de mídia através da lente da teoria dos novos movimentos sociais. Assim, eles denominam tal movimento por meio da expressão *ativismo de mídia democrático*. O termo está relacionado ao fato de que a reforma de mídia e ativismo pode ser politicamente conservador ou mesmo reacionário, no sentido de reforçar padrões de hierarquia e de exclusão

Como exemplos, os autores lembram as campanhas por parte de grupos religiosos fundamentalistas contra políticas ou representações direcionadas a contemplar os direitos dos homossexuais ou o monitoramento da mídia por institutos que defendem uma política de livre-mercado e que possui como intuito procurar jornais que eles acreditam estar se desviando da agenda neoliberal.

Nesse sentido, Carrol e Hacket (2006) esclarecem que seu foco está no ativismo de mídia que é democrático e progressista - no sentido de procurar uma divisão mais igualitária de recursos e *status* político, econômico, social, cultural e / ou informacionais. Eles argumentam que tal tipo de ativismo na sociedade civil é uma força motriz chave (embora não a única) de democratização da mídia, que contempla esforços para alterar as mensagens da mídia, práticas, instituições e contextos (incluindo políticas de comunicação estatais) em um sentido que reforce os valores democráticos e subjetividade, bem como a igualdade de participação no discurso público e da sociedade na tomada de decisões.

Os autores argumentam que o ativismo de mídia democrático, em geral, divide com os novos movimentos sociais uma série de recursos, uma vez que estes “contestam não apenas os ‘códigos’ de comunicação, mas toda a rede de relações e práticas sociais através do qual os códigos são produzidos e disseminados” (CARROLL E HACKETT, 2006, p. 95) Consequentemente, o ativismo mídia democrático em si pode ser retratado como sendo um novo movimento social: uma forma reflexiva de ativismo em que os meios de comunicação são encarados como sendo tanto um meio como um fim para as diversas lutas engendradas por tais grupos e, nesse sentido, uma de suas principais bandeiras está na democratização dos meios de comunicação e na crítica ao controle corporativo da comunicação de massa, sendo eles, por essa razão, denominados de ativistas de mídia. As novas tecnologias de comunicação, segundo os autores, reduzem drasticamente os custos da comunicação e possibilitam novas oportunidades para a prática do ativismo de mídia (CARROLL E HACKETT, 2006).

Carroll e Hackett (2006) explicam que grande parte dos movimentos ativistas de mídia implica na tentativa de lançar mão de práticas emancipatórias, tendo em vista que a própria idéia de democratizar a comunicação – por meio da criação de diálogos inclusivos como forma de substituir os canais monológicos típicos da mídia de massa e a ampla defesa do direito universal à comunicação – expressam uma aspiração por parte de tais movimentos a um mundo descolonizado, idéia essa que está fundamentada na noção de emancipação oriunda do pensamento de Habermas e em sua teoria da ação comunicativa e seu pensamento

sobre a esfera pública. Carroll e Hackett (2006), explicam, nesse sentido, que a luta que ocorre no âmbito da sociedade civil para democratizar a comunicação parece satisfazer certos critérios para denominá-la como um movimento social, pois está baseada em redes de ativistas e culturas dissidentes; emprega um repertório extra de ação que requer a mobilização de recursos-chave tais como trabalho e tecnologia; e amplia o projeto da modernidade de razão e justiça, que impulsionou grande parte dos movimentos sociais modernos.

Ainda, conforme Carroll e Hackett (2006), por um lado, o foco de estratégia do ativismo de mídia – a comunicação em si - e seu repertório de ação – diversidade cultural, monitoramento da mídia, ativismo de internet, dentre outras – são suficientemente novas para transformar as estratégias implementadas pelos movimentos de protesto, tornando mais reflexiva a ação coletiva. Os autores afirmam, também, em uma crítica à teoria dos novos movimentos sociais de Mellucci, que alguns tipos de ativismo de mídia focam de forma mais específica em questões de conteúdo, mas que muitos ativistas de mídia se colocam não apenas como sendo um desafio simbólico para as elites, mas também um desafio para o próprio sistema de produção simbólica, constituindo-se em uma crítica à economia política de comunicação de massa e em um esforço para construir alternativas democráticas.

Entretanto, Carroll e Hackett (2006) também explicam que o ativismo de mídia está caracteristicamente associado a outras causas ativistas, o que significa que ele está constantemente transgredindo fronteiras políticas, o que acaba por resultar em uma falta de identidade coletiva. Entretanto, diz os autores que “se essa forma de ativismo diz respeito mais a construir uma ‘política de conexões’ do que construir seu próprio sistema de ação, a falta de uma identidade coletiva regularizada e clara entre ativistas” pode de alguma forma “indicar o sucesso em construir círculos sociais inter-setoriais que coalizões políticas radicais requerem” (CARROLL E HACKETT, 2006, p.100).

Já para Hackett (2008), a democratização da mídia não vai ocorrer como um subproduto 'natural' de lógicas sociais dominantes e que, pelo contrário, a democratização da mídia se constitui um desafio para a centralização do poder político nas mãos de estados, sejam estes constituídos por governos autoritários ao estilo antigo, ou a “autoridade do mercado” que precisavam reforçar os padrões globais de desigualdade, a exclusão, a expropriação, exploração e coerção associadas ao neoliberalismo. Além disso, o autor, a realização plena da democratização da mídia implica um ambiente propício que vai muito além do campo da mídia, para incluir também um arcabouço jurídico de apoio, uma redistribuição de material e de recursos simbólicos e uma cultura que privilegie valores de respeito e participação.

Assim, Hackett e Carroll (2008) afirmam que as razões acima mencionadas fazem com que a democratização da comunicação possa ser considerada como um “processo de movimento social”. Para eles, na melhor das hipóteses, os movimentos sociais incorporam algumas das práticas de comunicação democrática, mas, além disso, a escala de transformação necessária para atualizar a democracia comunicativa em nível social exige a mobilização de energias do movimento.

Carrol e Hackett (2006) e Hackett e Carroll (2008), ao mencionarem as principais abordagens que vêm sendo utilizadas no âmbito dos estudos sobre mídia para se tratar a temática do ativismo de mídia, afirmam que as tradições existentes no âmbito da teoria dos movimentos sociais podem fornecer alguma orientação com relação á questões discutidas anteriormente, sobretudo as teorias que têm sido desenvolvidas na Europa Ocidental e nos EUA durante as últimas três décadas. Segundo os autores, estas são normalmente discutidas sob a ótica de dois paradigmas: a abordagem majoritariamente norte-americana de mobilização de recursos ou *resource mobilization theory* (RMT) e as teorias predominantemente europeias sobre novos movimentos sociais. A Teoria da Mobilização de Recursos se concentra principalmente em como os movimentos formam e se envolvem na ação coletiva. Já as formulações sobre os novos movimentos sociais se concentram principalmente em tentar entender a razão pela qual formas específicas de identidade e ação coletivas apareceram nos EUA e na Europa no fim do século XX e também se preocupam com seu significado sociopolítico.

Por implicação, as análises com base na Teoria da Mobilização de Recursos tendem a estar localizadas no nível meso contextual e localizadas entre os níveis micro e macro, e se restringem às condições que permitem ou impedem a mobilização do movimento. Já as formulações baseadas na abordagem de Novos Movimentos Sociais são particularmente mais direcionadas ao contexto mais amplo e às transformações macro-sociológicas que criaram novos contextos para a formação da identidade coletiva. A RMT oferece uma concepção sobre práticas de movimentos que enfatiza *interesses compartilhados* e *formas de organizações sociais* que decorrem de processos de mobilização social, no momento em que um grupo social se engaja na busca de seus interesses comuns. As teorias sobre novos movimentos sociais, em contraste, percebem os movimentos menos como organizações de interesse comum e mais como novas formas de identidade coletiva engajadas em lutas discursivas que não apenas transformam a auto-compreensão das pessoas, mas que também

desafiam a legitimidade dos códigos culturais e pontos de vista recebidos (CARROLL E HACKETT, 2006, p.87).

Já autores como Eltantawy e Wiest (2008) explicam que a Teoria da Mobilização de Recursos é baseada na noção de que os diferentes recursos, tais como tempo, dinheiro, capacidade de organização e certas oportunidades políticas ou sociais são fundamentais para o sucesso dos movimentos sociais. Afirmam eles que, em seu início, a teoria se distinguia de teorias anteriores sobre a ação coletiva em seu tratamento à respeito dos movimentos sociais como atividades racionais, normais, e enraizadas institucionalmente que são estruturadas e padronizadas, o que permitiu a análise em termos de dinâmica organizacional. Embora os tipos de recursos variem entre os movimentos sociais, a disponibilidade de recursos aplicáveis e também das habilidades dos atores em usá-los de forma eficaz, são críticas. Em contraste com as variáveis psicológicas consideradas por outras teorias de movimentos sociais, a Teoria da Mobilização de Recursos foi a primeira a reconhecer a importância das influências que vêm de fora do movimento social em estudo. Ainda, os autores afirmam que a teoria tem sido criticada por pressupor uma constância do descontentamento e interesses coletivos dos movimentos sociais com o passar do tempo, sua ênfase exagerada sobre o significado de recursos externos, e sua incapacidade de abordar adequadamente movimentos sociais que começam com recursos bastante significativos ou aqueles instigados por outros grupos minoritários (ELTANTAWY e WUEST, 2008).

Mizocsky (2009), por sua vez, afirma que a Teoria da Mobilização de Recursos surgiu em meados da década de 1960, quando um grupo de pesquisadores passou a desenvolver argumentos políticos e organizacionais para tratar da insurgência social, transferindo o foco do comportamento individual para a ação coletiva. Esses trabalhos, segundo ela, questionavam as perspectivas que reduziam o fenômeno coletivo à convergência de comportamentos individuais, e com um enfoque a partir da psicologia e entendendo os movimentos como meras respostas reativas a crises sociais. Na concepção de ação coletiva proposta por essa abordagem, “os indivíduos se agregam com o objetivo de solucionar problemas que não poderiam ser enfrentados de outra maneira; ou seja, uma afetação sentida individualmente é canalizada, com elevados custos, para o nível coletivo, entendido como a maximização das ações individuais”. Ainda, “há, também, a pressuposição de que a ação coletiva só é viável na presença de incentivos adequados e de estruturas de significados compartilhados” (MIZOCSKY, 2009, p.1167). Nesse sentido, a autora estabelece uma relação

entre tal abordagem e a abordagem de redes, enfatizando sua perspectiva racional e sua a-historicidade, como fica claro no trecho abaixo:

É bastante fácil perceber as afinidades que permitem a aproximação dessa base teórica com a abordagem de redes sociais: a ênfase na escolha racional de indivíduos que irão compor coletivos; a ação coletiva como instrumento para a busca de fins; a oportunidade propiciada por laços sociais prévios ou por definições já institucionalizadas; a oportunidade decorrente de arranjos preexistentes de circulação de informações e propícios ao desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas; a importância de estruturas de significados compartilhados. Como essa base teórico-conceitual que compõe o *mainstream* dos estudos sobre movimentos sociais possui a mesma origem que as formulações sobre redes oriundas do utilitarismo racional (ação com propósito com base em escolhas racionais); do funcionalismo estrutural (cooperação baseada em aspectos cognitivos normatizados e geradores de confiança); e da sociologia econômica (estruturas de suporte a trocas sociais), a aproximação entre as duas se realiza de modo fácil e coerente. Nos estudos mencionados está, portanto, uma tendência ao predomínio do funcional e da descrição a-histórica. Na maior parte das vezes são abordagens heurísticas que buscam padrões a partir da modelagem de fluxos de informação, influência e ação; consideram que a ação é imitativa ou induzida pela influência de terceiros ou pela mídia; são despolitizadas, em contradição com a natureza do próprio objeto — essencialmente político. A categoria poder está ausente ou, quando presente, apenas como uma função da estrutura. (MIZOCSKY, 2009, p.1168).

Para que se possa escapar das amarras impostas pelos pressupostos vinculados à abordagem de rede quando se analisa movimentos sociais, especialmente no que diz respeito ao seu extremo racionalismo, utilitarismo e sua despolitização, Misozsky (2009) sugere que estudiosos dessas organizações considerem a noção de poder em seus estudos e que levem em conta conceitos como o de *subversão herética* desenvolvido por Bourdieu e que está relacionado à realização da crítica social e epistemológica, ou seja, o questionamento do senso comum e do que está estabelecido, para que possa criar outro futuro diferente da ordem das coisas. A autora também defende que o conceito de redes seja utilizado como metáfora no âmbito dos estudos sobre movimentos sociais, e não como modelo por meio do qual se busca uma verdade a-histórica.

Assim, parece ser possível afirmar que a abordagem do Ativismo de Mídia Democrático, como um novo movimento social, pelas razões apresentadas anteriormente e por fugir do extremo racionalismo que permeia a abordagem de redes, parece ser mais propício para se explicar o fenômeno que aqui se deseja compreender. Hackett e Carroll (2008) afirmam que seria útil abordar o recente surgimento de coalizões pela reforma da mídia e o próprio ativismo de mídia democrático à luz da teoria dos movimentos sociais, complementado com a teoria de campo de Pierre Bourdieu. Assim, a partir da técnica de análise de campo de Pierre Bourdieu, os autores consideram que o Ativismo de Mídia Democrático vem promovendo uma intervenção no campo da mídia como uma esfera institucional relativamente autônoma,

com suas próprias lógicas, posicionamento de agentes e formas de capital (recursos) pelos quais eles competem. O campo de mídia no interior dos Estados nacionais mais avançados, segundo os autores, possui características que ajudam a condicionar a natureza do Ativismo de Mídia Democrático, sendo elas: a) alta capacidade de intervir no funcionamento de outros campos (como o da política e o da economia), vulnerabilidade à influência dos campos políticos e econômicos, e até mesmo subordinação aos mesmos; b) limites que são porosos e mal definidos: há que se considerar a dificuldade existente na definição de quem é jornalista em um contexto no qual os *blogs* e o chamado jornalismo-cidadão ganha força na internet, ao mesmo tempo em que provedores tradicionais do jornalismo *mainstream* (as corporações de mídia) renunciam seus investimentos nos modelos tradicionais de comunicação e transformam seu conteúdo de notícias em conteúdo de entretenimento comercializável (HACKETT e CARROLL, 2008, p.4).

Por fim, autores como Poster (2002) afirmam não acreditar que o espaço político que se está abrindo ou que pode ser aberto na Internet seja um reino utópico de igualdade e liberdade. Afirmo o autor que cada área da Internet, desde o e-mail até as salas de bate-papo, passando pelas páginas da Web contém suas próprias formas de hierarquia e controle, manipulações e riscos. Nesse sentido, o autor parece ir ao encontro de advertência feita por outros autores como Moraes (2000; 2007) que também fazem a advertência de que não se deve celebrar a esfera da Internet como um espaço dotado por uma plena igualdade entre os atores que nela atuam, uma vez que tais tecnologias foram criadas e continuam sendo apropriadas pelo modelo capitalista neoliberal, sendo elas essenciais, especialmente para atores de peso como o mercado financeiro. Entretanto, Poster (2002) também afirma que a Internet pode introduzir formas políticas pós-nacionais devido à sua arquitetura interna, seu novo registro de tempo e espaço, sua nova relação do ser humano com a máquina, do corpo à mente, o seu novo imaginário, e sua nova articulação entre cultura e realidade. O mesmo autor também afirma, com base em Pierre Lévy, que apesar do que pode aparecer na televisão como uma celebração da harmonia da Internet com o Estado-nação e a economia global, as novas mídias oferecem possibilidade para a construção de discussões políticas planetárias, sujeitos em rede que serão múltiplos, dispersos e virtuais, bem como nós de uma rede de inteligência coletiva.

3. METODOLOGIA

A opção por qualquer método a ser utilizado em um processo de pesquisa deve estar intimamente relacionado, em primeiro lugar, à visão de mundo que o pesquisador carrega consigo, bem como os valores que orientam sua forma de perceber e agir na realidade em que encontra-se inserido. Tal afirmação vai ao encontro de afirmação feita por Morgan (1983) que, ao discorrer sobre a escolha de métodos particulares na elaboração de um trabalho de pesquisa social, explica que aquela ocorre devido ao fato de que “possuímos concepções implícitas ou explícitas sobre o que estamos tentando realizar em nossa pesquisa” (MORGAN, 1983, P.11), isto é, formas de perceber um fenômeno específico que estão intimamente relacionados aos valores do pesquisador e que exercem grande influência na natureza da teoria e da pesquisa.

Nesse sentido, o presente projeto de tese pode ser classificado como sendo uma pesquisa de natureza qualitativa, assumindo, ao mesmo tempo, uma orientação epistemológica de caráter estruturalista, conforme a abordagem de Pierre Bourdieu, e uma orientação metodológica fundamentada na Análise de Discurso.

De acordo com Vieira (2004), a pesquisa qualitativa, historicamente, vem sendo mais utilizada por determinadas áreas das Ciências Sociais como a antropologia, história e ciência política. O autor define esse tipo de pesquisa como aquela que “se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não-utilização de instrumental estatístico na análise de dados” (VIEIRA, 2004, p.17).

Vieira (2004) explica que a pesquisa qualitativa, não raras às vezes, é alvo de críticas por parte de estudiosos que alegam ser ela muito subjetiva quando comparada com a pesquisa quantitativa e seus métodos científicos rigorosos. Entretanto, ele argumenta que a pesquisa qualitativa também pode lançar mão de procedimentos rigorosos, como “a definição explícita das perguntas de pesquisa, dos conceitos e das variáveis, bem como uma descrição detalhada dos procedimentos de campo” (VIEIRA, 2004, p.18).

Para Goulart e Carvalho (2005), a contribuição da pesquisa qualitativa é bastante importante para que se possa desenvolver estudos na área da administração, especialmente quando o objetivo for compreender as “organizações complexas, seus processos, estruturas, contexto, inter-relações” (Goulart e Carvalho, 2005, p.137). Dessa forma, os fenômenos que se passam no interior das organizações, para as autoras, podem ser entendidos de maneira mais rica e aprofundada quando a análise realizada pelo pesquisador ocorre a partir de suas interpretações ou condições.

Bauer, Gaskell & Allun (2002, p.32), por sua vez, consideram que um dos principais enfoques no que tange à pesquisa qualitativa defende a idéia de que “é necessário compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estes que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social”. Indo ao encontro dessa afirmação, Gaskell (2008) também afirma que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2008, p.68).

Para Creswell (1998), a investigação qualitativa deve buscar alcançar, acima de tudo, um conhecimento profundo sobre algum fenômeno social. Assim, ele afirma que “a pesquisa qualitativa é um processo de investigação baseada em tradições metodológicas distintas que explora um problema humano ou social”. Assim, “a pesquisa constrói um arcabouço complexo e holístico, analisa palavras, informa pontos de vista detalhados dos informantes e conduz o estudo em seu contexto natural” (CRESWELL, 1998, p.15).

Já Demo (2004), ao discorrer sobre a pesquisa de natureza qualitativa, afirma que os fenômenos qualitativos devem ser captados qualitativamente, sem que se perca de vista sua formalização empírica no campo do método científico. Entretanto, ele diz que, ainda que a pesquisa qualitativa também formalize, ela procura preservar a realidade acima do método e que a informação qualitativa é aquela que pode “ser manipulada cientificamente, permitindo tanto sua melhor compreensão, quanto, sobretudo, condições de intervenção e mudança” (DEMO, 2004, p. 10). Também, ele afirma que:

Entendo pesquisa como diálogo inteligente e crítico com a realidade, tomando como referência que o sujeito nunca dá conta da realidade que o objeto é sempre também um objeto-sujeito. A realidade tanto se mostra quanto se esconde. Se a ciência soubesse exatamente o que é a realidade, não seria necessária (DEMO, 2004, p.10).

Por fim, Demo (2004), ao abordar a pesquisa qualitativa, associa esta ao conceito de intensidade, que está relacionado à busca permanente por profundidade e plenitude dos fenômenos qualitativos a serem analisados. Segundo ele, a intensidade é uma característica própria de “fenômenos complexos que mesclam seus componentes de modos ordenados e desordenados” e que são assim “não só por que estão dotados de componentes múltiplos, mas, sobretudo porque são ambíguos” (DEMO, 2004, p. 16).

3.1. Delineamento da Pesquisa

O presente trabalho, conforme afirmado anteriormente, pode ser caracterizado como sendo de natureza qualitativa, sendo o tipo de corte o seccional com perspectiva longitudinal e o nível de análise o campo organizacional. De acordo com Vieira (2004, p.21), o corte seccional com perspectiva longitudinal caracteriza-se por ser uma “pesquisa na qual a coleta de dados é feita em um determinado momento, mas resgata dados e informações de outros períodos passados”. O autor explica também que nesse corte “o foco está no fenômeno e na forma como se caracteriza no momento da coleta, e os dados resgatados no passado são, normalmente, utilizados para explicar a configuração atual do fenômeno”. Ainda, segundo Vieira (2004, p.21), quando o nível de análise é o do campo, “o objeto central de interesse da pesquisa é um conjunto de organizações”. No presente estudo, o objeto central de interesse é o conjunto de organizações que compõem o campo da blogosfera política alternativa no Brasil.

A pesquisa, também, pode ser classificada como sendo de caráter descritivo-explicativo. Conforme Vergara (2004, p.47), a pesquisa descritiva “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno”. Em um estudo dessa natureza, portanto, o observador procura observar determinados fenômenos, descrevê-los, e, por último, interpretá-los. No caso desse trabalho, busca-se realizar tais atribuições no que diz respeito ao campo da blogosfera política alternativa no Brasil e, ainda, realizar a interpretação do fenômeno por meio do estabelecimento de relações entre categorias, o que faz com que ele possa ser classificado, também, como sendo de natureza explicativa.

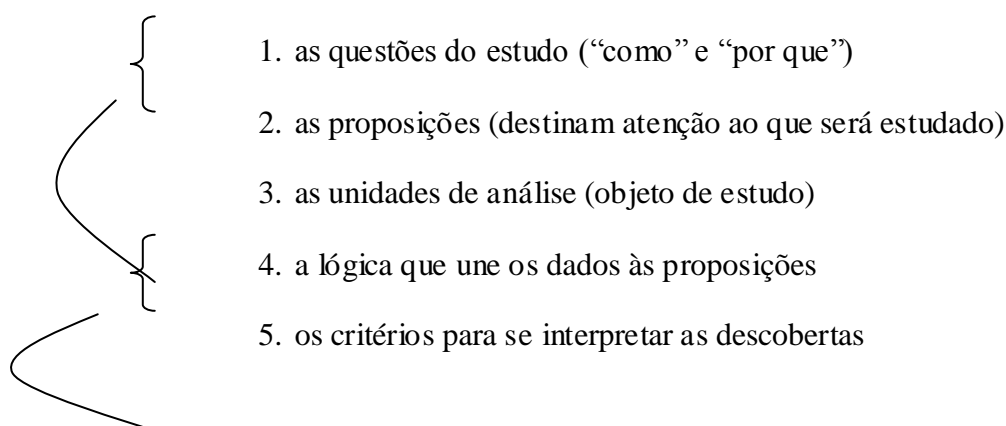
No que diz respeito à estratégia de pesquisa adotada, pode-se afirmar que esta se constitui em um estudo de caso único, uma vez que, para que o problema de pesquisa aqui proposto seja alcançado, escolheu-se analisar as práticas organizativas que orientam um movimento específico que se localiza no campo da mídia no Brasil, o *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*.

De acordo com Gil (1998), o método do estudo de caso constitui-se em uma estratégia de pesquisa que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento sendo que tal estratégia não possui o intuito de realizar generalizações. Nesse sentido, o autor coloca que “os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população”, mas o de “proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados” (GIL, 1998, p.55).

Visto que nem sempre fenômeno e contexto estão dissociados e bem discerníveis na vida real, a investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Como consequência, baseia-se em várias fontes de evidências, com dados precisando convergir, e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados.

Stake (2003) trata o método não como uma escolha metodológica, mas uma escolha vinculada ao objeto estudado, com enfoque no caso individual em si, não no método utilizado. O projeto de estudo de caso é enfatizado em sua capacidade de otimizar o entendimento e não pela possibilidade de generalização.

Os componentes precedentes do projeto de pesquisa importantes em um estudo de caso são:

- 
1. as questões do estudo (“como” e “por que”)
 2. as proposições (destinam atenção ao que será estudado)
 3. as unidades de análise (objeto de estudo)
 4. a lógica que une os dados às proposições
 5. os critérios para se interpretar as descobertas

Componentes que indicam quais dados deverão ser coletados

Componentes que indicam o que fazer com os dados

Tratar dos cinco componentes do projeto implica iniciar a formulação de uma teoria preliminar ao tópico de estudo. Caso se deseje determinar ou testar a teoria, é essencial desenvolvê-la previamente antes da coleta de dados. O esquema do projeto e a definição clara dos cinco componentes exigem proposições teóricas. Também, deve-se elaborar uma teoria concorrente, que será verificada em contraposição à primeira, ao longo do estudo de caso. Em alguns tópicos, os trabalhos existentes podem oferecer uma estrutura teórica para se projetar um estudo de caso específico, com teorias a serem demonstradas. Em outros, a teoria emergirá do próprio estudo em si (EISENHARDT, 1989). Ainda, em outras situações, a teoria apropriada pode ser descritiva e seu interesse deve voltar-se a questões do tipo: (i) o propósito do estudo descritivo; (ii) a ampla variedade de tópicos que pode ser considerada numa

descrição completa do que está sendo estudado e (iii) os prováveis tópicos que serão a essência da descrição.

Nos tópicos em que a base de conhecimento existente não é bastante para fornecer uma estrutura teórica ou hipótese conceitual, será caracterizado um estudo exploratório, precedido por afirmações sobre: (i) o que será explorado; (ii) o propósito da exploração e (iii) os critérios através dos quais se julgará a exploração como bem-sucedida.

São alguns tipos de teoria a serem consideradas em estudos de caso: teorias individuais sobre comportamento, teorias de grupo, teorias sociais e teorias de tomada de decisão. A teoria é o nível no qual poderá ocorrer a generalização dos resultados da pesquisa (generalização analítica).

Já os projetos de casos múltiplos, ainda que possam ser considerados mais convincentes, não atendem à mesma fundamentação do estudo de caso único, por exemplo, quando em casos raros ou extremos. Eles devem ser conduzidos sob a lógica da replicação literal (prever resultados semelhantes) ou replicação lógica (produzir resultados contrastantes apenas por razões previsíveis) e como se cada caso fosse um estudo individual em si, para que, posteriormente, se busquem análises e conclusões cruzadas que permitam a modificação da teoria original e se faça o relatório de casos cruzados.

Visto a pesquisa representar um conjunto lógico de proposições, após realizada, o pesquisador pode avaliar a qualidade de seu projeto, de acordo com alguns testes lógicos, que julgarão sua fidedignidade, credibilidade, confirmabilidade e fidelidade dos dados.

Eisenhardt (1989), traz um potencial especialmente importante do estudo de caso: a capacidade de construção de teorias, apresentando um guia abrangente de como fazê-lo. Esta autora entende que o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que enfoca o entendimento da dinâmica presente num cenário único e pode, porém, empregar um desenho de análise do cenário em níveis múltiplos – por exemplo, analisar, em dois níveis diferentes para um mesmo estudo, uma firma e a indústria a que ela pertence.

A mesma autora, em sua abordagem metodológica, indica que a teoria desenvolvida terá importantes qualidades, como inovação, testabilidade e validação empírica, intimamente ligada às evidências obtidas e conclui que a pesquisa de casos será considerada robusta se apresentar teorias interessantes ou ruptoras que passem em testes de confiabilidade (EISENHARDT, 1989).

No que se refere a estudos de casos múltiplos, Eisenhardt (1989) recomenda que o pesquisador deveria parar de adicionar casos logo que encontre a saturação teórica, ponto onde o incremento de aprendizado passa a ser mínimo, pois os pesquisadores já observaram outros casos semelhantes.

Stake (2005) trata o método não como uma escolha metodológica, mas uma escolha vinculada ao objeto estudado, com enfoque no caso individual em si, não no método utilizado, sendo o processo de aprender sobre o caso um produto de nosso próprio aprendizado.

Por fim, Stake (2005) traz ainda uma contribuição ao método, no que diz respeito ao estilo da narrativa no relatório de pesquisa: ao se efetuar a narrativa do caso, as escolhas de estilo podem ser dos tipos: realista, impressionista, confessional, crítico, formal, literário ou combinado. O estilo tem importante influência no aspecto da compreensão do contexto e dos fatos relevantes à pesquisa.

3.2. Os Procedimentos de Coleta dos Dados

Para que fosse possível a construção inicial do *corpus* de pesquisa, realizou-se, em um primeiro momento, uma coleta que permitiu a obtenção de dados sobre o campo da comunicação no Brasil, de forma que fosse possível elaborar uma reconstituição histórica do processo de gênese deste último de forma mais aprofundada. Os dados foram coletados em livros que narraram a trajetória do campo, publicações acadêmicas, documentos disponíveis em meios diversos, reportagens de jornais e/ou revistas e páginas disponíveis na internet. As informações coletadas nessa fase permitiram compreender, ainda que de forma inicial, os eventos considerados mais significativos na história do campo, as organizações que nele atuavam no passado e que atuam no presente momento. A coleta de dados proveniente de tais fontes impressas e eletrônicas foi também essencial para que se caracterizasse os papéis desempenhados pelos principais agentes que ocuparam o campo da mídia ao longo do tempo, bem como a importância que tais agentes detinham no que tange à produção e distribuição da informação no interior dessa estrutura.

A obtenção de dados relativos ao campo da comunicação foi essencial para reconstituir as transformações de tal espaço social no que diz respeito à posição que seus principais agentes ocupavam ao longo do tempo, os recursos de poder que eles detinham e aqueles que por eles eram objeto de disputa mais acirrada e, mais ainda, as condições que tornaram possível o surgimento do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)* no âmbito desse campo. Tal fenômeno ocorreu graças à utilização das novas tecnologias digitais, que abriram caminho

para que ocorresse uma alteração no que diz respeito ao processo de produção, distribuição e consumo da informação, sendo esta o principal bem associado ao campo analisado.

Após a consecução da etapa acima, foi realizada coleta de dados em fontes disponíveis tanto por meios eletrônicos, mais especificamente na Internet, e, também, por meio de entrevistas semi-estruturadas e de participação de eventos realizados por agentes pertencentes ao campo em análise. Tal etapa foi essencial para que se alcançasse os objetivos específicos que levaram ao alcance do objetivo final da pesquisa.

3.2.1. Os Dados Provenientes de Publicações Eletrônicas

No que diz respeito mais especificamente aos dados provenientes de fontes eletrônicas, estes foram essenciais para se analisar as práticas discursivas dos grupos e organizações pertencentes ao movimento *BlogProg* no que diz respeito à como esses agentes criam estratégias com o intuito de subverter as práticas tradicionais de produção e distribuição da informação implementadas pelas organizações ligadas à mídia corporativa.

Dessa forma, foram selecionados *posts* publicados em *sites* e *blogs* políticos detidos por indivíduos, grupos ou organizações que possuam algum tipo de identificação com o movimento aqui analisado, o *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*. Considera-se, no presente trabalho, que os conflitos percebidos no interior do campo da comunicação se devem em grande parte ao surgimento de tal movimento e, por esta razão, a análise deste último permite que algumas conclusões a respeito do próprio campo sejam realizadas.

O primeiro critério que foi utilizado para que coleta por meio da observação *online* fosse iniciada foi a seleção de *blogs* cujos responsáveis participaram da criação do movimento *BlogProg*, já que eles podem ser considerados precursores deste último. O segundo critério utilizado foi a seleção de *blogs* ou *sites* mencionados de forma freqüente pelos entrevistados como relevantes na blogosfera política alternativa e que possua algum vínculo direto ou indireto com o movimento. O quadro 1 abaixo mostra os *blogs* ou *sites* em que foi realizada observação *online* ao longo do processo de pesquisa:

Quadro 1: Lista de *blogs* e *sites* analisados

Nome do <i>Blog</i> ou <i>Site</i>	Período em que foi realizada observação <i>online</i>
Blog da Cidadania	2010-2013
Blog do Mello	2010-2013

Blog do Nassif	2010-2013
Blog do Rovai	2010-2013
Brasília, eu vi	2010-2013
Cloaca News	2010-2013
Conversa Afiada	2010-2013
Maria Frô	2010-2013
Megacidadania	2012-2013
O Cafezinho	2011-2013
O Escrevinhador	2010-2013
Óleo do Diabo	2010-2011
Vi o Mundo	2010-2013

Fonte: Elaborado pelo autor

3.2.2. Os Dados Provenientes de Entrevistas

Na fase posterior do trabalho, foi realizada pesquisa de campo com o intuito de se obter dados primários relativos à área investigada. Uma pesquisa de campo, segundo Vergara (2004, p.47), é uma “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”. A coleta de dados primários por meio das entrevistas é imprescindível para que se possam esclarecer questões que não tenham sido abordadas em outras fontes pesquisadas ou que tenham sido abordadas de forma incompleta, bem como para que se possa responder às perguntas de pesquisa propostas neste projeto.

As entrevistas semi-estruturadas, de acordo com Triviños (1987, p.146) é aquela que ao contrário das entrevistas livres ou abertas, “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. Dessa forma, a elaboração de roteiros semi-estruturados de entrevistas necessita que o pesquisador defina previamente os temas que serão abordados no decorrer da entrevista, o que não significa dizer que o entrevistado não tenha a liberdade para abordar outros pontos além daqueles que estão no roteiro, caso queira fazê-lo

As perguntas feitas aos entrevistados, conforme Triviños (1987), não são apenas decorrentes da teoria que fundamenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social pelo qual está interessado, além da importância da própria escolha dos contatos selecionados para serem entrevistados.

Dessa forma, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com blogueiros e ativistas digitais pertencentes ou identificados com o movimento *BlogProg*, utilizando-se, para tal, questões abertas. Foi solicitada a autorização dos entrevistados para a gravação das entrevistas por eles concedidas, cabendo a eles, ainda, decidir se seus nomes poderiam ou não ser mencionados no trabalho em seu formato final. Uma vez que os entrevistados que exercem atividade como blogueiros autorizaram que seus nomes fossem revelados, optou-se, ao final do processo de realização de entrevistas, manter o anonimato somente dos entrevistados pertencentes ao grupo dos ativistas digitais.

Foram feitas perguntas relativas à história do campo e sua trajetória ao longo dos anos, aos agentes que compõem tal espaço social nos dias atuais, à questão das novas tecnologias digitais e suas principais características, ao fenômeno do ciberativismo e às práticas organizativas implementadas pelo movimento.

Os entrevistados, por último, foram estimulados pelo pesquisador a indicar outros agentes-chaves que atuam de alguma forma no campo investigado e que possam contribuir com informações relevantes para esta pesquisa.

Assim, a composição das entrevistas ocorreu da seguinte forma: seis blogueiros responsáveis pela criação do movimento em âmbito nacional e que participam ativamente das atividades por ele levadas a cabo, sendo um deles atualmente responsável pelo Centro de Estudos Barão de Itararé (principal organização que congrega a atuação de blogueiros e ativistas pertencentes ao movimento); dois blogueiros que exercem funções organizativas no movimento em âmbito estadual (Estado do Rio de Janeiro), um blogueiro que, apesar de não estar ligado diretamente ao movimento, possui relações com seus integrantes, além de conhecer sua trajetória; e nove ativistas digitais vinculados ao *BlogProg* e que se tornaram conhecidos no campo devido à intensidade de suas militâncias a favor dos objetivos do movimento. Alguns desses militantes digitais, inclusive, exercem funções organizativas no âmbito do movimento. O quadro 2 abaixo resume a composição das entrevistas realizadas ao longo do processo de coleta de dados:

Quadro 2: Listagem de entrevistados

Entrevistados	Atividade	Região	Blog ou Veículo de atuação
Alexandre Teixeira	Blogueiro	Rio de Janeiro	Megacidadeania
Altamiro Borges	Blogueiro e Presidente do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé	São Paulo	Blog do Miro
Antônio Mello	Blogueiro	Rio de Janeiro	Blog do Mello
Conceição Oliveira	Blogueira	São Paulo	Maria Frô
Eduardo Guimarães	Blogueiro	São Paulo	Blog da Cidadania
Luiz Carlos Azenha	Blogueiro	São Paulo	Vi o Mundo
Miguel do Rosário	Blogueiro	Rio de Janeiro	O Cafezinho
Renato Rovai	Blogueiro	São Paulo	Blog do Rovai
Rodrigo Vianna	Blogueiro	São Paulo	Escrevinhador
Ativista 1	Ativista digital	Minas Gerais	Facebook Twitter
Ativista 2	Ativista digital	São Paulo	Facebook Twitter
Ativista 3	Ativista digital	Rio de Janeiro	Facebook Twitter
Ativista 4	Ativista digital	Rio de Janeiro	Facebook Twitter
Ativista 5	Ativista digital	Rio de Janeiro	Facebook
Ativista 6	Ativista digital	Rio de Janeiro	Facebook Twitter
Ativista 7	Ativista digital	Rio de Janeiro	Facebook Twitter
Ativista 8	Ativista digital	Rio de Janeiro	Facebook
Ativista 9	Ativista digital	Rio de Janeiro	Facebook Twitter

Fonte: Elaborado pelo autor

3.2.3. Dados Provenientes de Participação em Eventos

Para que fosse possível obter dados relativos à criação do movimento *BlogProg*, sua trajetória, os principais eventos críticos pelos quais este passou ao longo do tempo, as características dos indivíduos, grupos e organizações que o compõem, bem como os objetivos buscados e resultados que ele alcançou ao longo de sua existência, foram coletados dados provenientes de encontros e eventos promovidos pelo movimento. Os dados coletados em eventos da área foram analisados por meio do método da observação estruturada. De acordo com Triviños (1987, p.153), “este tipo de observação é usado na pesquisa qualitativa quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traços específicos do fenômeno que se estuda”, sendo tal técnica adotada em pesquisas qualitativas em que há o estabelecimento prévio de categorias para que possa compreender o fenômeno que se deseja observar. Entretanto, é importante ressaltar que, embora o presente

trabalho apresente pré-categorias estabelecidas de antemão para que seja possível adentrar no campo de forma mais orientada, isso não significa dizer que outras categorias não possam emergir no momento da pesquisa de campo.

Segundo Triviños (1987), observar não consiste somente em olhar para alguma coisa, mas significa destacar de um conjunto algo em específico, prestando atenção nas características próprias que a ele concernem. Assim, para Triviños (1987, p.153), em uma observação isola-se ou agrupa-se um fenômeno social “para descobrir seus aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações, etc.”.

Assim, foram coletados dados provenientes de observação participante nos principais eventos promovidos pelos agentes que compõem o movimento, bem como de outros eventos que de alguma forma discutiam temas relacionados ao objetivo desta tese. Foram eles: **I Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas** (2010), **II Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas** (2011), **I Encontro Estadual de Blogueiros Progressistas - RJ** (2011), **Conferência do Desenvolvimento do IPEA** (2011), **III Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas** (2012), **II Fórum Mundial de Mídia Livre** (2012) e **WEBFOR – Fórum Nacional de Comunicação Digital** (2013). O quadro 3 abaixo resume a composição dos eventos em que foi realizada observação participante durante o processo de coleta de dados:

Quadro 3: Listagem de eventos

Evento	Região	Ano	Vínculo com o Movimento
I Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas	São Paulo	2010	Direto
II Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas	Brasília	2011	Direto
I Encontro Estadual de Blogueiros Progressistas	Rio de Janeiro	2011	Direto
Conferência do Desenvolvimento do IPEA	Brasília	2011	Indireto
III Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas	Salvador	2012	Direto
II Fórum Mundial de Mídia Livre	Rio de Janeiro	2012	Indireto
WEBFOR	Fortaleza	2013	Indireto

Fonte: Elaborado pelo autor

Por fim, é importante mencionar o fato de que a autoria do presente trabalho já se interessava pelas discussões relativas à situação do campo da comunicação no Brasil desde

períodos anteriores ao início da realização da tese de doutorado, e por essa razão acompanhava com grande atenção a criação e trajetória do *Movimento dos Blogueiros Progressistas* e a leitura dos principais *blogs* a ele vinculados. Tal conhecimento obtido *à priori* contribuiu sobremaneira para que se fizesse a seleção inicial dos *blogs* cujos textos foram analisados, e também facilitou a aproximação entre o autor da pesquisa e os blogueiros e ativistas digitais que foram selecionados para as entrevistas.

3.3. Análise dos Dados

O tratamento dos dados deste trabalho foi feito através da análise de conteúdo por meio de uma abordagem qualitativa.

Segundo Bardin (2010, p. 121) a análise de conteúdo pode ser organizada “em torno de três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração de material; tratamento dos resultados, inferência e a interpretação”. Conforme a mesma autora, a pré-análise é a fase da organização, “é o período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento de operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2010, p.121). Nesta fase é realizada a leitura inicial do material coletado, eles são escolhidos e preparados para análise (GIL, 1999). A segunda fase “refere-se fundamentalmente às tarefas de codificação, envolvendo recorte (escolha das unidades), a enumeração (escolha das regras de contagem) e a classificação (escolha da categoria)”. Já a terceira e última fase, do tratamento dos dados, interferência e interpretação “objetivam tornar os dados válidos e significativos” (GIL, 1999, p. 165).

Assim, neste trabalho a primeira fase da análise de conteúdo correspondeu à releitura de todo o referencial teórico para extrair dele os conceitos considerados centrais para análise dos dados. Isso ocorreu para que o autor, após escutar as entrevistas, reler os documentos e as anotações oriundas das observações participantes, pudesse identificar as partes das respostas que se mostravam mais relevantes e que estavam dentro do que se pretendia com a pergunta, ou seja, aquelas partes que não se afastaram do que interessa a esta pesquisa.

A segunda fase da análise de conteúdo envolve a categorização e esta é definida por Bardin (2010) como uma “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação” e ainda explica que “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos” (BARDIN, 2010, p. 145).

Para tornar claro e compreensivo o processo de análise faz-se necessária a definição desses termos e identificar como serão aplicados a esta pesquisa. De acordo com Triviños (1992), a definição constitutiva tem por finalidade tornar mais clara definições muito gerais e a definição operacional tem como objetivo expressar de forma prática a teoria. Já segundo Vieira (2004, p.19), a definição constitutiva refere-se “ao conceito dado por algum autor da variável ou termo que se vai utilizar”, enquanto que a definição operacional diz respeito ao “termo ou variável que será identificado, verificado ou medido, na realidade”. É importante mencionar, entretanto, que as categorias de análise que seguem abaixo foram complementadas por outras categorias que surgiram em decorrência do processo da pesquisa de campo. As principais categorias definidas a priori no presente trabalho, portanto, são:

➤ **Campo da Comunicação**

DC: Um campo é um espaço social em que se encontram diversos agentes, os quais ocupam posições relativas segundo o conjunto de propriedades específicas que possuem e que são denominados como capitais. (BOURDIEU, 1989). Já o termo campo da comunicação é definido no presente trabalho com base em trabalhos desenvolvidos por Moraes (2010) em que a comunicação é pensada como um espaço em que se encontram diferentes atores, tais como corporações nacionais e transnacionais de mídia e movimentos sociais e comunitários. Para Moraes (2010), a comunicação atualmente pode ser pensada a partir de duas vertentes: a comunicação de massa e a comunicação em rede. Enquanto a primeira encontra-se dominada por corporações nacionais e transnacionais que detêm os grandes veículos de comunicação, a última surgiu em função das novas tecnologias de informação e comunicação e, também, pelas diferentes formas de apropriação social dessas tecnologias, especialmente por parte da sociedade civil organizada.

DO: O termo campo da comunicação é operacionalizado como um espaço dentro do qual grupos de agentes diversos vinculados a veículos de comunicação de massa e veículos de comunicação em rede disputam distintos recursos de poder como forma de manter ou subverter a ordem dominante que rege o campo. No caso do presente trabalho, o foco está na chamada blogosfera política alternativa (vinculada à comunicação em rede), em que um movimento social organizado, o *BlogProg*, foi criado com o intuito de lutar por um marco regulatório que democratize o campo da comunicação no Brasil.

➤ **Ciberativismo**

DC: É um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet (SILVEIRA, 2010).

DO: O termo ciberativismo será aqui operacionalizado por meio da identificação e seleção de indivíduos, grupos e organizações que, no âmbito da Internet, lancem mão de práticas em defesa de causas políticas e que ao mesmo tempo se contraponham às práticas tradicionais de produção e distribuição de informações características das organizações dominantes de mídia. Serão considerados como ciberativistas o conjunto de indivíduos, grupos e organizações que se identifiquem e se reconheçam explicitamente como tal e que tenham o propósito claro de: a) produzir, distribuir ou difundir informações de natureza política que se contraponham àquelas produzidas e distribuídas pelas primeiras; b) que queiram subverter os processos de produção, distribuição e divulgação de informações tradicionalmente praticados pelas organizações tradicionais de mídia; e c) que defendam a bandeira da democratização da comunicação no contexto brasileiro.

➤ **Relações de Poder**

DC: A estrutura social possui um caráter relacional e pode ser concebida como sendo um espaço marcado pela diferenciação ou hierarquização existente entre diferentes grupos que o constitui. A localização ou posicionamento dos diferentes indivíduos, grupos ou organizações no âmbito de qualquer estrutura social ocorre em função da distribuição desigual dos recursos de poder valiosos e legitimados no âmbito desse espaço, que podem ser de natureza econômico-financeira ou econômica, tecnológica, cultural ou simbólica. Assim, a posição privilegiada ou não-privilegiada de indivíduos, grupos ou organizações no campo varia de acordo com o volume e a composição de um ou mais capitais por eles adquiridos ao longo de suas trajetórias, podendo tais recursos existir em estado objetivado ou estado incorporado. Já a diferenciação das posições entre os diferentes grupos no campo, que varia conforme os recursos que eles detêm, estão diretamente relacionados ao habitus, ou sistemas de disposições adquiridos e internalizados por esses agentes em suas diferentes trajetórias. Nesse sentido, as relações de poder existentes no campo estão diretamente relacionadas à posse dos diferentes recursos de poder reconhecidos como valiosos em um campo, o que leva os agentes sociais a adquirirem uma posição de dominantes ou dominados e que acarreta os conflitos e jogos de poder no âmbito desse espaço (BOURDIEU, 1989a).

DO: o termo relações de poder será operacionalizado por meio da identificação dos principais tipos de capitais que são importantes dentro do campo da mídia no Brasil e que conferem aos indivíduos, grupos e organizações que atuam nesse espaço um melhor posicionamento em sua hierarquia. Dessa forma, serão analisados quais são os principais recursos de poder detidos pelos indivíduos, grupos e organizações considerados como blogueiros e ciberativistas, bem como as posições relativas que eles ocuparam ao longo da formação do campo e, por fim, o *habitus* a eles associados que orienta suas escolhas, tomadas de decisão e estratégias no campo. Ainda, a operacionalização das relações de poder será feita por meio da identificação dos principais conflitos que foram gerados a partir do aparecimento dos movimentos políticos de ciberativismo e das principais estratégias implementadas pelos diferentes agentes pertencentes ao campo da mídia alternativa no Brasil com o intuito de subverter as práticas tradicionais implementadas pelas organizações de mídia tradicionais. Tal ordem diz respeito aos processos de produção, distribuição e divulgação de informações e, também, relaciona-se à luta pela democratização da informação no país.

➤ **Estratégias de subversão**

DC: As estratégias de subversão são “colocações infinitamente mais custosas e mais arriscadas, que não podem assegurar os benefícios prometidos aos detentores do monopólio da legitimidade [...], se não ao preço de uma redefinição completa dos princípios de legitimação da dominação” (BOURDIEU, 1976, p. 97 apud MIZOCKSKY e AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005, P.238).

DO: As estratégias de subversão são consideradas, no presente trabalho, como um conjunto de práticas implementadas consciente ou inconscientemente pelos agentes pertencentes à blogosfera política alternativa e que visam desafiar a ordem dominante imposta pelas grandes organizações de mídia presentes no campo da comunicação.

É importante ressaltar que, ao final do processo de coleta de dados, chegou-se à conclusão de que as estratégias de subversão implementadas pelos agentes do campo poderiam ser agrupadas em micropráticas ou macropráticas, dependendo do grupo dentro do qual os agentes subversivos pertenciam. Assim, as micropráticas foram aquelas ações adotadas por diversos militantes que, individualmente e coletivamente, atuam na blogosfera política alternativa. Já as macropráticas foram consideradas como ações implementadas mais especificamente pelos agentes pertencentes ao *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)* que, de forma organizada, empreendem uma luta mais consciente para modificar a ordem do campo da comunicação.

Ao longo do processo de coleta de dados, além das categorias acima definidas *à priori*, emergiram diversas subcategorias relacionadas às diferentes estratégias de subversão adotadas pelos agentes do campo, ou seja, os esforços de se tentar subverter a ordem que rege o espaço social aqui analisado. Essas subcategorias acabaram por estar vinculadas a aspectos organizacionais do próprio movimento, sendo possível ao final afirmar que a implementação de práticas organizacionais alternativas aos da mídia tradicional se constituem em um tipo específico de estratégias de subversão. Dessa forma, as subcategorias de análise foram, definidas conforme ilustrado no quadro 4 abaixo:

Quadro 4: Subcategorias de análise que emergiram no campo

Dados do Campo	Subcategorias de Análise Emergentes do Campo
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Métodos por meio dos quais as informações são transmitidas entre os diferentes grupos de agentes ✓ Características do modelo de comunicação adotado 	Práticas de Comunicação
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Formas de influência verificadas 	Referências do Movimento
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Rotinas internas ✓ Papel do Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé ✓ Controle das atividades ✓ Papel das Comissões nacionais e estaduais ✓ Como se tomam as decisões nas assembléias ✓ Representantes dos estados nas assembléias 	Organização das Atividades, participação e Tomada de Decisões
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Financiamento das atividades do movimento ✓ Financiamento dos <i>blogs</i> analisados 	Financiamento

Fonte: Elaborado pelo autor

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, tem-se como principal finalidade analisar os dados coletados a partir da observação *online* dos principais *blogs* vinculados direta ou indiretamente ao *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*, da participação dos eventos promovidos por seus principais agentes e, ainda, das entrevistas com blogueiros e ativistas digitais que possuem algum vínculo formal ou informal com tal movimento.

Para isso, optou-se por reproduzir diferentes extratos de textos e de falas que propiciassem uma melhor compreensão das relações existentes na estrutura social estudada, fazendo-se a seguir a interpretação dos dados de forma conjunta, com base no referencial teórico utilizado. Ainda, com o intuito de tornar a análise dos dados melhor estruturada, optou-se por organizá-la de acordo com os objetivos específicos mencionados no primeiro capítulo do presente documento. Assim, os próximos itens dentro dos quais a análise de dados é realizada são seguidos pela reprodução dos objetivos que se pretende aqui alcançar, com o propósito de se responder ao problema que orienta este esforço de pesquisa.

4.1.Primeiro Objetivo Específico:

- Descrever os principais eventos críticos que possibilitaram o surgimento e a consolidação de uma blogosfera política alternativa no Brasil, bem como a criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)* no interior do campo da comunicação no Brasil;

4.1.1. Do surgimento da blogosfera política brasileira à gênese de uma blogosfera política alternativa

De acordo com a maioria dos entrevistados e dos dados provenientes da observação *online*, o surgimento de uma blogosfera política no Brasil caracterizada pela divergência com relação ao posicionamento político de grande parte da mídia tradicional ocorreu ao longo da década de 2000. Nesse período, viu-se o surgimento de alguns *sites* e *blogs* políticos que tinham como o intuito não apenas constituírem-se em um espaço para que discussões de caráter político ocorressem (alguns desses *blogs* discutem assuntos que vão além da esfera política, como economia e cultura), mas também, para realizar a crítica de reportagens e

textos veiculados pelos grandes veículos de comunicação e, também, suas práticas jornalísticas. Os principais veículos de comunicação submetidos a uma crítica recorrente por parte de tais blogueiros desde aquele período são aqueles de propriedade das principais organizações midiáticas do país, ou seja, os grupos Globo, Abril, Folha e Estado. Dentre os principais *blogs* e *sites* políticos surgidos nesse período, os mais mencionados foram aqueles dirigidos por indivíduos que atuaram profissionalmente na mídia tradicional, como, por exemplo, os jornalistas Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna; indivíduos que atuavam em outras profissões, mas que se destacavam por seu engajamento político, como o blogueiro Eduardo Guimarães; além de outros blogueiros que atuavam diretamente na esfera política, como Altamiro Borges, jornalista e dirigente do PCdoB, que exerce o cargo de secretário de Questões de Mídia deste mesmo partido.

De acordo com grande parte dos entrevistados, alguns desses blogueiros já atuavam na esfera virtual muito antes de decidirem criar seus próprios *blogs*. Essa atuação ocorria especialmente por meio de listas de *e-mails*, em que diversas pessoas interessadas no debate político trocavam mensagens entre si e dialogavam sobre assuntos diversos. A atuação de grande parte das pessoas que participavam de tais listas era marcada por sua militância, seja político-partidária, seja em prol de bandeiras defendidas por distintos movimentos sociais tais como o movimento feminista, movimento antiglobalização, etc.

Além disso, muitos desses militantes que participavam de tais listas também já atuavam por meio de outras ferramentas, tais como a rede social *Orkut*, que alcançou extrema popularidade no Brasil a partir da década de 2000. Uma das principais características do *Orkut* era a possibilidade que as pessoas tinham de participar de diferentes *comunidades*, ou seja, espaços criados com o intuito principal de discutir determinados assuntos específicos. Nesse sentido, enquanto alguns dos entrevistados disseram que administravam naquela época algumas comunidades compostas por um grande número de pessoas, outros disseram simplesmente que participavam ativamente delas. Alguns blogueiros citados como precursores da blogosfera política no Brasil disseram que, também, costumavam escrever textos para outros veículos que compunham a mídia alternativa. Os trechos abaixo mostram o relato de alguns dos blogueiros acima mencionados ou de outros blogueiros citados pelos entrevistados no que tange à gênese da blogosfera política no Brasil, juntamente com as razões de alguns pelas quais decidiram criar seus próprios *blogs*:

No Brasil, blogosfera é coisa de ano 2000, início dos anos 2000. Quando você abre essa brecha tecnológica, já tava... Já tinha um comportamento contrario a essa mídia tradicional. Eu tinha uma pequena experiência como jornalista e eu vi a possibilidade de

ter um blog. O que eu quero então, o que eu penso sobre política econômica, América latina, Estado Unidos, guerra no Iraque. Eu quero por no papel, quer dizer, não é mais por no papel, é por na rede. Então o blog surgiu daí, eu já escrevia textos para sites. Para vários sites, pro Vermelho, para a Revista Fórum, já escrevia, mandava por e-mail. Ai eu falei ué, já que eu tô mandando por e-mail, já tô escrevendo coisa. Por que eu mesmo não monto um blogzinho? O blogzinho eu criei, o quê... Tem... Acho que ele é de 2009 se eu não me engano, tá com 4 anos de vida né? Então foi daí que pintou, ou seja, é uma combinação, uma certa experiência na área do jornalismo, uma postura crítica com relação à mídia tradicional, uma leitura muito crítica dessa mídia tradicional e a possibilidade do que essa brecha tecnológica abriu né? Quando deu condição, eu montei o diabozinho do blog (Entrevista Altamiro Borges).

A blogosfera começou a surgir em torno de 2004, 2005, aí começaram a surgir os blogs. Eu acho que o mais conhecido foi o blog do Noblat, o Noblat foi pioneiro nisso aí, de longe. Ele anteviu, tanto que hoje o blog dele deve ser talvez o blog com maior audiência, eu acho que deve ser o blog do Noblat, até porque ele tá no portal da Globo e tal. Também porque ele é muito antigo, naquele momento existiam poucos blogs, o meu esteve entre os primeiros, eu diria que naquele tempo (Entrevista Eduardo Guimarães).

O blog foi fundado no início do ano 2000, quando eu era correspondente da Globo em Nova Iorque e eu sentia, assim, uma agonia muito grande pelo fato de que minhas matérias eram muito curtas. Eu tinha muito mais coisa do que cabia na reportagem pra falar sobre o assunto e aí eu ficava frustrado pelo fato de que eu não tinha espaço pra falar tudo que eu pensava e informações que eu queria dar. Matéria do Jornal Nacional era de sessenta segundos, um minuto e dez, setenta... E aí eu passei a colocar no blog. Por isso se chama 'O que você não vê na mídia', né? E aí a original era essa, coisa de bastidores que eu não conseguia contar no meu emprego, colocava no blog [...] Era amigo de uma amiga que trabalha na Globo até hoje, levou pra Globo.com bem no comecinho da Globo.com e eu fui um dos primeiros blogs hospedados pela Globo.com (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Os colegas ali, o Azenha e outros, diziam: 'você tem que criar um blog, você tem que encorpar essa blogosfera... Porque na época havia alguns jornalistas já, o Nassif, o Paulo Henrique, o Azenha que cada vez deu mais força pro blog, tirou da Globo.com e tornou um blog independente. E: 'pô, você precisa também fazer o seu, não sei o que', e aí em 2008 eu realmente fiz e passei a escrever com alguma regularidade assim no blog (Entrevista Rodrigo Vianna).

Na época que eu comecei com o meu blog, blog era uma coisa de garotão, não era um coisa de... Em 2005 os caras faziam blogs pra falar dos jogos, de games, entendeu? É, tinha muito pouco blog que fizesse comentário sobre, que fosse noticioso, não era uma coisa, era visto mais como uma brincadeira. O único blog assim, político daquela época, assim, que se possa dizer, era o blog do Noblat, mas que era o blog do Noblat, do Noblat mesmo ele que bancava o blog dele ou pelo menos é isso que eu imagino. Porque não tinha nenhum patrocinador assim oficial, depois ele foi, o Estadão adicionou o blog do Noblat e depois ele saiu daqui e foi pro O Globo, evidentemente, porque, ideologicamente, né (risos). Mas também tinha naquela época o que eu conhecia, o Edu, ele tinha o Cidadania também, e o Azenha tinha o Vi o mundo, era muito mais ligado nas reportagens dele, que ele tinha feito na Globo, na Manchete e tal. O Miguel, do Cafezinho, eu não conhecia, ele, ele já tinha um blog na época, mas eu não conhecia o blog dele, aí é problema meu, não dele, né, provavelmente ele também não conhecia o meu. E também tinha o blog dos Amigos do Presidente Lula, do Zé Augusto, que é um dos blogs que eu me recordo assim, mas não tinha... O Reinaldão ainda escrevia em algum lugar, não tinha... Blog era lixo pra eles, hoje em dia que ter um blog virou uma coisa bacana, mas mudou muito, o que faz, o que tá na cabeça das pessoas do que é um blog, do que é fazer um blog, isso mudou muito. Na minha cabeça continua sendo a mesma coisa. O Blog do Mello é um aquele conceito inicial do blog. Blog é uma página de opinião com direito a comentários [...] Meu blog é um blog como eu coloco, a minha definição é: Blog do Mello é um blog político, não é um blog de política é um blog político com crítica da mídia (Entrevista Mello).

Eu montei uma teia uma rede que me permitiu em um dado momento fazer um projeto próprio que é a revista Fórum. Que tem uma participação dos movimentos sociais

sindicais na compra de exemplares, eles ajudam a financiar o veículo. Enfim, isso é o que acaba desembocando no ativismo atual na blogosfera. Eu percebi muito cedo também que a Internet ia ser um espaço importante de ação, para debater as questões da democratização da mídia, como a democratização da sociedade. Que ela é um espaço em disputa, para quem sabe, pra ver [...] Fiz toda a minha trajetória desde 2000 na regulação da Fórum, parece que eu ia falar mais da Internet do que da Fórum. Mais das ações que o sindicato fazia nessa área do que da própria revista. Briguei com muita gente por causa disso, as pessoas achavam que não, que a internet era coisa de moleque. Que o lance era fazer papel, jornal, rádio do Brasil, a Voz do Brasil, voltar a ter rádio nacional. E quando eu fazia blog, antes de ter blog, a gente tinha um... Um veículo chamado lado B, por exemplo, que eu me recordo. Em 2001 tinha blog, mas não tinha... O weblogger foi lançado em 98, em 2000 ele passa a ter aquelas web L's mas aqui no Brasil ninguém ainda usava. Em 2001 quando teve o 11 de Setembro eu escrevi um artigo e a gente divulgou pela lista de e-mails da Fórum. Que era o Lado B e eu me recordo que isso foi traduzido em diversos países, que era uma... Falando de que tinha dado aquela ação terrorista, fazendo uma análise, então a gente fez toda a cobertura do Fórum Social Mundial divulgando pela internet já, acho que em 2004, 2005 eu lanço meu blog. Ah, fui um dos primeiros, provavelmente, a lançar blog (Entrevista Renato Rovai).

Dessa forma, parece ser possível afirmar, com base nos trechos de entrevistas acima, que a gênese da blogosfera política no Brasil ocorreu ao longo dos anos 2000 a partir da criação de alguns *blogs* políticos por parte especialmente de jornalistas que também trabalhavam na mídia tradicional e, também, de outros indivíduos que enxergaram nos blogs a possibilidade de emitir uma visão crítica da mídia tradicional. Entretanto, é importante frisar que, como ainda não havia um número suficiente de agentes nesse universo que possibilitassem uma classificação mais clara dessa blogosfera em termos de vínculos com a mídia tradicional ou com a mídia alternativa, sua natureza ainda era um pouco difusa. Isso porque vários jornalistas citados, como o jornalista Luiz Carlos Azenha, hospedaram primeiramente seus blogs em portais das organizações de mídia em que eles trabalhavam na época, como o Globo.com, enquanto que outros blogueiros cujos blogs estão atualmente vinculados mídia tradicional, como o Blog do Noblat ou o Blog do Josias de Souza, na época eram blogs independentes dessas organizações.

Para que seja possível caracterizar de forma mais adequada o surgimento e consolidação da blogosfera política e seu desenvolvimento, faz-se necessário também traçar uma breve trajetória de alguns dos blogueiros citados pela maioria dos entrevistados e que foram percebidos como aqueles que de alguma forma inauguraram o universo da blogosfera política alternativa no Brasil. Tal caracterização é essencial para que se possa analisar de maneira inicial, sobretudo, elementos que dizem respeito ao *habitus* desses indivíduos e aos recursos de poder que eles traziam consigo quando optaram por ingressar na blogosfera. Tais dados foram coletados a partir das entrevistas, de informações disponibilizadas pelos próprios blogueiros em suas respectivas páginas e, também, de publicações feitas por alguns veículos de comunicação que complementaram informações que inicialmente foram objeto de dúvidas.

Segue abaixo a trajetória de alguns dos blogueiros que foram mais mencionados ao longo das entrevistas:

▪ **A Trajetória do jornalista Luis Nassif**

O jornalista Luis Nassif atuou como colunista e membro do conselho editorial da *Folha de S. Paulo*, escrevendo por muitos anos sobre economia neste jornal. Em 1985, criou o próprio programa na TV Gazeta de São Paulo chamado "Dinheiro Vivo". Em 1986 ganhou o Prêmio Esso, categoria principal, com a série de reportagens sobre o Plano Cruzado. Em 1987 saiu da *Folha*, retornando em 1991 como colunista de economia. Em 2006, seu contrato não foi renovado e alguns veículos de comunicação da grande mídia, em especial o colunista Diogo Mainardi, da Revista *Veja*, o acusaram de praticar *lobby* em sua coluna. Entretanto, o diretor de redação do jornal, Otávio Frias Filho, declarou que a saída do jornalista foi decisão tomada em conjunto e foi fruto de mudanças editoriais pela qual o jornal estava passando. Em *post* publicado por Nassif, no ano de 2008, o jornalista afirmou que entraria na justiça contra o colunista outora mencionado (KNECHT, 2011).

Em 2007, Nassif publicou em seu blog uma série de artigos intitulado “O caso *Veja*”, em que denuncia práticas jornalísticas desta mesma revista e que gerou bastante repercussão no universo jornalístico. Em suas denúncias, Nassif (2007, s/p) acusa a revista de “ter se transformando em um pasquim sem compromisso com o jornalismo, recorrendo a ataques desqualificadores contra quem atravessasse seu caminho, envolvendo-se em guerras comerciais e aceitando que suas páginas e sites abrigassem matérias e colunas do mais puro esgoto jornalístico”. Ainda, acusa a revista de ter se envolvido em disputas empresariais e de haver “terceirizado denúncias e o uso de notas como ferramenta para disputas empresariais e jurídicas”. Tais denúncias tiveram como consequência uma série de batalhas judiciais entre o jornalista e diretores e colunistas da *Revista Veja*, com diversas vitórias e derrotas para ambos os lados. Em 2009, Nassif também não teve seu contrato com a TV Cultura renovado, o que foi apontado por ele como uma censura por parte da emissora pública a jornalistas críticos da gestão do PSDB do Estado de São Paulo. A partir de 2010, Nassif foi contratado pela TV Brasil e nela permanece no período atual. O jornalista foi vencedor do Prêmio de Melhor Jornalista de Economia da Imprensa Escrita do site *Comunique-se* nos anos de 2003, 2005 e 2008, em eleição direta da categoria (KNECHT, 2011).

Já seu *blog*, criado no ano de 2006 e intitulado *Blog do Nassif*, analisa assuntos diversos como política, economia e cultura, e inicialmente estava abrigado em um portal de propriedade da empresa UOL, uma vez que era colunista do jornal *Folha de São Paulo*. Com

sua saída deste veículo, transferiu seu blog para o portal IG, permanecendo lá até o ano de 2010, quando criou um portal próprio (KNECHT, 2011). No ano de 2013, Nassif transferiu mais uma vez seu *blog* para o Jornal GGN, onde permanece até o período atual (NASSIF, 2013, s/p).

Com relação ao embate entre Nassif e a Revista *Veja* ocorrido na esfera virtual, o jornalista Carlos Castilho, em artigo escrito no site *Observatório da Imprensa*, afirmou que:

O confronto entre o jornalista Luis Nassif e a revista *Veja* ganhou ares de primeira grande batalha política a ser travada no mundo dos blogs brasileiros. Noutras partes do mundo, as grandes polêmicas online já deixaram de ser uma novidade e se incorporaram à rotina política. Nassif começou a publicar no blog Projeto Brasil, início deste ano, uma série de textos sobre o papel de revista *Veja* em episódios políticos recentes na história do país, especialmente durante os governos FHC e Lula. Na verdade, a série é o mais recente episódio de uma polêmica pública, iniciada há pelo menos um ano e protagonizada, na primeira linha de tiro, pelos blogs dos colunistas Diogo Mainardi (blog com áudio) e Reinaldo Azevedo, ambos da *Veja*, e os também jornalistas Paulo Henrique Amorim, do blog *Conversa Afiada*, e o próprio Nassif. O debate, num clima com temperatura em elevação, envolve questões político-partidárias (articulações voltadas para as eleições de 2010) e econômico-financeiras (disputa corporativa pelo controle das telecomunicações) [...] O episódio coloca, no entanto, em evidência o papel da internet — e em especial dos blogs — como arma política (CASTILHO, 2011, s/p).

Figura 1: O Blog Luis Nassif Online



Fonte: <http://www.advivo.com.br/luisnassif/a-serie-o-caso-de-veja>

▪ A Trajetória do jornalista Paulo Henrique Amorim

O jornalista Paulo Henrique Amorim, por sua vez, atuou como funcionário da Rede Globo de Televisão de 1984 a 2006 e desde 2002 trabalha para a TV Record. Seu *blog*, denominado *Conversa Afiada*, foi criado no ano de 2006, também no portal IG, e lá permaneceu até o ano de 2009, quando o jornalista, assim como Nassif, criou seu próprio espaço.

A razão pela qual isso ocorreu foi que, nesse mesmo ano, o jornalista teve seu contrato rompido de forma inesperada e seu *blog* tirado do ar pela direção do portal IG. Segundo ele, sua equipe de trabalho foi impedida de entrar no prédio do portal onde trabalhava e seus computadores foram lacrados. Por essa razão, o jornalista entrou com um mandato de busca e apreensão com o intuito de obter os arquivos do seu CPU, que até então estavam em posse da empresa. A principal causa de sua demissão, segundo relatado pelo jornalista em entrevista por ele concedida na *Revista Forum* no ano de 2011, foi sua postura crítica com relação à fusão entre duas empresas do setor de telecomunicações, a Brasil Telecom e a OI durante o segundo mandato do governo Lula. Ele afirma também que pesaram suas críticas ácidas ao banqueiro Daniel Dantas, envolvido no negócio e que resultou em uma mudança na diretoria do próprio portal (KNECHT, 2011).

Já a justificativa do próprio portal iG foi a de que a demissão ocorreu por conta da baixa audiência do blog, o que foi negado veementemente pelo jornalista (KNECHT, 2011). No ano de 2011, o blog recebeu dois prêmios, o Top Blog Brasil da categoria "Política" e "o Top of Blogs", o "blog mais pontuado" - votado entre todos os 153 mil blogs concorrentes (AMORIM, 2011, s/p).

Uma característica que marcou o *Conversa Afiada* foi a popularização deste de um termo – Partido da Imprensa Golpista (PiG) – que está relacionado à percepção do jornalista de que os principais grupos ligados à mídia tradicional anteriormente mencionados (Globo, Abril, Folha e Estadão) possuem uma atuação política “golpista” pela postura de oposição radical de tais grupos a governos de orientação política “progressista”, tais como os governos Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, João Goulart e Luis Inácio Lula da Silva. O termo sempre aparece grafado no *blog* com um “i” minúsculo para remeter justamente ao veículo Ig em que o blogueiro trabalhava e com o qual travou uma árdua disputa. A expressão PiG, vale dizer, não foi inventada por ele, mas teve como inspiração um discurso feito por parte do deputado Fernando Ferro (do Partido dos Trabalhadores) na Câmara dos Deputados, no ano de 2007. (VERMELHO, 2007). Esse termo passou a ser utilizado amplamente não apenas por seu

leitores, mas também por outros blogueiros e leitores críticos à mídia tradicional. Em entrevista à Revista Fórum, o jornalista afirmou que:

Chegamos a um ponto sem precedentes em termos de degradação e corrupção da imprensa brasileira. A imprensa que chamo de Partido da Imprensa Golpista, ou PIG, é, sobretudo, a Globo, a Folha e o Estadão. Não falo da Veja, porque é um caso especial que eu chamo de “a última Flor do Fascio”, nem da IstoÉ, porque não é uma organização jornalística. Quando você compra um jornal, teoricamente, pelos cânones da indústria, vai obter ali um noticiário razoavelmente isento e, nas páginas de opinião, fica aquilo que o dono quer divulgar. Aqui no Brasil, houve uma inversão completa. Hoje, tem opinião na parte informativa, até no horóscopo e na previsão do tempo, e o mais grave de tudo isso é que se disseminou o sistema de cooptação com dinheiro do jornalismo econômico e político. Tenho divulgado no meu site as relações entre o Daniel Dantas e algumas instituições, cuja função é distribuir notícias que influenciam formadores de opinião, a Justiça... É uma degradação sem precedentes (AMORIM, 2011, s/p).

Figura 2: O Blog Conversa Afiada



Fonte: <http://www.conversaafiada.com.br/tv-afiada/2013/06/20/como-a-globo-noticiou-as-diretas-ja/>

▪ A Trajetória do jornalista Luiz Carlos Azenha

O jornalista Luiz Carlos Azenha passou por diferentes veículos de mídia tradicional, tais como Manchete, Rede Globo e SBT. Trabalha desde o ano de 2008 na TV Record e é contratado desde 2009 da TV Brasil. À época em que seu contrato com a TV Globo foi rescindido, no ano de 2007, Azenha divulgou uma nota na imprensa alegando que o setor de jornalismo da TV Globo estava passando por uma guinada conservadora que o restringia no exercício de sua profissão, algo que o levou a sair daquela emissora. Também na nota,

Azenha afirmou acreditar que o futuro do jornalismo encontrava-se na Internet devido à liberdade que era garantida nesse espaço (AZENHA, 2007). Seu blog, intitulado *Vi o Mundo*, foi criado por ele no ano de 2003 e inicialmente estava hospedado no portal Globo.com. Após a rescisão de seu contrato, o *blog* foi transferido para um portal próprio, conforme explicado pelo jornalista:

Tenho um contrato. Posso rompê-lo. A Globo.com também. Vamos à verdade factual: o projeto de um novo site eu venho desenvolvendo desde que pedi rescisão antecipada de meu contrato com a TV Globo, no início de 2007. Dentro da Globo tinha gente achando que era brincadeira. E eu dizia que era sério. Eu acho que o futuro do Jornalismo está na internet. Profissionalmente, não há salário que pague a liberdade de escrever o que me der na telha, o que me coloca 95% das vezes em confronto com o que o Jornalismo das Organizações Globo passou a representar. Houve uma clara mudança interna, uma guinada à extrema-direita. Os incomodados que se mudem? Eu mudei. O novo site foi colocado no ar em fase de testes. É uma arquitetura razoavelmente sofisticada (AZENHA, 2007, s/p).

Já durante a entrevista por ele concedida, o jornalista Luiz Carlos Azenha explicou de forma mais aprofundada os problemas pelos quais passou dentro das *Organizações Globo*, emissora na qual trabalhou anteriormente. Segundo ele, os problemas passaram a ocorrer durante a campanha presidencial de 2010 e teve a ver especialmente com a cobertura da emissora ao escândalo político que ficou conhecido como o “Escândalo dos Dossiês”, que, em sua percepção, se tratou de uma armação com o intuito de levar a eleição para o segundo turno. O fragmento abaixo destacado deixa claro o incômodo do jornalista com relação a esse fato e explica minuciosamente o ocorrido, bem como sua decisão de priorizar seu *blog* naquele momento:

Em 2006 durante a campanha eleitoral, lembra? 2005 tinha o mensalão, dominou a campanha eleitoral em 2005. O ano que precedeu a campanha eleitoral foi dominado pela denuncia do mensalão, com três CPI's acontecendo simultaneamente pelo Congresso. Um noticiário muito negativo para o presidente Lula, presidente então. 2006 na campanha eleitoral, apesar do que tinha acontecido no ano anterior, o Lula tava bem nas pesquisas. E aí houve o famoso episódio do... Da suposta tentativa do PT de comprar um dossiê contra o candidato José Serra do PSDB. Eu não digo suposta, porque hoje olhando em retrospectiva, porque gente que trabalha em bastidor de campanha, disse que tudo indica que tenha sido uma armadilha. Que tinha sido uma guerra entre as inteligências das campanhas, que é uma coisa muito comum. A gente não vê noticiário sobre isso, mas... É muito comum que campanhas eleitorais tenham seus setores de inteligência, travem uma guerra surda. Então diz-se, que aquele episódio foi na verdade uma tentativa de... Foi uma... Foi uma armadilha que se montou. O resultado concreto que a gente sabe é que foi apreendido uma grande quantidade de dinheiro vivo, com militantes ligados a campanha do Aloísio Mercadante, candidato ao governo de São Paulo e do Lula, do PT, iam comprar um dossiê contra o José Serra. Este dinheiro foi apreendido num motel em São Paulo e ficou na Polícia Federal, ficou apreendido na Polícia Federal. Isso foi um escândalo, foi um escândalo que abalou a primeira, a campanha do primeiro turno, abalou a candidatura do PT. E na véspera da eleição... Só um segundo. Aí bem na véspera da eleição vazaram as fotos do dinheiro, o

dinheiro tava apreendido e essas fotos foram vazadas por um delegado para um grupo de repórteres. Eu era repórter da Globo nessa época, eu não participei disso especificamente, embora estivesse cobrindo a campanha eleitoral, o vazamento foi muito estranho. O vazamento... Pelo que publicou depois a Carta Capital, aconteceu da seguinte forma... Vazaram pra Globo, prum repórter da Globo primeiro. A Globo avisou que não daria a reportagem e as fotos sozinha, e aí o delegado tratou de vaziar para um grupo de outros repórteres. Nesse vazamento, nesse segundo, com um grupo de repórteres, do Globo, Estadão, Folha e assim sucessivamente, eram cinco repórteres, Jovem Pam... Foi gravado e essa é a gravação que eu vi no dia do primeiro turno diante da casa do José Serra. Um colega me mostrou a gravação e falou: 'Olha, isso talvez interesse a você, dá uma olhada, ouve isso aqui'. Tá no Youtube, no meu Youtube tem a gravação. 'Dá uma olhada nisso aqui, é estranho, porque olha só, o delegado está instruindo os repórteres né?' E eu achei muito estranho quando eu ouvi, porque de fato era isso, o delegado instruía os repórteres dizendo: 'Olha usa essa foto, usa essa, faz photoshop aqui, publica tal hora, eu vou dizer que foi roubado por uma faxineira'. Eu achei que era um acinte o comportamento dos meus colegas com o delegado, você não pode aceitar isso. Que uma fonte te dirija dessa forma, especialmente se você ia mentir dizendo que o vazamento tinha sido de uma faxineira, ia jogar a culpa em alguém quando era ele que tava vazando? Achei aquilo estranho, pedi pra ouvir de novo, anotei e pus aquilo no blog. Obviamente isso não atendia os interesses da Globo empresa pra qual eu trabalhava, mas eu não quis saber. Quando o diretor da Globo me ligou pra reclamar eu disse pra ele: 'Olha, o custo é irrelevante do ponto de vista de informação e se vocês não querem dar informação, eu no meu blog pessoal dei. 'Não, mas você levantou informação enquanto trabalhando como repórter da Globo'. Ele de fato nisso tinha razão... É, eu tava ali como função de repórter da Globo, mas achei que era muito relevante pra deixar pra lá e botei no meu blog. E o blog bombou nesse dia, esse dia foi que fez a mudança grande nele por que eu dei essa informação que ninguém tinha, né? E a partir daí foram feitas investigações em cima do que aconteceu, né? Esse vazamento muito estranho que eu não tenho duvida nenhuma, foi programado para acontecer na véspera da eleição pra levar a eleição pro segundo turno, como de fato aconteceu. O vazamento seria, ele é muito curioso por que as capas dos jornais, do domingo da eleição, são muito parecidas, tem a foto do dinheiro, tem a foto do Lula de capuz, deram a entender aos leitores que era um bandido o Lula... Saiu em todos os jornais, foi assim na véspera da eleição. Não tenho duvida nenhuma de que foi programado de forma a levar pro segundo turno, como de fato aconteceu, então o blog ficou famoso por isso né? Desde 2006, de lá pra cá ele não deixou de crescer. Continuou crescendo principalmente em épocas de crise, as pessoas vem pra ver uma visão, que é a minha visão de jornalismo e do mundo, que é uma visão altermundista, ou seja, continua sendo aquela de mostrar coisas que a mídia não publica, por que ela se diz neutra, quando de fato ela não é (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Nesse sentido, a fala do jornalista é extremamente importante porque parece deixar claro que, se em seu momento inicial a blogosfera política brasileira ainda era difusa e ainda não se podiam perceber divisões mais nítidas por parte dos grupos de agentes em seu interior, parece ser possível afirmar que as consequências em torno de escândalos tais como o do “mensalão”, dos “Dossiês” e a própria cobertura das eleições presidenciais de 2006 se constituíram em eventos críticos que começaram a moldar o surgimento do que aqui é denominado como uma blogosfera política alternativa identificada em sua maioria com uma orientação política de esquerda no âmbito do espectro político nacional.

Figura 3: O Blog Vi o Mundo



Fonte: <http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/o-leitor-que-me-fez-mudar-de-ideia.html>

▪ A Trajetória do jornalista Rodrigo Vianna

O jornalista Rodrigo Vianna também trabalhou em veículos da grande mídia como Folha de São Paulo, TV Cultura e TV Globo e desde 2007 é contratado da TV Record. Em 2006, o jornalista, ao ser demitido da TV Globo, acusou a emissora de não realizar uma cobertura equilibrada da campanha presidencial e promover intervenções diretas nos textos escritos por seus jornalistas, dentre outras práticas que, na visão do jornalista, tinham como intuito abafar as “poucas vozes dissonantes que restavam” (VIANNA, 2007). Desde 2008, Rodrigo Vianna é responsável pelo blog *Escrivinhador*, em que afirma não acreditar em neutralidade de jornalista e não ser neutro. Em sua nota à imprensa, divulgada assim que soube que seu contrato não seria renovado, Vianna afirmou que:

Quando entrei na TV Globo, os amigos, os antigos colegas de Faculdade, diziam: "você não vai agüentar nem um ano naquela TV que manipula eleições, fatos, cérebros". Agüentei doze anos. E vou dizer: costumava contar a meus amigos que na Globo fazíamos - sim - bom jornalismo. Havia, ao menos, um esforço nessa direção. Na última década, em debates nas universidades, ou nas mesas de bar, a cada vez que me perguntavam sobre manipulação e controle político na Globo, eu costumava dizer: "olha, isso é coisa do passado; esse tempo ficou pra trás". Isso não era só um discurso. Acompanhei de perto a chegada de Evandro Carlos de Andrade ao comando da TV, e a tentativa dele de profissionalizar nosso trabalho. Jornalismo comunitário, cobertura

política - da qual participei de 98 a 2006. Matérias didáticas sobre o voto, sobre a democracia. Cobertura factual das eleições, debates. Pode parecer bobagem, mas tive orgulho de participar desse momento de virada no Jornalismo da Globo. Parecia uma virada. Infelizmente, a cobertura das eleições de 2006 mostrou que eu havia me iludido. O que vivemos aqui entre setembro e outubro de 2006 não foi ficção. Aconteceu. Pode ser que algum chefe queira fazer abaixo-assinado para provar que não aconteceu. Mas, é ruim, hem! Intervenção minuciosa em nossos textos, trocas de palavras a mando de chefes, entrevistas de candidatos (gravadas na rua) escolhidas a dedo, à distância, por um personagem quase mítico que paira sobre a Redação: "o fulano (e vocês sabem de quem estou falando) quer esse trecho; o fulano quer que mude essa palavra no texto" (VIANNA, 2013, s/p).

Fica claro, portanto, que, mais uma vez, a cobertura das eleições presidenciais de 2006 foi o evento que desencadeou a saída do jornalista de sua antiga empregadora, as Organizações Globo, e que também contribuiu para que ele criasse, já no de 2008, seu blog com o intuito de divulgar informações “que os grandes meios não dão, como fica claro no trecho de entrevista abaixo:

A Globo, como resposta à minha carta fez um comunicado oficial dizendo que eu tava sendo afastado por motivos extremamente profissionais, deu a entender que era incompetência, depois plantou várias notas contra mim na imprensa, então era uma tentativa de me arrasar profissionalmente e eu não tinha uma voz pra me defender, saiu essas notas por aí, a minha resposta era trabalhar, fui trabalhar na Record, fiz muitas reportagens, ganhei prêmios, trabalhei pra mostrar que eu tinha o valor como jornalista, independente das minhas posições políticas. Então eu fui abrir o blog por esses dois motivos, porque eu vi ali naquele episódio, tudo muito vinculado a esse episódio de 2006, primeiro porque eu vi a importância estratégica de você ter um blog e como é que ele pode dar vazão pras informações de momento que os grandes meios não dão. E segundo para que eu pudesse ter uma voz própria pra que eu pudesse participar do debate, resumindo. O evento fundador pra mim, né. Só que eu demorei, eu só fui criar o blog depois em 2008, porque 2007 eu fiquei muito centrado em retomar minha carreira profissional. Imagina você comprar uma briga com a maior corporação de mídia da América Latina e o diretor dessa empresa quer acabar com você, então você tem que se concentrar na sua carreira [...] Em 2008 eu realmente fiz e passei a escrever com alguma regularidade assim no blog (Entrevista Rodrigo Vianna).

O uso do termo “evento fundador” por parte do jornalista corrobora, assim, a análise feita anteriormente sobre a influência exercida pela campanha presidencial de 2006 no rompimento mais perceptível de alguns jornalistas com os grandes agentes do campo da comunicação. Assim, parece ser possível afirmar que o posicionamento desses agentes no que diz respeito às eleições realizadas naquele contexto (caso dos jornalistas Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna), as disputas entre diferentes agentes no campo da comunicação (caso do jornalista Luis Nassif) e a postura de ataque direto a grandes veículos de comunicação por questões políticas de maneira mais geral (caso do jornalista Paulo Henrique Amorim) contribuíram para dar forma ao que hoje pode ser considerado como uma blogosfera política marcada pelo embate com organizações pertencentes aos grandes grupos de mídia. No caso dos agentes acima, entretanto, não se pode afirmar que houve uma postura de total ruptura com a mídia

tradicional, uma vez que quase todos eles trabalham profissionalmente em emissoras que também pertencem à grande mídia, como a Rede Record. A exceção está com o blogueiro Luis Nassif, que possui um projeto próprio na Agência Dinheiro Vivo, e também apresenta um programa na TV Brasil, emissora pública criada durante o segundo mandato do governo Lula.

Figura 4: O Blog Escrevinhador



Fonte: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/o-dia-em-que-ate-a-globo-vaiou-ali-kamel.html>

▪ A Trajetória do Militante Altamiro Borges

Já Altamiro Borges, também mencionado por grande parte dos entrevistados, é formado em jornalismo e militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) desde o ano de 1979, exercendo o cargo de Secretário para Questões de Mídia dentro desse partido (BORGES, 2013, s/p). A partir do ano de 2010, passa a ser também presidente do *Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé*, instituição que ajudou a criar e que possui como objetivos principais “contribuir na luta pela democratização da comunicação, fortalecer a mídia alternativa e comunitária, promover estudos sobre a estratégica frente midiática e investir na formação dos novos comunicadores” (BORGES, 2010, s/p). Altamiro Borges é

responsável desde 2008 por um blog pessoal, o Blog do Miro, criado por ele com o intuito de ser “uma trincheira na luta contra a ditadura midiática” (BORGES, 2010, s/p).

No fragmento abaixo destacado, o blogueiro Altamiro Borges relata sua trajetória e sua atuação prévia no campo da política. As razões pelas quais ele resolveu criar seu próprio blog, conforme já abordado anteriormente, foi devido ao que ele enxergou como uma “brecha” aberta pelas novas tecnologias, que possibilitaram que ele continuasse a escrever textos marcados pela crítica à mídia tradicional:

Eu sou Jornalista profissional né? Me formei em 79 pela Cásper Líbero, Faculdade Cásper Líbero aqui de São Paulo. É... Já trabalhei em alguns periódicos, sempre periódicos... Não hegemônicos, trabalhei durante um tempo num jornal de bairro na zona leste aqui de São Paulo, se chamava Jornal da Zona Leste. Que nós montamos uma cooperativa pra tocar esse jornal. Trabalhei durante um tempo com Dom Paulo Evaristo Arns, no O São Paulo, Jornal da Arquidiocese de São Paulo. Em 80 surgiu um jornal, que era um jornal... Do partido, vinculado ao Partido Comunista. O partido comunista tava na ilegalidade, vários de seus dirigentes tavam na Europa inclusive, vários deles tavam presos né? Foi montado um jornal... Que era um jornal mais... E.. Mais massivo, menos um jornal interno mais um jornal pra fora, que se chamava Tribuna da Luta Operária. E eu, peguei desde o início o Tribuna da Luta Operária, fiquei uns 8 anos nessa... Nesse jornal. Foi um jornal que teve um papel importante na luta contra a Ditadura Militar. Fui várias vezes apreendido, várias vezes tive que ir visitar a Polícia Federal, várias vezes fomos presos também, em função desse jornal Tribuna da Luta Operária [...] Eu participei muito ativamente das greves dos metalúrgicos do ABC, em apoio né? Então em função disso na Tribuna da Luta Operária, eu fiquei como editor da área sindical. Então desde o início cobrindo a área sindical né? Cobrindo os movimentos grevistas da década de 80. Cobrindo todas as articulações intersindicais daquela época como CLATE, CULTI, CGT... Acompanhei muito o movimento sindical. Quando esse jornal chegou ao seu final, deu seu tempo. Em função da experiência acumulada nessa área de jornalismo sindical, jornalismo do trabalho eu passei a prestar assessoria de imprensa a sindicatos [...] Então... Já desse período sempre me chamou muito atenção a.. O papel que a mídia tradicional adotava com relação aos movimentos grevistas, na luta dos trabalhadores, papel sempre de criminalização dessas lutas né? Sempre... Tentando estigmatizar essas lutas né? Ou senão o papel de simplesmente negar a existência dessas lutas, ou era não notícia ou quando era notícia era pra falar mal. Então essa preocupação com a questão da comunicação é... Sempre teve muito na minha cabeça. (...) Com base nisso nesse período mais recente, como esse debate de democratização da comunicação se intensificou, né? Eu acabei tendo uma certa participação na... Principalmente no processo da Conferência Nacional de Comunicação em 2009, participei de muitos debates, participei da própria conferência, participei de várias conferências estaduais [...] E quando pintou a possibilidade desse instrumento que é a internet, eu chamo a internet de uma brecha tecnológica [...] eu vi a possibilidade de ter um blog. Eu tenho uma visão muito crítica dessa mídia que tá aí né? [...] Ela desinforma com um padrão de manipulação que o professor Perseu Abramo ensina, padrão de manipulação muito requintada... A desinformação da mídia não é mentira, a desinformação da mídia é... O realce ou omissão, eu omito o que não me interessa e eu realço o que me interessa. Então desde o início eu tenho uma visão muito crítica dessa mídia tradicional, desses jornalões, revistonas e emissoras de rádio e televisão né? E... Com blog eu procurei fazer nas minhas modestíssimas condições, por que essa não é minha profissão, eu não tenho profissão blogueiro, né? [...] O blog é uma... Uma opção... Opção voluntária consciente ponto. Eu tento fazer o que está escrito na abertura do blog, uma trincheirinha de luta contra essa mídia hegemônica, que eu chamo de ditadura midiática né? Então esse é o objetivo principal, é fazer um contraponto as leituras do que essa mídia tradicional emite. Essa é a razão da existência do blog (Entrevista Altamiro Borges).

Assim, fica evidente a partir da fala acima que o blogueiro Altamiro Borges acumulou uma longa experiência no campo da política, uma vez que está filiado há muitas décadas a um partido político tradicional de esquerda, o *PCdoB* e participou ativamente de momentos cruciais para a democratização do país. Além disso, possui importante experiência como jornalista. Entretanto, diferentemente da trajetória dos jornalistas analisadas anteriormente, seu percurso no campo do jornalismo está associado a veículos “não hegemônicos”, como ele mesmo afirma, como jornais de bairro e a um veículo ligado ao partido ao qual pertence.

Figura 5: O Blog do Miro



Fonte: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/>

▪ A Trajetória do militante Eduardo Guimarães

Por último, é importante mencionar a trajetória de outro blogueiro bastante mencionado ao longo do processo de coleta de dados, o comerciante Eduardo Guimarães, nascido em São Paulo e que, em 2007, criou um *blog* denominado *Blog da Cidadania*. Sua trajetória não teve origem a partir de participação em nenhum partido político, como no caso anterior. Conforme ele mesmo faz questão de mencionar, sua atuação começou sobretudo a partir de cartas que escrevia para jornais impressos que lia à época, tais como a Folha de São Paulo, emitindo sua visão a respeito do debate político. Ele afirma que conseguiu emplacar diversas opiniões na

sessão de cartas dos leitores, e assim foi se tornando conhecido por outros leitores e também por alguns jornalistas do próprio veículo. Com o passar do tempo, encontrou na Internet a possibilidade de construir um espaço próprio dentro do qual pudesse publicar seus textos de forma sistemática, especialmente devido ao incômodo que sentiu com relação à cobertura política das eleições presidenciais de 2006. Também fundou, nesse mesmo ano, uma organização não-governamental denominada Movimento dos Sem Mídia (MSM), que preside até os dias atuais. Em entrevista à revista Fórum no ano de 2011, Eduardo Guimarães explica com maiores detalhes os motivos que o levaram a criar seu blog:

Na verdade foi meio que por acidente, pois lá por 2007, com aquela tentativa de golpe branco, eu começava o blog e em certo momento eu e os leitores começamos a cogitar fazer uma “vaquinha” para colocar uma matéria paga nos jornalões. Daí concluímos que não seria aceita. Um belo dia, eu com esse meu gênio “calminho” que você conhece disse para o pessoal que estava farto daquilo tudo e que ia comprar um megafone e iria para diante de um desses veículos dizer na “cara” deles tudo o que pensava e, para minha surpresa, centenas de leitores começaram a dizer que se eu fosse eles iriam comigo. Poucos meses antes, eu disse que um dia ainda ia criar um movimento que seria uma paródia do Movimento dos Sem Terra (MST), o Movimento dos Sem Mídia. Quando fomos, em duas centenas, diante da Folha fazer o ato público (2007), após o ato fomos até a Praça Princesa Isabel e lá decidimos criar o Movimento dos Sem Mídia. Um mês depois, alugamos um auditório e 50 pessoas fundaram a ONG [...] Continuo vivendo como vivia. Mas, claro, mudou a minha rotina, pois acabei assumindo certas responsabilidades com os leitores – escrever, fazer ativismo político. Além disso, claro, tornei-me conhecido. Frequentemente alguém me pára na rua ao me reconhecer. Parece meio ridículo, até, dizer isso. Mas é inevitável depois que a gente põe a cara na internet (GUIMARÃES, 2011, s/p).

Já ao relatar sua trajetória e as razões pelas quais decidiu criar seu *blog*, o blogueiro afirmou durante a entrevista com ele realizada que:

Desses anos aí 95, quando ainda não existia a internet, foi quando eu comecei a escrever pra jornal que tinha gente que via no Estadão, um texto que tinha nada a ver com o que estavam acostumados, que eu fui um dos poucos que consegui furar esse bloqueio e... Os sujeitos ficavam indignados, me procuravam na lista telefônica, ligavam pra minha casa pra me insultar, anonimamente Eu nunca me deixei intimidar, aí veio a internet. Surgiu a internet e o embrião do que hoje são os blogs, eram as listas de e-mail, o quê que acontece? Escrevia pra essa sessão de leitores do Estadão e dos outros jornais, mas até então era um jornal de família o Estadão. Eu concentrava né? Eu via que tinha a chance de participar de um debate público, e aí aquilo que eles não publicavam eu via que no pé de cada cartinha do leitor, tinha o e-mail dos sujeitos, eles publicavam o e-mail. Naquela época tava surgindo essa coisa do e-mail, então todo mundo exibia seu e-mail com orgulho. Por que não existia também, tanto assim, aquela coisa de *spam*, isso foi coisa de... Entendeu? E-mail era, também não era pra todos, pouca gente tinha esse tipo de coisa, reservado a uma elite. Não era um, eram vários. Leitores do Estadão, de direita, de esquerda, conservadores, reacionários, golpistas, tudo que você pode imaginar [...] É... E aí eu pegava aqueles e-mails, todo santo dia eu ia em vários jornais, ia em revistas e tal, nas sessões de política e eu via o que as pessoas falavam de política e tal, pegava aqueles e-mails e ia montando uma listazinha. Eu escrevia os meus textos e enviava na intenção realmente de difundir ideias que se contrapusessem as ideias da grande imprensa conservadora, que então é... Tinha aquelas posições contra a reforma agrária, contra a tudo que era progressista né? E eu... ‘Puxa, aqui na Internet tem um jeito de eu falar pra um monte de gente, que eu falo pra um monte de gente, mas é muito difícil você emplacar alguma coisa ali. Eu fui formando uma lista que chegou a ter...

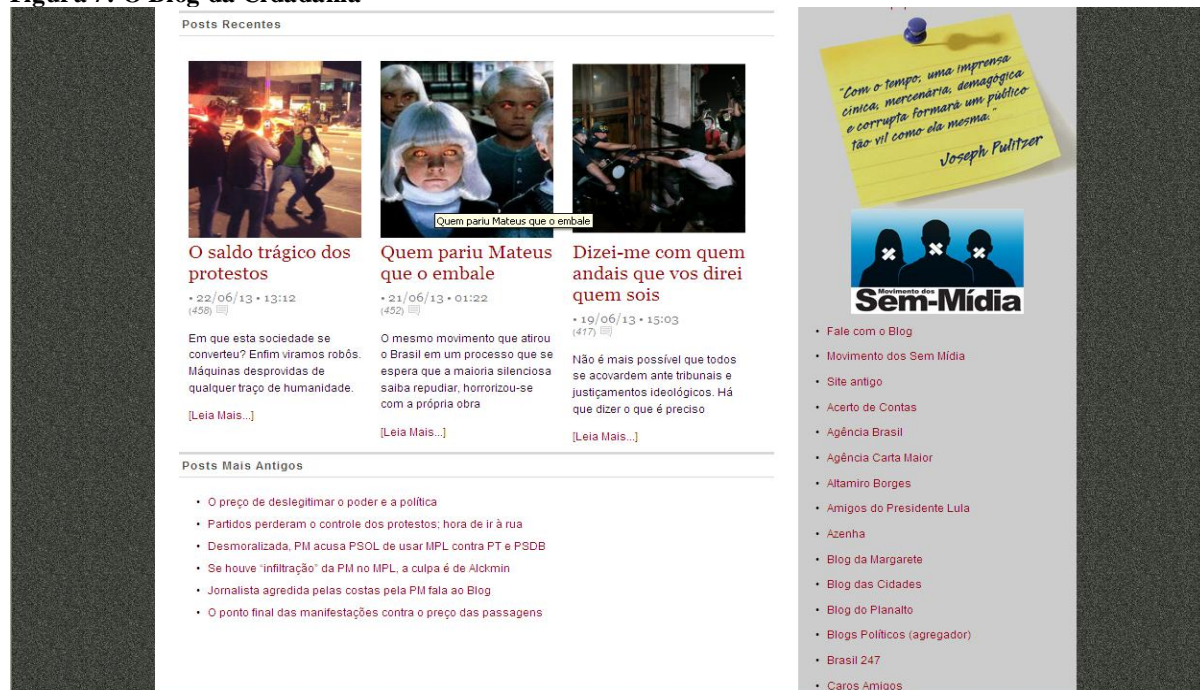
Centenas de nomes. [...] E até que, com esse negócio da internet eu acabei descobrindo o Observatório da Imprensa e comecei a enviar meus textos por e-mail pro Observatório da Imprensa [...] Meus textos também começaram a ser publicados e nessas alturas eu já escrevia cartas pro Estadão, já escrevia cartas pra Folha, pro Globo, até pra Veja eu cheguei a escrever como leitor. E aí começaram a lançar meus artigos no Observatório da Imprensa e até que uma das editoras do Observatório chegou pra mim [...] Ela falou: ‘olha, tá surgindo um negócio aí, isso foi em 2005, tá surgindo um negócio que são os blogs, já tem o blog... O que existia de blog era o blog do Noblat. E... Talvez o do Josias de Souza, os blogs independentes e tal. Acho que o meu talvez tenha sido uns dos primeiros, né? Não sei, não vou dizer que foi o primeiro, mas foi um dos primeiros. Esse pessoal que tá aí hoje, na blogosfera. Grandes blogs, o que tem hoje existiam quando eu criei o meu. Nassif, Paulo Henrique, Azenha, todos esses aí já existiam. Aí eu criei ainda no UOL né? Eu tinha conta no UOL, criei conta no blog do UOL, daí a coisa começou a ganhar dinâmica própria, é... Eu percebi que o grande poder da internet, era o de juntar pessoas que tenham opiniões, porque aqui em São Paulo, ao contrário do Rio, é um lugar muito conservador. Eu me sentia um estranho no ninho, ainda mais no meu meio social de classe média, meu bairro é um bairro classe média, classe média alta, eu não sou classe média alta, mas eu convivo num bairro classe média alta. Então é... Aqui, nesse meio social inclusive, eu me sentia um estranho social no ninho, aí eu pensava da forma como eu penso. E aí a Internet, ela foi... Unindo pessoas, inclusive, com ideias parecidas, né? Essas pessoas vão se aglutinando, então o meu blog, numa época em que surgiu o escândalo do mensalão em 2005 [...] Eu falei: ‘Não é assim, peraí, tão querendo culpar um partido que na época tinha 200 mil militantes e não sei o quê. Ah, tudo bem, tem que apurar, nós estamos numa democracia, os candidatos foram votados, eles receberam votos’. Tá certo você querer culpar o governo, querer criminalizar todo mundo, mas vamos ver o que aconteceu. Assim como estão fazendo eu não aceito, e comecei a dizer, e comecei a analisar, os artigos, a coisa toda que acontecia, comecei a perceber que havia uma má intenção ali de transformar aquilo que houve, ou seja, caixa dois, no maior escândalo de corrupção da história que era uma coisa que os partidos faziam que tá errado, com certeza, mas a situação que existia no Brasil era a seguinte: o PT não chegava ao poder, já tinha perdido três ou quatro eleições presidenciais, né? Já tinha perdido várias eleições presidenciais e não chegava ao poder e eram sempre os mesmos que ganhavam com o apoio da mídia. A mídia ia lá e falava: ‘olha esse é o bom’, O povo ia lá e votava. Eu achei uma coisa gravíssima, eu fui lá no blog e escrevi um texto, olha pra mim chega. O que eu tô vendo que tá acontecendo no Brasil é muito ruim, é perigoso, é uma ameaça à democracia é... [...] Vocês sabem o que eu vou fazer? Vou pegar um megafone vou diante da Folha de São Paulo e eu vou gritar as coisas que eu acho que estão erradas, que esse jornal e outros estão fazendo que tá errado, eu sei não vai adiantar, mas eu vou fazer. Por que... Aquilo ali me revoltou muito e tava revoltando muita gente [...] Eu sei que nós juntamos umas trezentas pessoas mais ou menos na Folha de São Paulo, tem até foto. Um monte de gente, não é uma coisa assim, você sabe que pra botar trezentas pessoas na rua hoje é... Não é fácil não. Você sabe que você tem a mídia aí convocando manifestações contra o Lula e tal. Outro dia tinha vinte pessoas na Paulista, é difícil e naquela época não se sabia em 2007 de algo semelhante que alguém tivesse ido, algumas centenas de pessoas diante de um meio de comunicação protestar. Então atraiu uma grande atenção, foi parar na Terra, foi parar no IG. Mas não foi a Folha, o G1, mas grandes portais mandaram reportagens, vinham me entrevistar, quiseram me entrevistar. Eu fiz aquele ato, nós e... Eu sempre dizia no blog, o seguinte: um dia eu ia fazer que nem o Movimento dos Sem Terra e criar o Movimento dos Sem Mídia, pra atuar como os Sem Terra, pra ocupar espaços na mídia, mas não evidentemente invadindo redações, mas tentar ocupar espaços na mídia com atos públicos com... E aí lá dentro da Folha a gente fez a manifestação com um monte de gente, depois fomos ali pra Praça Princesa Isabel. Mais de trezentas pessoas reunidas: ‘Vamos fundar uma ONG’. Então marcamos uma assembleia pra mais uns quinze dias depois, reunimos no auditório e criamos formalmente uma ONG, o Movimento dos Sem Mídia e daí ela fez inclusive, representações. Teve aquela, que foi a primeira, aquela da febre amarela, em Janeiro de 2008 [...]

Figura 6: O Blog da Cidadania



Fonte: www.blogdacidadania.com.br/

Figura 7: O Blog da Cidadania



Fonte: <http://www.blogdacidadania.com.br/>

Com base na descrição da trajetória dos agentes considerados precursores da blogosfera política alternativa no Brasil, fica evidente que todos os blogueiros-jornalistas mais

mencionados (com exceção do blogueiro Altamiro Borges que, apesar de sua formação como jornalista, teve sua trajetória marcada especialmente pela militância no campo político) atuaram em grandes grupos de mídia, como nas Organizações Globo, Grupo Abril (Revista Veja) e Folha de São Paulo. É importante, nesse sentido, ressaltar que, apesar de grande parte destes jornalistas terem deixado os veículos onde trabalhavam, especialmente por conflitos de caráter político-ideológico, grande parte deles ainda permanece atuando na mídia tradicional, ao mesmo tempo em que atuam como blogueiros políticos de forma independente do trabalho que exercem nessas organizações.

Pode-se dizer, dessa forma, que uma das principais razões pelas quais os blogueiros-jornalistas anteriormente mencionados foram fundamentais para a gênese da blogosfera política alternativa está no próprio capital por eles acumulados na mídia tradicional, que possibilitou que seus blogs se tornassem bastante acessados na esfera virtual e, assim, se tornassem referência no âmbito desse novo espaço. Isso parece ser ainda mais evidente especialmente quando se analisa o caso de jornalistas que se tornaram muito conhecidos pelo público mais amplo, como Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif.

Já os outros *blogs* mencionados foram criados por indivíduos que não atuavam na grande mídia, mas que, com o passar do tempo, conseguiram ganhar certo reconhecimento dentro desse novo espaço que estava surgindo, a blogosfera. É o caso do blogueiro Eduardo Guimarães que, atuando como comerciante, decidiu criar seu *blog* a partir de um inconformismo gerado pelo que ele percebia ser uma atuação parcial dos grandes meios de comunicação. Sendo assim, o referido blogueiro não dispunha do capital simbólico que os outros blogueiros detinham e, por essa razão, pode ser considerado como uma exceção dentro desse universo de blogueiros de maior peso que se destacavam na fase inicial do campo. O mesmo não se pode falar do blogueiro Altamiro Borges que, ainda que também não estivesse vinculado à grande mídia, detinha capital político que era fruto de sua atuação como dirigente de um partido político relevante no contexto nacional, ao mesmo tempo em que possuía laços diversos com sindicatos e movimentos sociais.

Além desses indivíduos mencionados acima, outros blogueiros e também alguns eventos de mídia realizados no Brasil foram citados como sendo extremamente importantes para a gênese da blogosfera política no contexto brasileiro. O trecho abaixo evidencia alguns desses agentes também considerados importantes para o surgimento desse espaço e os eventos considerados como marcos:

Um dos primeiros blogs no Brasil foi o do (Luiz Carlos) Azenha, que é um belo blog. O Blog do Nassif é de depois e foi o professor Idelber (Avelar), um dos iniciantes da blogosfera no Brasil que tem o Blog Biscoito Fino. Ele foi um dos que já, algum tempo atrás propôs agregação de blogueiros. Então se teve algumas iniciativas. No foro de mídia livre, que foi uma coisa que nasceu em 2008 em São Paulo, com iniciativa de Joaquim Palhares do site Carta Maior, que aí agregou um bocado de gente, de pontos de cultura, de universidades. A professora Ivana Bentes, do Rio de Janeiro. No segundo foro se tentou fazer um encontro de blogueiros. Eu, Nassif e Caribé, participamos. Juntou ali, mais umas 30 (trinta) pessoas. Já tinha várias iniciativas, mas não tinha ainda conseguido levantar voo (BORGES, 2011, s/p).

Dessa forma, com base em todos os trechos anteriormente analisados, é possível afirmar que a gênese da blogosfera política no Brasil ocorreu mais ou menos na metade da década de 2000, sendo que, anteriormente, a interação entre ativistas políticos ocorria principalmente por meio das listas de *e-mails* e na rede social *Orkut*.

Os primeiros *blogs* políticos nacionais que foram citados como pioneiros na blogosfera política do país foram os de jornalistas como Noblat e Josias de Souza. Mais ou menos na mesma época, alguns outros *blogs* passaram a surgir, como os do jornalista Luiz Carlos Azenha, Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif, todos eles hospedados em grandes portais como *Globo.com* e *iG*. Nesse sentido, pode-se dizer que nascia no campo da comunicação, nesse momento, um novo espaço mais ligado ao subcampo do jornalismo. Isso porque este espaço era composto basicamente por jornalistas vinculados à grande mídia e estava vinculado a grandes portais. A blogosfera, conforme afirmado anteriormente, tinha um caráter difuso e não era possível ainda observar muitas disputas em seu interior.

Entretanto, se naquele momento o que havia era basicamente uma blogosfera política mais ligadas à grande mídia e aos grandes portais, as eleições presidenciais de 2006 se colocaram como um evento decisivo para que essa situação começasse a ser alterada. Conforme ficou evidente na análise dos trechos, a cobertura das eleições por parte dos maiores veículos de comunicação, especialmente a das *Organizações Globo*, foi um fator que culminou no rompimento de alguns jornalistas com a emissora. Isso ocorreu em função do que eles apontaram como sendo a existência de práticas de “manipulação e controle político” na emissora em prol do candidato do PSDB à época e com o intuito de desgastar a nova candidatura do então presidente Luis Inácio Lula da Silva.

Em paralelo, alguns militantes políticos de esquerda ou de movimentos sociais que possuíam identificação com o governo à época também passaram a criar seus próprios *blogs* com o intuito de exercer um contraponto à postura política desses mesmos veículos, reação esta causada, sobretudo à abordagem destes últimos ao que se convencionou denominar como

o escândalo do “mensalão”. Este foi o caso de blogueiros como Alexandre Teixeira, cujo blog *Megacidadeania* se tornou bastante conhecido por divulgar documentos relativos ao processo do *mensalão*. Tais documentos foram essenciais para que o blogueiro pudesse questionar as versões da grande mídia sobre os fatos que deram origem a tal processo. Já os jornalistas Luis Nassif e Paulo Henrique Amorim, conforme afirmado anteriormente, se envolveram em disputas com as organizações nas quais trabalharam de maneira não exatamente igual aos casos dos jornalistas Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna.

No caso de Nassif, como afirma Knecht (2011), sua saída da *Folha de São Paulo* ocorreu em 2006, mas seu *blog* apenas começou a atrair um público mais “à esquerda” no ano de 2007, a partir da série de reportagens em que denunciava o que considerava serem más práticas jornalistas por parte da *Revista Veja*. A partir desse momento, o jornalista, que anteriormente adotava um discurso marcado pelo “conservadorismo moderado”, passa a adotar uma linha mais favorável ao governo Lula (KNECHT, 2011, p.36). Já no caso de Paulo Henrique Amorim, seu *blog*, desde que foi criado, caracterizou-se pelas críticas aos grupos *Globo*, *Abril*, *Folha* e *Estado* em função da postura destes últimos de oposição ferrenha ao governo Lula. Entretanto, o rompimento de seu contrato com o *iG* e a criação de um portal próprio não ocorreu exatamente em função de tais críticas, mas, pelo que parece, em função de outro episódio mais específico, e já no ano de 2008.

Convém também lembrar que, a partir do *mensalão* e durante toda a campanha presidencial de 2006, os ânimos entre oposicionistas e defensores do governo estavam extremamente acirrados, e raramente era possível observar nos veículos da mídia tradicional ou mesmo na blogosfera posições políticas que pudessem representar um meio-termo nesse embate ou que pudessem ser caracterizados por posições mais conciliadoras. Nesse sentido, conforme trabalho de Bolaño e Brittos (2008, p.1) apontou, “a blogosfera se transformou em “um ambiente para circulação de informações em sentido diferenciado do fluxo da grande mídia e que, “no caso do pleito para presidente da república em pauta, este espaço configurou-se como um polo de reação à campanha da mídia hegemônica, de parcialização da cobertura”. Já Knecht (2011, p.3) afirma que “esse grupo de blogueiros e jornalistas identificados com a esquerda política” surgiram “como atores políticos pela primeira vez nas eleições de 2006”.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que as eleições de 2006 se constituíram como o primeiro grande evento crítico que, além de criar um primeiro senso de identificação entre os blogueiros mais alinhados com a esquerda política, mostrou de forma mais clara que havia, no âmbito dessa blogosfera política, grupos com um posicionamento político que se chocava

claramente com aquele adotado pela mídia tradicional. É por essa razão que essa vertente da blogosfera é aqui identificada como uma “blogosfera política alternativa”, entendendo-se como “alternativo” aquilo que Moraes (2007) identifica, dentre outras definições, aquele tipo de comunicação “que atua como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalistas e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com uma clara tendência a democratizar a palavra e a informação” (MORAES, 2007, p.4). Assim, percebe-se que a ainda pouco robusta blogosfera política brasileira passa vincular-se a subcampos opostos no interior do campo da comunicação: uma blogosfera política vinculada aos grupos de mídia tradicional (como o blog do Noblat, no portal do jornal O Globo e o blog do Reinaldo Azevedo, no portal da Veja), e uma blogosfera política alternativa independente dos grandes veículos de comunicação e vinculada ao subcampo da mídia alternativa.

Os dados coletados permitem também afirmar que já havia, naquele período, um grande número de acessos por parte de leitores que, em sua maioria, se identificava com os textos e opiniões veiculadas nos *blogs* mencionados. As atuações dos blogueiros, entretanto, não eram orientadas por objetivos formais mais explicitados e, por essa razão, eram praticadas de forma mais fragmentada, ainda que as menções entre eles e o intercompartilhamento de *posts* já ocorressem de maneira frequente. Nesse sentido, pode-se afirmar que a blogosfera apresentava um número de agentes não muito abrangente e seus laços de relacionamento ainda estavam sendo construídos, sendo que grande parte deles era oriundo da mídia tradicional, onde acumularam prestígio e reconhecimento. Tais elementos, de acordo com Bourdieu, constituem-se em capitais simbólicos extremamente importantes que proporcionam a seus detentores um status privilegiado nesse espaço, algo que lhes garante poder dentro dele.

Nesse momento, o termo *progressista* ainda não era utilizado como forma de se conceituar a natureza desses *blogs*, ainda que fosse utilizado algumas vezes como forma de contrapor idéias de natureza política. Nesse sentido, o adjetivo *progressista* estava vinculado a posições mais vinculadas à esquerda do espectro político e associadas à defesa de posições políticas em que a atuação do Estado é percebida como sendo essencial na garantia do alcance dos interesses coletivos. Já o termo conservador era utilizado para se designar a posição política defendida pela maior parte dos veículos de comunicação ligada às grandes organizações de mídia, sendo ela associada a uma perspectiva neoliberal que possui como elementos norteadores a forte defesa da livre atuação do mercado e também da redução da intervenção do Estado em áreas que a princípio deveriam ser deixadas nas mãos do mercado.

A mídia seria uma dessas áreas que, na visão dos principais veículos de comunicação, deveriam passar longe da atuação do Estado, uma vez que ela mesma possuiria a capacidade de instalar mecanismos auto-regulatórios que coibiria práticas abusivas em seu âmago.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que, no campo da comunicação, a blogosfera política alternativa nasce a partir da entrada no campo da comunicação de agentes que podem ser considerados como novos entrantes no campo (militantes e ativistas digitais provenientes de outros campos e que criaram seus *blogs* a partir da oportunidade que surgiu a partir das novas tecnologias de comunicação). Também, nasce a partir de agentes que já participavam do campo (caso dos jornalistas vinculados à mídia tradicional) e que, devido a conflitos ideológicos dentro de seus grupos de origem, utilizam essas novas tecnologias como forma de ganharem maior autonomia e independência no campo, o que acaba por contribuir para que esse novo espaço se constitua. Por fim, é possível afirmar que a constituição da blogosfera política alternativa no Brasil está muito relacionada a uma postura de defesa do governo Lula por parte da maioria dos agentes que a constituiu, fato este que foi estimulado em grande parte pela adoção de uma postura prévia de oposição a este governo por parte dos maiores veículos vinculados à mídia tradicional. O clima de acirramento político visto durante a campanha de 2006, dessa forma, contribuiu em grande parte para o início de um acirramento entre os agentes ligados à blogosfera política alternativa e os grupos de mídia ligados à mídia tradicional.

4.1.2. A campanha presidencial de 2010 e a criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*

Se a campanha presidencial de 2006 pode ser considerada como o primeiro evento crítico que contribuiu para a formação de uma blogosfera política alternativa à mídia tradicional, o ano de 2010 foi particularmente importante por consolidar definitivamente esse universo. Esse período foi marcado especialmente pelo contexto da nova eleição presidencial no Brasil, em que se encontravam dois quadros: a candidata à sucessão do presidente Luis Inácio Lula da Silva e ex-ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT); e o candidato da oposição e ex-governador do Estado de São Paulo, José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Como reação, sobretudo, ao que eles percebiam como um processo de partidarização crescente da grande imprensa em defesa da principal candidatura da oposição (representada pelo candidato José Serra) e à suposta tentativa dessas organizações de prejudicar a candidatura governista, os blogueiros anteriormente citados, mais alinhados com esta última,

decidiram reunir-se para organizar um movimento que pudesse exercer um contraponto às opiniões veiculadas pela grande mídia e fosse capaz de contrabalancear o poder de influência que elas detinham, bem como influenciar a própria disputa eleitoral que ocorria naquele ano. Surgiu, então, o *Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg)*, organizado em sua maioria pelos blogueiros-jornalistas provenientes da mídia tradicional, juntamente com alguns blogueiros provenientes de outros campos, como o próprio Altamiro Borges, Eduardo Guimarães e Conceição Oliveira. A definição do que pode ser entendido como *blogueiros progressistas* se encontra expressa no trecho abaixo:

A blogosfera é produto dos esforços de pessoas independentes das corporações de mídia, os blogueiros progressistas, designação que alude àqueles que, além de seus ideais humanistas, ousaram produzir o que já se tornou o primeiro meio de comunicação de massas autônomo. Contudo, produzir um blog independente, no Brasil, ainda é um ato de heroísmo porque não existem meios sólidos de financiamento para exercer a atividade profissionalmente, ou seja, obtendo remuneração (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2010).

Em paralelo ao surgimento do movimento dos blogueiros progressistas, houve a criação do *Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé*, representado pela figura de seu primeiro presidente, Altamiro Borges. Tal ação decorreu de uma ação conjunta por parte dos blogueiros que fundaram o movimento e tinha como objetivo a “luta para garantir a diversidade e a pluralidade de vozes na mídia” e, também, “reunir os movimentos sociais, ativistas da comunicação, blogueiros, twitteiros, a imprensa popular, comunitária e sindical, constituindo uma militância em prol do direito humano à comunicação” (Centro de Estudos Barão de Itararé, 2012, s/p). Assim, pode-se dizer que essa organização passou a ser a instituição responsável por congregar os esforços de blogueiros políticos e outros grupos críticos à mídia tradicional que antes se encontravam mais dispersos.

O surgimento do movimento, portanto, está intrinsecamente ligado àquilo que seus criadores percebiam como um momento de crescente radicalização política durante as eleições de 2010. O presidente do *Barão de Itararé*, Altamiro Borges, ao explicar as razões que fizeram com que o movimento *BlogProg* surgisse, corrobora essa afirmação ao dizer que:

Ela nasce muito vinculada ao momento político. Nasce porque estávamos em um processo eleitoral em que essa mídia corporativa, essa mídia hegemônica tinha virado palanque eleitoral. Então deu certo porque o clima político era propício.

Já o objetivo de se contrapor politicamente aos veículos de comunicação ligados à grande mídia do país, percebidos como forte defensores da candidatura apoiada pela coligação PSDB-DEM, fica evidenciado nos trechos abaixo. Enquanto os dois primeiros foram

extraídos de *posts* provenientes da observação online, o terceiro foi extraído a partir do processo de entrevista:

O BlogProg teve início em meados de 2010 como contraponto às manipulações da mídia demotucana nas eleições presidenciais. (BORGES, 2011, s/p).

A era histórica (o surgimento do BlogProg) foi a grande frente que ajudou a afastar a maior ameaça que a democracia brasileira enfrentou desde a eleição de Tancredo: a perspectiva de um país da dimensão do Brasil presidido por um político vingativo e desequilibrado como José Serra. No evento de lançamento do movimento procurei explicitar minha posição. A frente era composta por pessoas de várias tendências e cimentada por alguns princípios comuns a todos: a defesa da democracia, da inclusão social, contra toda forma de intolerância e preconceito e dando voz a todos os excluídos pela velha mídia (NASSIF, 2011, s/p).

Nasceu disso, isso nasceu numa reunião. Nasceu na reunião que fundou o Barão de Itararé. O Barão de Itararé foi fundado, é isso, em 10 de Maio se eu não me engano. Nessa reunião você já tinha alguns blogueiros. Tava lá o Azenha, tava o Rodrigo Viana, tava o Paulo Henrique Amorim, o Nassif, que são esses blogueiros desse campo, com visões muito diferentes cada um. (...) E aí o Azenha falou: 'pô, é isso, nós estamos replicando um o texto do outro e não nos conhecemos. Vamos nos conhecer. Vamos fazer um encontro que tenha lá, e tava muito forte, o que... Isso se deu em Maio de 2010 em plena campanha presidencial. E já tinha uma... Uma... Já tinha um incômodo, uma reação forte ao que a mídia tradicional tava fazendo com relação à campanha. Tava evidente que a mídia tinha um candidato, esses quatro grandes grupos de mídia tinham um candidato: Globo, Veja, Folha e o Estadão. Já tava evidente que eles iam abusar das baixarias, a Folha tinha soltado aquela coisa da ficha policial falsa da Dilma, aberração que em qualquer país do mundo a Folha seria processada por um ato criminoso, que ela fez, né? Mais ou menos eu chegar e colocar numa manchete de jornal que o Frias, o velho Frias, teve negócios ilícitos na Rodoviária de São Paulo, que ele era dono. Não posso falar isso, eu não tenho prova, a Folha colocou uma ficha policial falsa da Dilma na capa com paginas e páginas, então já havia nessa turma da blogo... Nesses blogs políticos do campo progressista, já havia um mal estar. Falando: 'pô é um absurdo, que eles vão fa... Nós tamos em Maio e a eleição já resvalou, já desceu ribanceira abaixo da baixaria (Entrevista Altamiro Borges).

Dessa forma, pode-se perceber, com base nos fragmentos acima destacados, que a percepção com relação à suposta manipulação da grande mídia durante a campanha eleitoral foi o elemento que propiciou que diferentes blogueiros e grupos se articulassem em torno de um movimento mais formalmente organizado, o BlogProg. É importante chamar a atenção também para o evento destacado por Altamiro Borges em sua entrevista que diz respeito a uma manchete publicada pelo jornal Folha de São Paulo no ano de 2010 na qual era mostrada uma ficha policial da candidata Dilma Rousseff que mais tarde descobriu-se não ser verdadeira. Tal fato, à época, foi amplamente debatido na blogosfera e se constituiu em motivo de indignação por parte por parte daqueles setores mais alinhados à candidatura governista. Após muita pressão por parte de blogueiros e ativistas, a própria Folha de São Paulo admitiu o erro, conforme o trecho abaixo, extraído de coluna escrita por Magalhães (2009) no site Observatório da Imprensa, aborda:

A Folha de S. Paulo reconheceu neste sábado (25/4) que publicou, na edição de 5 de abril, junto com reportagem que tratava de um suposto plano para sequestrar o então ministro Delfim Netto, um documento falso sobre a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff. O reconhecimento do jornal é boa notícia, mas poderia ter sido mais elegante. "Autenticidade de ficha de Dilma não é provada", diz o título da matéria reproduzida abaixo. Ora, o jornal informa que a ficha publicada foi recebida por e-mail, está no site ultradireitista Ternuma e não existe no Arquivo Público do Estado de São Paulo, onde estariam guardados os documentos do Dops. O correto, portanto, seria dizer que a ficha é falsa, pura e simplesmente. O reconhecimento envergonhado do erro só piora as coisas para a Folha, que por sinal não deu o mesmo espaço para desfazer o equívoco do que ele mereceu na edição de 5 de abril, quando teve chamada na primeira página do jornal. Errar é humano, reconhecer o erro é obrigação de quem erra. Com igual espaço e destaque, de preferência (MAGALHÃES, 2009, s/p).

Nesse sentido, pode-se dizer que o evento conhecido no âmbito da blogosfera política alternativa como a “Ficha Falsa da Dilma” foi um dos estopins (mas não o único) que acarretou em uma auto-articulação dos blogueiros rumo à criação do movimento.

Paralelamente à criação do *Barão de Itararé*, seus fundadores tomaram a decisão de realizar o *I Encontro de Blogueiros Progressistas*, na cidade de São Paulo, com o objetivo de influenciar a campanha presidencial que, a esta altura, já havia sido iniciada formalmente. Altamiro Borges, ao relatar como se deu a criação do movimento *BlogProg*, explica que o encontro foi pensado de forma simultânea, uma vez que a idéia era exercer algum peso no processo das eleições, como fica claro nos trechos abaixo:

Logo de cara marcamos o primeiro encontro nacional e descentralizamos para os estados. Naquele momento não tinha outro jeito, não tinha como articular um movimento nacional. Nós tínhamos que fazer antes das eleições, para ter peso, para contribuir. Então foi por isso que ela nasceu com essa cara paulista (BORGES, 2011, s/p).

Então não dá pra ficar quieto, como que agente cria sinergia? Cada um de nós vai fazendo as coisas, isso aí não está sendo suficiente vamos criar sinergia, aí a ideia do encontro, né? Vamos nos conhecer, vamos criar sinergia, respeitando a diversidade de opinião, respeitando a diversidade de partidos e de não partidos lá presentes. Então esse foi o primeiro encontro promovido pelo Barão, junto com o movimento dos Sem Mídia do Eduardo Guimarães junto com a Altercom, Associação de Pequenos Empresários de Comunicação, que é essa turma da Revista Caros Amigos, Fórum, é uma turma que tem um papel muito importante nessa mídia alternativa brasileira. Esse foi o primeiro momento (Entrevista Altamiro Borges).

O primeiro encontro nacional de blogueiro foi realizado entre os dias 20 e 22 na cidade de São Paulo, contou com a participação de 312 pessoas e, inclusive chegou a ser mencionado pelos principais veículos de comunicação tradicional, ainda que sem grandes repercussões, nesse momento.

No que diz respeito à composição do movimento quando de seu surgimento, o presidente do *Barão de Itararé*, Altamiro Borges (2010, s/p), explica que:

O ponto de convergência do primeiro encontro foi a denúncia das manipulações da mídia demotucana e golpista na batalha sucessória. A reação à ditadura midiática conseguiu unir jornalistas de renome e ativistas sociais da internet, militantes de diversos partidos e lutadores inorgânicos. Havia risco das divergências se avolumarem, inviabilizando a continuidade do movimento. Mas, com total respeito à horizontalidade e à pluralidade da rede, foi possível encontrar mais pontos de convergência do que de cisão. Para isso foi fundamental manter uma estrutura sem hierarquias verticalizadas, sem donos ou aparatos (BORGES, 2010, s/p).

No entanto, ainda que as eleições de 2010 tenham sido o grande marco que impulsionou a realização do primeiro encontro, alguns de seus participantes, à época, negaram que o evento tivesse caráter partidário. Para estes, o principal objetivo do movimento era a “democratização da sociedade brasileira” e a discussão de políticas públicas direcionadas ao campo das comunicações, como uma regulação da mídia que impedisse a *propriedade cruzada* no Brasil e a implementação do *Plano Nacional de Banda Larga*, política esta idealizada durante o segundo mandato do governo Lula. Os fragmentos abaixo, extraídos de um *post* publicado pelo jornalista Luiz Carlos Azenha em seu blog e de entrevista por ele concedida, relatam sua percepção à respeito dos objetivos do primeiro encontro:

Estivemos reunidos em um restaurante de São Paulo: eu, Altamiro Borges, Rodrigo Vianna, Eduardo Guimarães e Conceição Lemes. Mais um pouco não seria um jantar, mas uma conspiração. Tratamos de uma idéia que não é necessariamente nova, nem original: da convocação de um Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas. Pode não ser nova, nem original, mas acho que a hora é essa. A blogosfera brasileira já atingiu a massa crítica de leitores que justifica o encontro. Nossa inspiração é, mais ou menos, o *Netroots* dos Estados Unidos, que nasceu com outro nome. Hoje trata-se do maior e mais importante (politicamente) encontro nacional de blogueiros do planeta. Nossa pretensão é muito mais modesta, mas o objetivo é mais ou menos o mesmo. São dois, na verdade. Um: agora que temos leitores, do mesmo jeito que aconteceu nos Estados Unidos, um país de dimensões continentais, acreditamos na necessidade de um encontro presencial entre blogueiros. Para que as pessoas se encontrem e se conheçam. Para que troquem informações e telefones. Para que se agreguem ou desagreguem. Uma coisa é trocar informações, como fazemos, via e-mail. Outra coisa é você conhecer pessoalmente alguém com o qual tem ao menos algumas idéias em comum. Por isso a definição suficientemente vaga: blogueiros progressistas, que tenham compromisso com a ampla democratização da sociedade brasileira, em todos os sentidos. Não será um encontro político-partidário, mas pretendemos incluir nele debates sobre políticas públicas que digam respeito diretamente à blogosfera, como o Plano Nacional de Banda Larga. Paralelamente a isso — ao fortalecimento dos laços entre blogueiros e ao debate de políticas públicas —, pretendemos aproveitar o encontro para promover oficinas em que os blogueiros troquem informações sobre todas as ferramentas da era digital. Como usar o twitter? Como usar o facebook? Como aumentar a audiência de seu blog? Como produzir vídeos para o seu blog (eu, como repórter de TV, me candidato a participar dessa oficina)? Como medir a audiência de seu blog? Em resumo, em um encontro de dois dias teríamos essas atividades. Ou seja, se você está começando agora na blogosfera, terá contato com os “veteranos” do ramo (Paulo Henrique Amorim já se comprometeu a dar uma das palestras), se engajará em um movimento que pode ajudar a mudar os rumos da mídia brasileira e ainda aprenderá com gente experiente a respeito das últimas novidades do setor (AZENHA, 2010, s/p).

Eu dei a ideia na verdade de fazer um encontro nacional. Essa ideia eu tive porque eu morava nos Estados Unidos quando isso começou lá nos Estados Unidos, hoje se você olhar pra blogosfera dos Estados Unidos, ela é muito ampla, riquíssima. Alguns dos maiores endereços de mídia hoje, não são mais da mídia tradicional, né? O Huffington Post, que tem o maior tráfego na internet nos Estados Unidos nunca teve jornal, papel. Nem tem televisão, é uma coisa exclusivamente da blogosfera. Isso nasceu de um processo que vem lá detrás de um movimento parecido com a gente, que é a Progressive Bloggers dos Estados Unidos. Isso nasceu, muito importante, chamado Daily Kos, mas eles abreviaram para K O S, a causa diária, que é militantes, mesmo progressistas, nos Estados Unidos. Esses Daily Kos nasceram dessa organização, que é um encontro nacional de militantes, militantes virtuais dos Estados Unidos. Gigante que é... Hoje virou uma coisa gigantesca, que arrecada num sei quantos milhões dólares, é uma coisa... Quase um estado *, tinha no começo aquela ideia de ser uma coisa anti estado *. Hoje é uma coisa quase um *, por que rica etc e tal. Perdeu um pouco aquela coisa de ser progressista, embora ainda seja (tosse) majoritariamente independente, democrática etc e tal. Mas essa foi a ideia de tentar, não era bem uma organização não. A ideia nunca foi tentar fazer uma organização, porque num d... Existem, mas era assim batalhar por coisas comuns que a gente acha importante pra mudar as coisas no Brasil. Então quais são as coisas comuns? Banda-larga rápida par... Ah tem umas... Neutralidade na rede, que é um conceito muito importante. Impedir que as empresas que dominam a infraestrutura da rede, ou seja, nós temos os donos dos cabos, dos fios, da... Dos postes etc e tal. Consigam interferir no tráfego, ou seja, continua escolher se o blog, se o site da Folha abre mais rápido que o meu. a todos, praças digitais que agora o Fernando Haddad vai implantar em São Paulo, que você tem o Wi-Fi gratuito. Pra manter, pra manter o campo igual. Por que se você deixar e já tá acontecendo aos poucos, o que vai acontecer? “Ah o blog da Folha, se a Folha pagar um pedágio vai andar mais rápido que o meu”. Esse é o princípio atrás da privatização, da privatária da internet, que é o que as telefônicas, empresas de infraestrutura buscam. É os caras querem chegar nisso, “Ah não o blog do Azenha fala muito coisas de esquerda, não esse blog aí ele não tem grana vai deixa ele lá em ultimo, vamo andar mais rápido com esse aqui” entendeu? Essa hierarquia, a gente é contra. O que mais? Essas causas bem gerais, democratização da mídia no Brasil. Impedir que haja propriedade cruzada, [...]A propriedade cruzada, porquê que é importante? É você evitar que os donos dos meios de comunicação exerçam todo o poder, inclusive pode político que é o que eles fazem, pega o Sarem do Maranhão. O maior jornal é dele, as rádio é dele, a FM é dele, a AM é dele e a filha dele é governadora do estado. Mais ideias vai ter uma sociedade muito mais rica em termo de informação, de opinião, de cultura, então essas questões que eu toquei, que eu falei pra você são umas questões bem gerais que animam um pouco a blogosfera, então daí que é a importância desses encontros nacionais. Eu não faço mais parte... Formalmente eu não faço mais parte, eu vou lá como assistente, mas eu num queria ter essa coisa de cargo e eu também acredito que a renovação num deve ser só pra mim, deve ser pros outros, pra mim especialmente (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Assim, fica claro que, para o jornalista acima mencionado, a inspiração do *Primeiro Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas* teve origem no encontro de blogueiros dos Estados Unidos, o *netroots*, que, em sua opinião, consiste no “maior e mais importante (politicamente) encontro nacional de blogueiros do planeta”. É importante frisar que o *netroots*, conforme consta em seu próprio *site*, é um encontro que tem por objetivo “amplificar vozes progressistas por meio da disponibilização de meios online e pessoais para a troca de idéias sobre como ser mais efetivo na utilização da tecnologia para influenciar o debate público” (NETROOTS NATION, 2012, s/p). Sendo assim, percebe-se que, a princípio, o encontro idealizado pelos blogueiros políticos possui intuítos um tanto quanto semelhantes

aos do encontro progressista norte-americano, especialmente no que tange à preocupação em influenciar as discussões sobre políticas públicas, sobretudo aquelas direcionadas ao campo das comunicações. Nesse sentido, a preocupação com o fenômeno da propriedade cruzada no Brasil é uma das principais problemáticas que mereceram a atenção dos blogueiros e ativistas que idealizaram o movimento *BlogProg* e o primeiro encontro a ele vinculado. É importante chamar a atenção para a diferença existente entre os relatos dos diferentes blogueiros ligados ao *BlogProg* no que diz respeito às razões de sua criação.

Parece ser possível afirmar que, enquanto alguns desses blogueiros abordam o movimento a partir de um foco mais político-partidário, ou seja, como uma forma de articulação com o claro intuito de, por meio dela, exercer uma influência efetiva sobre a disputa eleitoral que ocorria naquele ano, outros abordam a criação do movimento a partir de um foco mais macro e direcionado à influenciar na implementação de políticas públicas para o campo da comunicação no Brasil. Na visão destes, tais políticas poderiam justamente ajudar a contrabalançar o desequilíbrio que eles percebiam como decorrente do processo de partidarização da mídia tradicional. Tal diferença foi percebida em outros trabalhos que analisaram o mesmo movimento a partir de uma perspectiva mais ligada à área de comunicação. Um desses trabalhos foi elaborado por Knecht (2011), que concluiu que:

Se o movimento havia sido pensado por Azenha como um contraponto à cobertura da “grande mídia”, a partir de uma posição política de esquerda, mas, se não totalmente, mais independente do projeto político governista, Altamiro Borges, ao contrário, até por conta de sua posição e dos recursos de que dispunha, desde o início enxergou o movimento dos blogueiros “progressistas” como um espaço para desempenhar sua militância política, indissociável da sua atividade de jornalista [...] (KNECHT, 2011, p.41).

Assim, pode-se afirmar que a percepção com relação à constituição do movimento varia conforme a trajetória de seus idealizadores. Entretanto, não se pode dizer que essa percepção varia necessariamente de acordo com o grupo do qual esses agentes fazem parte, pois outros jornalistas de carreira, como o próprio Luis Nassif deixaram claro que, naquele momento, o movimento de fato possuía um objetivo mais político-eleitoral, que era o de “afastar a maior ameaça que a democracia brasileira enfrentou desde a eleição de Tancredo”, que, em sua visão, era a possibilidade da vitória do principal candidato de oposição à candidatura governista.

Dentre os principais motivos que fizeram com que o jornalista acima tivesse uma postura bastante crítica com relação à candidatura oposicionista, podem ser citadas estratégias de campanha que foram adotadas por parte da campanha de José Serra, como, por exemplo, a

acusação amplamente veiculada na propaganda partidária na televisão e nas rádios de que a candidata Dilma Rousseff seria favorável “à descriminalização do aborto e à união civil de pessoas do mesmo sexo”, como forma de atrair o apoio de setores mais ligados às igrejas católica e evangélica (MACHADO, 2012, p. 27).

Além disso, “o lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) também parecem ter amplificado a reação coletiva dos segmentos tradicionalistas” (MACHADO, 2012, p. 27). A utilização de tais temas por parte da candidatura de oposição como forma de atacar a candidatura governista gerou críticas bastante fortes não apenas por parte desse jornalista, mas por parte de outros jornalistas e ativistas na blogosfera, sendo que tal discussão gerou debates acalorados no âmbito da própria sociedade civil. Vale dizer, entretanto, que, como reação à estratégia do candidato de oposição, a própria candidata governista acabou por se aproximar também de setores ligados à igreja e negou que tivesse a intenção de descriminalizar o aborto ou a união civil de pessoas do mesmo sexo, deixando claro, naquele momento, que tal assunto era de competência do legislativo (NOBLAT, 2010, s/p).

Também é importante ressaltar que o debate sobre o aborto e a união homo-afetivo perdurou durante um tempo considerável nas eleições presidenciais e apenas começou a esfriar após uma colunista da Folha de São Paulo, a jornalista Mônica Bergamo, denunciar em sua coluna que a esposa do candidato José Serra já havia feito um aborto quando estava no exílio com o marido. Tal denúncia teve como base declaração de ex-alunas da esposa de Serra e passou a ser imediatamente repercutida por parte dos blogueiros ligados ao movimento *BlogProg*, como no *blog* do próprio Nassif, que intitulou um de seus *posts* como *Folha e a hipocrisia de Serra sobre o aborto* (NASSIF, 2010, s/p), em que reproduz declarações de Serra sobre o aborto e também a denúncia da jornalista Mônica Bergamo. Outro expoente do movimento, o presidente do Barão Altamiro Borges, afirmou em sua entrevista que “aquilo se espalhou tanto pela rede que eles tiveram que abortar o aborto” (Entrevista Altamiro Borges).

Outro fato ocorrido durante a campanha de 2010 e que repercutiu intensamente na mídia tradicional e também na blogosfera foi aquele que ficou conhecido como o episódio da “bolinha de papel”, também envolvendo o candidato da oposição José Serra. Durante o segundo turno da campanha presidencial entre este último e a candidata do governo Dilma Rousseff, houve uma suposta tentativa de agressão a Serra e sua equipe durante uma caminhada de campanha que ele realizou na cidade do Rio de Janeiro e que foi ocasionada pelo encontro casual ocorrido entre as equipes de campanha adversárias. A tentativa de

agressão, de acordo com as primeiras notícias divulgadas em grandes portais, foi feita por meio de um rolo de fita adesiva jogada por um indivíduo que, segundo esses veículos, seria militante do Partido dos Trabalhadores. Na mesma noite, porém, reportagem veiculada pela emissora de televisão SBT mostrou em câmera lenta, que o objetivo que voou em direção a Serra era, na verdade, uma bolinha de papel, e não uma fita de rolo adesiva. Na sequência, as imagens mostram o candidato recebendo um telefonema e, em seguida, levando as mãos à sua cabeça, demonstrando sentir dor. Já no dia seguinte, o Jornal Nacional, da Rede Globo, procurou reafirmar a versão de que o objeto era, de fato, um rolo de fita adesiva e, para tal, contratou um conhecido perito para analisar o fato. O perito afirmou que ocorreram, na verdade, duas agressões, e que o rolo teria sido atirado depois da bolinha de papel. O trecho abaixo de trabalho que teve como intuito analisar as diferentes versões do mesmo fato em distintos *sites* por meio da técnica de análise de conteúdo esclarece melhor o ocorrido:

Nos telejornais transmitidos na noite do dia 20 de outubro, o que se viu foram reportagens com diferentes versões sobre o incidente. O Jornal Nacional, da TV Globo, veiculou matéria afirmando que Serra foi “agredido” por uma bobina de fita crepe “em um tumulto iniciado por militantes do PT”. O JN mostrou imagens do tumulto e apresentou fotografias, feitas pelo jornal Folha de S.Paulo, de Serra com as mãos na cabeça. Já o Jornal da Record e o SBT Brasil divulgaram reportagens mostrando imagens de uma bola de papel acertando a cabeça do então candidato. As matérias da Record e do SBT também relatam que, em meio à passeata, Serra recebeu um telefonema e logo após levou as mãos à cabeça. No dia seguinte ao incidente, o assunto rendeu mais repercussões depois de o presidente Lula qualificar a ação como farsa, comparando Serra ao goleiro chileno Rojas que, em 1989, em jogo no Maracanã, simulou ter sido atingido por um rojão, com a intenção de suspender a partida. A edição do Jornal Nacional do dia 21 de outubro veiculou uma reportagem de sete minutos com o objetivo de comprovar a informação da agressão pelo rolo de fita crepe, noticiada no dia anterior. Conforme o JN, houve dois momentos na caminhada no Rio de Janeiro: a bolinha de papel arremessada e o lançamento de outro objeto, identificado pelo telejornal como rolo de fita crepe. Para comprovar esta versão, a matéria da Globo utilizou imagens de celular gravadas por um repórter da Folha de S.Paulo (DALMASO, 2011, p.7).

A repercussão do episódio acima foi imensa tanto na mídia tradicional quanto nas redes sociais, sendo que ambas as versões continuaram a ser sustentadas pelos diferentes grupos envolvidos. Assim, além de tal ocorrido ter acirrado mais uma vez os ânimos de governistas e opositores ao longo da campanha eleitoral, serviu para acirrar também os ânimos entre a blogosfera e a Rede Globo, principal representante dos grandes veículos da mídia tradicional.

Um dia depois da reportagem produzida pelo *Jornal Nacional* que teve como objetivo desmentir a versão da Record e do SBT, o jornalista Rodrigo Vianna, em seu *blog*, escreveu um texto em que relatava, com base em uma fonte que trabalharia na própria Globo, os bastidores na emissora na noite em que a reportagem foi ao ar. Tal texto foi amplamente reproduzido por outros blogueiros e ativistas nas redes sociais. Conforme Vianna (2010):

Quando o perito apresentou sua “tese” no ar, a imensa redação da Globo de São Paulo – que acompanhava a “reportagem” em silêncio – desmanchou-se num enorme uhhhhhhhhhh! Mistura de vaia e suspiro coletivo de incredulidade. Boas fontes – que mantenho na Globo – contam-me que o constrangimento foi tão grande que um dos chefes de redação da sucursal paulista preferiu fechar a persiana do “aquário” (aquelas salas envidraçadas típicas de grandes corporações) de onde acompanhou a reação dos jornalistas. O chefe preferiu não ver. A vaia dos jornalistas, contam-me, não vinha só de eleitores da Dilma. Há muita gente que vota em Serra na Globo, mas que sentiu vergonha diante do contorcionismo do “JN”, a serviço de Serra e de Kamel. Terminado o telejornal, os editores do “JN” em São Paulo recolheram suas coisas, e abandonaram a redação em silêncio – cabisbaixos alguns deles. Sexta pela manhã, a operação kameliana ainda causava estragos na Globo de São Paulo. Uma jornalista com muitos anos na casa dizia aos colegas: “sinto vergonha de ser jornalista, sinto vergonha de trabalhar aqui”. Serra e Kamel não sentiram vergonha (VIANNA, 2010, s/p).

Dessa forma, é possível afirmar que, especialmente a partir da campanha de 2010, é possível identificar uma guerra de versões travada entre o que aqui é denominada como a blogosfera política alternativa e as principais organizações vinculadas à mídia tradicional. Se, anteriormente, havia no campo uma situação em que estas últimas obtinham sucesso em converter suas estratégias discursivas em poder simbólico, o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação e o ingresso de novos entrantes no campo permitiu que outras estratégias discursivas fossem adotadas com o intuito de se fazer crer nesse espaço de produção simbólica (BOURDIEU, 2000). Com a fragmentação do campo da comunicação, portanto, uma guerra discursiva passa a ser travada de maneira acirrada entre agentes pertencentes à *velha mídia* e à *nova mídia*.

Ao escrever sobre os principais objetivos buscados pelo movimento *BlogProg* o jornalista Luis Nassif afirmou em um dos *posts* disponíveis que:

No evento de lançamento do movimento procurei explicitar minha posição. A frente era composta por pessoas de várias tendências e cimentada por alguns princípios comuns a todos: a defesa da democracia, da inclusão social, contra toda forma de intolerância e preconceito e dando voz a todos os excluídos pela velha mídia. O grande desafio seria posterior, quando terminasse a guerra e aparecessem as divergências. Aí mostraríamos o avanço democrático, de poder divergir de forma civilizada (NASSIF, 2011, s/p).

O fragmento acima indica, portanto, que os princípios fundamentais que nortearam a criação do movimento e que serviram como elo entre indivíduos que, a princípio, militavam em diferentes esferas, foi, sobretudo, a defesa de uma pluralidade de opiniões que eles percebiam como essenciais para o fortalecimento da democracia e que, para eles, se encontravam ausentes dos veículos de comunicação ligados ao que o jornalista denomina como a “velha mídia”. Já os termos “guerra”, “intolerância” e “preconceito” estão claramente

relacionados à inclusão de temas como o aborto, a união homoafetiva e o PNDH-3 ao debate eleitoral.

Ao final do encontro, foi lançada uma carta pelos organizadores do movimento em que diversas reivindicações foram feitas, especialmente aquelas que estão relacionadas à formulação de políticas públicas que garantissem a democratização do setor, que impedissem o monopólio dos grandes veículos de comunicação tradicionais e, também, que incentivassem a própria blogosfera. O trecho abaixo mostra o resumo das principais reivindicações feitas no primeiro encontro do movimento *BlogProg*, a partir da carta que eles divulgaram:

I – Apoiamos o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), de iniciativa do governo federal, como forma de inclusão digital de expressiva parcela do povo brasileiro [...] 2 – Defendemos a regulamentação dos Artigos 220, 221 e 223da Constituição Federal, que legislam sobre a comunicação no Brasil e, entre outras coisas, proíbem a concentração abusiva dos meios de comunicação de massa e que dispõem sobre os sistemas público, estatal e privado. 3 – Combatemos iniciativas que tramitam no Poder Legislativo tais como o Projeto de Lei de autoria do senador mineiro Eduardo Azeredo, iniciativa que se notabilizou pela alcunha de “AI-5 digital” e que pretende impor restrições policiais às liberdades de expressão na rede mundial de computadores, bem como as especulações sobre o que se convencionou chamar de “pedágio na rede”, ou seja, a possibilidade de os grandes grupos de mídia poderem veicular seus conteúdos na internet com vantagens tecnológicas como capacidade e velocidade de processamento em detrimento do que for produzido pelos cidadãos comuns e pelas pequenas empresas de comunicação. 4 – Reivindicamos a elaboração de políticas públicas que incentivem a veiculação de publicidade privada e oficial remuneradas nos blogs, bem como outras formas de financiamento que efetivamente viabilizem essa forma de comunicação representada pela Blogosfera Progressista, de maneira que possa ser produzida por qualquer cidadão que disponha de competência para explorar seu potencial econômico e comercial, exatamente como fazem os meios de comunicação de massas tradicionais com amplo apoio do Estado por meio de fartas verbas públicas que, com frequência, são repassadas sob critérios meramente políticos e que ignoram a orientação constitucional que determina pluralidade na comunicação do país. 5 – Cobramos dos Poderes Executivo e Legislativo que examinem com seriedade deliberações da 1ª Conferência Nacional de Comunicação (Confecom) como a da criação do imprescindível Conselho Nacional de Comunicação. 6 – Deliberamos pela instituição de um Encontro Anual dos Blogueiros progressistas, que deve ocorrer, sempre que possível, em diferentes capitais para que um número maior de unidades da Federação tenha contato com esse evento e, em algum momento, com o universo da blogosfera. 7 – Lutaremos para instituir núcleos de Apoio Jurídico aos Blogueiros Progressistas, no âmbito das tentativas de censura que vêm sofrendo sobretudo por parte da classe política e de grandes meios de comunicação de massas (CARTA DO PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DE BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2010, s/p).

Assim, fica claro que as preocupações expressas na carta do primeiro encontro de blogueiros giram em torno especialmente de políticas públicas de democratização da comunicação por meio do fim da propriedade cruzada e de políticas públicas que garantam a liberdade na Internet e que estimulem a blogosfera. A questão do financiamento da blogosfera é um tema considerado extremamente importante para os integrantes do movimento e foi mencionado não apenas nas cartas dos diversos encontros, mas também nos dados

provenientes das entrevistas e da observação *online*, conforme abordado especificamente mais adiante.

Dessa forma, parece ser possível afirmar que a realização do movimento *BlogProg* juntamente com a realização do *I Encontro de Blogueiros Progressistas*, bem como a criação do *Barão de Itararé* podem ser considerados como novos eventos críticos que permitiram a consolidação da blogosfera política alternativa no Brasil. Se anteriormente seus agentes atuavam de forma mais fragmentada, sem uma identidade em comum e sem um objetivo que norteasse seus esforços, tais eventos foram extremamente importantes por possibilitar tanto a formalização de um novo movimento, como também a constituição de uma identidade comum entre seus agentes, que, a partir de então, se percebem e se denominam como *blogueiros progressistas* (e que atuam no âmbito da nova mídia), em contraposição aos *blogueiros não-progressistas* (que atuam no âmbito da velha mídia). Já o objetivo macro dos *blogueiros progressistas* passou a ser essencialmente a luta pela democratização da comunicação no contexto brasileiro e, assim, o grande desafio do novo movimento seria o de influenciar os agentes públicos a implementarem as devidas mudanças no campo das comunicações que permitissem o logro desse objetivo.

Um dos principais aspectos relativos à consolidação do espaço que havia surgido muito recentemente e que está evidenciado nos trechos dos discursos acima selecionados refere-se ao fato de que os agentes da blogosfera passaram a reconhecer esta última de maneira mais explícita tão logo diferentes *blogueiros políticos críticos à grande mídia* fundaram, em maio de 2010, o Instituto Barão de Itararé, organização que congrega *blogueiros* e diferentes lideranças sociais.

Nesse sentido, se anteriormente a atuação dos *blogueiros políticos* ocorria de maneira mais fragmentada e carecia de uma articulação formal, o referido instituto possibilitou que essa articulação ocorresse e que uma identidade coletiva permeasse a atuação de tais grupos, ainda que estes ressaltem a não-intencionalidade da organização no que diz respeito a qualquer tentativa de centralizar as tomadas de decisões que nele ocorrem. Os aspectos relacionados mais propriamente à gestão e à articulação desses grupos são discutidos de maneira mais aprofundada no último item de análise, quando se analisa as práticas organizacionais que eles levam a cabo.

É importante, no entanto, ressaltar os principais objetivos propostos pela organização, quais sejam, “lutar de forma mais sistematizada e eficiente pela democratização dos meios de

comunicação; fortalecer as mídias alternativas atuais; investir em pesquisas; e formar comunicadores sob os princípios da emancipação humana” (CINTRA, 2010, s/p).

Entretanto, se a constituição do movimento *BlogProg* e do *Barão de Itararé* podem ser considerados como eventos crítico que colocaram em evidência a blogosfera política alternativa, a realização do *I encontro dos blogueiros progressistas*, no ano de 2010, pode também ser considerada como sendo outro marco que acabou por aprofundar os laços entre os grupos que ingressaram nesse espaço e, principalmente, proveu a esses grupos um capital social que seria insuficiente caso suas atuações ocorresse de maneira fragmentada no âmbito da esfera virtual. Assim, em um primeiro momento, parece ser possível afirmar que a preocupação em travar um combate de caráter político-ideológico com os agentes pertencentes à mídia tradicional foi um elemento essencial não apenas para que a blogosfera política alternativa se tornasse mais coesa naquele momento, mas, principalmente, também contribuiu para que ela começasse a ser percebida enquanto espaço social dotado de alguma dinâmica própria aos olhos de seus participantes.

Assim, pode-se afirmar que esses dois eventos críticos inauguraram uma nova fase para um espaço social ainda bastante recente, permitindo as seguintes mudanças em sua configuração original: o estreitamento dos laços de relacionamento entre seus principais agentes e, como consequência, um grau de interação muito maior entre eles (ou seja, a posse de capital social); o maior peso por parte de alguns agentes, especialmente aqueles que fundaram o movimento e que já haviam acumulado capital simbólico importante nos grupos ou campos de origem em que atuavam; o desenvolvimento da percepção dos agentes da blogosfera política alternativa de que eles tinham um objetivo comum a ser alcançado (qual seja, a democratização da mídia) e, por fim, o reconhecimento da importância da tecnologia (novas mídias e Internet) como ferramentas importantes que permitem não apenas a mudança na lógica de se produzir informação e de se fazer jornalismo, mas que, também, possibilitam uma maior liberdade de expressão por parte da sociedade civil e, também, o combate ao monopólio dos grandes veículos de comunicação.

Cabe mencionar também que, nesse período de consolidação da blogosfera, os conflitos entre os agentes que a constituem ainda não são visíveis e ainda não é possível observar grandes disputas por recursos de poder entre eles. Isso pode estar relacionado ao fato de que ela, nesse período, ainda é relativamente recente, tendo em vista que seu surgimento ocorre apenas ao longo da década de 2000, com a popularização das novas tecnologias de informação e comunicação. Sendo assim, a consolidação da blogosfera política alternativa foi

possibilitada muito mais por um movimento por parte de alguns agentes que possuíam preocupações em comum entre si (a grande influência dos meios tradicionais de comunicação no campo político) e que decidiram se unir em prol de determinados objetivos do que a partir de conflitos entre eles.

No entanto, isso não significa dizer que, no interior desse novo espaço que surgiu, não havia desde o início uma hierarquia de posições entre os agentes, uma vez que, conforme visto anteriormente, alguns agentes oriundos de outros espaços já haviam acumulado recursos de poder que permitiram com quem seus *blogs* fossem dotados de uma visibilidade bem maior do que a de outros blogueiros desconhecidos que também dele participam. Tal afirmação vai ao encontro de afirmação feita por Araujo, Penteado e Santos (2011, p.24) que, em estudo sobre a influência do movimento *BlogProg* na eleição de 2010, concluiu que “alguns jornalistas têm um papel de centralização nesse processo comunicativo, exercendo a função do nó da rede”.

Uma vez que o surgimento do movimento e a realização do primeiro encontro acabaram por contribuir diretamente para a constituição de um espaço que até então existia de forma bastante fragmentada (o da blogosfera política alternativa), e considerando, ainda, que tal estrutura se encontra vinculada ao próprio campo da comunicação – já que a crítica política à mídia tradicional e a bandeira da democratização da comunicação são objetivos que fazem parte de sua própria natureza – faz-se necessário, portanto, analisar, o discurso de alguns dos principais veículos da mídia tradicional imediatamente após a realização do encontro. Ainda que o presente trabalho tenha como intuito analisar mais especificamente a configuração da blogosfera política alternativa e as práticas organizacionais do movimento *BlogProg*, considera-se aqui que é bastante importante compreender os elementos ideológicos que fundamentam o discurso da grande mídia a respeito desse espaço, já que eles são fundamentais por evidenciar a maneira por meio da qual as disputas de poder ocorrem entre os agentes que pertencem ao campo da comunicação, o que é fundamental na perspectiva teórica aqui utilizada. Ainda, conforme Van Dijk (1997), os discursos criam, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e dominação na sociedade, não sendo eles, portanto, neutros ou desinteressados.

Também, é importante mencionar o fato de que, neste primeiro item, serão analisados trechos das reportagens de grandes jornais que se referem tão somente à realização do *primeiro encontro nacional de blogueiros progressistas*, ainda que várias outras reportagens tenham sido feitas nesses mesmos veículos sobre os encontros realizados nos anos seguintes.

Uma das reportagens em que o primeiro encontro foi explicitamente mencionado foi publicada no jornal *Folha de São Paulo* no mês de novembro de 2010, pouco depois da realização do evento. Para fins de contextualização, é importante mencionar que, à época e atendendo ao pedido dos principais blogueiros que organizaram o primeiro encontro, o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva aceitou conceder a eles uma entrevista coletiva no interior do Palácio do Planalto, algo que nunca tinha ocorrido até então (já que as entrevistas coletivas eram tradicionalmente direcionadas aos jornalistas pertencentes à mídia tradicional). Este fato gerou uma repercussão negativa não apenas no mencionado jornal, mas em outros jornais bastante reconhecidos e consagrados na imprensa nacional, como pode ser percebido nos trechos abaixo que representam o discurso predominante da grande mídia com relação ao evento aqui mencionado:

O embrião da primeira entrevista do presidente Lula a blogueiros surgiu após a realização, em agosto, em São Paulo, do "1º Encontro de Blogueiros Progressistas". Após o encontro, o grupo pediu ao Palácio do Planalto uma entrevista com Lula. A confirmação veio na semana passada. O Planalto disse ter imposto só a duração da coletiva. Os blogs participantes foram definidos pelos próprios blogueiros. Ontem, após a Folha questionar a assessoria de imprensa do Planalto sobre a data de pedido da entrevista e a da confirmação, o Blog do Planalto criticou o jornal. Sob o título "Preconceito é uma doença", escreveu: "Uma pergunta inédita. O presidente já concedeu 960 entrevistas à imprensa ao longo dos dois mandatos. A Folha nunca teve a mesma curiosidade em relação a outras entrevistas" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010a).

Na primeira entrevista já concedida a um grupo de blogueiros, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e os entrevistadores se uniram nas críticas à grande imprensa. Dez blogueiros autoclassificados "progressistas" participaram da entrevista, de duas horas, na manhã de ontem no Palácio do Planalto. Um dos blogueiros, Altamiro Borges, é filiado ao PC do B. Outro, conhecido como "Sr. Cloaca" [ele não revela o nome], é assessor de imprensa de político do PT no Rio Grande do Sul, cujo nome também não revelou.

O blog Amigos do Presidente Lula, que não estava na lista divulgada pelo Planalto, também participou. O Planalto disse que o blog não entrou na lista por "erro". Dos 10 sites, 8 têm como linha a defesa do governo Lula e se alinharam, na eleição, à candidatura de Dilma Rousseff, reproduzindo uma série de ataques ao candidato do PSDB, José Serra. Os outros têm uma linha mais neutra. O blogueiro Eduardo Guimarães, fundador do Movimento dos Sem Mídia, que já fez protestos em frente à Folha, citou a sigla "PIG". Coube ao secretário de imprensa do Planalto, Nelson Breve, traduzi-la a Lula: "PIG é o que ele chama de Partido da Imprensa Golpista" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010b).

Na primeira entrevista que o presidente Lula concedeu só para blogueiros, o Palácio do Planalto deu preferência a um grupo que alega representar "blogs progressistas". Boa parte deles aderiu a uma nova classificação e recentemente se proclamou como a turma dos "blogs sujos". Dizem ser uma homenagem ao tucano José Serra, que assim os teria classificado durante a eleição. Na entrevista de ontem, Lula, assim como fazem esses blogueiros, elegeu a grande imprensa como alvo principal. E não poupou críticas aos jornais brasileiros que, segundo ele, torceram contra seu governo. Entre os convidados para o bate-papo, transmitido ao vivo pelo Blog do Planalto, havia os que usam a internet para uma espécie de guerra santa contra a cobertura das grandes empresas de comunicação [...] Entre os convidados havia ainda o Blog do Miro, de Altamiro Borges, que diz ter montado na internet "uma trincheira contra a ditadura midiática". Ele

reproduziu no blog e-mail que circulou na internet com o título: "45 razões para não votar em Serra". Também participaram da entrevista Altino Machado (Blog do Altino), Maria Flor (Blog da Maria Flor), Eduardo Guimarães (Cidadania), Leandro Fortes (Brasília, Eu Vi), Pierre Lucena (Acerto de Contas), Renato Rovai (Blog do Rovai), Rodrigo Vianna (Escrevinhador) e Túlio Vianna (Blog do Túlio Vianna). Lula pediu a um assessor para identificar os blogueiros antes de cada pergunta. Rovai explicou que a entrevista foi pedida em agosto, durante o I Encontro de Blogueiros Progressistas, em São Paulo. Foram escolhidos dez para participar do encontro. (NOBLAT, 2010, s/p).

O presidente Luiz Inácio da Silva convida quem quiser para suas entrevistas individuais ou coletivas. Do mesmo modo, vê, ouve ou lê o que é dito quem quer. Portanto, o encontro que reuniu alguns autores de blogs para entrevistar o presidente da República não se pode dizer que tenha pecado pelo excesso de governismo. Inclusive porque ninguém é obrigado a ter senso crítico em relação a pessoas, objetos ou situações que lhe sabem bem ao paladar, à visão, ao tato e ao olfato. O Palácio do Planalto e Lula resolveram retribuir os serviços prestados por um grupo de "blogueiros progressistas" (o pressuposto é que os demais sejam reacionários), ativistas da campanha de Dilma Rousseff e não seria de esperar outra atitude que não a da benevolência [...] Fora isso, os autodenominados "blogueiros progressistas" passaram batidos por repetidas afirmações de Lula de que não fazia idéia das realizações de seu governo em diversas áreas: comunicações, legislação trabalhista e direitos humanos (KRAMER, 2010, s/p).

Fica claro, portanto, a partir da análise dos trechos acima destacados, que não apenas o movimento foi reconhecido como tal por blogueiros políticos bastante conhecidos na mídia tradicional (Ricardo Noblat, de O Globo e Dora Kramer, do Estadão), como também o fato de que um dos elementos mais importantes da constituição do movimento, qual seja, o caráter crítico com relação à mídia tradicional, foi ressaltado nos textos por eles escritos. Isso fica claro em afirmações tais como a de que os participantes da entrevista "se uniram nas críticas à grande imprensa", e não pouparam "críticas aos jornais brasileiros", a eleição da "grande imprensa como alvo principal", "promover uma "espécie de guerra santa contra a cobertura das grandes empresas de comunicação", dentre outras.

É bastante interessante perceber, também, que um dos trechos acima destacados acaba por mencionar explicitamente a sigla PIG (que, conforme dito anteriormente, passou a ser utilizada por grande parte dos blogueiros políticos críticos). Uma vez que tal sigla não poderia ser mencionada na reportagem do jornal sem que esta fosse explicada com maior detalhes para seus próprios leitores, seu significado teve que ser elaborado pela autor do texto. Nesse sentido, ele encerra a reportagem explicando que "coube ao secretário de imprensa do Planalto, Nelson Breve, traduzi-la a Lula: 'PIG é o que ele chama de Partido da Imprensa Golpista'". Assim, uma das principais críticas feitas por parte dos blogueiros políticos ligados ao movimento *BlogProg* com relação à grande mídia, ou seja, a atuação partidarizada desta última, acabou por ganhar destaque na reportagem destacada, ainda que o objeto de discussão desta fosse a entrevista concedida por parte do presidente ao grupo de blogueiros.

Evidentemente, deve-se ressaltar a tentativa por parte das reportagens e textos acima mencionados de desqualificar, não a realização da entrevista concedida pelo presidente, mas o próprio movimento como um todo. Tal esforço é realizado basicamente a partir de duas maneiras: a desqualificação do próprio termo *progressista* (o uso de aspas entre o termo ou afirmações que visem a ridicularizar tal adjetivo) e, também, o reforço à idéia de que os blogueiros presentes na entrevista seriam governistas ou mesmo chapas-brancas (o título de um dos posts publicado pelo blogueiro Ricardo Noblat, do jornal O Globo, sobre o evento é: “avesso a entrevistas, presidente abre agenda para blogueiros chapas-brancas no palácio”).

Nesse sentido, afirmações como as de que “dez blogueiros autotitulados progressistas participaram da entrevista”, “o Palácio do Planalto deu preferência a um grupo que alega representar “blogs progressistas”, “o Palácio do Planalto e Lula resolveram retribuir os serviços prestados por um grupo de “blogueiros progressistas (o pressuposto é que os demais sejam reacionários)”, “ativistas da campanha de Dilma Rousseff e não seria de esperar outra atitude que não a da benevolência”, evidenciam o caráter de forte crítica por parte dos grandes veículos da mídia tradicional ao evento por eles descritos.

A coletiva concedida pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva aos blogueiros pertencentes ao movimento *BlogProg*, entretanto, foi descrito por grande parte destes últimos como um evento histórico que acabou por fazer com que a blogosfera política alternativa obtivesse reconhecimento e poder de influência política, especialmente naquele momento em que a disputa eleitoral estava ocorrendo. Isso fica claro nos trechos abaixo extraídos de *posts* que mencionaram a entrevista, quando esta ainda estava para ocorrer:

A coletiva constitui mais um marco na ascensão da blogosfera em 2010. “É uma vitória dos ‘blogs sujos’”, diz Miro, em ironia ao presidenciável do PSDB, José Serra. Às vésperas do Encontro de *Blogueiros Progressistas*, o tucano chamou de “sujos” os blogs que denunciavam as contradições de sua candidatura. “Além de ter promovido um encontro nacional bem-sucedido, a blogosfera se organizou, teve papel relevante na campanha eleitoral e vem ganhando reconhecimento. Uma *entrevista* com o presidente só fortalece nossa luta”, agrega Miro. Segundo ele, a coletiva não será “chapa-branca”, apesar do apoio maciço da blogosfera progressista ao governo *Lula*. “Não é uma festa. É uma *entrevista* séria, jornalística. Ninguém aqui vai se reunir com *Lula* para bajulá-lo ou poupá-lo de perguntas apimentadas.” (BARAO DE ITARARÉ, 2010, s/p).

Será uma entrevista coletiva, mas também é um momento de celebração da diversidade informativa. Ao abrir sua agenda à blogosfera o presidente demonstra estar atento às transformações que acontecem no espaço midiático e ao mesmo tempo atesta a importância dessa nova esfera pública da comunicação. Como as coisas na blogosfera são diferentes e mais colaborativas, não serão só os presentes ao encontro que participarão. A coletiva será aberta ao público que poderá participar enviando perguntas pelo chat. O objetivo é garantir o maior grau possível de interatividade. Por conta dos senões da agenda presidencial, só agora nos foi confirmado o evento e liberada a divulgação. Por isso temos pouco tempo para nos organizar e produzir a repercussão que a entrevista

merece Contamos com vocês nessa tarefa: divulgando, transmitindo em seus blogs e fazendo perguntas pelo chat. A blogosfera dá mais um passo importante (ROVAI, 2010, s/p).

Os mesmos blogueiros também publicaram outros *posts* em seus respectivos *blogs* com o intuito não apenas de repercutir a entrevista por eles realizada, mas também de rebater, direta ou indiretamente, as críticas dos grandes veículos de comunicação:

Ao fim, quem imaginava que seria um encontro chapa-branca se surpreendeu. Quantas vezes na história deste país o presidente da República foi perguntado, por exemplo, sobre por que não se avançou na democratização das comunicações? Quantas vezes lhe perguntaram por que recuou no PNH3? Quantas vezes ele teve de se explicar sobre a saída de Paulo Lacerda da PF? Quantas vezes ele foi cobrado sobre o governo não ter se empenhando para a aprovação das 40h semanais? Quantas vezes Lula falou sobre o Acre e suas idiossincrasias políticas? Quantas vezes discutiu o capital estrangeiro na mídia? Quantas vezes falou sobre AI 5 digital? Quantas vezes tratou da educação para o povo negro? Quantas vezes abordou a cobertura da Globo no episódio da bolinha de papel? Pode-se gostar ou não desta entrevista, mas uma coisa não se pode negar. Ela entra para a história da cobertura política brasileira (ROVAI, 2010, s/p).

Há milhões de coisas a dizer sobre a entrevista coletiva que o presidente Lula concedeu aos auto-proclamados blogueiros progressistas. Antes, porém, há que abordar os ataques da grande imprensa a eles. Diante das críticas a esses setores da imprensa que permearam tal entrevista coletiva, esse colegiado de impérios de comunicação passou recibo do fato de que surgiu um ente capaz de se contrapor ao seu engajamento político na oposição partidária ao governo federal. Essa grande imprensa que teve que ficar do lado de fora do Palácio do Planalto enquanto acontecia uma entrevista coletiva do presidente da República a simples blogueiros – alguns sem formação jornalística, como este que escreve –, não hesitou e partiu furiosamente para o ataque contra eles. Globo, Folha de São Paulo e Estadão – além de jornais menores, de algumas tevês abertas (como o SBT) e de todos os portais de internet – evitaram abordar as questões feitas a Lula. No máximo, como no caso da Folha, fizeram alguns comentários laterais sobre os temas abordados, mas se concentraram no suposto viés “chapa-branca” dos blogueiros [...] O mais interessante é que, ao atacar os blogueiros que entrevistaram Lula sem lhes dar espaço para se manifestar, essa dita “grande imprensa” provoca curiosidade em seu público. Há pelo menos um ano que ela faz isso e, enquanto faz, os blogs vão ganhando audiência. Os blogueiros temos tanto direito quanto o Estadão de manifestar nossa posição política. Não existe nada de anti-jornalístico ou “chapa-branca” no trabalho que fazemos, porquanto deixamos clara a nossa posição tanto quanto o centenário jornal paulista. Somos, Estadão e blogueiros, bem mais honestos do que Folha e O Globo (GUIMARAES, 2010, s/p).

O jovem movimento dos blogueiros progressistas marcou dois golacões em 2010. Erros foram cometidos, até por inexperiência e desarticulação, mas eles não devem ofuscar ou minimizar os expressivos avanços deste incipiente movimento neste curto período. Pela primeira vez na história, mais de 330 blogueiros, twitteiros e outros internautas que estavam dispersos, que nem se conheciam, participaram de um encontro nacional e aprovaram bandeiras unitárias de luta – contra o AI-5 Digital, por um plano universal de banda larga, por um novo marco regulatório da comunicação, em apoio à Adin do jurista Fábio Konder Comparato. Há consenso de que o encontro de agosto foi um marco histórico. Após intenso debate, a plenária definiu manter o adjetivo “progressista” até o próximo encontro, e aprovou uma forma mais horizontal de organização, sem hierarquias (BORGES, 2010, s/p).

Com base nos trechos acima destacados, fica claro que a repercussão da coletiva dentre o grupo dos blogueiros alternativos de fato foi bastante positiva. Entretanto, a satisfação por

parte desses blogueiros, como pode ser observado, parece não estar ligada diretamente às características inerentes ao próprio evento em si, mas especialmente às consequências que o evento trouxe para a consolidação do próprio movimento e seu respectivo fortalecimento, na visão do grupo. Também pode ser percebido que as críticas dirigidas a esses blogueiros por parte dos grandes veículos de comunicação acabou por gerar discursos por vezes contraditórios, pois, ao mesmo tempo em que eles, em determinados momentos, parecem celebrar tais críticas como uma espécie de reconhecimento do que parece ser um movimento indireto de legitimação da blogosfera política alternativa, em outros, fica bastante explícito o incômodo gerado por tais críticas, o que faz com que eles as resgatem e as respondam duramente, por vezes devolvendo as próprias críticas.

Isso fica claro em afirmações como as de que “quem imaginava que seria um encontro chapa-branca se surpreendeu”, “esse colegiado de impérios de comunicação passou recibo do fato de que surgiu um ente capaz de se contrapor ao seu engajamento político na oposição partidária ao governo federal”, “ao atacar os blogueiros que entrevistaram Lula sem lhes dar espaço para se manifestar, essa dita `grande imprensa` provoca curiosidade em seu público”, “os blogueiros temos tanto direito quanto o Estadão de manifestar nossa posição política” e “não existe nada de anti-jornalístico ou `chapa-branca` no trabalho que fazemos, porquanto deixamos clara a nossa posição tanto quanto o centenário jornal paulista”.

Cabe, por fim, resgatar um termo mencionado nos trechos das reportagens anteriores que acabou por ser amplamente utilizado pelos blogueiros vinculados ao movimento a partir de uma afirmação feita pelo candidato que representava a oposição nas eleições de 2010, José Serra, durante eventos dos quais ele participou. Na ocasião, Serra, ao lançar uma suspeita de que o governo federal estaria financiando os *blogs* pertencentes ao movimento, classificou-os a partir da utilização do termo *blogs sujos*. Tal acusação e, principalmente, tal denominação, imediatamente espalhou-se no ambiente da blogosfera política alternativa e, aos poucos, os próprios blogueiros acabaram por identificar a eles mesmos como blogueiros *sujos*, em contraposição ao que eles entendiam serem os blogueiros limpos, no caso, aqueles pertencentes em sua maioria aos grandes veículos de comunicação e simpáticos à candidatura oposicionista. Isso fica claro nos trechos abaixo, extraídos de reportagens tanto publicadas por alguns dos grandes jornais que mencionaram o termo utilizado por Serra, como também de alguns *posts* de alguns desses blogueiros:

O candidato do PSDB à Presidência, José Serra, acusou nesta quinta-feira o governo federal de financiar "blogs sujos" que "dão norte do patrulhamento" a jornalistas [...]

Após sua palestra, Serra se recusou a responder três perguntas de jornalistas sobre a suposta falta de oposição no Brasil e sobre quais são os blogs sujos a que se referia. Ao ser questionado, respondia: "Alguma outra pergunta?" (FOLHA ONLINE, 2010, s/p).

O candidato do PSDB à Presidência da República, José Serra, fez críticas ao governo e ao PT nesta quinta (19) ao participar do 8º Congresso Brasileiro de Jornais, em um hotel na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio. Convidado para falar sobre liberdade de imprensa, ele afirmou que o atual governo utiliza dinheiro público para manipular a imprensa e a sociedade. Consultada, a assessoria da Presidência da República informou que não irá se manifestar. O secretário de Comunicação do PT, André Vargas, afirmou que Serra "não tem credibilidade" para fazer essas declarações porque, segundo ele, o governo de São Paulo tem "uma TV chapa branca" [...] Em seu discurso, Serra disse que o PT se utiliza da criação de conferências pagas com dinheiro de contribuintes para controlar a imprensa e criar projetos de lei. Serra citou as conferências de Comunicação, de Direitos Humanos e de Cultura, todas realizadas no governo Lula. Quantas pessoas podem ter participado dessas conferências? Quinze mil, 20 mil? Isso não representa o povo brasileiro. Representa muito mais o partido", declarou Serra. "São de frações de partidos, basicamente do PT, que é voltado a isso e elas produzem projetos de lei. [...] O secretário petista pediu que Serra mencione os blogs aos quais se referiu. "Ele tem que citar os nomes dos blogs, parar com esse tipo de conversa. A Sabesp investe na mídia em nível nacional e em blogs também. Se eventualmente eu leio e me informo muito pela internet, tem blog contra ele e a favor dele. Talvez os blogs limpos sejam aqueles que defendam ele e que atacam a Dilma. Fica difícil fechar a conta (G1, 2010, s/p).

Aderimos à campanha de apoio aos blogs sujos. É assim que entendemos. Preferimos estar entre os sujos, do que na limpeza eugênica da grande mídia (NETO, 2010, s/p).

Desde o início até hoje, somos autônomos e independentes, sem filiação partidária, sem vínculo com partidos, nem com campanhas eleitorais, nem com governos. O blog é ativismo informativo e colaborativo, com esta linha política e ideológica que sempre teve. É o cúmulo da falta de compreensão, por parte de Serra, do que seja ativismo político na blogosfera, e uma visão deturpada da política, apenas enxergando como se tudo fosse um balcão de negócios profissionais e marketing político. (AUGUSTO, 2010, s/p).

Já no fim de 2010 e pouco tempo depois da vitória da candidatura governista à presidência da república, o jornalista Leandro Fortes (titular do blog Brasília eu Vi) publicou o seguinte post no blog do jornalista Luiz Carlos Azenha (titular do blog Vi o Mundo) contendo uma pequena reflexão sobre o período pelo qual eles passaram e no qual se enfatiza a batalha contra a grande mídia do país. Diz o texto:

Meus caros amigos blogueiros, 2010 foi um ano duríssimo para todos nós, eu sei. Por isso mesmo, foi um ano fundamental na luta dos blogs contra essa triste mídia hegemônica que ainda se sobrepõe à civilização brasileira. Em maior e menor grau, construímos pontes e erguemos cidadelas maravilhosas nessa luta. Eu, particularmente, sinto um imenso orgulho de, ainda que forma periférica, ter participado (e ainda participar) desse movimento tão importante para o Brasil. Uma honra enorme estar ao lado de vocês. Fizemos o encontro nacional dos blogueiros progressistas (sim, progressistas) e desembocamos naquela entrevista coletiva com blogueiros com Lula. Não podemos, portanto, nos dividir – o que não significa que não devemos divergir uns dos outros. A divergência, a discussão, o processo dialético, disso tudo, não podemos abrir mão. Na guerra pela liberdade de expressão, somos a infantaria da internet (FORTES, 2010, s/p).

Fica claro, portanto, que a denominada blogosfera progressista ou os blogs sujos acabaram, especialmente durante o segundo turno das eleições presidenciais, entrando para a pauta de discussão política e foram objeto de um caloroso debate acerca da questão do financiamento de sites políticos por parte da esfera pública (essa questão é tratada mais especificamente no último objetivo específico). Tal fato acabou, juntamente com o encontro nacional de blogueiros e a coletiva concedida pelo ex-presidente Lula a tal grupo, colocando em evidência a existência de tais blogs, inclusive no âmbito da grande mídia, o que não havia ocorrido até aquele momento.

Assim, a entrevista pode ser considerada extremamente importante para a blogosfera política alternativa e, também, para o maior reconhecimento de sua própria existência dentre aqueles que dela não participa. Isto porque, se um dos principais objetivos do movimento era exatamente influenciar o poder público no que diz respeito a políticas públicas para o campo das comunicações, a entrevista com o presidente da república foi o primeiro passo em direção ao reconhecimento do movimento por parte do poder público que os agentes da blogosfera buscavam. Não é sem razão que os blogueiros consideraram a entrevista como um evento histórico para a blogosfera progressista.

Assim, pode-se dizer que a entrevista dotou os principais agentes do campo de capital político importante para a consecução de seus objetivos e, ao mesmo tempo, um aumento do próprio capital simbólico por eles detido que, até então, havia sido conquistado basicamente em função dos outros espaços em que os agentes atuavam. As reportagens produzidas pelos jornais tradicionais pertencentes às grandes organizações de mídia do país como O Globo, Folha de São Paulo e Estadão, em que tanto a entrevista como o movimento são mencionados de forma bastante negativa, indicam que tais organizações se sentiram bastante incomodadas com o evento. Na percepção dos agentes da blogosfera, tal incômodo está relacionado exatamente ao aumento dos capitais político e simbólico dos blogueiros políticos, que até então eram detidos em grande quantidade basicamente pelos veículos tradicionais de comunicação. Estes possuíam, para eles, praticamente o monopólio no que diz respeito à imposição da agenda política, o que já foi discutido por Bourdieu (1997) em sua obra Sobre a Televisão. A entrevista coletiva, na opinião dos agentes, representou um divisor de águas que simboliza exatamente uma nova fase em que a velha mídia (orientadas pelo viés econômico) perde a capacidade de intervir de maneira quase que solitária no campo da política e em que as novas mídias independentes das grandes organizações (não orientadas pelo viés econômico) também passam a exercer sua influência neste mesmo espaço.

Por fim, não se pode deixar de mencionar o próprio debate sobre o financiamento público de blogs que foi travado durante a campanha eleitoral de 2010 e que levou o candidato da oposição, José Serra, a denominar os blogs políticos alternativos como blogs sujos. Tal acontecimento pode ser considerado, na percepção dos agentes, outro evento importante que indica o aumento de capital político e de capital simbólico por parte deles no campo da blogosfera política alternativa. A menção aos blogs por parte de um candidato à presidência em entrevistas e debates seria, dessa forma, outra maneira de se reconhecer sua existência, ainda que o objetivo fosse o da desconstrução da atuação desses blogueiros e a tentativa de colar nestes a pecha de blogueiros chapa-branca, adjetivo este endossado e bastante reproduzido pelos jornais tradicionais e pelos blogueiros políticos ligados a esses jornais.

4.1.3. A Trajetória do Movimento *BlogProg* pós-2010, Realização do Segundo e Terceiro Encontros e as Críticas à Política de Comunicação do Governo Dilma

Procurou-se descobrir, por meio das entrevistas realizadas, qual a percepção dos agentes com relação à trajetória da blogosfera política alternativa e do próprio movimento no período posterior a 2010 e quais as principais diferenças destas com relação às suas trajetórias anteriores.

Grande parte dos entrevistados afirmou que a blogosfera, em tempos mais recentes, está bem maior do que quando comparada à sua trajetória mais inicial, uma vez que a quantidade de *blogs* de diversas tendências políticas é cada vez mais frequente. De acordo com quase todos os agentes que criaram o movimento *BlogProg*, uma importante diferença que marca atualmente o movimento quando comparado ao período de 2010 é o fato de ter ocorrido um distanciamento maior entre blogueiros e o governo federal, e que as críticas ao governo Dilma são frequentes, especialmente por conta da política de comunicação por ele adotada, que é considerada por muitos como um “retrocesso”. Alguns blogueiros, como o presidente do *Barão de Itararé*, Altamiro Borges, consideram que o movimento *BlogProg*, passada a disputa eleitoral de 2010, passou a focar de forma mais específica na democratização das comunicações e afirmou que a característica da “turbulência” marca a blogosfera, uma vez que nela há pessoas que pensam de maneira muito diferente. Os trechos abaixo evidenciam a percepção de alguns entrevistados precursores do movimento:

Eu acho que no nascedouro foi muito reativo, quando nasceu esse movimento. Quando nasceu esse movimento foi muito reativo, tava todo mundo puto da vida com a cobertura

que a mídia já tava dando no processo eleitoral de 2010. Mesmo quem não apoiava a Dilma, por que esse movimento ele reúne, eu diria assim... Ele reúne uns trinta por cento, quarenta por cento de pessoas que tem algum tipo de militância partidária, o resto não tem militância partidária. É... Uns sessenta por cento, vamos falar cinquenta por cento, fifty fifty, metade com militância partidária metade sem militância partidária. Eu acho que é mais sem militância partidária... Na militância partidária você tem vários partidos nesse movimento desde o início, você pode listar: PT, PCdoB, PSD, PSOL, PV. Eu sei até, esse fulano aqui é do PV. Esse aqui é do PSOL, né? É... Então naquele momento foi reativo, mesmo sendo de partidos diferentes ou não orgânicos. Gerou uma indignação com a postura da mídia ficou... Então foi uma reação, foi uma reação. Então, em primeiro momento, o que uniu essa turma, foi a reação ao tipo de cobertura da imprensa na sucessão presidencial de 2010. Só que a eleição de 2010 foi feita em 2010, acabou. E aí? O que une essa turma? Muita gente inclusive falou: 'puta não vai dar mais pra fazer esses encontros'. Por que aquilo que uniu, aquilo que forjou a amalgama e agora o quê? Eu acho que a partir daí o que passou a unir foi o seguinte: a crítica à mídia, então essa postura de... De uma visão crítica à mídia monopolista, essa mídia hegemônica, volto a dizer: uma defesa da liberdade de expressão, nós queremos ter liberdade de expressão, nós queremos ter banda larga, nós queremos poder falar mais, poder postar mais vídeo, poder postar mais áudio, né? E uma defesa de justiça social, esse campo por isso que ele se qualifica como progressista, ele é um campo mais à esquerda, né? Ele não é um campo do Reinaldo Azevedo, do Noblat, Augusto Nunes, não é o campo dessa turma. Ele é um campo mais identificado pela esquerda e pelas questões sociais [...] Se você me perguntar no que é que ela tem unidade nessa justiça social, eu vou te falar que ela não tem unidade nenhuma (risos), cada um acha uma coisa desse diabo dessa justiça social, mas tende para uma defesa da justiça social. Eu acho que hoje o que une são essas três coisinhas. Combate à mídia hegemônica, defesa da liberdade de expressão e justiça social. Se num primeiro momento foi reativo, eu acho que hoje já tem uma pauta positiva, né? Há uma diferença nesse sentido, como vai ser pro futuro? Eu não sei por que ele é sempre um movimento muito tenso, ele é muito tenso por que são muitas cabeças diferentes [...] Então esse é um movimento que ele tá sempre em turbulência, sempre em turbulência (Entrevista Altamiro Borges).

Ela enriqueceu, né? Ela enriqueceu muito, ela trouxe muitos outros pontos de vistas pra dentro do debate, eu acho que a blogosfera progressista ela nasceu num momento de defesa a um determinado modelo. De inclusão social, ah... Combate ao neoliberalismo, de autonomia da política externa brasileira, ela nasceu num momento que isso tava muito relacionado ao governo Lula especificamente. Eu acho que ela enriqueceu desde então, ela trouxe vários outros parâmetro. A gente teve até uma discussão no primeiro encontro que era assim, 'pô, vamos chamar de blogosfera da esquerda', e aí eu mesmo fui contra, eu falei: 'sabe qual é o problema de chamar blogosfera da esquerda? É que se você chamar blogosfera de esquerda, talvez vai deixar um monte de gente que não se considera de esquerda de fora e nós estamos começando. A gente não pode nascer assim, já com essa... É melhor não falar de esquerda tá? Porque aí vai ser mais inclusivo. Talvez pra começar'... Mas eu acho que a gente teve muitas opiniões de esquerda pra dentro do debate mais recentemente, só o PSOL, o PSTU, o PCO e outros partidos de esquerda que estavam completamente isolados, vamos dizer assim, naquele primeiro momento. Eu acho que ela é mais rica, né? Ela é mais rica de informação, de pontos de vista. Ela tá menos ligada é... Estruturalmente, vamos dizer assim, menos ligada a ideia de um partido no poder. Uma presidente Dilma ou não-Dilma entendeu? Se você for olhar pro conjunto de blogueiros, assim que tem um tráfego maior, e tal. Todos são muito críticos em relação ao governo federal hoje, muito críticos, muito críticos. O quê que é criticado? Essas críticas não são reflexo da nossa opinião pessoal, são reflexos daqueles que nos lêem. Que são as centrais sindicais, os movimentos sociais organizados, etc e tal. Quais são as críticas? As críticas se referem especificamente a alguns ministros do governo da Dilma, que não fazem, na nossa opinião política, políticas públicas que contemplam a opinião pública. Tem muita gente que acha o governo Dilma um governo tão liberal quanto do Fernando Henrique Cardoso. Que foram feitos acordos com as empresas das companhias telefônicas, não saiu o plano nacional de banda-larga. Que o governo federal continua financiando essa mídia com a qual a gente não concorda, de maneira que... É... De maneira que continue uma concentração na mídia... Que não fez a reforma agrária e isolou os movimentos sociais. Que fez acordos políticos que muitos de nós consideramos

inaceitáveis, como... Como com o Maluf, com o Afif Domingos, como os que são de origem do PMDB, do Sarney [...] Você tem uma riqueza em termos de opinião muito mais ampla do que naquele momento inicial. Aquele momento inicial tava muito mais voltado pra defender ideias, que tavam de certa forma ligadas ao governo do Lula.. De lá pra cá eu acho que mudou bastante mesmo, enriqueceu muito o debate (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Eu acho assim, naquele momento as coisas tavam muito quentes, a gente sentia que aquela eleição do Pós-Lula foi uma eleição muito radicalizada, e havia também um sentimento de que a gente podia avançar na democratização da comunicação. A Dilma um pouco estanca esse processo ao não fazer nada pela democratização, então eu acho que o movimento hoje ele tem... Ele tem menos esse vínculo como primeiro momento inicial e hoje tá muito mais vinculado na luta pela democratização. E mais crítico ao governo, do que já foi. São as principais mudanças pra mim (Entrevista Renato Rovai).

Parece ser possível afirmar, dessa forma, que uma das principais razões que fizeram com que o movimento *BlogProg* adotasse um tom bem mais crítico com relação ao governo federal, diferentemente da postura de alinhamento que vinha ocorrendo até então, foi justamente a percepção de seus agentes de que as políticas públicas de comunicação não eram prioridades para a administração Dilma Rousseff.

De fato, percebeu-se, ao longo do processo de coleta de dados, que na trajetória inicial do movimento havia uma expectativa considerável por parte de seus precursores quanto à possibilidade de se implementar um marco regulatório para o campo da comunicação no Brasil que atendesse grande parte das reivindicações expressas na carta do primeiro encontro, especialmente a implementação do Plano Nacional de Banda Larga, mas também medidas que pudessem beneficiar a mídia alternativa.

Entretanto, logo nas primeiras semanas de gestão da agora presidente Dilma Rousseff, ocorreu um episódio que parece ter servido como um balde de água fria nas pretensões dos envolvidos com o movimento, mas que também decepcionou outros agentes pertencentes à blogosfera política alternativa. Foi quando a presidente compareceu à cerimônia de aniversário de 90 anos do jornal *Folha de São Paulo* e, em seu discurso, teceu elogios ao fundador do jornal, e exaltou a liberdade de imprensa. Para muitos blogueiros e ativistas digitais empenhados na luta pela democratização do campo, além de ter cometido um grave erro ao comparecer em um jantar promovido por um veículo de comunicação que publicou pouco tempo antes uma falsa ficha policial da então candidata à presidência, muitos relembaram uma coluna publicada pelo mesmo jornal há tempos atrás na qual classificava a ditadura militar de 64 por meio do termo “ditabranda”. Esse termo, à época, foi utilizado como forma do jornal comparar o regime militar brasileiro com o de outros países latino-americanos, dando a entender que a ditadura no Brasil foi muito mais branda do que a de

outros países como Argentina e Chile. À época, este fato gerou grande repercussão e, como era de se esperar, foi amplamente utilizado por blogueiros e ativistas de esquerda para atacar o jornal e para acusá-lo de ter apoiado a ditadura.

Outra crítica feita ao gesto da presidente da república para com a *Folha de São Paulo* era de que ela estava confundindo o debate sobre a democratização da comunicação no Brasil. Nesse sentido, ao exaltar a liberdade de imprensa, a presidente acabaria por reforçar a idéia amplamente difundida pelos grandes veículos de comunicação de que a implementação de um marco regulatório para a comunicação no Brasil seria uma forma de se atacar a liberdade de expressão e promover a censura, quando, na verdade, o objetivo era o oposto, qual seja, acabar com o monopólio de algumas organizações no campo.

Ao relatar o evento na *Folha*, o jornalista Leandro Fortes evidenciou, em *post* denominado “Dilma na cova dos leões”, as principais críticas que foram dirigidas à presidente à época por aqueles envolvidos no embate em torno da aprovação de um marco regulatório da comunicação:

Caso tenha, de fato, por conta própria, aberto mão do título de “presidenta” que, até então, lhe parecia tão caro, este terá sido, contudo, o menor dos pecados de Dilma Rousseff no regabofe de 90 anos da Folha. [...] Digo o menor dos pecados porque o maior, o mais grave, o inaceitável, não foi o de submeter a Presidência da República a um duvidoso rito de diplomacia de uma malfadada estratégia de realpolitik. O pecado capital de Dilma foi ter, quase que de maneira singela, corroborado com a falsa retórica da velha mídia sobre liberdade de imprensa e de expressão. Em noite de gala da rua Barão de Limeira, a presidenta usou como seu o discurso distorcido sobre dois temas distintos transformados, deliberadamente, em um só para, justamente, não ser uma coisa nem outra. Uma manipulação conceitual bolada como estratégia de defesa e ataque prévios à possível disposição do governo em rever as leis e normas que transformaram o Brasil num país dominado por barões de mídia dispostos, quando necessário, a apelar para o golpismo editorial puro e simples. A liberdade de expressão que garantiu o surgimento de uma blogosfera crítica e atuante durante a guerra eleitoral de 2010 nada tem a ver com aquela outra, defendida pela Associação Nacional dos Jornais, comandada por uma executiva da Folha de S.Paulo. São posições, na verdade, antagônicas. À Dilma, é bom lembrar, a Folha jamais pediu desculpas (nem a seus próprios leitores, diga-se de passagem) por ter ostentado uma ficha falsa fabricada por sites de extrema-direita e vendida, nas bancas, como produto oficial do DOPS. Jamais. Ao comparecer ao aniversário da Folha, a quem, imagina-se, deve ter processado por conta da ficha falsa, Dilma se fez acompanhar de um séquito no qual se incluiu o ministro da Justiça. Fez, assim, uma concessão que está no cerne das muitas desgraças recentes da história política brasileira, baseada na arte de beijar a mão do algoz na esperança, tão vã como previsível, de que esta não irá outra vez se levantar contra ela. Ledo engano. Estão a preparar-lhe uma outra surra, desta feita, e sempre por ironia, com o chicote da liberdade de imprensa, de expressão, cada vez mais a tomar do patriotismo o status de último refúgio dos canalhas. Dilma foi torturada em um cárcere da ditadura, esta mesma, dita branda, que usufruiu de veículos da Folha para transporte e remoção de prisioneiros políticos – acusação feita pela jornalista Beatriz Kushnir no livro “Cães de guarda” (Editora Boitempo), nunca refutada pelos donos do jornal. A presidenta conhece a verdadeira natureza dos agressores. Deveria saber,

portanto, da proverbial inutilidade de se colocar civilizadamente entre eles (FORTES, 2011, s/p).

As críticas acima feitas por Fortes (2011) foram, de fato acompanhadas por diversos blogueiros e ativistas digitais à época. Entretanto, não foram todos os que concordaram com elas. O blogueiro Luis Nassif, por exemplo, considerou que a presença de Dilma na solenidade da Folha foi uma estratégia da qual ela lançou mão naquele momento para consolidar uma relação que parecia amistosa com a mídia tradicional, encerrar um capítulo de embates ferrenhos exaltados pela eleição e, ainda, reduzir o espaço da oposição. Entretanto, o jornalista reconheceu que a presidente não deu a devida atenção para a mesma blogosfera que teve um importante papel em sua eleição e que parecia não estar satisfeita com seu gesto, como fica claro no trecho abaixo:

Essa súbita paixão da velha mídia por Dilma não apenas tira Serra da parada midiática, como reduz o espaço de novas lideranças de oposição. É evidente que não vai durar para sempre. Mas provoca um conjunto de indagações. A primeira, o fato de Dilma ter ignorado a militância que se formou na Blogosfera para defendê-la da combinação de ataques difamatórios da velha mídia e do esquema montado por Serra. "Assassina", "terrorista", "assaltante", "poste", lésbica, foram apenas parte desse círculo de horrores. Não cabe a uma presidente da República remoer mágoas. E seu papel, responsável, é o de baixar sempre que possível a fervura política. Mas caberia muito antes do evento uma manifestação em relação à militância que a defendeu com unhas e dentes – nem me refiro aos jornalistas blogueiros, mas aos blogueiros que emergiram nessa batalha, a jovem militância que chegou de norte a sul para enfrentar o exército de assassinos de reputação de Serra (NASSIF, 2011, s/p).

O ano de 2011 também foi importante na vida de blogueiros e ativistas digitais vinculados ao movimento *BlogProg*, uma vez que foi realizado o *II Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas*, no *Distrito Federal*. O clima, diferentemente de 2010, era de maior tranquilidade, sendo que o encontro contou, inclusive, com a participação do próprio ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, que proferiu um discurso na mesa de abertura. Em sua fala, o ex-presidente exaltou a atuação dos blogueiros e reconheceu sua importância como forma de se exercer o contraponto à mídia tradicional.

Nesse sentido, pode-se dizer que o clima durante a mesa de abertura do evento era de festa, especialmente porque os agentes vinculados ao movimento pareciam considerar o reconhecimento demonstrado pelo ex-presidente como uma espécie de elemento que propiciou a maior legitimação da blogosfera política alternativa. Vale lembrar que o reconhecimento do movimento por parte de uma autoridade política importante foi justamente na ocasião em que ocorreu a coletiva dada por Lula aos blogueiros no Palácio do Planalto.

Entretanto, se a mesa de abertura do *II encontro* foi marcada pela fala de Lula e pelo clima cordial que havia naquele momento, o restante do evento não ocorreu da mesma maneira. Isso porque um dos convidados ao evento foi o ministro das Comunicações do governo Dilma, Paulo Bernardo, que desagradou a muitos participantes quando expôs sua visão sobre as diferentes políticas públicas de comunicação em evidência naquele momento, como o marco civil da Internet e a PNBL. Após a fala de Bernardo, diversos blogueiros presentes no evento questionaram o ministro sobre a implementação do marco regulatório para o campo da comunicação, especialmente se ele daria continuidade ao projeto que havia sido elaborado pelo ex-ministro do setor durante a gestão Lula. Além disso, diversas questões foram feitas sobre o Plano Nacional de Banda Larga, especialmente a forma por meio da qual tal política seria implementada. As respostas do ministro foram um tanto quanto vagas e ele não assegurou aos presentes que o projeto do marco regulatório seria implementado, afirmando apenas que a questão seria objeto de discussão. A fala do ministro, assim, gerou momentos de *trocas de farpas* entre este e blogueiros como Eduardo Guimarães e gerou várias incertezas com relação à qual seria a política de comunicação do governo Dilma nos próximos anos. O trecho abaixo corrobora essa afirmação:

Paulo Bernardo, justiça seja feita, não hesitou em aceitar o convite feito para o II Blogprog. Desde o início disponibilizou sua agenda e na hora do cara-a-cara não ficou colocando objeções ou alegando compromissos anteriores para ir embora mais cedo. Recebeu dos blogueiros sujos 12 perguntas. E umas mais, outras menos, respondeu a todas, sem fazer bico. Teve uma troca de farpas com o blogueiro Eduardo Guimarães, que em momento nenhum resvalou para algo mais grosseiro. Ao contrário, aquele lance deu sabor ao debate. Edu foi pra cima e o ministro se defendeu atacando. Parte do jogo. E Edu soube, na maior elegância, fazer Paulo Bernardo ter que tergiversar quando indagou se a regulação dos meios no Brasil levaria a Rede Globo a ter de se desfazer de veículos, como aconteceu com o Clarín na Argentina. Paulo Bernardo prometeu o PNBL para o segundo semestre e disse que se a operação não for feita pelas teles, o processo levará mais do que um mandato. A questão é polêmica. O Marcelo Branco, que reputo como um dos ativistas mais confiáveis deste setor, concorda com o ministro. Já o Serginho Amadeu, que também é bamba de confiança, acha que o processo deveria ser coordenado pela Telebrás. A escorregada do ministro se deu quando por duas vezes falou que banda larga não pode ser a prioridade quando ainda há gente precisando de saneamento básico. Uma visão meio anos 70 da esquerda tradicional. Um equívoco monstruoso que me leva a pensar que o ministro não entendeu os tempos que está vivendo. Só se a banda larga chegar junto com o saneamento básico é que conseguiremos diminuir a distância entre pobres e ricos. E dar possibilidade para que os filhos dos atuais miseráveis tenham alguma chance na disputa com os filhos da elite. É preciso colocar a Banda Larga no PAC, como disse no evento o Sérgio Amadeu. Se o ministro das Comunicações faz um discurso com esse tom, algo está errado. Ele deveria ser o primeiro a gritar por mais recursos para a Banda Larga. Ou o Brasil não quer ser um país com menos desigualdade social? Ou o Brasil não quer ser desenvolvido? (ROVAL, 2011, s/p).

Ao final do encontro, foi lançada, assim como ocorreu no primeiro encontro, uma carta em que novas reivindicações foram feitas e os objetivos do movimento foram expostos. No

que diz respeito a este último, percebe-se, por meio da análise do documento, que os pontos foram praticamente os mesmos do texto anterior, sendo eles: a) a aprovação de um novo marco regulatório dos meios de comunicação, b) a aprovação do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), c) ser contra qualquer tipo de censura ou restrição à Internet, d) encaminhamento do Marco Civil da Internet ao Congresso por parte do Executivo e; d) fortalecimento do movimento da blogosfera progressista (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2011, s/p). Já os trechos abaixo também evidenciam a avaliação do segundo encontro:

Desde o I Encontro Nacional dos Blogueiros Progressistas, em agosto de 2010, em São Paulo, nosso movimento aumentou a sua capacidade de interferência na luta pela democratização da comunicação, e se tornou protagonista da disseminação de informação crítica ao oligopólio midiático. Ao mesmo tempo, a blogosfera consolidou-se como um espaço fundamental no cenário político brasileiro. É a blogosfera que tem garantido de fato maior pluralidade e diversidade informativas. Tem sido o contraponto às manipulações dos grupos tradicionais de comunicação, cujos interesses são contrários a liberdade de expressão no país [...] O que nos une é a democratização da comunicação no país. Isso somente acontecerá a partir de intensa e eficaz mobilização da sociedade brasileira, que não ocorrerá exclusivamente por conta dos governos ou do Congresso Nacional (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2011).

Entre outros méritos do segundo encontro nacional, vale destacar quatro. O movimento, iniciado por alguns dos blogueiros mais influentes do país – como Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Rodrigo Vianna, Luiz Carlos Azenha, Conceição Oliveira, Eduardo Guimarães e Renato Rovai –, adquiriu maior representatividade e enraizamento. No processo de preparação do II BlogProg foram realizados 14 encontros estaduais e dois regionais, que reuniram 2.180 ativistas digitais. A presença de jovens, que encontram na internet uma nova forma de militância e não têm vida orgânica em partidos ou sindicatos, foi uma das marcas destes encontros. O segundo aspecto positivo é que o movimento adquiriu maior legitimidade, cacifando-se como um ator relevante na luta política e de idéias na sociedade. O ex-presidente Lula participou da abertura do evento, fazendo duras críticas à partidarização da mídia hegemônica e efusivos elogios à blogosfera por seu papel na democratização da informação. O ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, demonstrou uma postura aberta ao enfrentar as críticas dos blogueiros às limitações do PNBL e à ausência do projeto de regulação da mídia [...] A blogosfera e as redes sociais jogam papel cada vez mais ativo e agudo na luta de idéias. Elas fazem o contraponto à velha mídia, denunciando os interesses políticos e econômicos das corporações empresariais por detrás das notícias, do entretenimento e da cultura. Elas ajudam a desmascarar os monopólios midiáticos, que manipulam a informação e deformam o comportamento (BORGES, 2011, s/p)

Alguns meses depois da realização do *II encontro*, realizou-se outro evento que, mais uma vez, reuniu diversos blogueiros e ativistas digitais, só que, dessa vez, de diferentes partes do mundo. O encontro recebeu o nome de *1º Encontro Mundial de Blogueiros*, e foi sediado na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná. Assim como ocorreu nos encontros nacionais, foi lançada uma carta ao final do evento com pontos muito próximos aos das cartas anteriores. De acordo com a Carta de Foz do Iguaçu (2011, s/p):

O 1º Encontro Mundial de Blogueiros, realizado em Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil), nos dias 27, 28 e 29 de outubro, confirmou a força crescente das chamadas novas mídias, com seus sítios, blogs e redes sociais. Com a presença de 468 ativistas digitais, jornalistas, acadêmicos e estudantes, de 23 países e 17 estados brasileiros, o evento serviu como uma rica troca de experiências e evidenciou que as novas mídias podem ser um instrumento essencial para o fortalecimento e aperfeiçoamento da democracia.

Por fim, no ano de 2012, o movimento *BlogProg* mais uma vez se reuniu para debater diversos temas relacionados à blogosfera e a luta pela democratização da comunicação. Nesse ano, o evento foi realizado na cidade de Salvador, na Bahia e contou com a participação de cerca de 300 participantes.

Dentre diversos convidados a participar do evento, algumas delas foram muito importantes porque evidenciaram não apenas a força que a discussão sobre tal temática ganhou no Brasil, mas, também, porque dotou o movimento de maior capital simbólico. Isto porque os organizadores do movimento conseguiram trazer para o evento parlamentares que fazem parte da Comissão Especial criada para debater o Marco Civil da Internet. Dessa forma, a discussão ocorreu como parte integrante do próprio encontro, o que foi extremamente simbólico, uma vez que demonstrava que o movimento havia adquirido certa legitimidade no campo da comunicação e no campo político.

Outro fato que marcou o *III encontro* foi a presença do ex-ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social (Secom) durante o governo Lula, o jornalista Franklin Martins. Em sua fala, Martins deixou claro que a proposta da implementação do marco regulatório para o campo da comunicação no Brasil se referia especialmente ao fim do monopólio nesse espaço e a luta pela regulação do direito de resposta. O ex-ministro, em sua fala, alertou as pessoas presentes no auditório que tais reivindicações não são novas, mas, pelo contrário, estão presentes na Constituição Federal, sendo que jamais foram regulamentadas pelo Congresso. Nesse sentido, ele advertiu as pessoas que evitassem utilizar o termo “regulação da mídia”, para que se evitasse passar a impressão de que o objetivo do movimento era promover algum tipo de censura no campo, e que, ao invés disso, declarassem que a luta era pelo que estava na Constituição. Imediatamente, os blogueiros e ativistas ligados ao movimento adotaram o lema “nada além da Constituição” como palavra de ordem para a luta que eles travavam. Já os objetivos do movimento expressos na nova carta por ele divulgada giram em torno da “luta por um novo marco regulatório das comunicações” e “reforçar a defesa da ação da blogosfera e das redes sociais diante do constante ataque de setores conservadores estimulados e financiados pela velha mídia” (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2012, s/p).

Os trechos abaixo deixam claro a percepção dos agentes com relação ao *III Encontro Nacional*:

Surgido como uma reação aos monopólios de mídia, que se baseiam num modelo usurpador quase que exclusivamente voltado à defesa dos interesses do grande capital em detrimento das aspirações populares, o movimento nacional dos Blogueiros e Blogueiras Progressistas desdobrou-se em inúmeros encontros municipais, regionais e estaduais, além de três encontros nacionais (São Paulo, Brasília e Salvador) e um internacional, realizado, em outubro de 2011, na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná. Neste curto espaço de tempo, este movimento ganhou legitimidade política e enorme dimensão social. Foi capaz de influir fortemente no debate sobre a necessidade de se democratizar a comunicação no Brasil. Em suma, temos saído vitoriosos nesta guerra dura contra a mídia ainda hegemônica. Lutamos com as armas que temos, todas baseadas na crescente força da blogosfera e das redes sociais [...] O principal reflexo dessa atuação, ao mesmo tempo organizada e fragmentada, tem sido o incômodo permanente causado nos setores mais conservadores e reacionários da velha mídia nacional, um segmento incapaz não apenas de racionalizar a dimensão do desafio que tem pela frente, mas totalmente descolado das novas realidades de comunicação e participação social ditadas, inexoravelmente, pelas novas tecnologias. Apegam-se, de forma risível, a um discurso tardiamente articulado de defesa das liberdades de imprensa e de expressão, conceitos que mal entendem, mas que confundem, deliberadamente, para manipular o público em favor de interesses inconfessáveis. Posam, sem escrúpulo algum, de defensores de uma liberdade que não passa, no fim das contas, da liberdade de permanecerem à frente dos oligopólios de comunicação que tantos danos têm causado à democracia brasileira. Para tal, chegam a pregar abertamente restrições à internet, apavorados que estão com a iminente ruína de um modelo de negócios em franca crise em todo o mundo, com a queda de tiragem da mídia impressa e da audiência da radiodifusão, com consequências diretas no processo de captação de receita publicitária. (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2012).

Na abertura do III Encontro de Blogueiros em Salvador, o Ministro da Comunicação do Governo Lula e autor de uma excelente Ley de Medios que o Acorda Bernardo engavetou, criou a palavra de ordem que, daqui para a frente, deverá orientar a batalha de todos os que querem um marco regulatório que democratiza a comunicação brasileira: “nada além da Constituição”. [...] Os blogueiros sujos têm que tomar deles a bandeira da Constituição. Ainda mais que a reforma do Marco Regulatório é inevitável. E, para evitar um “rachuncho”, é preciso “otimismo, determinação e inteligência”, disse ele. Inteligência significa ampliar o espaço de atuação desses grilos falantes, que somos nós, os blogueiros sujos. Evitar o “rachuncho” significa impedir que o Marco Regulatório seja construído numa reunião dos donos da Globo (ele não citou nominalmente), os representantes das telefônicas e três ou quatro parlamentares. Isso seria um rachuncho. O debate tem que ir para a rua, para o Congresso. Repactuar. Porque não estão em jogo apenas interesses econômicos, empresariais, mas políticos também (AMORIM, 2012, s/p).

Percebe-se, portanto, que, na visão dos organizadores do movimento, este último conseguiu adquirir legitimidade política entre os anos de 2010 a 2012, especialmente porque conseguiram influenciar fortemente no debate sobre a democratização da comunicação no Brasil. Também, a análise da trajetória do movimento pós-eleições de 2010 parecem corroborar afirmações anteriores dos entrevistados de que o maior alinhamento existente entre o movimento e o governo federal diminuiu consideravelmente a partir do governo Dilma, sendo que isto se deve mais especificamente à postura de aparente recuo de seu governo quanto à implementação do marco regulatório no campo, diferenciando-se da postura de

maior enfrentamento verificada no segundo mandato do governo Lula. Além disso, como já demonstrado anteriormente, a própria blogosfera política alternativa tornou-se mais ampla e diversos agentes com distintas orientações políticas passaram a nela atuar, dando margem para que surgissem críticas não apenas com relação à questão da comunicação, mas também com relação à própria gestão de Dilma, percebida como conservadora por alguns agentes.

Dentre alguns blogueiros que costumam realizar críticas ácidas ao governo Dilma, podem ser citados o jornalista Luiz Carlos Azenha e a ativista Conceição Oliveira. Esta última, ao estabelecer uma comparação entre os governos Lula e Dilma, afirmou que este último recuou tanto no que concerne ao diálogo com os movimentos sociais, quanto naquilo que está relacionado a políticas de comunicação que possam pluralizar as vozes da sociedade civil, conforme destacado no trecho de entrevista abaixo:

Essa não coragem do governo de lidar com a comunicação e, nesse sentido, embora o Lula tenha feito a Confecom e tenha pulverizado um pouquinho a publicidade, não teve enfrentamento... Assim, comparado com o governo Dilma em termos de comunicação, é impressionante a diferença, o governo Dilma retrocedeu... De novo, o pouquinho de pluralidade que teve em termos de publicidade concentrou, a relação que o Lula tinha com rádios comunitárias, com a própria blogosfera e movimentos sociais, e de falar o tempo inteiro, multiplicar essas vozes, não acontece no governo Dilma, a TV Brasil perdeu a coisa do impacto do nascimento da TV pública, eu acho que ela ficou reduzida a um papel muito pequeno [...] Eu fico pensando que a gente tem um papel aí, ainda a cumprir, com esse nível de concentração midiática e pensando que mesmo dentro da blogosfera, são raros os blogs que fazem uma crítica à esquerda real. Real é uma palavra ruim, mas honesta, no sentido de que eu não quero derrubar esse governo, não é esse o foco, eu quero que esse governo vá pra esquerda, é bem diferente. Quando eu faço críticas à postura e a condução dele, na verdade, é tentar empoderar grupos, fazer pressão pra esse governo não ter que ceder tanto à sua coalização do lado Katia Abreu e ficar mais do lado do Stedile (risos), por exemplo (Entrevista Conceição Oliveira).

É possível perceber também que, para a blogueira acima, as críticas que ela dirige ao governo federal são formas de pressão para que este possa adotar políticas mais à esquerda do espectro político, deixando implícito que tais críticas se distinguem de outras oriundas de setores mais conservadores que possuem como intuito “derrubar esse governo”. Parece que a preocupação em estabelecer tal diferença está relacionada a algo que foi bastante mencionado por parte da mesma blogueira ao longo da entrevista e que diz respeito à postura por parte de algumas pessoas na blogosfera política alternativa de não aceitação de nenhum tipo de crítica ao governo federal, grupo este que ela denomina como “governistas”. Conforme Conceição Oliveira, “tem gente que acha que se você fizer alguma crítica ao governo você não é mais de esquerda”, algo que dá margem para que ocorram discussões e dissidências entre os próprios ativistas no interior da blogosfera. Assim, o posicionamento da blogueira, também mencionado por alguns outros entrevistados, parece corroborar a afirmação anterior de que, se

inicialmente os conflitos eram menos visíveis por parte daqueles que se identificam com a blogosfera política alternativa, com o passar do tempo eles se tornaram mais explícitos.

Com base nos eventos críticos descritos anteriormente que foram essenciais para o surgimento e consolidação dessa blogosfera, pode-se dizer o seguinte:

Os eventos críticos que foram determinantes para o surgimento e estruturação da blogosfera política alternativa são especialmente de natureza *tecnológica* e *política*. Enquanto os *fatores tecnológicos* são aqueles que possibilitaram o ingresso de novos entrantes no campo da comunicação e um reposicionamento nesse espaço de agentes que nele já atuavam, os *fatores políticos* dizem respeito à própria concepção de mundo que orienta a ação desses agentes no interior do campo e que impulsiona o embate entre diferentes grupos em tal espaço.

Ainda que esse espaço tenha passado por mudanças desde sua gênese, parece ser possível afirmar que tal espaço está longe de ser dotado de algum tipo de coesão maior entre seus agentes que supere as divergências que nela ocorrem. Se, no Brasil, essa blogosfera de fato surgiu como uma reação por parte de alguns blogueiros e ativistas à percepção de que a mídia tradicional extrapolou seu papel de informar e lançou mão de práticas que tinham como intuito influenciar diretamente no campo da política-partidária, com o passar do tempo essa mesma blogosfera tornou-se ela mesma bastante diversificada. Nesse sentido, é possível afirmar que o movimento *BlogProg* representa uma importante, mas pequena parte da blogosfera política alternativa, sendo esta composta por inúmeros indivíduos, grupos e organizações, tal como analisado no segundo objetivo específico abaixo.

4.2. Segundo Objetivo Específico:

- Identificar os principais agentes que pertencem à blogosfera política alternativa, analisar suas principais características, bem como os principais recursos de poder que eles detêm;

4.2.1. Identificação dos agentes pertencentes ao campo da blogosfera política alternativa

Para que fosse possível identificar os principais agentes que atuavam na blogosfera política alternativa, perguntou-se aos entrevistados quais eram os principais *blogs* que eles

costumavam acessar. Procurou-se privilegiar, em um primeiro momento, as respostas dos ativistas digitais, uma vez que estes são leitores e disseminadores dos conteúdos produzidos pelos blogueiros. Os entrevistados citaram em sua maioria os nomes de blogueiros ou de *blogs* envolvidos diretamente na criação do movimento *BlogProg* e que são considerados precursores deste último, tais como o *Conversa Afiada*, *Luis Nassif Online*, *Vi o Mundo*, *Blog da Cidadania*, *Blog do Miro* e *Maria Frô*. Os trechos abaixo evidenciam essa percepção:

Eu gosto muito desses blogueiros, acho que eles tiveram um papel fundamental de ajudar a gente. São pessoas intelectualizadas, sabem escrever bem, tem publico cativo como o Luis Nassif, o Azenha, o próprio Eduardo Guimarães, que não veio de lugar nenhum, que se tornou uma pessoa, uma referência importante pra gente e é uma das pessoas que eu mais me identifico politicamente, que ele também se considera um soldado nessa guerra, porque isso não deixa de ser uma guerra, né (Ativista digital 4).

A blogosfera política pra mim, na minha visão pessoal, é o Carta Maior, porque eu acho que ele é fantástico, tem o blog do Edu, o *Blog da Cidadania*, tem um *site*, Rede Brasil atual, que é um *site*, não um blog... Tem um site que tem feito um trabalho interessante que tem feito um trabalho interessante, que apesar de estar no Terra, que é o Terra Magazine, do Bob Fernandes, que trabalhou na Isto É, o próprio site da Carta Capital... Então assim... O Paulo Henrique Amorim é fundamental, o Blog do Nassif é fundamental, enfim, o pessoal lá do Esquerdopata que eu gosto muito [...] Tem o Blog do Miro, que o Miro sempre tem um bom texto, eu acho que não dá pra esquecer do Miro, tem o blog do Rovai, tem o Escrevinhador, do Rodrigo Vianna... Eu navego nesse campo e da onde eu tiro minhas informações. Somos blogueiros, somos alternativos, mas temos que trabalhar com a credibilidade. Não se dá, tudo que você vai publicar ou vai disseminar, você tem que ter credibilidade, com fonte segura, pra não cair no descrédito, aí é ruim pra todo mundo (Entrevista Ativista Digital 2).

Os principais seriam o blog do jornalista Paulo Henrique Amorim, o *Conversa Afiada*, que eu acho que é o que tem mais acesso entre todos, tem o blog do Amigos do Presidente Lula, que é um blog que já deu vários furos em notícias, deu vários furos assim em denúncias, que até chegaram a repercutir na mídia hegemônica, mas lógico, não citaram da onde surgiu a notícia. Tem o *Vi o Mundo*, que já é mais amplo assim que os outros, tem uma visão crítica, às vezes tem críticas de outros partido ao governo, ao presidente Lula e tudo mais, tem o blog do Rodrigo Vianna, que é o blog Escrevinhador, tem o Altamiro Borges, e tem o da Maria Frô, que eu também acho muito importante, são os maiores assim que eu conheço e que costuma pautar assim a agenda da mídia alternativa. E Carta Maior, um site de esquerda, que é excelente, do professor Emir Sader (Entrevista ativista digital 6).

Dessa forma, as respostas acima, apesar de variadas, indicam que as percepções de muitos ativistas digitais no que diz respeito aos principais *blogs* e *sites* que compõem a blogosfera política alternativa são muito semelhantes e abarcam uma ampla gama de agentes. Esses agentes, em sua maioria, são os mesmos que criaram o movimento *BlogProg*, especialmente os jornalistas que já atuaram ou que atuam ainda na mídia tradicional, tais como os jornalistas Paulo Henrique Amorim, Luiz Carlos Azenha, Rodrigo Vianna e Luis Nassif. Outros blogueiros que também ajudaram a criar o movimento, mas cujos *blogs* são mais

caracterizados pela militância política, tais como os dos blogueiros Eduardo Guimarães, Maria Frô e Altamiro Borges, também foram citados com frequência pelos entrevistados.

No entanto, pode-se perceber também que grande parte dos respondentes também citou veículos que não se caracterizam como *blogs*, mas que, pelo fato de existirem na esfera virtual e devido ao posicionamento político que defendem, são percebidos como agentes inseridos na blogosfera política alternativa. Este é o caso de *sites* como o *Carta Maior* (que possui micro-*blogs* escritos por diferentes pessoas, como o professor Emir Sader), a *Rede Brasil Atual* e o portal da revista *Carta Capital*. Esta última, aliás, também, contém micro-*blogs* que podem ser acessadas por meio de sua página.

Entretanto, alguns ativistas digitais tiveram dificuldades de mencionar nomes específicos, no por considerarem que a blogosfera é muito ampla, mas especialmente porque a atuação dos agentes ocorre a partir de uma rede que se forma dentro da qual existem alguns *nós* sustentadas por uma infinidade de outros agentes. Os trechos abaixo deixam claro essa percepção:

Eu não posso falar qual que é mais importante, primeiro porque eu considero rede, e rede cada nó tem a sua importância fundamental. Se eu for falar de grandes produtores, aí eu posso citar o Azenha, o (inaudível), que fez uma análise fantástica do processo de quebra da Europa, posso citar o Virgulino, fala do Nordeste, o Guerrilheiros Virtuais lá do Sul [...] Então cada um tem seu papel... O meu papel não é diferente do Azenha, não é diferente do Rodrigo... A visibilidade deles é maior. Mas eles são um nó... Porque sem eles estarem integrados na rede, eles não são nada... Então esse raciocínio meu serve inclusive pra tirar alguns egos da reta... Quando eu falo isso, 'ah, mas eu to mais tempo e daí? Depois que eu e mais duzentos mil entraram na rede, aí você começa a ter importância, porque antes era só (inaudível) escrevendo (Entrevista ativista digital 1).

É difícil né, porque a pergunta... Numa resposta superficial eu diria que é o blog do Miro, o blog do Azenha, o blog do Paulo Henrique Amorim, o blog no Nassif, né, mas não é, porque o blog deles depende de uma blogosfera que tá sustentado e produzindo informação aqui embaixo... Tá virando referência, inclusive cada vez maior, o blog do cafezinho do Miguel, o blog do Ismael lá no Paraná, o blog da Cris no Rio Grande do Sul, tem blogs em todos os estados né, que não são tão conhecidos nacionalmente, mas que são quem sustentam esses blogs que são conhecidos nacionalmente. É a produção, aquilo que é produzido no local e que chega lá no blog nacional e, quer dizer, a gente ouve muito vindo do, do que vem do blog nacional, mas ele tá consumindo o que tá sendo produzido no nível local (18min e 15seg). Então são centenas e centenas de blogs locais que mantém a, que fazem a blogosfera ser viva né de fato (Entrevista Ativista digital 9).

Assim, as respostas acima indicam que, apesar dos *blogs* com maior visibilidade a nível nacional serem de fato os que estiveram envolvidos na criação do movimento, os blogs locais e alguns veículos da mídia alternativa são percebidos por outros entrevistados como extremamente importantes, uma vez que estes muitas vezes repassam conteúdos para os primeiros. Além disso, conforme o primeiro trecho, não se pode deixar de mencionar o papel

dos próprios ativistas digitais, sem os quais os blogueiros mais conhecidos “nada seriam”. A percepção desses entrevistados no que diz respeito à natureza da blogosfera vai ao encontro de diversos autores ligados à área da comunicação que afirmam que, na Internet, mas especialmente na blogosfera política, existem importantes nós que servem como referência para toda a blogosfera, (em especial para a sua própria corrente política), e que são marcados pelo grande número de conexões a eles atrelados (MARTINUZZO E MALINI, 2010). Os mesmos autores também afirmam, com base em Gillmor (2005), que ainda que esses blogs de maior relevância possuam individualmente um grande peso nas discussões promovidas na blogosfera, não se pode deixar de considerar que esta é um meio coletivo e que uma rede de blogs é mais importante que blogs individuais com muita audiência. O fato de a blogosfera caracterizar-se como uma ampla rede é um motivo, nesse sentido, para “pra tirar alguns egos da reta”, conforme afirmou o ativista digital 1.

Também foi perguntado aos próprios blogueiros entrevistados, inclusive vários que foram mencionados pelos ativistas, quais eram os principais *blogs* e *sites* que compõem a blogosfera política alternativa no Brasil. O questionamento foi importante não apenas para que fosse possível comparar a percepção desses agentes com a percepção dos agentes anteriores, mas também para identificar eventuais agentes considerados relevantes no campo e que porventura não tivessem sido mapeados ao longo do processo de observação *online*. Seguem abaixo alguns trechos próximos às respostas de grande parte dos blogueiros:

Eu acho que tem esses blogs que eu citei que você pode somar a eles outros blogs muito bem feitos. Cada um tem a sua característica, né? São matérias mais aprofundadas, reportagens, outros são mais opinativos, uns são mais sarcásticos, outros são mais sérios sem ser sisudos né? É... Você tem, além de Paulo Henrique e Nassif, o blog do Azenha, o Vi o Mundo, o blog hoje é indispensável pra quem quiser ter uma leitura crítica da mídia, como que é o slogan que ele usa? “O que você não vê na TV” né? Se quiser ter uma leitura crítica da mídia o blog do Azenha é indispensável, o blog do Rodrigo Vianna, Escrevinhador, o blog do Renato Rovai né? O blog do Edu, o do Edu é um blog que eu acho... O Edu merece um destaque a parte. O Edu é esse... Todos esses que você tem, tem formação de jornalista. O Edu ele não tem formação de jornalista, o Edu é um pequeno empresário comerciante. Comerciante de peças de trator, comerciante que viaja o mundo vendendo peças. Conhece toda a América Latina, mas é um cara que se indignou com o tratamento que a mídia dava a determinadas questões, o Edu começou antes de ser blogueiro, o Edu escrevia cartas pra Folha e pro Estadão. Chegou a ser recordista de envios de cartas, por que ele tem uma formação intelectual muito vasta né? [...] Quando entrou a internet, ele entrou no mundo da internet já com uma visão muito crítica da mídia, o divisor de águas foi o governo Lula, o tipo de reação que a elite teve com o Lula deixou indignado o Edu, uma reação preconceituosa. Ódio de classe né? É... Então você pega o Edu, é o maior barato, por que ele às vezes fala: ‘ah, mas eu não tenho formação jornalística’. Eu brinco com ele por que você dá uma surra, em noventa por cento dos jornalistas brasileiros [...] Você tem alguns sites hoje no Brasil que também já pautam a política, pautam a política e... E que tem até por ser... Já tem uma equipe né? Uma pessoa, já é um negócio mais profissional que tem uma capacidade de elaboração, de produção de conteúdo muito boa. Então você pega Carta Maior. Carta Maior é hoje... Pra quem quiser conhecer o que tá rolando no mundo, uma visão crítica do que tá rolando no mundo, pra

quem quiser conhecer os grandes debates no Brasil... Carta Maior é indispensável, Carta Maior é da cobertura online, noticiária, analítica né? É um instrumento pra análise fundamental, Palhares faz um baita trabalho com o Carta Maior, você também tem esse site Vermelho... Vermelho é isso, Vermelho já é mais... Mais da informação quente, Carta Maior é mais analítico e Vermelho é mais quente, então tudo que é notícia tá lá (Entrevista Altamiro Borges).

Só progressista? Só progressista eu diria pra você, eu acho que os blogs principais são... Luiz Nassif, Paulo Henrique Amorim, Azenha também. Eu acho que eu tô entre eles, teve um premio de blogs políticos em 2009, que foi um concurso que estavam os principais blogs de política. Tava o Reinaldo Azevedo, estavam todos os principais, cerca de duzentos blogs. E o meu foi o sexto colocado, então na época quem ganhou foi o Luiz Nassif, O Reinaldo Azevedo ficou em segundo lugar e em terceiro lugar ficou o blog do Zé Dirceu, em quarto lugar ficou o blog do Mino Carta que depois ele fechou, em quinto ficou o Luiz Carlos Azenha e em sexto ficou o meu blog. É... Então, eu tenho que falar também um blog muito lido hoje que é o do Miro Borges, Altamiro Borges, é... Você tem o blog da revista Fórum, que é do Renato Rovai, assim, eu acho que são aqueles que tem uma maior visibilidade. Você tem muitos blogs regionais e tal, entendeu? Ah, tem a Conceição Oliveira [...] ela tem é muito peso é no Twitter, ela tem muito peso no Twitter, ela tem bastante seguidor e o que ela influencia muito é no Twitter. É... Quem mais? Rodrigo Vianna, ele tem um blog bastante lido também, até porque ele tá na televisão né? Esses que estão na televisão, eles têm uma distância maior... Eu, por exemplo, acredito que hoje tenha cerca de um milhão de acessos, de pageviews, não são de acessos únicos, por mês no meu blog, o número é de pageviews isso aqui é como o mercado publicitário considera, que eles chamam de impressões. Toda vez que alguém acessa a sua página eles consideram, é um critério porque esse critério de visitantes únicos é um critério que eu considero muito volátil, porque ele se baseia no IP, e o IP às vezes é rotativo, então às vezes uma pessoa, cada vez que aquela pessoa entra ela tá com um IP diferente. Então não dá pra você dizer que você tem dez mil acessos únicos, não quer dizer que sejam dez mil, pode ser que sejam bem menos, não dá pra mensurar. Então pageview não tem erro, entrou ali um milhão de pageviews mais ou menos, um pouco mais, um pouco menos, ano eleitoral um pouco mais, ano não eleitoral que nem esse ano tá um pouco abaixo disso. Vai oscilando, mas o Paulo Henrique Amorim, por exemplo, tem doze milhões. Nassif deve ter por aí, talvez um pouco menos. Porque o Paulo Henrique tem a vantagem de... Ele tá numa posição de destaque na TV Record, o Paulo Henrique é uma celebridade. Onde ele chega, ele entrar em qualquer lugar, ele entra no shopping, qualquer lugar que ele entrar, junta gente em volta dele. O Azenha tem um pouco mais do que eu, apesar dele estar pouco na televisão, né? Já teve quase o dobro do que eu tenho, mas não chega a ser o dobro, e é por aí, é mais ou menos por aí (Entrevista Eduardo Guimarães).

Ah isso é difícil dizer viu, por que é muito ampla e é muito eventual. Alguns você pode dizer que tem mais tráfego, né? São mais lidos o Nassif, o do Paulo Henrique, acho que são assim, os mais lidos, os que têm mais leitura. Tem muito, é difícil falar em hierarquia por que você tem muita coisa bacana no Brasil inteiro. Então você também tem que sair da política, né? Tem muito blog que faz reflexão sobre filosofia, sobre questões políticas mais institucionais, menos ligadas ao dia-a-dia da política etc e tal. E tem muita gente refletindo sobre isso e refletindo sobre políticas públicas, têm ótimos blogs de saúde, segurança pública, educação, que discutem esses assuntos específicos. Facebook já tem muita coisa dentro também, nesses grupos que discutem essas questões, do Facebook, tá difícil hierarquizar (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Os de maior peso são aqueles mais antigos, que estão mais bem estruturados, os blogs do Paulo Henrique, o blog do Nassif, o blog do Azenha, né, o Vi o Mundo, esses são, são os blogs mais, de maior visibilidade, maior público inclusive se você fizer uma pesquisa pelo Google Analítico você chega a essa conclusão, é possível levantar isso. Tem mais acesso, tem influência e eu acho que daqui a 20 anos quando se estudar essa, essa história dos blogs, guardados essas proporções, é mais ou menos o que o Pasquim fazia nos anos 60, no caso do Paulo Henrique, por exemplo, ele cria um mote que pega, essa história de PIG... Eu até não uso muito isso, mas o que eu acho que é um, um mote assim, né, se for a fundo... 'ah, mas a imprensa é golpista'..., Bom eles foram golpistas em 64, eles tem uma história de golpismo, mas eu não uso muito porque eu acho que simplifica demais a história às vezes, mas pega, né [...] E tem blogs talvez menos conhecidos, mas que eu me

divirto muito, o blog do Hariovaldo eu acho sensacional, pra quem é do Rio não sei se faz tanto sentido, mas pra quem é de São Paulo, aquilo, tem gente que fala aquilo de verdade, eu escuto isso: ‘amo a direita’! Ele faz uma caricatura do conservadorismo paulista [...] Tem outros, né, eu acho muito interessante o caso do Edu Guimarães porque ele é um blogueiro que não é jornalista de formação, na prática é né, mas ele não tem formação de jornalista. Tem a Maria Flor que é uma ativista na área do feminismo[...] A Cynara tem um ótimo blog, é jornalista, a Cynara Menezes Tem a Lola [...] o Escreva, Lola, escreva. Acho que ela é professora universitária. Então você tem isso falando dentro da blogosfera progressista, você tem do outro lado. No Sul você tem um movimento de blogueiros, no Sul do país, o Paraná, não posso de deixar de falar do Paraná é onde é muito acirrado o clima no Paraná porque os blogueiros, tem 3 ou 4 blogueiros ali que tem um papel importante que são processados, tem o blog do Tarso, tem o blog do Ismael [...], tem o Bertoni. Existe uma blogosfera regional também [...] E o Cafezinho, né, não posso deixar de citar o Miguel do Rosário, porque ele participou daquela história da Globo e tem um papel central, o Tijolaço... Eu acho que daquela lista inicial que eu falei dos 3 mais, com mais visibilidade você tem no Rio de Janeiro o Mello, o Tijolaço, o Miguel do Rosário muito fortes (Entrevista Rodrigo Vianna).

Aí fica meio chato, porque eu vou, eu vou, vou esquecer alguém, né (risos). Primeiro vou falar de blog. É, blog hoje, eu acho que o blog do Brito lá, o Tijolaço, que é pessoal, embora ele esteja com a participação do Miguel, o Brito é um cara que eu conheço de campanha política, é uma pessoa super séria, o Tijolaço é muito bom... O Miguel, eu gosto muito do Miguel, é um blog bem bacana, o Cafezinho. O Rodrigo Vianna, que é sensacional, eu gosto muito. O Eduardo, embora eu não partilhe de 50% pelo menos, do que ele fala, mas ele representa uma parte da opinião do paulistano que é muito importante pra gente entender. O Eduardo é um cara honesto, é um cara sabe? É um blogueiro bacana, eu só to falando gente que eu acho bacana, que, gente que não tem, que num tá escrevendo porque tá ganhando dinheiro Eu adoro o Azenha, a Conceição Lemes que escreve lá no Vi o Mundo do Azenha é uma pessoa maravilhosa né? Tem a Frô, eu acho que o blog dela ficou meio perdido, eu acho que ela devia é retomar o blog, blog tem que ser blog, opinião do blogueiro (Entrevista Mello).

As respostas dos blogueiros acima parecem indicar, portanto, uma semelhança muito grande no que diz respeito a quais seriam os principais *blogs* e *sites* que compõem a blogosfera política alternativa no Brasil. Ainda que ocorram algumas variações nas respostas dos entrevistados, pode-se verificar que os blogueiros estabelecerem uma frequente relação entre os *blogs* por eles citados e a audiência destes medido pelo número de acessos e também por ferramentas tais como o *Goggle Analytics*. Nesse sentido, vale destacar a fala do blogueiro Rodrigo Vianna, que afirmou que os “de maior peso são aqueles mais antigos, que estão mais bem estruturados”.

Foi possível observar, também, que alguns blogueiros foram citados por praticamente todos os entrevistados de forma positiva. Nesse sentido, merece um destaque o blogueiro Eduardo Guimarães, percebido no campo como alguém que não tem a formação de jornalista, mas que realiza em seu *blog* um trabalho considerado admirável e “honesto”. Essa admiração é expressa até mesmo por blogueiros que afirmam não concordar com grande parte de suas opiniões, como é o caso do último trecho destacado.

De forma semelhante às respostas dadas pelos ativistas digitais, veículos da mídia alternativa como o *Carta Maior* e o *Portal Vermelho* foram mencionados, o que confirma que mesmo não se caracterizando propriamente como *blogs*, esses *sites* compõem a rede de sustentação desse grupo de agentes. Já outros *blogs* cujos responsáveis são ligados a movimentos sociais, como é o caso da blogueira Conceição Oliveira, que escreve o Blog Maria Frô, e também o *Blog Escreva, Lola, Escreva*, ligados ao movimento feminista, foram citados por alguns entrevistados. Nesse sentido, vale destacar fala do blogueiro Eduardo Guimarães em que afirma que a blogueira Conceição Oliveira exerce uma grande influência na blogosfera, especialmente por meio das redes sociais como o *Twitter*. Já o blogueiro Luiz Carlos Azenha lembrou que no próprio *Facebook* há diferentes grupos compostos por pessoas que discutem os mais diferentes assuntos, e que por essa razão é “difícil hierarquizar”. Essa resposta parece indicar que as redes sociais devem ser consideradas como ferramentas essenciais para o fortalecimento da blogosfera política alternativa, como um ativista digital já havia indicado em sua resposta.

Também ficou claro por meio do conteúdo da fala de grande parte dos entrevistados acima que os *blogs* locais são percebidos como importantes, uma vez que, mesmo não tendo muita visibilidade a nível nacional, eles exercem um peso considerável em algumas regiões específicas. Nesse sentido, vale destacar o *Blog do Ismael* e o *Blog do Tarso*, ambos citados na fala de um dos entrevistados e que são bastante lidos na região sul do país. Já os blogs O Cafezinho, do jornalista Miguel do Rosário, e o Tijolaço, do jornalista Fernando Britto, também foram percebidos como bastante relevantes no Estado do Rio de Janeiro. Vale destacar, nesse sentido, que o primeiro blog ganhou bastante visibilidade entre os agentes da blogosfera política alternativa depois que ele denunciou um escândalo segundo o qual as Organizações Globo teriam sonegado um valor de quase R\$ 1 bilhão de reais ao Fisco. Tal denuncia foi repercutida não apenas em outros *blogs* que compõem a blogosfera, mas também em alguns *sites* de notícias mais tradicionais, como o Portal Terra e, também, no próprio portal G1, das Organizações Globo, que utilizou esse espaço para se defender dessas acusações.

Também foram analisados *posts* cujos conteúdos estavam relacionados à composição da blogosfera política alternativa no Brasil. Os agentes mencionados foram praticamente os mesmos citados pelos entrevistados, com poucas exceções.

Assim, grande parte dos posts mencionava o *Centro de Estudos Barão de Itararé* como uma importante organização cujo papel é o de articular a ação dos agentes inseridos no

campo, congregando grande parte dos blogs que se identificam com a luta pela democratização da comunicação. Também, foi possível perceber que grande parte dos posts que analisavam a blogosfera política alternativa também acabavam por fazer menção ao próprio movimento *BlogProg*. Isso confirma que, apesar da blogosfera política alternativa ser mais ampla do que o movimento, é praticamente impossível fazer uma separação entre eles, já que a criação do movimento foi um evento-chave para o fortalecimento e consolidação da própria blogosfera política alternativa no interior do campo da comunicação no Brasil.

As redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook* também foram mencionadas nos *posts* como estando diretamente relacionadas à blogosfera política alternativa. Isso decorre do fato de que os textos produzidos pelos blogueiros são disponibilizados não apenas em seus blogs, como em tais redes sociais quase que simultaneamente, e também de que diferentes leitores e ativistas digitais costumam nelas compartilhar esses conteúdos em seus próprios perfis. Isso acaba por potencializar o número de pessoas que a eles têm acesso.

Por fim, além dos blogueiros, de organizações tais como o *Barão de Itararé*, e também dos ativistas digitais, os dados dos posts indicam mais uma vez que diversos movimentos sociais e veículos de mídia de esquerda são considerados agentes que também atuam no campo. Isso se justifica na medida em que tais grupos são percebidos como sendo organizações que se identificam com os valores que orientam a atuação dos demais agentes da blogosfera política alternativa e que, por essa razão, acabaram se unindo a eles em torno dos objetivos que eles perseguem. Os trechos abaixo evidenciam a percepção de alguns agentes relativa à quais os principais agentes pertencentes ao campo da blogosfera política alternativa no Brasil, fundamentadas ao longo do processo de observação online:

A blogosfera é composta por vários grupos de blogueiros, entre os quais dois se destacam: os militantes e os jornalistas. Pertencço ao segundo grupo. Há características diversas em ambos os grupos, alguns pontos em comum e uma divergência básica: o militante tende a buscar uniformidade do pensamento. No meu caso, sempre entendi a política e a economia com menos dogmatismo. Em meus escritos tenho enfatizado que a construção do Brasil passou por cabeças das mais variadas, de Roberto Campos a Celso Furtado, de Octávio Gouvêa de Bulhões a Rômulo de Almeida. Sempre entendi que a construção do país deveria ser fundamentalmente pragmática. Com o Partidão, desenvolvemos o modelo federativo do SUS; com os liberais, o mercado de capitais; com a Igreja, o PT e os movimentos sociais, a tecnologia para extirpar a pobreza; com os administradores, as ferramentas de gestão; com os cientistas, as políticas de inovação; com os funcionários públicos, o papel proativo do Estado. O grande papel da Internet será dar voz a todos. É a partir do aumento dos protagonistas que rompe-se a muralha da informação e permite-se ao país avançar rumo ao estágio mais avançado da democracia, aquele em que deixam-se de lado as decisões autárquicas e amplia-se a negociação e as decisões compartilhadas. Na Internet, esse novo estágio exigirá o aparecimento de novos personagens, os mediadores, aqueles locais que preferencialmente dêem a voz aos sem mídia, mas sem filtros ideológicos e sem temas tabus. Considero que fazem parte dos sem mídia não apenas os

movimentos sociais, criminalizados, mas setores da economia, como indústria, agronegócios, os órfãos do câmbio (NASSIF, 2011, s/p).

Entre outros méritos do segundo encontro nacional, vale destacar quatro. O movimento, iniciado por alguns dos blogueiros mais influentes do país – como Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Rodrigo Vianna, Luiz Carlos Azenha, Conceição Oliveira, Eduardo Guimarães e Renato Rovai –, adquiriu maior representatividade e enraizamento. No processo de preparação do II BlogProg foram realizados 14 encontros estaduais e dois regionais, que reuniram 2.180 ativistas digitais. A presença de jovens, que encontram na internet uma nova forma de militância e não têm vida orgânica em partidos ou sindicatos, foi uma das marcas destes encontros [...] No Brasil, essa capacidade da mobilização instantânea também já se manifesta – e só tende a crescer. Foram as redes sociais que mobilizaram, em menos de 48 horas, mais de 4 mil pessoas no irreverente “churrascão da gente diferenciada”, no bairro nobre de Higienópolis, em São Paulo. Elas também tiveram papel de relevo nas mobilizações contra a prefeita-demo de Natal (RN), no movimento “Fora Micarla”, ou nas “marchas das vadias”, em diversas capitais, contra o machismo. Os tuitaços de protesto, como o que ocorreu contra os retrocessos no Plano Nacional de Banda Larga, transformam-se numa arma de denúncia e agitação. Os participantes do II BlogProg sabem do enorme potencial desta ferramenta na luta de idéias e na mobilização social. Sabem que precisam se apropriar rapidamente desta brecha tecnológica para avançar nas suas demandas imediatas e futuras. Sabem que as classes dominantes farão de tudo para castrar seu uso, ao mesmo tempo em que tentam mercantilizar a internet para auferir mais lucros. A batalha de ocupação da rede está em aberto. É preciso que floresçam mil flores, que se multiplique o número de ativistas digitais, e que se qualifique o uso desta poderosa ferramenta. As ameaças existem, mas os desafios são apaixonantes. (BORGES, 2011, S/P).

É essa exatamente a principal característica da “blogosfera”: o chamado “protagonismo cidadão”. Leitores e articulistas-militantes se envolvem numa quase-perfeita sintonia. As notícias e opiniões são comentadas e, muitas vezes, contestadas em tempo real. Os comentários postados são, algumas das vezes, mais ricos e esclarecedores que os próprios artigos ou “posts” originais. Os leitores são agentes ativos do debate nacional, não mais passivos. Para assombro de alguns “puristas”, alguns jornalistas egressos da grande mídia também se engajaram nessa intrincada, árdua e aparentemente inglória tarefa de construir e trilhar os caminhos de uma nova comunicação. Antes, você deve se lembrar, esse mister, esse ofício era atribuído à chamada imprensa alternativa. Surgem, porém, nomes de “celebridades” proscritas da grande mídia como “o impagável” Paulo Henrique Amorim e “o mineiríssimo” Luis Nassif, bem como nomes mais ou menos célebres como Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna, dentre outros (MIRANDA, 2010, s/p).

De fato, não é um encontro de blogueiros e blogueiras, mas de todos os que usam a internet e são progressistas, chamados de ativistas digitais”, ressalta a secretária de Comunicação do PCdoB na Bahia e integrante da Comissão Organizadora local, Julieta Palmeira. A expectativa é de que o evento reúna em torno de 500 participantes, sendo 200 de outros estados e 300 da Bahia, com, no mínimo, 100 do interior. “Esse público não representa apenas jornalistas ou comunicadores. Aliás, o foco do 3º Encontro é impulsionar o envolvimento do movimento social na luta pela democratização da mídia. Por isso, estamos reforçando as iniciativas da comissão organizadora baiana com esta reunião específica com as entidades do movimento social, entre elas CTB, CUT e outras Centrais Sindicais com o objetivo de preparar o encontro”, concluiu Julieta (COSTA, 2012, s/p).

Os trechos acima destacados, portanto, evidenciam que o campo da blogosfera política alternativa no contexto brasileiro é marcado por algumas características peculiares que estão presentes no discurso da maioria dos entrevistados e também nos discursos dos agentes, por meio de suas publicações na esfera virtual. É possível afirmar que a percepção de que o campo é constituído por jornalistas mais ou menos conhecidos pelo grande público e por um

grande número de ativistas digitais é uma constante em suas falas. Nesse sentido, o fato de não haver aparecido muitas divergências por parte dos agentes no que diz respeito à inclusão das “‘celebridades’ proscritas da grande mídia”, indica que esses jornalistas permanecem sendo as principais referências quando se pensa na blogosfera política alternativa no Brasil e, como consequência, no movimento *BlogProg*.

No entanto, chama a atenção a fala de alguns sujeitos no que está relacionado à divisão no interior da blogosfera entre os grupos formados por agentes-jornalistas e agentes-ativistas. Enquanto alguns agentes importantes, como o jornalista Luis Nassif, estabelecem tal divisão de maneira muito evidente e, inclusive, parecem querer deixar muito claro em seus discursos que eles não exercem o papel de militantes, outros agentes parecem não estabelecer essa divisão de maneira tão rígida. Isso porque, para os agentes-militantes, todos que fazem parte do movimento podem ser considerados militantes, na medida em que estão envolvidos na luta pela democratização das comunicações no Brasil.

Ao falar sobre as principais diferenças que distinguem o jornalista e o militante, Nassif (2010, s/p), afirma, conforme mostrado no primeiro trecho, que “o militante tende a buscar uniformidade do pensamento”, enquanto o jornalista deve buscar a compreensão da “política e economia com menos dogmatismo”. Em outro texto publicado em seu blog, Nassif (2012, s/p) ressalta tais diferenças e, inclusive, afirma haver se desligado do movimento dos blogueiros progressistas. A justificativa para tal, segundo ele, é a de que o que ocorreu em 2010 foi tão somente uma aliança entre ele e o grupo dos agentes-militantes como intuito de influenciar a campanha eleitoral e que, passado esse período, a aliança teria sido finalizada, como fica evidenciado no trecho abaixo:

Na Blogosfera existem os militantes e os jornalistas. São bichos diferentes. Para o militante a informação é uma arma política. Ao jornalista interessa a diversidade e os fatos em si. A notícia tem que estar a serviço do jornalismo. Em 2010 houve uma aliança das mais relevantes, que resultou no movimento dos chamados Blogueiros Progressistas e na criação do Barão de Itararé. Foi um pacto datado entre jornalistas e militantes visando espanar a ameaça maior para a democracia brasileira, que seria a eleição do Serra. Acabada a eleição, terminou o pacto. Desde o fim das eleições, não faço parte dos chamados Blogueiros Progressistas nem do Barão. Eles sabem disso [...] No encontro seguinte, deixei clara minha posição: militante faz militância, jornalista faz jornalismo. Levei da campanha lembranças inesquecíveis de luta e solidariedade e muitas amizades consolidadas no fragor da batalha. Levei também a convicção de que, mesmo sendo fundamentalmente militante, o movimento foi bastante importante para aumentar a diversidade de opinião na Internet. A blogosfera será mais e mais o grande instrumento de mídia quando outros grupos também se organizarem para difundir suas idéias. É dessa diversidade que se produz a democracia. Não tenho militância política, defendo um conjunto de idéias que se coaduna com as do grupo e um conjunto de idéias divergentes. E, desde os anos 80, abomino qualquer forma de enquadramento político - que é justamente a arma maior da militância -, de patrulhamento. No Segundo Encontro de

Blogueiros, deixei claro minha posição: passado o período, o grande desafio dos blogueiros seria aprender a conviver democraticamente com suas divergências. Dos Blogueiros Progressistas e do Barão guardo lembranças inesquecíveis e amizades duradouras. E a certeza de que o movimento é suficientemente maduro para caminhar com suas próprias pernas sem a necessidade de se escudar em nomes de não-militantes (NASSIF, 2012, s/p).

Cabe fazer algumas observações importantes com relação à posição do trecho acima. Primeiramente, entre todos os jornalistas provenientes da grande mídia que foram essenciais para a constituição do movimento dos blogueiros progressistas e, portanto, da consolidação da blogosfera política alternativa no Brasil, o jornalista Luis Nassif foi o único que, além de tentar claramente se livrar do rótulo de militante, anunciou formalmente sua retirada do movimento. A freqüente acusação por parte dos veículos da grande mídia de que os jornalistas que participam do movimento seriam chapa-branca, conforme demonstrado no item anterior, é um elemento que causa incômodo em muitos desses profissionais. Isso faz com que muitos deles publiquem textos também acusando os grandes jornais e revistas de fazerem um jornalismo chapa-branca por se alinharem, na visão deles, a partidos políticos do espectro mais à direita do cenário político, como o PSDB. A posição do blogueiro Luis Nassif pode estar relacionada, assim, a uma tentativa de se reafirmar como jornalista independente e se descolar de um movimento percebido por ele como composto majoritariamente por militantes.

Já os dados coletados ao longo das entrevistas e da observação dos *blogs* indicam que todos os outros jornalistas que formaram o movimento continuam nele exercendo papel ativo, inclusive no sentido de organizar e participar dos encontros do grupo, em âmbito nacional e estadual. Também, percebeu-se que, ainda que Nassif tenha se retirado do movimento, outros participantes continuam a percebê-lo como um importante agente dentro do campo, o que novamente está relacionado ao papel simbólico que ele exerceu e que ainda exerce para a denominada blogosfera progressista. Os dados provenientes das entrevistas com os ativistas e com os próprios blogueiros corroboram essa afirmação, pois a menção a Nassif foi freqüente.

Em segundo lugar, os dados coletados parecem indicar que, ainda que o movimento *BlogProg* tenha sido extremamente importante para a consolidação da blogosfera política alternativa, esta última passou a incluir outros agentes que a princípio não estavam vinculados ao movimento. Os próprios movimentos sociais, freqüentemente mencionados como intimamente relacionados ao campo, são exemplos disso. Entretanto, a afirmação feita por Costa (2012, s/p) de que “o foco do 3º Encontro é impulsionar o envolvimento do movimento social na luta pela democratização da mídia” e também de que havia “iniciativas da comissão organizadora baiana com esta reunião específica com as entidades do movimento social, entre

elas CTB, CUT e outras Centrais Sindicais com o objetivo de preparar o encontro”, indica que há um esforço por parte dos organizadores do movimento de estabelecer uma relação mais formal com esses movimentos sociais. Tal iniciativa parece estar obtendo resultados favoráveis, já que se constatou por meio da observação *online* que diversos *sites* de movimentos sociais tais como o da própria CUT, divulgaram e repercutiram os encontros do *BlogProg*; enquanto líderes desses movimentos sociais, tais como João Pedro Stédile, do MST, declararam apoio à luta dos blogueiros progressistas pela democratização da informação no Brasil (VERMELHO, 2012, s/p). Constatou-se que a própria CUT, no ano de 2011, concedeu um prêmio aos blogueiros progressistas, conforme evidenciado no trecho abaixo:

Militantes como os blogueiros progressistas que vêm contribuindo fortemente para manter acesa esta chama, disputando com os grandes grupos de comunicação espaços importantes para subsidiar a população com informações claras que mostram os dois lados das notícias. E a Blogosfera, o primeiro meio de comunicação de massas autônomo do país, será homenageada pelo Prêmio CUT, durante a cerimônia que será realizada no dia 13 de dezembro, no TUCA, em São Paulo (MUNIZ, 2011, s/p).

O envolvimento dos movimentos sociais e de outras organizações de natureza política com o movimento *BlogProg* e a entrada deles no campo da blogosfera política alternativa não ocorreu, entretanto, tão somente depois que o *BlogProg* havia se consolidado. Conforme afirmado no item anterior, alguns agentes precursores do campo que já atuavam no campo da política foram essenciais para que se estabelecesse o maior elo entre os movimentos sociais e a blogosfera, como é o caso do jornalista e blogueiro Altamiro Borges, dirigente do PCdoB. O trecho abaixo evidencia essa afirmação:

Houve um pouco de confusão também, entre a blogosfera, sobre se foi uma iniciativa dos Blogueiros Progressistas, com letra maiúscula, ou do Renato Rovai. Ora, Rovai é um dos idealizadores do Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, um evento cujo objetivo justamente era dar visibilidade política à blogosfera de esquerda. E conseguiu! Rovai e outros estavam ali como representantes da Blogosfera Progressista (com maiúscula), além de representarem naturalmente – e sobretudo – as suas próprias biografias. Na verdade, a peça-chave de toda a organização da blogosfera progressista é o jornalista e blogueiro Altamiro Borges, um talentoso articulador político, que faz as coisas acontecerem. Miro é o contato com as centrais sindicais, a única fonte de financiamento segura com a qual a blogosfera de esquerda pode contar. Não é a toa que os jornalões procuram demonizar tanto o sindicalismo (ROSÁRIO, 2010, s/p).

A afirmação acima é particularmente importante porque revela que não apenas organizações como as centrais sindicais se aproximaram do movimento, mas que, também, elas o auxiliam em termos do financiamento de algumas de suas atividades.

Para que fosse possível complementar os dados obtidos por meio das entrevistas e da observação *online* dos blogs no que tange a quem participa do campo da blogosfera alternativa no Brasil, recorreu-se aos dados obtidos oriundos da participação dos encontros nacionais dos blogueiros progressistas e da consulta aos documentos finais redigidos ao final desses encontros. A triangulação desses dados permitiu que se tivesse uma maior certeza com relação a que grupos poderiam ser considerados como parte do campo, além dos agentes-jornalistas e dos agentes-militantes individuais. Mais ainda, tais dados foram essenciais para que se pudesse verificar quais eram os agentes organizacionais que participam do movimento de forma direta e/ou indireta e que, dessa forma, estão vinculados de algum modo ao campo em análise.

Com base nos documentos, é importante afirmar que, ainda que a discussão sobre o financiamento da blogosfera política alternativa ocorra de forma mais aprofundada no último objetivo específico - quando são discutidas as práticas organizacionais do movimento BlogProg - é importante chamar a atenção para o fato de que, dentre as diversas organizações que contribuíram financeiramente para que os três encontros nacionais do movimento ocorressem, aquelas ligadas a sindicatos e centrais de trabalhadoras se faziam a maioria. Podem ser citadas, como exemplo as seguintes entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), CUT (Central Única dos Trabalhadores) nacional, CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil), Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região, Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo, Sintaema (Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente do Estado de São Paulo) e Força Sindical (LEMES, 2010, s/p; BARAO DE ITARARÉ, 2011, s/p; CARTA DO III ENCONTRO, 2012, s/p). Os documentos demonstram, assim, que de fato o movimento BlogProg conta com as centrais sindicais e com as centrais de trabalhadores como parceiros que auxiliam financeiramente as atividades do grupo.

Além disso, no II Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, foi acrescentado à programação um eixo de discussão denominado o sindicalismo na era da internet, em que líderes de organizações sindicais como CUT, Força Sindical, CTB, UGT, CGTB e Diap foram convidados a palestrar. Já no III Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas houve

também a discussão de temas tais como A mídia e as eleições na Venezuela e A viabilidade de um jornal diário que contou com a presença de representantes de sindicatos e de movimentos sociais. A partir do segundo ano de existência do movimento, portanto, os encontros passaram a debater outras questões além daquelas relativas diretamente à blogosfera e, nesse sentido, passaram a incluir temas de discussão de interesse que iam ao encontro tanto dos movimentos sociais e de organizações que representam os trabalhadores, mas também outros grupos ativistas como movimentos feministas, grupos culturais da periferia, representantes de partidos políticos, etc. Assim, fica evidenciado que tanto os movimentos sociais como as centrais sindicais são agentes importantes dentro do campo da blogosfera política alternativa no Brasil.

Os dados coletados nos documentos dos encontros também confirmam que alguns veículos de mídia impressos e eletrônicos de esquerda também podem ser considerados como parte da blogosfera, na medida em que muitas também contribuíram financeiramente para que os encontros do movimento ocorressem e, assim como no caso anterior, também participaram dos encontros realizados. Podem ser citados, por exemplo: Revista Fórum (cujo editor é o jornalista Renato Rovai, um dos precursores do BlogProg), Carta Capital, Caros Amigos e Carta Maior. Enquanto os dois primeiros são veículos de mídia com um formato tradicional vendidos nas bancas de jornal, o terceiro é “uma publicação eletrônica multimídia que nasceu por ocasião da primeira edição do Fórum Social Mundial, em janeiro de 2001” (CARTA MAIOR, 2012, s/p) e que também abriga diversos blogs, tal como o Blog do Emir, escrito pelo professor Emir Sader. Vários desses veículos foram citados pelos entrevistados, como visto anteriormente.

Também, é importante mencionar que não apenas estes grupos e organizações pertencentes à esfera da sociedade civil estão presentes nos encontros do movimento, mas que eles também se fazem presentes em outros encontros e eventos organizados com o intuito de chamar a atenção para a problemática da democratização da comunicação no Brasil. Dentre algumas organizações que vêm se envolvendo nessa discussão, podem ser citadas, além daquelas já ressaltadas, outras como a União Nacional dos Estudantes (UNE), partidos políticos e organizações diretamente associadas ao debate sobre comunicação. O engajamento dessas organizações na militância pela democratização da mídia fica claro no texto abaixo, que trata de uma conferência realizada na cidade de São Paulo no ano de 2012 que foi realizado como um contraponto ao encontro promovido pela Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), vinculado às grandes empresas de mídia:

Depois da divulgação de uma carta assinada por personalidades, brasileiras e estrangeiras, contra ações da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), reunida desde a última sexta-feira (12) em São Paulo, dezenas de ativistas que defendem a democratização da comunicação se concentraram na manhã desta segunda-feira (15), em frente ao Hotel Renaissance, centro da capital paulista, para reforçar o descontentamento com o monopólio de comunicação na América Latina. À tarde, acontece uma contraconferência. Entre 15 e 21 horas de hoje haverá uma série de debates para contrapor as idéias fomentadas entre os barões da grande mídia hegemônica. Emir Sader (Carta Maior), Renato Rovai (da Revista Fórum), Eduardo Guimarães (Blog da Cidadania), Venício Lima (UnB e autor do livro *Mídia Teoria e Política*); e presenças internacionais como Edison Lanza, professor da Universidade da República do Uruguai; Márcia Zonta (correspondente do Brasil de Fato no Peru); Néstor Busso (Conselho Federal de Comunicação Audiovisual, da Argentina); e Pancho Ordóñez, professor equatoriano. O ato e a contraconferência são promovidos pela campanha Para Expressar a Liberdade, formada por diversos coletivos da imprensa alternativa, fundações e instituições como o Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, a União Nacional dos Estudantes (UNE), União da Juventude Socialista (UJS); Intervezes, Coletivo Brasil de Comunicação Social; Ciranda Internacional da Comunicação Compartilhada, entre outros. Também participam da campanha os veículos de mídia alternativa que participam do debate, além da Caros Amigos e Casa Fora do Eixo (onde acontecerão as atividades) [...] Entre os ativistas, estava presente o jornalista Lino Ito Bocchini, que juntamente com seu irmão, Mário, estão sendo processados pelo jornal Folha de S. Paulo, por causa do blog Falha de São Paulo, que fazia uma crítica à cobertura do jornal. Em setembro de 2010 a Folha de S. Paulo tirou o blog do ar, por meio de uma liminar que cassou o domínio e conteúdo. Caso mantivessem o material no ar, eles seriam obrigados a pagar multa diária de R\$ 10 mil, depois, baixada para R\$ 1.000 (ALTMAN, 2012, s/p).

Tendo em vista as informações acima, é possível fazer algumas observações com base nos conceitos oriundos do referencial teórico de Pierre Bourdieu. Conforme verificado mais acima, constatou-se que a blogosfera política alternativa, em sua configuração mais atual, é formada por diferentes grupos de agentes que vão muito além do grupo formado pelos blogueiros que publicam diariamente posts em suas respectivas páginas e, também, do grupo formado pelos leitores dessas publicações que acessam tais páginas para reproduzi-las e/ou comentá-las. Sendo assim, com base nos dados provenientes das entrevistas, observação online e participação nos eventos, parece ser correto afirmar que os principais agentes que compõem a blogosfera política alternativa são: os *agentes blogueiros-jornalistas*, *agentes blogueiros-militantes*, *agentes militantes individuais* e *agentes-organizacionais diversos*.

Os *agentes blogueiros-jornalistas* são o grupo formado pelos jornalistas, especialmente aqueles oriundos da mídia tradicional que foram precursores da blogosfera política alternativa (ou, nas palavras, deles, a blogosfera progressista). Esses agentes continuam a exercer um papel de destaque dentro do campo, uma vez que vinculam seus conhecidos nomes a um movimento que ainda é bastante recente e participam diretamente de sua organização. Nesse grupo, podem ser incluídos jornalistas como Luis Nassif, Paulo Henrique Amorim, Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna.

Os *agentes blogueiros-militantes* são o grupo formado também por blogueiros, mas que, diferentemente do caso anterior, possuem uma atuação mais caracterizada pela militância política, pela militância a favor da democratização da comunicação, da cultura digital ou vinculados a movimentos sociais diversos (como o movimento feminista). Neste grupo, destacam-se conhecidos blogueiros como Altamiro Borges, Eduardo Guimarães, Emir Sader, Renato Rovai e Conceição Oliveira.

É importante ressaltar que a classificação aqui adotada para separar o primeiro grupo do segundo grupo, ainda que seja limitada (já que alguns agentes circulam por ambos os grupos), torna-se útil para a análise, já que tais grupos possuem recursos de poder e *habitus* que se distinguem uns dos outros, como abordado mais adiante. Por meio da coleta de dados na blogosfera, ficou claro que praticamente todos os blogueiros-jornalistas (exceto alguns como o jornalista Luis Nassif) defendem explicitamente a implementação de um marco regulatório para o campo das comunicações e, nesse sentido, grande parte de suas postagens é marcada pela militância não apenas em prol de tal bandeira, mas também pela defesa de causas como a mídia livre e a cultura digital. Já alguns blogueiros cujas atuações são marcadas por uma militância mais explícita, como o caso de Altamiro Borges (militância política e pela democratização da mídia) e Renato Rovai (militância pela democratização das comunicações e da mídia livre) são também jornalistas de formação, sendo que o segundo é editor de uma conhecida publicação no âmbito da mídia alternativa impressa denominada Revista Fórum. Já o blogueiro Miguel do Rosário também é formado em jornalismo e seu blog tem como intuito fazer análise sobre política e mídia, ao mesmo tempo em que sua militância política é bastante clara em suas publicações de maneira geral.

Já o grupo formado pelos *agentes-militantes individuais* é constituído por um grande número de pessoas que, apesar de não exercerem o papel de blogueiros, também em sua maioria militam pelas mesmas causas do segundo grupo. Uma vez que simpatizam com as publicações do primeiro ou do segundo grupo, portanto, esses militantes leitores e comentaristas freqüentemente as reproduzem nas redes sociais como o Facebook ou o Twitter.

Entretanto, tal classificação, ainda que auxilie a se pensar na composição da blogosfera, também deve ser compreendida de maneira não muito rígida. Isso se deve especialmente à própria natureza da blogosfera que pôs fim a fronteiras que eram bastante delimitadas no contexto da mídia de formato mais tradicional. Assim, a divisão entre os grupos dos agentes blogueiros-jornalistas/ agentes blogueiros-militantes e o grupo dos agentes-militantes individuais também não é clara, já que as novas tecnologias de informação e comunicação

permitem que qualquer pessoa pertencente ao terceiro grupo possa adicionar comentários a publicações feitas pelos agentes pertencentes aos dois primeiros, muitas vezes modificando-as ou mesmo tendo seus textos destacados nos blogs. Tal característica é destacada por autores como Recuero (2009, p.33), que afirmam que em um blog “é possível realizar um diálogo não apenas entre os comentaristas, mas também com o autor do blog”. Nesse sentido, “trata-se de uma interação construída, negociada e criativa”.

Por fim, o grupo formado pelos *agentes-organizações* é constituído por diferentes organizações que também se envolvem ou militam pelas mesmas causas que os grupos anteriores, especialmente a militância de caráter político ou em prol da democratização da comunicação. Neste grupo podem ser incluídos, como visto mais acima, movimentos sociais diversos, entidades de representação dos trabalhadores, partidos políticos, fundações, veículos de mídia alternativa e organizações como o Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé e a Organização Não-Governamental Movimento dos Sem Mídia (MSM).

4.2.2. Recursos de Poder

Com relação aos recursos de poder detidos pelos principais agentes que pertencem à blogosfera política alternativa, procurou-se, assim como nos demais objetivos, estabelecer uma comparação entre os dados provenientes das fontes publicadas e aqueles provenientes do processo de entrevistas. Considera-se, ainda, apoiado nos pressupostos teóricos aqui adotados, que é importante que se tente desvendar não apenas os capitais que os agentes mais representativos desse segmento do campo da comunicação detêm e que possibilitam a permanência ou alteração de sua posição nesse espaço, mas, também, aqueles capitais que nele se fazem mais relevantes. Com o intuito de alcançar tal objetivo, serão analisados de forma detalhada cada um dos grupos mencionados no item anterior e que se entende que são aqueles que compõem a blogosfera política alternativa e, conseqüentemente, o movimento aqui analisado.

▪ Agentes blogueiros-jornalistas

Com relação aos capitais detidos pelo grupo constituído pelos blogueiros-jornalistas, a maior parte dos entrevistados mencionou aqueles que estão relacionados ao reconhecimento que estes agentes acumularam ao longo do tempo por meio da atuação na mídia tradicional. Tal fator, assim, possibilitou que seus *blogs* se tornassem bastante acessados na esfera virtual

e, assim, se tornassem referência na blogosfera política alternativa e no movimento *BlogProg*. O trecho abaixo ilustra essa afirmação, tendo sido extraído de entrevista concedida pelo presidente do Barão de Itararé, Altamiro Borges em que ele comenta sobre o que ocorreu de mais importante no primeiro ano da comissão do *BlogProg*. Segue abaixo:

A costura que foi feita para realizar com várias cabeças, varias sentenças. Essa turma que montou o primeiro encontro está de parabéns. Você imagine Paulo Henrique Amorim, um jornalista consagrado, âncora do segundo programa mais visto da televisão brasileira no domingo, que já foi chefe de redação da Globo em Washington, chefe de redação do JB. Esse cara eu acho o maior barato. Você imagina a contribuição de um caboclo desse. Ele parece um menino, vai pra cá, vai pra lá. Esse cara poderia ser um Willian Bonner da vida. Só vai pra society. Mas o cara tá aí, dá uma contribuição. O Nassif é um dos Jornalistas mais premiados do Brasil. O blog dele tem 13, 14 mil colaboradores na rede do Nassif. Ele não precisava dos blogueiros sujos. Ele diz; eu detesto reunião? Mas olha a contribuição deles (BORGES, 2011, s/p).

No trecho seguinte, mais uma vez os blogueiros-jornalistas são associados a termos que remetem ao sucesso que eles conquistaram na mídia tradicional e ao reconhecimento que possuem em função desse fato. Nesse sentido, utilizou-se o adjetivo *celebridade* para referir-se também, aos dois jornalistas mencionados anteriormente:

Para assomo de alguns “puristas”, alguns jornalistas egressos da grande mídia também se engajaram nessa intrincada, árdua e aparentemente inglória tarefa de construir e trilhar os caminhos de uma nova comunicação. Antes, você deve se lembrar, esse mister, esse ofício era atribuído à chamada imprensa alternativa. Surgem, porém, nomes de “celebridades” proscritas da grande mídia como “o impagável” Paulo Henrique Amorim e “o mineiríssimo” Luis Nassif, bem como nomes mais ou menos célebres como Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna, dentre outros (MIRANDA, 2010, s/p).

Já os trechos abaixo foram extraídos a partir das entrevistas realizadas, e também vão ao encontro dos trechos acima:

Você tem, por exemplo, Paulo Henrique Amorim pelo impacto do blog dele, ele é uma grande referência. Você tem que discordar de opiniões do Paulo Henrique Amorim, neste ou naquele caso. Mas ninguém desconhece o seguinte: Paulo Henrique Amorim, qual é a visibilidade que ele tem? Ele é apresentador do segundo programa mais importante de televisão de domingo no Brasil. Ele poderia estar cuidando da vida dele, que blog porra nenhuma... Eu vou cuidar do... Como é que é... Do Domingo Espetacular, mas tá bem. Ganhando um bom padrão de vida e pronto, mas ele é um jornalista que resolveu comprar brigas. Então até isso gera uma certa, gera um certo... Uma certa referência, pô ele podia ficar, podia ser igual um banana de William Bonner (risos). Não é isso? Tô brincando aqui, eu não sei... É... podia ser uma pessoa que se acomodou e não, ele é um cara que mesmo tendo toda essa visibilidade midiática, um programa de grande expressão na televisão brasileira, o cara tá lá e escreve o blog dele. E ele desce o cacete, ele não tem medo de comprar brig, né? Não tem medo de comprar polêmica, ele podia estar numa posição cômoda, pelo padrão de vida, pela... [...] O que ele faz no blog dele é uma militância. Uma militância, por um jornalismo mais ético, um jornalismo mais crítico [...] (Entrevista Altamiro Borges).

O Paulo Henrique, não precisava de nada disso. Ele insiste, ele de fato é um cara que luta pela demorização da comunicação. Tirar isso do Paulo Henrique é desonesto, porque ele

não precisa de audiência, não precisa de absolutamente nada. Mas ele é um cara que vai pras cabeças dessa luta, e eu acho muito importante que tenha alguém como ele nessa briga (Entrevista Conceição Oliveira).

Por exemplo, no geral o Nassif acho que é o mais importante, não é mesmo? É um dos mais importantes, acho que o Paulo Henrique, mas aí também é uma questão de eles serem já pessoas famosas né, isso, isso ajuda muito a gente, muito mesmo, porque o Eduardo Guimarães, que eu também acho uma pessoa ótima, atinge menos pessoas por não ser famoso né. O Eduardo é um vendedor de autopeças, é uma pessoa comum, gente como a gente (Entrevista Ativista digital 4).

Eu aprendi o seguinte... É muito difícil você marcar nome, fazer nome na blogosfera. Geralmente isso tá associado ao sujeito ter alguma representatividade, seja na TV... Eu por conta do meu ativismo político. Eu não me resumo, não me restrinjo a fazer um *post* lá e publicar minha opinião, tal... Eu sou um cara que eu fui até pra um certo enfrentamento, entrei com ação na justiça, tenho uma história comprida. Então eu acabei me tornando realmente conhecido. Outros são conhecidos porque estão na mídia, agora a maioria tá ali naquela batalha, então ele tem ali aqueles leitores, mas é uma coisa mais localizada, são geralmente... Blogs nacionais são poucos, você tem são os blogs regionais. Então ele ocupa aquele espaço naquela cidade, tal, ou então ocupa espaço entre pessoas de certos movimentos sociais, aquela coisa... Agora, você criar um blog nacional e ser conhecido no Brasil inteiro e tal, não sei o que é, isso é bem mais difícil hoje, até porque eles são muitos a blogosfera já tem centenas, talvez até milhares de blogs e todo dia aparece mais um, mas essa informação vai circulando. Você vai lá, eu busco no Google o título de um texto meu e eu vejo que tem, sei lá, às vezes tem, caso aí, vinte mil vezes aparece no Google aquele título (Entrevista Eduardo Guimarães).

Assim, fica evidente que o capital simbólico que o grupo dos blogueiros-jornalistas detém não foi acumulado originalmente no âmbito da blogosfera política alternativa, conforme mencionado anteriormente, mas em jornais e emissoras de televisão da mídia tradicional, onde eles conquistaram prestígio e reconhecimento por parte do grande público. Parece ser possível, assim, afirmar que ocorreu uma transferência ou transposição desse capital de um segmento do campo da comunicação para outro segmento, o que explica, inclusive, o grande número de acessos que sempre marcou os *blogs* desses jornalistas, em comparação ao menor número de acessos de *blogs* pertencentes a outros agentes com trajetórias distintas. Nesse sentido, chama a atenção a fala da ativista digital 4 segundo a qual blogueiros que vieram de outros campos, caso do Eduardo Guimarães, são “gente como a gente”. Já o próprio Eduardo Guimarães afirmou, durante a entrevista, que é muito difícil se tornar reconhecido no âmbito a blogosfera, e que “geralmente isso tá associado ao sujeito ter alguma representatividade, seja na TV” ou porque simplesmente “estão na mídia”.

A análise acima é corroborada por outro trabalho que teve como intuito analisar os discursos da blogosfera progressista e da grande mídia em torno do caso que ficou conhecido como “o escândalo dos dossiês na eleição presidencial de 2010”, em que o autor também chega à conclusão de que, dos integrantes do movimento no momento de sua constituição, “nenhum deles adquiriu seu prestígio ou notoriedade exclusivamente com sua atuação na

blogosfera”, mas que, pelo contrário, “quase todos tiveram uma extensa trajetória em jornais ou televisão” (KNECHT, 2011, p.56). Ainda que tal afirmação deva ser levada em consideração de forma parcial, já que os dados aqui coletados indicam que alguns agentes provenientes de outros campos que não o da mídia tradicional também foram essenciais para o surgimento e consolidação da blogosfera, tais como os blogueiros Altamiro Borges, Eduardo Guimarães e Conceição Oliveira, o fato é que o peso dos blogueiros-jornalistas possibilitou principalmente que o movimento fosse dotado de maior visibilidade perante outros públicos.

Entretanto, conforme Bourdieu (1989; 2004), o capital simbólico, que está relacionado a qualidades tais como a qualidades como prestígio, reputação e fama, pode assumir a forma de qualquer outro tipo de capital (seja ele físico, econômico, social ou cultural) desde que este seja percebido, reconhecido e valorizado pelos agentes sociais inseridos no campo. Isso significa, portanto que o capital simbólico detido pelos blogueiros-jornalistas surgiu a partir de outros capitais diversos que foram ao longo do tempo convertidos em capital simbólico no interior do campo que eles a princípio eram associados.

Nesse sentido, ao ser perguntada sobre a existência de líderes no âmbito da blogosfera política alternativa à mídia tradicional, uma das entrevistadas, que se tornou conhecida no movimento devido a sua constante atuação como ativista política digital, citou nomes de jornalistas como Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif e, também, os jornalistas ligados a portais como *Carta Maior* e *Vermelho*. A razão para tal, segundo ela é a seguinte:

Em primeiro lugar, eu acho que eles têm informação privilegiada. Eles sabem das coisas antes da gente. E divulgam essas coisas, que pra gente são novidades e que são de fundamental importância que a gente conheça. Então eu acho que isso, é informação privilegiada mesmo, nada além disso. Quer dizer, sem contar que elas são pessoas que no decorrer do tempo se tornaram pessoas dignas de credibilidade... enfim, a gente vem acompanhando e vem vendo que os caras não falam mentira, os caras têm uma preocupação de relatar os fatos como de fato se deram, então eles tem credibilidade, e tem informação que a gente não tem (Ativista digital 8).

A afirmação acima é particularmente interessante, uma vez que a entrevistada deixa claro que o principal tipo de recurso que fez com que os agentes por ela mencionados se tornassem conhecidos e consagrados na blogosfera foi a informação privilegiada. Dessa forma, para ela, o capital informacional seria o principal tipo de recurso detido pelo grupo formado pelos blogueiros-jornalistas e que, com o passar do tempo, foram convertidos em capital simbólico, razão esta que faz com que eles tenham um grande número de acessos em suas páginas na Internet.

Outro recurso que também foi mencionado por alguns dos entrevistados e também por meio das publicações analisadas e que parece ser bastante importante no sentido de contribuir para que os blogs desses jornalistas sejam mais acessados do que outros é a capacidade que eles possuem em atrair anunciantes de diferentes organizações. Com relação a isso, o blogueiro Eduardo Guimarães, ele mesmo citado por vários dos entrevistados como sendo um dos principais expoentes da blogosfera, afirmou em um de seus *posts* que as acusações por parte dos veículos de mídia tradicionais de que o movimento *BlogProg* seria “chapa-branca” e de que o governo financiava a maioria dos blogueiros a ele vinculados eram mentirosas, uma vez que poucos blogueiros contavam com anunciantes públicos ou privados. O trecho a seguir demonstra a posição do blogueiro:

Os ataques se baseiam exclusivamente em acusação a tais blogs de serem “chapas-brancas” e “financiados pelo governo” – e quando a grande imprensa alude a “governo”, refere-se ao governo federal, o mesmo que despeja milhões em suas arcas. A característica que une esses ataques midiáticos é o cuidado em não dar nomes aos bois, ou seja, acusam genericamente porque não podem provar o que dizem e sabem que, à exceção de dois blogs que já citaram em meio a centenas deles, o que dizem é mentira. Só dois blogs têm anúncios de empresas estatais, os de Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif. Isso porque esses dois jornalistas são expoentes da televisão e, assim, atraem anunciantes públicos e privados. Quanto ao resto da blogosfera, a mídia mente na cara dura. Invento (GUIMARÃES, 2012).

Ainda que a questão do financiamento do movimento *BlogProg* seja discutido com mais profundidade no último objetivo específico, é importante chamar a atenção para alguns pontos. Primeiramente, parece ser possível afirmar que o capital simbólico adquirido por alguns jornalistas na mídia tradicional é essencial para que os *blogs* destes últimos atraiam anunciantes de organizações públicas e privadas na blogosfera política alternativa. Uma vez que tais anúncios são pagos, pode-se dizer, então, que o capital simbólico por eles detido graças ao fato de serem “expoentes da televisão” são por eles convertidos em capital econômico-financeiro.

Em segundo lugar, parece ser correto afirmar que há uma relação entre o volume de capital simbólico detido pelos agentes pertencentes à blogosfera e a própria estrutura dos *blogs* pelos quais eles são responsáveis. Tal relação pode ser verificada no trecho abaixo extraído da mesma publicação de Guimarães (2012):

Como o blog subsiste sem recursos, não tem como financiar um plano adequado com provedor de forma a evitar que o excesso de tráfego faça a página sair do ar. Isso porque este blogueiro jamais bateu à porta de governo algum atrás de dinheiro como faz a mídia que o acusa daquilo que é ela quem faz. Como já relatei, o blogueiro vive de atividade comercial. O blog não rende um centavo. Pelo contrário, há gastos com hospedagem, gastos enormes com telefonemas para coletar informações, fazer entrevistas etc., e até com

deslocamentos físicos – transporte, combustível, estacionamento etc. (GUIMARÃES, 2012, s/p).

Alguns dos *blogs* pertencentes ao grupo formado pelos blogueiros-jornalistas egressos da mídia tradicional são justamente aqueles com maior estrutura e que contam com uma equipe que é responsável por sua manutenção, sendo alguns, inclusive, caracterizados como organizações (diferentemente de outros *blogs* cujos blogueiros são responsáveis por praticamente todas as atividades). A apresentação do *blog* dirigido pelo jornalista Paulo Henrique Amorim, por exemplo, parece corroborar essa afirmação quando diz que:

Com uma equipe enxuta, numa redação que ocupa uma sala de 40 m2 no centro de São Paulo, o *Conversa Afiada* é o principal produto de uma empresa comercial lucrativa, que oferece aos anunciantes retorno como nenhum outro site político independente da blogosfera brasileira. (AMORIM, 2013, s/p)

Nesse sentido, fica evidenciado que o jornalista acima reproduz em seu *blog* uma lógica semelhante aos veículos da mídia tradicional, utilizando um linguajar semelhante ao desta última por meio de termos tais como “produto de uma empresa comercial lucrativa”, “retorno”, “anunciantes”, etc. Assim, é possível afirmar que, mesmo no âmbito da blogosfera política alternativa, ferramentas, linguagens e técnicas próprias da lógica tradicional da administração se fazem presentes em tal espaço.

Já o *blog* do jornalista Luis Nassif faz parte de uma página maior dentro do qual se encontram também outros *blogs* sobre assuntos variados e que conta com um número grande de membros cadastrados os quais colaboram com o portal. É importante ressaltar o fato de que o *blog* de Nassif já esteve hospedado tanto no portal UOL quanto no portal iG antes dele decidir hospedá-lo em um endereço próprio, e sempre contou com uma equipe profissional que o auxiliava. Em sua última publicação no domínio da UOL no ano de 2006, Nassif se despediu da seguinte forma:

A partir de amanhã estarei de casa nova. Gostaria de agradecer a equipe da Marion, sempre prestativa, profissional, com um senso de camaradagem e de equipe raros nos dias de hoje. Quem quiser continuar acessando o Blog, clique em www.luisnassif.com.br. A partir de amanhã estará com um novo direcionamento, mas com o mesmo layout e divisão temática. Muda apenas a hospedagem. PS -- Alguns leitores indagam se a saída tem algo a ver com artigos que escrevi. De forma alguma. Os Blogs são individuais, disponíveis a todos os assinantes da UOL. Nunca houve nenhuma pressão aqui, na UOL. A mudança tem a ver com projetos profissionais e a decisão foi comunicada à UOL há duas semanas (NASSIF, 2006, s/p).

O *blog* de Nassif, ainda é mencionado como exemplo de sucesso em publicação recente disponível em portal da própria UOL:

A interatividade com o público é um dos destaques do blog do jornalista Luis Nassif, um dos pioneiros do jornalismo eletrônico no Brasil. Ele é autor do Luis Nassif Online, espaço que ficou hospedado no portal UOL até 2006, e então no iG, do qual saiu recentemente para ganhar domínio próprio. Hoje, Nassif escreve diariamente em um blog presente em duas plataformas, o portal Brasilianas e o site Luis Nassif, canal de comunicação que se diferencia dos blogs comuns. "Funciona basicamente como uma rede social, é um blog colaborativo", explica. O relacionamento com os internautas não acontece somente a partir de comentários. O jornalista afirma que as pautas trabalhadas pelo blog são pensadas, sobretudo, a partir de "dicas" dadas pelos usuários do Brasilianas. A seção de vídeos é outro exemplo de interação com o público. "Dentro do portal, as pessoas colocam vídeos à vontade", afirma Nassif. Além disso, o público interage com comentários, bem como participa dos fóruns de discussão e opina em enquetes, como uma desenvolvida recentemente pelo blog sobre a experiência dos internautas. "Perguntamos às pessoas quais os maiores cientistas brasileiros na opinião delas, entre químicos, matemáticos e outros", exemplifica o blogueiro. Ambos os endereços que hospedam o blog de Luis Nassif registram grande audiência e número alto de colaboradores. São pessoas que se cadastram gratuitamente e podem se tornar membros do portal, como em um grupo ou uma comunidade de redes sociais. No Brasilianas, o jornalista conta que atualmente estão cadastradas cerca de 7 mil pessoas; no Luis Nassif, o número é ainda maior: 18 mil usuários. Além do blog do jornalista, o Brasilianas oferece outros serviços, por exemplo, o canal dedicado a compartilhamento de vídeos. A audiência do site representa, em média, 60 mil visitas únicas por dia, o que, segundo Luis Nassif, certamente ajuda na visitação do blog (MARTINS, 2013, s/p).

Com base nos trechos analisados acima, parece ser possível afirmar, portanto, que os recursos de poder detidos por parte significativa dos blogueiros que compõem grupo formado pelos agentes blogueiros-jornalistas são, principalmente, o capital informacional, o capital simbólico por eles já acumulado em seus campos de origem e, por fim, o capital econômico financeiro.

O capital simbólico acumulado por estes jornalistas em seus campos de origem, especialmente a televisão e, também, jornais e revistas impressas, contribui significativamente para que eles obtenham informações valiosas perante agentes pertencentes a outros campos e que são aproveitadas nos *posts* que eles publicam em seus *blogs*. Também, esse mesmo capital simbólico é essencial para que tais agentes consigam obter capital econômico financeiro proveniente de publicidade de organizações públicas e privadas, ou seja, outro tipo de conversão de capital que contribui para que os *blogs* que eles dirigem possam contar com uma estrutura mais complexa do que *blogs* dirigidos por outros grupos de agentes que não possuem grande volume deste último tipo de capital. Por fim, parece ser correto afirmar que o capital simbólico acumulado anteriormente por estes agentes no campo da mídia tradicional garante a eles ainda mais capital simbólico dentro da blogosfera política alternativa, o que, em grande parte, garante o grande número de acessos que eles costumam alcançar, especialmente os *blogs* dos jornalistas Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif.

Por fim, as informações acima parecem indicar que, no âmbito da blogosfera, os blogueiros que não possuem grandes quantidades de capital econômico disponíveis podem facilmente utilizar o capital tecnológico que possuem (uso das tecnologias digitais) com o intuito de adquirir outros capitais, como o capital cultural (a produção de textos considerados interessantes, inteligentes e dignos de credibilidade) e capital social (formação de redes com outros agentes). No entanto, enquanto alguns blogueiros mais reconhecidos têm sido capazes de aproveitar essas formas de capital e convertê-los em capital econômico, por meio de publicidade e patrocínios, a maioria dos blogueiros tem dificuldade para transferir seu capital cultural e capital social em um capital econômico mais abundante. Assim, enquanto a blogosfera permite a seus agentes ou usuários a obtenção de diferentes formas de capital, a estrutura da Internet em si parece reforçar em certa medida as estruturas de poder já presentes na sociedade capitalista, o que em certa medida se constitui como uma contradição inerente a esse universo.

▪ **Agentes blogueiros-militantes**

Já no que diz respeito ao capital detido pelo grupo formado pelos agentes blogueiros-militantes, parece ser possível dizer que aquele está relacionado especialmente às novas tecnologias de informação e comunicação e ao próprio capital político. Tais tipos de capital, portanto, colocam-se como sendo o principal tipo de recurso que os blogueiros cujas atuações são marcadas pela militância política-partidária ou pela militância em prol de bandeiras específicas (como o movimento feminista, cultura digital e mídia livre) utilizam para contrapor-se à mídia tradicional e para que possam difundir seus pontos-de-vista na esfera política.

Ao contrário do grupo formado pelos agentes blogueiros-jornalistas, que já detinham capital simbólico importante acumulado na mídia tradicional e cuja transferência deste último para a blogosfera foi extremamente importante para que seus *blogs* se tornassem imediatamente consagrados, os blogueiros-militantes possuíam outros tipos de capitais anteriormente acumulados que também os auxiliaram na atuação dentro desse novo espaço. Entretanto, os principais agentes que representam esse grupo adquiriram sua relevância justamente por meio da sua atuação na blogosfera e nas redes sociais, com o apoio do conhecimento que detinham em suas áreas de atuação de origem.

Muitos desses indivíduos, conforme explicado anteriormente, já atuavam no campo da política, como é o caso do presidente do *Centro de Estudos Barão de Itararé*, o blogueiro Altamiro Borges, ou mesmo no campo de movimentos sociais diversos, o que os dotou de

grande experiência relacionada à luta política. Outros indivíduos não atuavam diretamente no campo da política e exerciam profissões diversas, mas de alguma forma já se incomodavam com as práticas hegemônicas da mídia tradicional e de alguma forma tentavam difundir opiniões distintas que pudessem ser a ela contrapostas, caso do blogueiro Eduardo Guimarães. Os trechos abaixo mencionam brevemente sua trajetória e como ele acabou por ingressar na blogosfera política alternativa:

Por décadas a fio – desde quando comecei a me interessar por política, aos 13 anos, portanto há quase quarenta anos –, fui obrigado a me indignar calado com a falta de representação de minha opinião político-ideológica – muito parecida com a de uma pequena legião de cidadãos – nos meios de comunicação de massa, sobretudo por ter nascido pouco antes de uma ditadura cruel se abater sobre este país. Isso represou uma indignação que foi libertada a partir do momento em que se tornou possível me manifestar publicamente, décadas após o fim do regime autoritário, ao descobrir as seções de cartas de leitores dos jornais. Depois vieram as listas de e-mails e, depois, este blog (GUIMARAES, 2011, s/p).

Então aí eu vejo aquela campanha nojenta que os meios de comunicação fizeram [...] Passa aquela eleição, o Collor vence, eu vejo aquele desastre anunciado, que eu enxergava o que ia acontecer, porque pra mim estava escrito na... Picareta na testa do Collor, pra mim eu tinha mais ou menos a sua idade e tal e... via claramente que seria um desastre para o país, eu via que o Lula talvez não tivesse preparo educacional como o Collor, mas ele tinha vontade política, ele já entendia que vontade política era muito importante naquele momento. E aí nos anos seguintes eu comecei a escrever pra jornal e via como eles selecionavam as coisas, como eles barravam textos que eram importantes, sem permitir... Por exemplo, tinha um assunto qualquer numa coluna de leitores, publicavam todas as cartas apoiando a posição do jornal. Não tem discordância aquilo? Como é que pode, tudo na vida tem discordância, ainda tava aprimorando a minha técnica de escrever e tal. Gostei muito das letras, sempre fui educado por uma mulher que tinha uma cultura muito grande, meu pai faleceu e quem me deu a educação foi a minha mãe, mulher extremamente culta, falava sete idiomas, estudou no exterior e... Ela fez com que eu gostasse muito de ler, de arte, de cultura logo cedo, então eu sempre gostei muito de escrever fui aprimorando a técnica e tentando dizer as coisas de uma forma que eles aceitassem e me dessem espaço e eu via, que é muito difícil. Mas eu sempre conseguia cravar é uma... Eu conseguia cravar alguma ideia minha nesses veículos e... E aí é aquilo, me animou e eu continuei por alguns anos levando minha vida normalmente (Entrevista Eduardo Guimarães).

Outra blogueira bastante atuante na blogosfera é a Conceição Oliveira, responsável pelo blog Maria Frô. Ela também se envolveu na organização dos encontros nacionais do movimento *BlogProg*, tendo, inclusive, participado da mesma mesa em que o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva esteve presente durante o *II Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas*, em Brasília. Em seu *blog*, Conceição Oliveira deixa explícita sua formação e trajetória como ativista e, no link em que descreve quem é, afirma o seguinte: “sou historiadora, educadora, autora de coleções didáticas, ativista da educação para igualdade étnico-racial, feminista e feminina. Meus atuais temas de pesquisa são história e culturas africanas e afro-brasileira”. Já em entrevista a blogueira explicou como se deu sua trajetória na Internet:

Eu tô na Internet de maneira sistemática desde 1997 [...] Eu entrei na Internet via uma coisa engraçada, literária, eram listas de poesias, crônicas, listas lusófonas, escritoras de todo canto do Brasil, Portugal e um pouco África. E aí essa dinâmica das listas, e depois dos fóruns, acabou indo pra rede [...] discussões que passam um pouco por essa questão, feminismo, homofobia, enfim, coisas que eu acho que a gente precisa combater para ampliar a cidadania em um país tão injusto, tão desigual como o nosso. E aí pra fazer essa discussão, acho que você vai pro campo político partidário sim, porque tem partidos que se põem, por exemplo, contra cotas, tem um discurso cínico, hipócrita, e há outros partidos que tem isso como bandeira, então você vai pra questão partidária querendo ou não querendo quando você faz esse debate mais amplo de movimentos sociais e em algum momento você esbarra em políticas públicas, ou não e tal [...] O meu foco são os movimentos sociais, é movimento social e garantia de direitos. É trazer dentro do blog, fazer um debate que não se faz (Entrevista Conceição de Oliveira).

Dentre diversos outros *blogs* mais conhecidos que também compõem a blogosfera política alternativa, alguns possuem um caráter de maior militância partidária, caso do PTrem das 13, cujo responsável, Ênio Barroso, também estava presente na mesma mesa acima mencionada, ou os *Amigos do Presidente Lula* e *Blog da Dilma*, que explicitamente possuem como objetivo possibilitar a defesa do governo atual.

Pode-se dizer, dessa forma, que as características relativas aos indivíduos que compõem o grupo formado pelos agentes blogueiros-militantes são extremamente diversificadas, uma vez que eles possuem trajetórias e atuação profissional um tanto quanto distintas. Essa experiência por eles acumulada em seus respectivos campos de origem também os auxiliam em sua atuação nessa vertente do campo da comunicação, uma vez que propiciou a eles um acúmulo de capital importante nesse espaço. Isso está relacionado especialmente ao capital político, dado que grande parte desses blogueiros possuía experiência como ativistas, seja no campo político-partidária, seja no campo dos movimentos sociais. A própria atuação profissional desses indivíduos é bastante diversificada, conforme pôde ser percebido, já que no grupo podem ser encontrados indivíduos que atuam em diferentes esferas, como na área da educação e até mesmo profissionais liberais.

Por fim, a importância da Internet como ferramenta que possibilitou o surgimento de uma militância digital é exposta no texto abaixo publicado pelo jornalista Luis Nassif em seu blog, quando ele menciona o evento da posse da presidente da república Dilma Rousseff:

Dia 1º teve várias cenas inesquecíveis para mim. O fim da era Lula, a posse da primeira mulher presidente e o fecho de ouro do encontro com blogueiros no Brahma. A recepção do Itamarati merecia um documentário à parte. Diplomatas, políticos, empresários e jornalistas, o público convencional para o momento, compartilhando o espaço com cadeirantes, GLs, movimento negro, indígena, produtores culturais. No Brahma, o encontro inesquecível com blogueiros militantes, cada qual ostentando seu nome de Twitter ou na blogosfera, a personalidade que consolidou nesse novo mundo, como quem mostra as medalhas de batalha. É a nova militância se formando em todos os partidos, com

um grau de devoção antigamente restrito a poucos grupos estudantis. Cada qual tem sua bandeira, às vezes juntam-se em torno de bandeiras coletivas. E refletem uma febre de participação, de protagonismo presente em todas as camadas jovens do país. Nos anos 90 imaginavam-se as diversas possibilidades trazidas pela Internet: a possibilidade de maior controle sobre o setor público e privado, a disseminação de indicadores para acompanhamento, os trabalhos em rede. Mas o nascimento de uma geração política nova, ativa, crítica, talvez tenha sido o maior ganho trazido pela Internet (NASSIF, 2011, s/p).

O trecho acima, portanto, parece deixar clara não apenas a diversidade que caracteriza o grupo formado pelos blogueiros-militantes, mas também o fato de que é o capital tecnológico, ou seja, a Internet e as novas tecnologias de informação e comunicação, que possibilita uma atuação mais intensa por parte desse grupo. Tal capital possibilita, também, o surgimento de diversos *blogs* que se tornaram conhecidos ao longo do tempo cujos responsáveis são indivíduos que não possuíam o capital simbólico que o grupo dos blogueiros-jornalistas egressos da grande mídia possuíam, mas que conseguiram se tornar referências nesse segmento do campo da comunicação justamente pela utilização desses recursos.

▪ Agentes-militantes individuais

O grupo formado pelos inúmeros ativistas digitais que militam na Internet por meio dos comentários feitos nos *blogs* e também por meio das redes sociais é extremamente importante no âmbito do movimento da blogosfera política alternativa. É importante enfatizar que o papel exercido por esses ativistas é significativo para o fortalecimento da blogosfera, tendo em vista que grande parte deles reproduz para milhares de outras pessoas o conteúdo desses blogs e influência, inclusive, o próprio conteúdo dos posts neles publicados.

De acordo com o relato de parte dos entrevistados e dos dados coletados nas publicações, pode-se afirmar que, além do *capital tecnológico* também ser o principal recurso utilizado por esse grupo e que permite que ele exerça seu ciberativismo, o *capital social* por ele acumulado é um tanto quanto relevante para sua atuação, pois é justamente a inter-relação entre blogueiros e ativistas ou entre os próprios ativistas que propiciam que ações originalmente individuais se convertam em ações de caráter coletivo. Alguns trechos analisados, inclusive, deixam claro que foi justamente essa interação cada vez maior propiciada pela Internet que passou a incomodar os grandes veículos de comunicação, como aqueles que estão destacados a seguir. Enquanto o primeiro foi extraído de uma publicação escrita pelo jornalista Luiz Carlos Azenha, em seu *blog Vi o Mundo*, em que ele menciona algumas características que marcam a dinâmica da interação entre blogueiros e leitores, os outros fragmentos foram extraídos de entrevista agentes do campo que enfatizam a importância do papel dos ativistas digitais na rede:

O twitter e o formspring, os microblogs que permitem a você trocar informações com outros internautas; as redes sociais como o facebook e o orkut, em que você se integra a uma comunidade de internautas; e ferramentas como o twitpic, a twitcam e o ustream, que permitem a você enviar e receber imagens de internautas e transmitir vídeo ao vivo enquanto interage com os leitores. Há dezenas de outras, essas são apenas as mais conhecidas. O que significam essas ferramentas? Basicamente, interação. Qual a consequência do uso delas por um blogueiro, seja jornalista ou não? Fica implícito que ele desce do pedestal, se iguala aos leitores, passa a ser apenas o coordenador do espaço, que na verdade é tocado pelos interesses dos leitores e comentaristas. A longo prazo, seria o fim do jornalismo industrial. Seria, não, será. Talvez eu não viva para testemunhar isso, mas o papel tradicional da mídia, assim chamada por pretender fazer a mediação entre os diversos atores sociais, receberá um estaca no coração cravada pela “mídia colaborativa”. As razões para isso residem no fato de que há uma infinidade de leitores muito mais qualificados do que eu ou qualquer blogueiro para escrever sobre engenharia, medicina e informática. Para fazer humor ou opinar sobre política. Para tratar de questões éticas ou legais. E essas pessoas começam a participar da blogosfera, criando seus próprios espaços ou comentando nos já existentes. Como demonstrei no Encontro Nacional de Blogueiros, onde apresentei a minha “mala de ferramentas” (câmeras, gravadores, cabos de conexão etc.), quando quero carregar comigo uma emissora de rádio, de TV e um jornal. Quanto Assis Chateaubriand gastou para formar seu império? E o Roberto Marinho? Guardadas as devidas proporções, as novas tecnologias de informação permitem a um blogueiro ter seu mini-império informativo com um investimento total de menos de 5 mil reais. Qual é a diferença essencial entre ele, blogueiro, e o jornalista que trabalha em uma corporação? A liberdade para falar e escrever o que quiser, desde que se submeta de maneira elegante à chuva de críticas de seus próprios leitores, quando for o caso. Sim, porque os leitores deixam de ser apenas receptores de informação. Eles opinam, criticam, acrescentam e anunciam na caixa de comentários. Funcionam como abelhas em um processo de polinização. Trazem sugestões de textos, insights e informações que muitas vezes se transformam em posts, ou seja, os leitores se tornam co-responsáveis pelo espaço (AZENHA, 2010, s/p).

O movimento de blogueiros não é uma ação coletiva, é uma ação individual, cada um tá atrás do seu computador escrevendo um bocado de besteira que acaba se combinando, que têm proximidade política... Eu gostei das suas ideias, você gostou da minha ideia... Tem afinidades políticas... Mas cada um tá atrás do seu computador, não é uma ação coletiva, né? Acaba se tornando uma ação coletiva por que... Mas é uma ação em que cada indivíduo tá no seu computador, no seu laptop, e tal (Entrevistado Altamiro Borges)

Os blogs que conseguem gerar mais conteúdo próprio tem uma rede infernal, por outro lado, de disseminação dessas informações, então são milhares, centenas ou milhares de ativistas que pegam esse conteúdo e disseminam pelas redes. A diferença é que hoje você não tem só blogs, têm as redes, a gente poderia ter até uma discussão de um próximo encontro que não seria de blogueiros progressistas, seriam de blogueiros e ativistas digitais ou até mais de ativistas do que de blogueiros, talvez vai chegar um momento em que o foco vai estar mais nos ativistas do que nos blogueiros (Entrevista Rodrigo Vianna).

É importante mencionar o fato de que o capital social detido pelos agentes que atuam na blogosfera política alternativa é acumulado não apenas por meio de suas respectivas atuações na esfera virtual, conforme os trechos acima deixaram claro, mas, sobretudo, por meio de reuniões informais ou dos diversos eventos promovidos por representantes desse campo. Tal afirmação vai ao encontro da fala do blogueiro Rodrigo Vianna, que afirmou que talvez futuramente o “foco estará mais nos ativistas do que nos blogueiros”. Sua fala também vai ao encontro de outra fala destacada mais acima por parte de um importante agente da blogosfera, o ativista digital 1, na qual afirmou que, apesar da visibilidade de blogueiros como o Luiz

Carlos Azenha e Rodrigo Vianna serem maiores, isso apenas é possível devido ao fato de eles estarem integrados em uma rede ampla composta por milhares de outros ativistas.

Entretanto, uma vez que o objetivo do próximo objetivo específico é analisar as principais características que marcam o próprio fenômeno do ciberativismo, optou-se por descrever com maior grau de profundidade a dinâmica da interação entre esses agentes posteriormente. Nessa ocasião, a discussão sobre o capital social que o grupo formado pelos ativistas digitais detém voltará a ser mencionado e discutido com mais detalhes.

Assim, pode-se afirmar que, no âmbito da blogosfera, o grupo formado pelos agentes militantes possui como principais recursos de poder os capitais *tecnológico* e *social*, sendo que ambos são extremamente importantes para o fortalecimento desse espaço social. O primeiro tipo de capital é, naturalmente, aquele que se constitui no recurso de poder que deu origem à própria blogosfera e que permite a milhares de indivíduos interferirem no processo de produção de conteúdo, emitir suas opiniões e reproduzir as publicações dos agentes-blogueiros, consolidando ainda mais o capital simbólico por estes acumulados. Já o capital social também é bastante importante para que a blogosfera seja fortalecida. No âmbito *online*, o capital social decorre da interação espontânea entre os ativistas digitais e a discussão de assuntos diversos nas redes sociais ou nos espaços para comentários nos próprios *blogs*. No âmbito *offline*, o capital social permite a consolidação dos laços de relacionamento entre os ativistas digitais e, também, a discussão e análise dos rumos do próprio movimento por parte de quem a ele se vincula.

▪ Agentes-organizações diversas

Por fim, cabe analisar os principais recursos de poder que o grupo formado pelos agentes-organizações detém e que também são extremamente importantes para o fortalecimento da blogosfera política alternativa.

Conforme mencionado anteriormente, a blogosfera é composta não apenas por agentes individuais, como é o caso dos blogueiros e dos ativistas digitais, mas também por diferentes organizações. Enquanto algumas dessas organizações foram criadas justamente com o propósito de propiciar que os diferentes agentes individuais se congregassem em torno de objetivos mais claramente definidos, outras organizações que de alguma forma já se inseriam no campo político-ideológico de esquerda acabaram por ingressar nesse segmento do campo e

também no próprio movimento em virtude de uma identificação com o objetivo de se democratizar a mídia. Sendo assim, podem ser citados o próprio *Centro de Estudos Barão de Itararé*, veículos de mídias tradicionais de esquerda, sindicato e movimentos sociais tais como a CUT.

Em primeiro lugar, parece ser possível afirmar que são diversos os tipos de capitais pertencentes a essas organizações, justamente pelo fato delas serem marcadas pela característica da diversidade. Dentre os principais recursos identificados ao longo da coleta de dados, podem ser citados os capitais econômico-financeiro, cultural, político e simbólico.

Com relação a uma organização que pode ser considerada como sendo central para blogueiros e ativistas digitais que atuam na blogosfera política alternativa, o *Barão de Itararé*, os dados indicaram que o tipo de recurso que a ela confere essa posição é o *capital social*. Tal tipo de capital está relacionado ao próprio papel exercido por essa organização, que é o de articular os blogueiros e ativistas que se identificam com a luta pela democratização da comunicação e, ainda, o de organizar os próprios encontros nacionais do *BlogProg* que ocorrem periodicamente. Isso fica claro no trecho abaixo de uma publicação feita no blog do próprio presidente do Instituto, em que é relatada a confraternização que ocorreu em virtude dos dois anos de existência dessa entidade:

A jornalista Maria Inês Nassif, que recentemente ministrou aula em curso promovido pelo Barão de Itararé, também participou da festa. De acordo com ela, “o Barão teve um papel muito importante para organizar esse setor que tem vontade de participar e se expressar, mas que atuava de forma isolada”. Ela destaca a importância da função organizativa que o Barão cumpre: “A blogosfera é um terreno muito fértil,, mas o Barão foi quem tornou orgânica essa rede que se reúne e debate há dois anos, incansavelmente. Se não existisse o Barão, as pessoas que fazem a mídia alternativa não estariam tão próximas e unidas”. Luiz Carlos Azenha (blog Viomundo), que também deu aula no curso realizado pelo Barão, reforçou que a entidade “institucionalizou” a mídia alternativa. Em sua visão, hoje, o público já tem capacidade de fazer sua própria crítica da grande imprensa. Ele ainda comentou que o nome “Barão de Itararé” é um trunfo a parte: “A figura histórica do jornalista Barão de Itararé e seu espírito irreverente e divertido é muito parecido com o espírito do grupo de pessoas em torno da entidade, assim como a Internet, que tem essa linguagem mais irônica, sarcástica”. Para o blogueiro Eduardo Guimarães (Blog da Cidadania), a entidade preencheu uma lacuna no movimento. “A forma diferenciada de atuação do Barão e a representatividade que tem a figura de Altamiro Borges, um sujeito muito querido, gerou um efeito aglutinador importante para reunir os atores da blogosfera, das redes sociais e dos movimentos sociais”, avalia. Para o jornalista, a anarquia que existe na Internet é benéfica apenas em certa medida, sendo necessário o mínimo de organização da mídia alternativa para que se alcance objetivos comuns. “O Barão é o catalisador desse movimento”, acrescenta (BORGES, 2012, s/p).

É interessante perceber a utilização de termos utilizados pelos indivíduos acima mencionados para se referirem ao papel exercido pelo instituto, tais como o de “função

organizativa”, “catalisador desse movimento” e “institucionalizou a mídia alternativa”. Tais termos parecem deixar explícito que o grande reconhecimento dessa organização dentro do campo está intimamente relacionado à capacidade que ela possui de unir agentes que até então se encontravam dispersos, o que é visto então como algo que permitiu que a blogosfera fosse dotada de maior legitimidade. O termo institucionalização, nesse sentido, é percebido como sendo consequência justamente desse processo de articulação. Pode-se dizer, portanto, que ao lançar mão de uma estratégia de construção de redes entre agentes diversos, o Barão de Itararé acumula um grande volume de capital social que, posteriormente, é convertido em capital simbólico que traz a essa organização um grande reconhecimento como agente central na blogosfera e para o próprio movimento *BlogProg*. Essa ação de acúmulo e conversão de capital parece ir ao encontro da própria noção de capital social segundo a qual ela representa “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 2003, p.67).

Já no que diz respeito aos veículos de mídia tradicionais que também se inserem no campo, parece ser possível afirmar que os principais tipos de capitais que eles possuem são, especialmente, o *capital econômico-financeiro* e o *capital simbólico*, sendo que ambos já haviam sido acumulados em seu subcampo de origem, o da mídia tradicional. A revista *Carta Capital* pode ser mencionada como o principal exemplo de publicação tradicional que se encontra vinculada à blogosfera política alternativa, não apenas porque sua linha editorial vai ao encontro da posição política desta, mas especialmente por meio de ajuda financeira para algumas das atividades do movimento *BlogProg*, como, por exemplo, os próprios encontros nacionais. Outros exemplos de veículos de mídia tradicional que estão vinculados à blogosfera são a *Revista Fórum* e o jornal *Brasil de Fato*, sendo que a primeira também faz parte do grupo denominado como “Amigos da Blogosfera” que também concedeu apoio financeiro para a realização de alguns dos eventos.

Além disso, foi possível verificar ao longo do processo de coleta de dados que esses veículos de mídia, que contam com um número considerável de leitores e de assinantes, costumam refletir em suas publicações grande parte das discussões que são feitas no âmbito da blogosfera política alternativa. Nesse sentido, é importante para o movimento contar com o apoio de veículos tradicionais que, possuindo uma posição divergente de grande parte dos outros veículos mais conhecidos, reproduzem para um público que nem sempre acessa tais *blogs* os assuntos e pontos-de-vista destes últimos. Isso ocorre especialmente pelo fato de

alguns blogueiros atuarem profissionalmente nesses veículos, caso do jornalista Leandro Fortes e da jornalista Cynara Menezes que, além de trabalharem como repórteres ou colunistas da *Carta Capital*, são nome de referencia para a blogosfera política alternativa.

Por último, é importante mencionar a existência de diversas outras organizações que também estão vinculadas à blogosfera e que detêm importante capital político, simbólico e econômico que a fortalecem, tais como sindicatos, movimentos sociais, fundações, centrais de trabalhadores, etc.

De acordo com os dados provenientes do documento do 1º encontro nacional de blogueiros progressistas ocorrido em São Paulo, no ano de 2010, grande parte das entidades que financiaram o evento foram organizações tais como: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), CUT (Central Única dos Trabalhadores) nacional, CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil), Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região, Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo Sintaema (Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente do Estado de São Paulo), Federação Nacional dos Urbanitários (FNU), Federação dos Químicos de São Paulo, Força Sindical, Fundação Maurício Grabois e Fundação Perseu Abramo, esta última vinculada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Já conforme os dados provenientes do documento do 3º encontro de blogueiros progressistas ocorrido em Salvador, no ano de 2012, dentre as principais entidades que financiaram o evento estão organizações tais como: CUT, Força Sindical, CTB, UGT, Federação dos Comerciantes de São Paulo, Associação Nacional de Inclusão Digital (Anid), Fundação Maurício Grabois, Fundação Perseu Abramo, Confederação Nacional dos Trabalhadores nos Estabelecimentos de Ensino (Contee), Federação Única dos Petroleiros (FUP), Federação Nacional dos Farmacêuticos (Fenafar), Federação dos Servidores no Judiciário Federal, TVT, Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sindicato dos Bancários do Paraná, Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté e Região, Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação do Rio Grande do Sul, Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari/BA, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Revista Fórum, Assembléia Legislativa do Mato Grosso, Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Norte, Associação dos Professores de São Paulo (Apeoesp), Sindicato dos Bancários de Salvador/BA e Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe.

Assim, pode-se dizer que o conjunto dessas organizações que tradicionalmente se inserem no campo político viabiliza em certa medida as próprias atividades do movimento *BlogProg* por meio do auxílio financeiro ou do capital econômico que elas possuem. Inclusive, vale frisar que muitas dessas organizações, tais como alguns sindicatos, emprestam sua própria estrutura física para permitir que os encontros ocorram. O 1º Encontro Nacional, por exemplo, ocorreu na sede do Sindicato dos Engenheiros de São Paulo, enquanto o 2º Encontro Nacional ocorreu no Centro de Convenções da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio (CNTC), em Brasília. Além disso, vale ressaltar que os documentos de todos os encontros realizados indicam claramente que representantes dessas organizações participam diretamente das mesas de discussão que ocorrem nesses eventos. O conjunto desses dados indica, portanto, que a influência de tais organizações políticas na vida da blogosfera política alternativa e do movimento é bastante significativa.

4.3. Terceiro Objetivo Específico:

- Analisar as principais características relacionadas à atuação de blogueiros e ativistas digitais na blogosfera política alternativa, estabelecendo uma relação entre tais características e as estratégias de subversão por eles adotadas.

4.3.1. Razões que Justificam suas Atuações e Ingresso no Campo

Ao se perguntar aos entrevistados quais as principais razões que os levaram a criar seus próprios *blogs* ou a atuarem como ativistas digitais, foi possível perceber que as justificativas foram mais ou menos semelhantes, girando elas em torno de questões como a luta política e a possibilidade de gerar contra-informação com relação às notícias veiculadas pela mídia tradicional.

No entanto, foi possível identificar que tais justificativas, ainda que de certa forma estivessem presentes no discurso de todos os entrevistados, eram mais ou menos enfatizadas conforme o grupo a quem se estava entrevistando pertencia. Nesse sentido, ficou claro que, enquanto os respondentes pertencentes ao grupo formado pelos blogueiros deram uma maior ênfase à luta travada contra a grande mídia, os ativistas digitais que, em sua maioria, atua nas redes sociais, enfatizaram mais o aspecto da utilização da Internet com o intuito de fazer a defesa de seus pontos-de-vista políticos. Ficou bastante explícito, ainda, que, os fatores

preponderantes para que o segundo grupo passasse a lançar mão das novas tecnologias de informação e comunicação e interagissem na esfera virtual foram o processo eleitoral do ano de 2006 e, também, a crise política instalada no país em 2005 devido à crise do mensalão.

Também, ao falarem a respeito de suas respectivas trajetórias, alguns entrevistados que atualmente exercem um importante papel no movimento *BlogProg* deixaram claro que, quando começaram a atuar como ativistas digitais, suas atuações eram independentes daquelas do grupo formado pelos blogueiros políticos alternativos mais conhecidos no campo. Um dos entrevistados, o ativista digital 1, afirma, inclusive, que ele nem conhecia tais *blogs* e que ele concentrava seus esforços em redes sociais como o *Orkut* e em debates ocorridos em lista de *e-mails*. Com o passar do tempo, segundo o respondente, os agentes passaram a conhecer uns aos outros, o grau de interação entre eles foi aumentando, alguns dos ativistas passaram a se destacar mais e, nesse sentido ele passou a assumir funções organizativas no movimento, ainda que não seja um blogueiro.

O trecho acima também fortalece a conclusão alcançada anteriormente de que faltava uma coesão maior entre os agentes da blogosfera política alternativa em sua trajetória inicial. A resposta do entrevistado, portanto, indica que os ativistas digitais individuais e os blogueiros (jornalistas e militantes) já tinham presença na Internet naquele momento, porém, cada qual atuando de maneira mais fragmentada, sem um maior senso de atuação conjunta entre eles. Tal fato se explica principalmente pelo fato de que a formação do movimento ainda não tinha ocorrido propriamente e, portanto, o fortalecimento dessa nova vertente do campo da comunicação ainda estava por ocorrer.

É importante ressaltar, inclusive, que grande parte dos ativistas digitais entrevistados mencionaram as listas de *e-mails* como instrumentos de comunicação bastante utilizados por eles para debater os rumos da política no primeiro decênio dos anos 2000. Tais listas, entretanto, parecem ter perdido parte de sua importância como instrumento de atuação política na Internet, especialmente a partir do momento em que redes sociais como o Facebook e o Twitter passaram a ganhar força, o que se deve, segundo os respondentes, à agilidade que tais redes permitem no aspecto da troca de informações entre eles.

4.3.2. Público-alvo

Também com o intuito de se identificar as principais práticas de ciberativismo exercidas pelos agentes que estão vinculados ao movimento em análise, perguntou-se tanto aos

blogueiros quanto aos ativistas digitais que tipos de público eles pretendiam atingir por meio de seus blogs, sites ou atuação nas redes sociais.

As respostas obtidas foram bastante diversificadas, mas constatou-se que, de uma maneira geral, os entrevistados mostraram-se preocupados com a possibilidade de seus discursos acabarem ficando restrito ao círculo composto por eles próprios, uma vez que a Internet, segundo eles, tem um efeito tanto de potencializar a diversidade de pessoas as quais se quer atingir, mas, também, de passar uma falsa sensação de que se está falando para uma grande quantidade de pessoas, quando na verdade se está falando para um número mais limitado de indivíduos, estes muitas vezes compostos pelos próprios ativistas. Tal preocupação foi expressa não apenas nas entrevistas realizadas, mas também foi frequentemente mencionada nos eventos de blogueiros e ativistas digitais dos quais parte dos dados foram coletados.

De fato, tal preocupação ficou bastante visível especialmente ao longo dos encontros nacionais de blogueiros progressistas, quando, durante algumas das principais sessões de discussão, algumas pessoas que formavam o público perguntaram aos debatedores das mesas de discussão quais os principais cuidados que deveriam ser tomados para que “os integrantes do movimento não ficassem falando para eles mesmos” ou se eles não achavam que havia uma falsa impressão por parte de muitas pessoas de que a Internet já havia conseguido resolver definitivamente o problema da concentração da informação e que a velha mídia já não detinha mais o poder que detinha anteriormente. Como resposta, alguns dos principais agentes do movimento que compuseram as mesas foram bastante enfáticos ao afirmarem que é um erro subestimar o poder de influência que a mídia tradicional do país ainda detém, mesmo com os prejuízos econômicos que ela vem tendo nos últimos anos, especialmente devido à queda da circulação de jornais e revistas.

Apesar de em alguns momentos também expressarem tal preocupação, grande parte dos entrevistados respondeu com bastante clareza a respeito de quais os principais grupos que eles pretendiam atingir por meio de sua atuação na Internet. A maioria dos entrevistados-blogueiros afirmou que eles querem atingir aquelas pessoas que não possuem uma opinião política consolidada e não tanto aquelas pessoas que já possuem uma posição ideológica definida. Nesse sentido, alguns entrevistados foram enfáticos ao afirmarem que eles não querem atrair o leitor de blogs, sites ou jornais situados à direita do espectro político, mas sim aquelas pessoas dispostas a fazerem um exercício de reflexão a partir da confrontação das informações e opiniões difundidas pela mídia alternativa com aquelas veiculadas pela mídia tradicional.

A resposta dos entrevistados identificados com o grupo dos ativistas digitais, no entanto, foram mais diversificadas do que as do grupo anterior. Uma das entrevistadas afirmou que o objetivo dela é atingir o maior número de pessoas possíveis que esteja a seu alcance, independentemente de posicionamento político-ideológico. Para que isto possa ser realizado, a respondente afirma que ela adotou a estratégia de adicionar em seus perfis de redes sociais todas as pessoas que ela tem a oportunidade de conhecer, mesmo aquelas que possuem reconhecidamente opiniões políticas contrárias às dela.

Ao fazer isso, segundo ela, todos esses usuários são obrigados a se depararem com os conteúdos por ela postados em sua página, a não ser que elas optem por não receberem tal conteúdo. Ao ser perguntada como avalia a estratégia em termos de sua eficácia, a entrevistada demonstrou não ter certeza de que de fato esteja conseguindo convencer pessoas que ela identifica como sendo politicamente situadas à direita, o que ela justifica pelo fato da blogosfera progressista ainda ser, em suas palavras, “muito igrejinha”, ou seja composta por ativistas que possuem uma grande afinidade de pensamento entre si. A utilização do termo “igrejinha”, portanto, parece corroborar a preocupação sobre a qual se falou anteriormente e que demonstrada por algumas pessoas durante alguns dos eventos. A mesma entrevistada, entretanto, lembrou-se de uma situação que ocorreu com ela em período recente no Facebook e que, segundo ela, pode indicar que sua estratégia de tentar atingir a todos de forma indiscriminada tem dado algum resultado. De acordo com ela, “uma vez uma menina chegou e disse pra mim: S..., você está conseguindo mudar a minha forma de pensar”.

A percepção da entrevistada acima também foi expressa por outro ativista digital, que afirmou não ter público a ser atingido, uma vez que ele quer “atingir todo mundo”. No entanto, ele disse saber que o público real que ele atinge é formado por uma “parcela progressista da sociedade que debate política”.

Outro entrevistado cuja atuação ocorre principalmente no Facebook e por meio de listas de e-mails afirmou que ele costuma atingir prioritariamente pessoas de classe média, parcela esta que o entrevistado considera ser mais acomodada em termos de atuação política. Segundo ele:

Nem todos ainda têm acesso ao computador e a internet. Hoje eu atuo... as nossas campanhas principalmente políticas que a gente faz na militância virtual atinge a classe média... A gente precisa atingir a classe média para mudar o país, porque somente com o povo... Você tem que juntar... Trazer essa classe média, principalmente aqui em São Paulo, uma cidade grande como essa (Entrevista Ativista digital 2).

De acordo com a resposta de dois ativistas digitais também bastante atuantes, seus públicos preferenciais são os jovens. Enquanto o primeiro ativista, que também é filiado a um partido político, diz que exerce um papel de elo entre as bases de tal partido e as lideranças, o segundo ativista afirma que trabalha para que a discussão de questões políticas se torne mais atrativa para os jovens com quem ele interage, como fica claro nos trechos abaixo:

Por um lado, no Facebook eu tenho tido mais penetração com essa estratégia... Em primeiro lugar eu quero dialogar com a militância do PT. Sou petista, sou militante do partido... Eu quero estabelecer esse diálogo e manter aglutinadas as lideranças e a base [...] O segundo público, o preferencial, é a meninada. E aí eu mexo com música, com cinema, com brincadeira, com jogos e vou aglutinando a meninada... Agora há um processo de levante da juventude, eu estou mergulhado nele agora. Porque isso atinge uma parcela que me é caríssimo, que é essa alienação da meninada do shopping, que hoje tem que ser buscada em casa e trazida [...] Então é esse pedacinho de público que eu quero seduzir. E sem perder o diálogo com a turma vieja (Entrevista ativista digital 1).

Eu acho que é assim, mais a molecada mesmo. Vinte e poucos anos, dezessete anos, fazer com que a política seja uma coisa interessante, é... É... Não é isso de preocupação de eu sempre que eu escrevo, todo político é ladrão, todo político... Não é assim não, é isso, fazer a política ficar interessante pra eles como foi pra gente, por que foi fundamental na minha vida. Muito mais que formação acadêmica, colégio, educação, família... O movimento... O movimento político foi muito mais importante pra mim em tudo, do que qualquer outra coisa. Eu acho que essa molecada que vai pros partidos, desde cedo entrando nos movimentos, desde cedo ingressa cedo, eles têm muito mais a aprender, muito mais a sei lá. A desenvolver, a oferecer mesmo ao país...do que a educação tradicional...a diferença entre o Lula e pro Fernando Henrique (Entrevista Ativista digital 3)

O que eu gostaria de atingir? Eu não to te dizendo que eu to atingindo, mas o que eu gostaria de atingir são as pessoas despolitizadas. São as pessoas que acreditam na imprensa, né, e muitas vezes são contra seus próprios interesses porque estão atendendo aos interesses de outros, de terceiros, e não os dela, os do país, ou seja, são as pessoas que estão enganadas nessa leva da imprensa. Eu gostaria de politizar as pessoas, a pretensão seria essa (Ativista digital 8).

Já as respostas dadas pelo grupo formado pelo blogueiros foram mais semelhantes entre si, uma vez que grande parte deles parece ter como intuito atingir a maior quantidade de indivíduos possíveis por meio de seus blogs.

A resposta mais assertiva, nesse sentido, foi dada pelo blogueiro Eduardo Guimarães, que afirmou que o público específico de seu blog é “toda a sociedade brasileira”. O entrevistado chamou a atenção para o fato de atrair um número expressivo de leitores, fazendo questão de deixar claro que ele é lido, inclusive, por personalidades conhecidas no contexto brasileiro, conforme o trecho de entrevista abaixo:

Eu posso te dizer que em oito anos quase de blog, que eu tenho ministro do Supremo Tribunal Federal lendo meu blog, e tenho pedreiro lendo meu blog. Eu tenho jovens e

tenho anciãos. Eu tenho ali aquele programa *Google Analytics* que ele mostra os lugares onde eu tenho leitores. Eu descobri que eu tenho mais de 5000 mil leitores em Portugal [...] Eu tenho leitores em Angola, eu tenho leitores no Japão, na Dinamarca, na Bélgica, na Venezuela, na Colômbia, nos EUA... Eu tenho milhares de leitores nos EUA, da comunidade brasileira lá. Tenho leitor de norte a sul do Brasil, porque a Internet é mundial... Você não tem público, o público é a sociedade brasileira. Essa é a coisa mais legal da Internet (Entrevista Eduardo Guimarães).

Na mesma resposta, o blogueiro ainda estabelece uma comparação entre os blogs e a mídia tradicional no que diz respeito ao potencial que estes possuem de atingir uma quantidade expressiva de indivíduos, deixando claro que os primeiros possuem uma vantagem muito maior em relação aos segundos, conforme exposto no trecho abaixo:

Eu vou falar pra você uma coisa... Um blog, em tese, ele tem um potencial maior que o da Globo. Por quê? A Globo está limitada pelas fronteiras do país. Você não sintoniza a Globo na Argentina, só se você tiver TV a cabo, e aí você vai sintonizar a Globo Internacional. Nos Estados Unidos você não vai acessar a Globo, a menos que seja por TV a cabo. Tem que pagar, é outra coisa. Mas livremente, sem custo nenhum, o blog pode ser acessado em qualquer canto da terra. Então o potencial em tese... O meu blog é mais poderoso que a Globo. Se eu fosse um cara mundialmente conhecido, ou você, ou qualquer um que criar um blog [...], você tem muito mais poder que a Globo, porque você monta uma página na Internet, e você pode simultaneamente ser lido por bilhões de pessoas.

Apesar da maioria dos blogueiros entrevistados em sua maioria ter caminhado na mesma direção da resposta acima, destacando o potencial que os blogs possuem em atingir um grande número de pessoas, alguns outros entrevistados foram mais cautelosos no que diz respeito a essa percepção. O blogueiro Altamiro Borges, por exemplo, afirmou que seu blog atinge principalmente aqueles que possuem uma visão crítica da mídia tradicional, apesar de algumas pessoas que pensam o contrário dele também visitá-lo. Também, diferentemente da percepção mais otimista por parte do outro blogueiro no que tange ao potencial dos blogs de atingirem uma quantidade muito grande de pessoas, este mesmo blogueiro diz que, diferentemente de emissoras de TV como a Globo, o blog possui nichos, não podendo ser caracterizado ainda como um veículo de massa:

Os jornais, os colunistas de jornais, eles tem público de acordo com o que eles pensam. Você vai nas enquetes do Noblat... O leitor do Noblat pensa igual ao Noblat [...] Qual o público que eu atinjo? É um público que concorda mais ou menos com o que eu penso. Eu penso mais ou menos o que esse público pensa. O blog, até, ele não é um meio de massa ainda. É muito diferente de uma televisão, que atinge 90 e poucos por cento dos lares brasileiros. Uma coisa é um William Bonner que invade, ele invade a tua casa O blog ele tem nichos. Qual o nicho que esse blog atinge? Ele atinge o nicho de pessoas que tem uma visão crítica com relação à mídia. Pra essas pessoas eu to querendo dar a minha pequena contribuição. Eu to querendo dar elementos que reforcem essa visão crítica que elas têm. Então eu diria que boa parte do leitor do blog é um leitor crítico à mídia

tradicional. Lógico que você tem muita gente que discorda, entra, faz comentários [...] Mas eu diria que a maioria do leitor do blog é uma maioria com visão crítica em relação à mídia, e que procura o blog, não sei se acha, mas procura no blog subsídios pra essa visão crítica.

Já o blogueiro Antônio Mello parece concordar com o blogueiro anterior no que tange ao público que costuma ler seu blog. Em texto publicado em sua página, denominada Blog do Mello, ele qualifica seus leitores como sendo “um público pessoal qualificado, que sabe o que quer e luta por suas convicções”, deixando claro, portanto que essas pessoas também possuem uma visão semelhante à dele próprio:

Em 2008, quando houve o Prêmio Ibest, com votação livre dos internautas, nossa blogosfera de esquerda ocupou os principais lugares, deixando para trás blogueiros de O Globo, da Folha etc. Este modesto blog, que nunca foi campeão de visitas (longe disso) ficou em sétimo lugar, porque quem nos visita é um pessoal qualificado, que sabe o que quer e luta por suas convicções. Por isso nós incomodamos o *establishment*. Por isso somos processados. Eles sabem que não somos muitos mas somos fortes (MELLO, 2013).

O mesmo blogueiro, ao longo de sua entrevista, afirmou que não se preocupava em atingir nenhum tipo de público específico e enfatizou que apenas quer dar sua opinião sobre assuntos que ele considera importantes. Ele se considerou, nesse sentido, um “tradicionalista”, uma vez que considera que seu blog é pessoal, de opinião. A indicação de seu blog ao Prêmio Ibest foi por ele mencionada em mais de um momento, o que, para ele, indica o acerto com relação a sua linha de atuação:

Eu não desejo atingir público algum, o meu blog, desde o início é, como eu disse pra você: eu escrevo o que eu quero, no dia que eu quero, não me preocupo se isso vai.... [...] Teve um ano [...] um concurso do Ibest, na época era um negócio da internet sobre os blogs mais importantes, aí tinha blog disso, blog daquilo [...] o meu blog ficou em sétimo lugar entre todos os blogs. Na época já existia o Reinaldão, Noblat, ah todo mundo, então o que é que aquilo me ensinou? É, evidentemente você não tem como comparar a, a visita de blog dos portais, ou de gente que posta todo dia e que tem uma posição é... Na internet todo mundo gosta de seguir aquela posição consolidada, basilar ali né. Você vê, por exemplo, o Eduardo Guimarães, ele tem uma, uma visita bastante grande, ele tem aquela posição dele né, bacana... Não é a minha, mas é tá lá, posta todo dia, se obriga a postar tem isso, então aquilo dali é uma visita, agora na hora de votar, na hora de escolher, o meu blog ficou em sétimo lugar, na frente do Noblat. Por quê? As pessoas... Eu não tenho a visita imensa que vários tem, mas é que você vai lá, visita, mas você não tem uma afinidade. O meu, como é um blog pessoal, eu acho que as pessoas viram e falam: ah, vai lá que tá no Mello (Entrevista Antonio Mello).

A fala do blogueiro acima é extremamente interessante, uma vez que ficou claro ao longo da entrevista que ele, apesar de já ter participado de alguns eventos promovidos pelo movimento, procura se desvincular deste último, deixando claro que sua posição é de total

independência no campo. Também, parece ser possível afirmar que, enquanto grande parte dos outros entrevistados se preocupa em acumular um volume considerável de capital social (por meio do estabelecimento de interações e de aumento do número de acessos em blogs) com o intuito de convertê-lo em capital simbólico, no caso deste blogueiro seu capital informacional foi suficiente para trazer reconhecimento a seu blog perante os outros agentes do campo.

Por fim, é importante mencionar as respostas de dois conhecidos blogueiros, os jornalistas Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna, uma vez que eles vincularam a possível seleção de públicos a serem atingidos com a estratégia mercantil que costuma ser adotada pelas grandes organizações do campo. Nesse sentido, enquanto o primeiro blogueiro afirmou que não se pode submeter a lógica do jornalismo à lógica econômica, o segundo afirmou que seu público é composto por grupos da “sociedade organizada” que deixou de ler a grande imprensa, conforme os trechos abaixo:

Eu não faço essa, nunca fiz essa... até porque o blog foi feito de forma muito experimental, é diferente de um jornal ou de um produto que você cria, faz uma pesquisa, vê ‘meu público, meu *target* é a classe média da Zona Sul, é a classe C da Baixada Fluminense’... Não meu, o meu blog é uma coisa pessoal que eu fui fazendo e se eu faço uma pesquisa pelo Analytics, há uma concentração maior em São Paulo, mas há muito leitor em Brasília, em Minas, no Rio de Janeiro. Eu posso dizer que é um blog de caráter nacional, pelos temas que ele traz [...] Eu imagino que o público que eu atinjo seja um público politizado, é vinculado a chamada sociedade organizada, tem gente vinculada então a sindicatos ou a associações ou a militância política, gente que já é iniciada nos assuntos da política [...] Acho que é esse o público que a gente atinge. O público que lia a imprensa tradicional eu acho, e que nos últimos 10, 15 anos foi abandonando essa imprensa tradicional porque os jornais passaram a não dar conta mais da visão de mundo desse público, não é à toa que os blogs tem hoje uma influência razoável, assim pelo que a gente ouve por aí, a gente tem muito retorno em algumas instâncias do poder e tal, e até pelos processos que a gente recebe né, se não tivesse incomodando não tava sendo processado (Entrevista Rodrigo Vianna).

Não, eu não tenho essa... Pelo contrário, eu acho que uma coisa que ajuda muito a blogosfera é o fato de que a gente não fica mirando em grupo alvo, público... Isso é uma coisa que distorce muito, por exemplo, a cobertura de televisão ou dos jornais mesmo. Às vezes o jornal volta a sua cobertura para um público alvo, aquele que tem dinheiro. Você submete o jornalismo ao mercado, entendeu? Então você fala: ‘ah, queremos jovens da classe A, por que eles dão um grande retorno, a gente vai mostrar pro patrocinador’. Mas você não pode fazer jornalismo voltado pro jovem de classe A por que dá um maior retorno, é um absurdo isso. Você não pode submeter a lógica, o jornalismo não é negócio, jornalismo tem que ter compromisso com a sociedade. Não é um negócio você não pode submeter, ‘ah eu só vou fazer matéria que agrada o jovem da classe A, B, por que eu vou mostrar pro patrocinador depois, a agência de publicidade vai ficar felicíssima vai dá mais dinheiro pra mim’. Nunca, você não pode submeter, e é o que nós estamos vivendo hoje (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Os trechos acima, portanto, indicam que os jornalistas acima rejeitam a ideia da seleção de público-alvo, uma vez que isto acaba por dotar a prática do jornalismo de uma racionalidade instrumental de mercado que distorce aquilo que ele deveria ter, ou seja, um “compromisso com a sociedade”. Nesse sentido, a crítica dos blogueiros-jornalistas é idêntica à principal crítica que Bourdieu fez ao campo do jornalismo, quando identificou que a pressão do índice de audiência se exerce sobre os jornais e sobre a televisão, o que tem como efeito a submissão de sua lógica à economia. Já a blogosfera, na concepção dos entrevistados, possui a vantagem de se desvencilhar dessa lógica, fator este que, segundo um deles, tem feito não apenas com que ela exerça influência na sociedade, mas que ocorra uma migração de leitores mais politizados da mídia impressa para este novo universo,

Parece ser possível afirmar, com base em todos os trechos analisados acima, que a própria compreensão a respeito da escolha de algum público-alvo varia consideravelmente e está intimamente relacionada ao grupo dentro do qual os agentes pertencem no interior do campo.

Assim, enquanto alguns ativistas digitais entrevistados que atuam especialmente por meio de redes sociais como *Twitter* e *Facebook* procuram atingir públicos mais específicos, por entenderem que estes são segmentos importantes na luta pela transformação da sociedade, caso dos jovens e das pessoas pertencentes à classe média; outros ativistas digitais preferem tentar atingir a todos de forma indiscriminada. Para que estes públicos sejam alcançados, esses ativistas desenvolvem estratégias específicas (que serão mais especificadas no próximo item), como abordar assuntos que não estejam diretamente relacionados à política ou mesmo tentar adicionar o maior número possível de pessoas para fazer com que seus conteúdos sejam vistos por todas elas. Entretanto, enquanto alguns ativistas parecem ter a certeza de que tais públicos estão sendo atingidos, outros parecem não ter a convicção de que realmente isso esteja ocorrendo.

Já com relação aos blogueiros entrevistados, parece ser possível afirmar que há pelo menos duas visões quando se trata sobre públicos a serem atingidos. Para alguns, o *blog* possui a capacidade de atingir milhares de pessoas em qualquer lugar do mundo e, portanto, não faz sentido que um blogueiro tente atrair um público-alvo específico. Já para outros, os *blogs* ainda possuem um público limitado e, nesse sentido, não pode ser considerado um veículo de massa como a mídia tradicional, o que faz com que eles acabem atingindo segmentos específicos, mas importantes. Entretanto, ficou claro que a maioria dos agentes-blogueiros rejeita a ideia de se lançar mão de mecanismos de escolha de nichos específicos de leitores. Esta rejeição mais explícita por parte desse grupo é natural, visto que alguns deles

trabalharam em organizações da grande mídia e, assim, vivenciaram as pressões de mercado que afetam o jornalismo que é praticado em seu interior.

Por fim, ficou bastante claro que, para uma considerável parcela dos ativistas digitais e também para alguns blogueiros, os conteúdos e *posts* disseminados na rede são acessados principalmente por aquelas pessoas que já se identificam com o movimento ou que já possuem uma visão crítica com relação à mídia tradicional. Tal fato acaba por fazer com que ocorra certa retroalimentação entre produtores de conteúdos e disseminadores ou leitores desses mesmos conteúdos, algo que se constitui como sendo um desafio para o fortalecimento da blogosfera e para a continuidade do embate entre esta e as organizações da mídia tradicional.

4.3.3. Principais Objetivos Buscados e Estratégias de Ação na Internet

Perguntou-se aos entrevistados pertencentes tanto ao grupo formado pelos blogueiros como ao grupo formado pelos ativistas digitais se eles possuem algum tipo de objetivo a ser alcançado por meio de suas respectivas atuações, bem como as principais ações que as caracterizam e que permitem a consecução desses objetivos.

As respostas fornecidas pelos blogueiros e pelos ativistas foram, de certa forma, semelhantes às aquelas nas quais eles justificaram seu ingresso no campo, porém, os entrevistados foram mais explícitos do que no momento anterior.

Um dos principais blogueiros do campo afirmou que seu objetivo é gerar “contra-informação” com relação ao que é divulgado pela mídia tradicional. Resposta semelhante foi dada por outra blogueira, que disse que pretende em seu blog dar “voz e vez” a grupos e pessoas que não possuem oportunidade de se fazer presentes na grande mídia. Já um ativista digital bastante conhecido no movimento e que também exerce função organizativa afirmou que seu principal objetivo era contribuir para mudar o país e estimular maior consciência coletiva entre as pessoas.

Outro ativista digital também bastante conhecido e que, igualmente, exerce papel organizativo no movimento, afirmou que seu objetivo está direcionado principalmente a propiciar maior militância política entre os mais jovens, uma vez que ele acredita que há no país certa desmobilização política por parte desse grupo da população. Já outros ativistas digitais deixaram clara a vinculação de sua atuação com sua posição político-partidária, e

disseram que eles possuem como objetivo dar sustentação ao governo que atualmente ocupa o poder.

Ainda, alguns entrevistados estabeleceram em suas falas uma relação direta entre as novas tecnologias de informação e comunicação e a área da cultura, ao justificarem que a utilização de tais ferramentas é extremamente importante para que se possa difundir diferentes expressões culturais que costumam ser boicotadas ou negligenciadas por parte da mídia tradicional. A arte produzida na periferia e nas regiões do país que normalmente possuem mais dificuldade de alcançar visibilidade em âmbito nacional, como Norte e Nordeste, é aquela que deveria ser priorizada pela mídia alternativa, na opinião desses entrevistados. Os trechos abaixo ilustram os diferentes objetivos expressos pelos entrevistados:

Não dizem que cada cabeça é uma sentença? Cada blogueiro é uma sentença né? É... Se você perguntar, se você fizer dez perguntas sobre temas polêmicos para dez blogueiros você vai ter dez respostas né? É... o que, se fizer uma pergunta para dez blogueiros, você vai ter dez respostas, cada um pensa de forma diferente. Não tem muito o que une a blogosfera. O que acabou unificando a blogosfera foi uma defesa da liberdade de expressão, Eu quero me expressar! Liberdade de expressão no sentido profundo dela, não é liberdade de expressão de poucos. Eu quero me expressar, eu quero tuitar, eu quero tá na defesa da liberdade de expressão, a visão crítica sobre essa mídia tradicional é um terceiro ponto. A defesa dessa justiça social. Não me pergunte o que é essa justiça social porque cada um pensa uma coisa dela, isso acabou então agregando essa turma. Que gerou esse primeiro encontro, gerou um segundo em Brasília em 2011, gerou um terceiro em Salvador em 2012, gerou um Internacional. Chegamos a fazer um encontro internacional em Foz do Iguaçu, isso então aumentou o intercambio dessa... Dessa galera, criou até um compadrio, eu tenho um certo compadrio, uma certa cumplicidade hoje. Dessa galera que mexe com... Blogs mais políticos e redes sociais em ativismo político-social. Criou um bom intercambio (Entrevista Altamiro Borges).

Desde o princípio, o meu objetivo desde as cartinhas que eu escrevia pro Estadão em 1989, 1990, que o meu objetivo é fazer circular o outro lado da moeda. Por quê? Eu, por força da minha profissão, eu sou um sujeito que viaja muito pra fora do país [...] E eu vi que a gente tinha uma anomalia aqui na comunicação, que todos falam a mesma coisa. Aquela mesma idéia, eu mostro isso sempre no meu blog, ela está no Estadão, ela está na Folha, ela está no Globo, ela tá no SBT, ela tá na Veja... E vários colonistas, todos dizem a mesma coisa. É sobre o mensalão, todos falam a mesma coisa, é sobre reforma agrária, todos falam a mesma coisa, é sobre cotas pra negros na universidade, todos falam a mesma coisa. Então realmente um país em que você tem uma comunicação que tá concentrada na mão de poucos e onde controlam as idéias, é um país sem liberdade, é um país onde não há uma democracia real. A democracia real pressupõe a divergência, o embate de idéias, o embate de visões de mundo (Entrevista Eduardo Guimarães)

O meu principal interesse hoje na ação da blogosfera é ampliar, o espaço, a democracia, garantir uma democracia com maior qualidade pro país que eu vivo, né, na luta pela democratização dos meios de comunicação. Porque eu acho que se a gente não conseguir ampliar a democratização das comunicações no Brasil, a gente tem uma democracia torta e vai ter ela mais torta ainda no futuro, se porventura a gente tiver um governo que as mídias tradicionais sejam parceiras, como já aconteceu em outros tempos. É muito ruim você ter uma mídia de voz única e um espaço todo tomado por grupos que se entendem num jantar em uma mesa que cabem quatro ou cinco, porque quando isso acontece o país normalmente perde [...] Eu não defendo que a mídia seja parceira do governo, nem deste e

nem de outro, eu defendo que exista uma pulverização das vozes de comunicação. Que a mídia tradicional continue tendo seu espaço, que as organizações sociais, que os movimentos populares, as entidades sindicais, possam ter veículos de comunicação, grupos de posições políticas diferentes também (Entrevista Renato Rovai).

Quando você pensa nos ataques tão ferozes, cheios de preconceito de classe, por exemplo, contra o Lula... O que você tem que fazer de crítica ao governo Lula nunca se faz... Não pela grande mídia, né... Mas se faz por um lado completamente sem nenhum elo com a verdade, é sempre uma coisa estereotipada e preconceituosa. Então, nesse sentido a gente tem que brigar por essa memória, porque é um operário que chegou ao poder, é um governo de muitas concessões, mas é um governo que não teve uma transformação em termos de estrutura, mas teve muita inclusão social... E assim mesmo, sem abalar a estrutura, o nível de preconceito e o nível de ataque é monstruoso, pra gente medir o quanto tem de barbarie, com uma elite de herança escravista... É assustador, eu às vezes olho, e é inacreditável. Então pra mim o blog ele ainda tem esse poder de eu dizer o que eu penso e dar voz e vez pra pessoas, pra grupos que eu tenho certeza que nunca vão estar pautando a grande mídia, a não ser que nós democratizemos a comunicação de verdade. Com 11 famílias dominando, eles não vão ocupar esse espaço (Entrevista Conceição Oliveira).

Além dos dados provenientes das entrevistas, procurou-se, também, verificar se os objetivos dos principais blogueiros ligados ao movimento *BlogProg* estavam expressos em seus próprios *blogs*. Ainda que a maioria deles não explicita de maneira formal esses objetivos, foi possível encontrar tal informação em alguns blogs de extrema relevância no campo, seja na apresentação da página, ou em alguma das publicações analisadas:

O objetivo do *Viomundo* sempre foi o de defender o interesse público e os movimentos sociais, sub-representados na mídia corporativa. Declaramos oficialmente: não recebemos patrocínio de governos ou empresas públicas ou estatais, ao contrário da *Folha*, de *O Globo* ou do *Estado* (AZENHA 2013).

O *Conversa Afiada* pretende levar informação de qualidade e opinião enérgica. É um espaço jornalístico com uma linguagem nova. É uma vocação para a polêmica. Ele preserva duas marcas de seu nome principal, Paulo Henrique Amorim: jornalismo de qualidade, com credibilidade. O *Conversa Afiada* quer ser o que a imprensa tradicional brasileira não é. O *Conversa Afiada* combate o que chama de PiG: o Partido da Imprensa Golpista (AMORIM, 2013).

A linha editorial deste blog, portanto, é formada justamente por esses valores: bom senso, ética e respeito. Acho que assim posso me dar ao luxo de atacar ou defender governos, atacar ou defender opiniões publicadas na mídia corporativa ou nas redes sociais [...] Nem vou entrar aqui em proselitismos ideológicos sobre esquerda e direita, porque, embora eu entenda que há, de fato, diferenças marcantes neste sentido, e que a luta de classes é uma constante, esses termos foram de tal forma vulgarizados, seqüestrados, deformados, que abusar deles não ajudará em nada. Prefiro, além disso, ser mais criativo do que isso. Por outro lado, não vou negar que existe, em toda a América Latina, uma guerra política intensa no campo da comunicação. Esse blog existe por causa disso. Para participar dessa guerra. Não para botar fogo, também não para esfriá-la, mas para tentar transformar essa guerra numa dialética construtiva e democrática [...] Seja como for, estou aqui como profissional, como analista de mídia, então eu tenho que linkar, ler e analisar as matérias publicadas na imprensa, nos blogs e nas redes sociais (ROSÁRIO, 2013).

Com relação ao primeiro trecho, fica claro o posicionamento do *blog* quanto ao objetivo de defender os interesses dos movimentos sociais, que o blogueiro coloca ao lado do que ele classifica como “o interesse público”. Tal declaração, evidentemente, é suficiente para posicionar politicamente tal veículo de comunicação. Já o segundo trecho, referente à apresentação do blog de um jornalista bastante conhecido nacionalmente, possui uma linguagem menos posicionada politicamente e mais próxima, inclusive à linguagem do jornalismo tradicional, por meio do uso de adjetivos tais como “credibilidade”, “informação de qualidade”, “jornalismo de qualidade”, etc. O terceiro trecho, por sua vez, escrito por um blogueiro que também possui formação em jornalismo, opta por utilizar os termos “bom-senso, ética e respeito” como valores que fundamentam sua linha editorial, ao mesmo tempo em que declara que seu objetivo é fazer análise das matérias publicadas na mídia, bem como participar da “guerra” existente no campo da comunicação.

O Blog Cloaca News, por sua vez, conhecido pelo fato de seu responsável publicar textos bem-humorados e contendo críticas bastante acentuadas à mídia tradicional, declara que seu objetivo é “desmascarar a máfia midiática que infesta nosso país” (CLOACA, 2013). Já o Blog do Mello, em sua página de apresentação, afirma que o intuito do blog está relacionado à ação de ir “remando contra a corrente estabelecida” (MELLO, 2013).

Além de se coletar dados a respeito dos principais objetivos buscados por aqueles que participam do movimento *BlogProg*, procurou-se também identificar quais são as principais ações que blogueiros e ativistas digitais colocam em prática como forma de atingir tais objetivos. Nesse aspecto, há dois tipos de estratégias de ações ou estratégias de subversão identificados ao longo do processo de análise. Um deles pode ser classificado como sendo estratégias organizativas que ocorrem não apenas na esfera virtual, mas especialmente por meio de ações *offline* que são levadas a cabo nos diversos encontros ou reuniões promovidos pelos organizadores do movimento e, também, nas decisões que são tomadas nesses mesmos eventos. O segundo tipo de estratégia de ação é aquela de caráter mais micro e mais relacionada à própria atuação dos blogueiros e ativistas digitais na Internet e que podem ser visualizadas cotidianamente em seus textos e/ou publicações. Uma vez que a primeira categoria de estratégias de ação será discutida de forma mais específica no próximo objetivo específico, procurou-se aqui analisar o segundo tipo de estratégias de ação.

Os dados coletados por meio das entrevistas mostram que há diferenças entre o grupo formado pelos blogueiros e o grupo formado pelos ativistas digitais no que tange à maneira deles atuarem na Internet. As respostas abaixo ilustram algumas das principais respostas

provenientes do grupo formado pelos blogueiros. Em sua maioria, esses agentes parecem privilegiar as estratégias classificadas como organizativas. No entanto, eles também mencionaram pequenas ações que ocorrem de uma forma espontânea, sem que elas sejam planejadas ou elaboradas de forma mais sofisticada:

Eu faço veículo, eu sou editor, então eu acho que é assim... A grande ação que a gente faz é tentar produzir produtos de comunicação na Internet [...] e a própria revista impressa, além de tentar participar o máximo possível de organizações que escutam o tema de alguma forma. Eu sou presidente da Altercom, uma associação das pequenas empresas de comunicação, participo de todas as ações com o Barão de Itararé, sou conselheiro, sou solidário ao pessoal do FNDC em todas as suas lutas [...] Mas se você me perguntar se eu planejo as ações, elas são muito na lógica do que a gente vai vendo que tem potencialidades e o que a gente consegue contribuir de algum jeito, a gente vai fazendo (Entrevista Renato Rovai).

Eu comecei a tentar a organizar, eu tenho como foco pegar as redes sociais pra que se tenha efetividade em determinada luta, e eu exercito isso. Eu já chamei cinco manifestações, organizada por algumas das ferramentas que eu tenho. Não é o Alexandre que tá chamando, ou é o Megacidade que tá chamando, ou a fan Page Cidadania Plena ou Cidadania Sim, Pig Nunca mais... E a gente conseguiu agora no meio dessas manifestações, ter uma inserção assim, que foi fantástica. Foi no dia 03 de Julho [...] Era voz corrente em todas essas manifestações a insatisfação com a grande imprensa [...] Nós resolvemos no finalzinho de Junho, eu com o Theo e o Miguel do Rosário, exatamente três blogueiros ligados ao Barão de Itararé... Eu montei a arte e preparei tudo [...] E nós conseguimos botar mil pessoas na porta da Globo (Entrevista Alexandre Teixeira).

Eu uso o humor. Acho que na internet funciona a picardia e o humor, ironia, Às vezes as pessoas não entendem. Por exemplo, eu acho genial o Professor Hariovaldo, não fazer meu blog, fazer só aquilo (risos) Mas, por outro lado, há momentos em que você tem que fazer um debate a sério também, mas o humor às vezes é nos títulos, às vezes é numa sacada, numa fotografia né, então eu acho que funciona... Não o humor obviamente, que eu não sou humorista, mas a ironia, a ironia, a ironia funciona muito, você fazer um ataque, às vezes em vez de fazer um ataque violento, de intimidar, xingar, adjetivar, você usa a ironia, funciona melhor tá entendendo? Eu acho que na Internet funciona muito bem isso (Entrevista Rodrigo Vianna).

Eu acho que hoje para atingir esse objetivo de uma visão crítica a essa mídia tradicional, você tem vários mecanismos. O blog ele é um instrumento, ele é um instrumento, é isso. Então vai lá... Eu tô atualmente com o que? Sete ou oito mil entradas individuais no blog, é pouca coisa né? Sete ou oito mil pessoas que entram diariamente no blog. Ali o que eu tô tentando é, com base numa certa seleção de textos que eu faço da própria blogosfera... a blogosfera tem isso... Ela tem que ser livre, se eu gostei de um texto eu gostei, se eu não gostei eu não replico, é um direito meu.... O blog é meu, o blog é pessoal né? E... Então através de uma certa seleção de textos que eu faço na internet, que eu vou lendo, acho interessante, então eu reproduzo, replico. Através de textos que eu mesmo escrevo, eu tô tentando, o objetivo é esse, alimentar essas pessoas né? E com que elas têm o direito de, ela têm o direito, elas tem o direito de ter uma visão crítica. De discordar das besteiras que eu falo. Então essa é... Essa é um... Agora a... Essa luta, essa trincheira nessa... Nesse combate a ditadura midiática, ele não se dá só no blog né? Eu acho que hoje uma questão fundamental é participar dessa luta mais geral para a democratização da comunicação. Por que é isso, a blogosfera ela é nova, ela é coisa de dez, quinze anos. Não é isso? Redes sociais, essas de maior impacto são novas, vai pegar Facebook, é coisa de seis anos, Twitter é coisa de sete anos. Que são também instrumentos importantes, o blog é um dos instrumentos, as redes sociais ela tem um furor né? É um vírus, botou um, vai espalhando, vai espalhando, vai espalhado né? Eu acho que redes sociais também são, mas só isso não é suficiente, porque a internet ela, essa... Essa... guerra travada na internet é uma guerra

de guerrilhas. Isso é muito pequeninho perto do poder descomunal que tem a mídia no Brasil né? Um poder altamente concentrado, um poder... São sete famílias com um poder, muita influência econômica e política né? E com grande capacidade de manipulação, então eu acho que hoje a luta para atingir esse objetivo não se restringe à militância virtual. Ela tem que se dar numa militância presencial, tem que fazer a pressão para mudar as regras desse jogo, porque na verdade com... Com esse ativismo digital você tá fazendo uma guerrilha contra um exército regular muito poderoso. Então você tem que mexer nesse exército regular muito poderoso. Você teria que regulamentar essa... Para evitar esse processo de monopolização com tanto poderio, hoje a mídia é quase um Estado dentro do Estado. Quase um Estado dentro de um Estado. Então eu acho que são várias frentes que você tem que usar, utilizar, participar para atingir esse intento que eu chamei de... Um combate a essa mídia tradicional (Entrevista Altamiro Borges).

Nos trechos acima destacados, os entrevistados pertencentes ao grupo dos blogueiros estabelecem uma relação direta entre as ações que eles adotam para conseguir atingir seus objetivos principais e a luta pela democratização das comunicações no país. Conforme ficou claro em trechos anteriores, o objetivo principal do grupo formado pelos blogueiros é propiciar uma contrainformação ao que a mídia tradicional divulga e, conseqüentemente, lutar para que o campo das comunicações seja democratizado. Nas próprias palavras de um dos entrevistados, “a mídia é quase um Estado dentro do Estado” por conta do poder que ela acumulou ao longo do tempo, da capacidade de manipular informações e, principalmente da concentração de veículos de comunicação em poucas famílias. Uma vez que os blogueiros acima entrevistados são precursores do movimento *BlogProg* e dele participam ativamente como organizadores, é natural que eles assumam individualmente tais objetivos, já que a democratização da mídia é o objetivo estipulado formalmente pelo movimento.

Sendo assim, ainda que esses indivíduos sejam bastante reconhecidos dentro do movimento por conta de suas atuações como blogueiros, suas estratégias de ação estão mais concentradas em ações de caráter mais macro que ocorrem presencialmente do que na própria blogosfera. Isso é evidenciado quando um dos entrevistados afirma, por exemplo, que ele procura “tentar participar o máximo possível de organizações que escutam o tema de alguma forma” e cita, como exemplo, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. O mesmo ocorre no quarto trecho, em que o entrevistado afirma “que hoje a luta para atingir esse objetivo não se restringe à militância virtual”, mas que “ela tem que se dar numa militância presencial”, com o intuito de “fazer a pressão para mudar as regras desse jogo”.

Entretanto, pequenas ações cotidianas também foram mencionadas por parte de blogueiros, como ficou claro, por exemplo, na fala do blogueiro Rodrigo Vianna, que afirmou que na Internet o humor e a ironia funcionam muito bem. Ou nas palavras do blogueiro Renato Rovai, que ainda que tenha também mencionado práticas mais organizativas, como a

participação em organizações que lutam pela democratização da mídia, também foi enfático ao afirmar que ele não planeja suas atuações, e que elas acontecem com base no que “a gente vai vendo que tem potencialidades e o que a gente consegue contribuir de algum jeito”.

Com relação aos entrevistados pertencentes ao grupo dos ativistas-digitais que atuam nas redes sociais, as respostas com relação às estratégias de subversão por eles adotadas foram mais variadas do que aquelas dadas pelos blogueiros, uma vez que eles parecem centrar suas preocupações justamente em ações de caráter mais micro que ocorrem na própria esfera virtual e menos na esfera presencial. Assim, seguem abaixo alguns trechos que mais chamaram a atenção ao longo do processo de coleta de dados com relação à maneira por meio do qual os ativistas digitais buscam alcançar seus objetivos, juntamente com algumas imagens que tais ativistas costumam compartilhar em seus perfis nas redes sociais e que estão associadas ao que eles declararam nas entrevistas:

Transformar numa linguagem bem acessível [...] É facilitar aquilo ali, transformar aquilo numa coisa, pelo menos sei lá suportável. Eu acho que o meu é esse, o que eu puder transformar numa coisa acessível vou transformar [...] Facilitar, como a televisão não faz pros caras entendeu? Não adiante a gente ficar super técnico na blogosfera, não vale... Não... A pessoa perde o saco de te ler, não vai ler. Se você não der uma mexida ali, você perde o seu tempo e o das pessoas e não surte efeito nenhum. Não vale a pena (Ativista 3).

Olha, em geral eu postava coisas através de email e pessoas que tinham blogs repercutiam. Muitas vezes eu ate nem tinha noção, descobri um monte de blogs com coisas que eu tinha escrito, que eu nem imagina. Alguns até pediam licença pra reproduzir, mas a grossa maioria não. Mas eu não tenho mais postado, depois do Facebook, pra ser sincera, nunca mais escrevi texto nenhum, agora é basicamente o Facebook, só [...] Eu por exemplo, mesmo que uma pessoa fale um absurdo, e que seja uma tremenda baixaria, eu não uso esses termos, eu não falo: você é um idiota, você é um imbecil. Porque eu acho que ninguém gosta de ser chamado de idiota e imbecil e ele não vai dar a mínima bola pro que você falar. Então eu tento falar de uma forma, assim, muito delicada, entendeu, mostrar que ele está equivocado, mas sem atacá-lo, porque eu acho que essa é uma estratégia pra pessoa me ouvir. Também, através de listas de distribuição, por exemplo... Primeiro, os grupos que eu pertenco são grupos de pessoas que pensam mais ou menos como eu... Então, sei lá, eu tive acesso a alguma informação que eu acho que as pessoas não vão ter [...] ai eu distribuo. Agora, tem os amigos e familiares e tal que, ou eu distribuo textos porque eu sei que ele não tem acesso porque não estão vinculados a nenhum... Ou que são descaradamente de direita e eu tento ficar subvertendo de alguma forma (risos) ou então porque são de esquerda e eu quero dar subsídios pra eles pra quando eles precisarem, poderem usar. Então são basicamente matérias que eu acho que vão dar subsídios pra essas pessoas, ou então, que vão mostrar pros outros que existe uma outra forma completamente de pensar, que não a que eles pensam (Ativista digital 8).

Figura 7: Imagem reproduzida por ativista digital



Fonte: Facebook

Eu durmo às três horas da manhã e acordo às seis, porque às três horas eu tenho as primeiras notícias saindo pro noticiário, e às seis chega a maioria dos emails, dos assuntos que vão correr o dia. Eu escolho quatro temas e jogo ali... A imagem às vezes não tem correlação com o assunto em foco, mas é um indutor do assunto. Então eu tenho, sim estratégia. E aí entro às vezes com evasiva, ou com palavrão, ou com uma besteira, e já começo a sensibilizar, e aí ao longo do dia eu vou captando novas mensagens de assuntos correlatos, até que desemboque num grande ou pequeno debate, aí isso pode virar uma *tag*, que aí já será uma campanha, ou pode virar um debate que vai gerar conteúdos. Aí os caras que tão discutindo, vão produzir os conteúdos baseados naquele debate. E aí no outro dia eu já terei mais assuntos para debater na rede. Eu digo que eu sou um traficante de informação. O pessoal que produz conteúdo me municia para que trafique essas informações, aglutine os produtores dessa informação e gere novos conhecimentos [...] Eu também trabalho basicamente com humor [...] Se o jornalismo ele é o *broadcast*, ele pega uma mensagem pra divulgar para a massa, na internet você fala pessoa a pessoa, ele é coloquial. Então esse é o segredo, todo mundo corre atrás e ninguém assume [...] Outra necessidade que tem a rede é ter as pessoas que pegam essa massa de informação formal e traduzem isso pra massa que quer só bater papo. E aí eu pego frases, eventos, traço links, e entro com uma graça com humor, com palavrão, com alguma coisa, como se eu tivesse num boteco, num grande boteco (Ativista digital 1)

Figura 8: Imagem reproduzida por ativista digital



F
Fonte: Facebook

Figura 9: Imagem reproduzida por ativista digital



CULTURA REGIONAL

Quase 90% da programação de TV é produzida pelo eixo Rio-São Paulo. Apenas 10,8% da programação é dedicada à produção local.



paraexpressaraliberdade.org.br

Fonte: Facebook

Na verdade eu sou um disseminador. Eu não escrevi, vou deixar bem claro. Eu já escrevi algumas coisas, sou jornalista de formação, mas eu sou disseminador, isso é a minha função dentro da blogosfera. O meu Facebook, ele tem matérias de comportamento, ele tem animais, imagens, eu sou apaixonado... É o meu trabalho, adoro imagens, e tem a política. O cerne do meu Facebook, do meu Twitter, é a política. Não só... Eu acho que não adianta você ser aquele: ah, é só política, é só política... eu não, a minha estratégia é tentar ... De misturar um pouco todas essas matérias, desde comportamento, política, educação, fazer um meio campo pra não ficar restrito a... Eu só vou falar de PT, eu só vou falar de governo Dilma, eu só vou falar de Lula... Eu falo, e muita... Todas as notícias boas eu divulgo, mas não só... Porque as pessoas não vivem só de política. Apesar de nós sermos políticos, mas não é só notícias de interesses políticos, eu acho que a gente tem que mudar um pouco essa... essa é minha estratégia que eu procuro usar (Ativista digital 2).

A gente tenta ver essa questão de equilibrar o que o Azenha qualificava lá atrás como as lacunas da grande mídia. Então por exemplo... A grande mídia não noticia o que o governo faz. E em esfera nenhuma, e não só o Executivo. Então é importante você dizer o que o Legislativo ta discutindo, né, o que o governo ta propondo, quais são os editais que tão na rua... Enfim... Nessa cabeça de transparência que ta tendo e tudo, é importante justamente... A gente não tem uma regra escrita... Mas você no Facebook, que hoje é a principal, ferramenta, até porque do Facebook você consegue irradiar pro Twitter, enfim... Você consegue ter mais coisa acontecendo ao mesmo tempo... Você pode botar o Twitter automático, por exemplo... Então você pode testar muitas coisas assim, diferentes... pra passar pras outras pessoas... É importante não só abrir os olhos das outras pessoas, mas também instrumentar elas... No movimento do Rio a gente tem um bom exemplo... Uma pessoa que não sabia sequer como postar alguma coisa na Internet, nem mandar um email e nem ter um blog... Como é que eu vou ser lido? Ele virou pra gente e perguntou isso e agora é o cara que representa a gente, que viaja, faz reportagens, escreve maravilhosamente bem... E temos vários outros perfis de pessoas, cada personagem tem um estilo. Eu tento me enquadrar e a gente cada dia acaba que vai enxergando, até por causa da própria pauta daquele próprio dia que vai surgindo, você cada dia acaba tendo atuações distintas em função de sua disposição, de como tá o clima da rede... Tem dias que o pessoal tá muito parado e precisa dar uma sacolejada. Tem dias que o pessoal tá muito nervoso e é bom acalmar... Vetar uma situação... Por exemplo, o pessoal ainda se apavora muito com a Veja. É uma besteira, a Veja já comprovou que não tem como causar barulho, entendeu, é facilmente debochável, é a saída principal... Não entrem em histeria coletiva, né, e aí começam inclusive a te xingar você vê reações muito loucas, muito insanas, muito aceleradas, assim, e cobrando essas respostas e não sei que, e às vezes a pessoa que sofreu uma acusação grave... Isso é uma coisa importante também no trabalho de conscientização, é você separar o que opinião do que é acusação. Opinião vai no limite de você adjetivar uma pessoa [...] Agora quando você difama uma pessoa, faz uma acusação, como você é ladrão, você não tá mais adjetivando a pessoa, você passou a acusar de uma coisa que cabe prova, enfim... E isso, a gente inclusive passa pras pessoas pra evitar isso, inclusive na hora de acusar os adversários, de você tratar no limite da ironia... é importante um humor, quando a gente chama um Bem vindo ou um Zé de Abreu prum encontro e dá o horário nobre do encontro pra eles, que foi num Sábado à noite, final do dia, é pra dizer pras pessoas o seguinte... O humor é essencial... você ser sério, repetitivo, na área acadêmica funciona.. Numa rede social o cara tá num tablet deitado, né, ele não quer se estressar, ele quer rir, quer se descontraí... Então o chargista é bem vindo, o cara que produz vídeos e é engraçado ele é interessante, enfim, outras expressões, fora o texto, são fundamentais... Até mesmo pela velocidade que tem, você às vezes no mesmo minuto no Facebook consegue postar 5, 6 coisas. A velocidade que você tem em capacidade de disseminar coisas interessantes e que tem motivações diferentes, que se combinam muitas vezes... Eu não esqueço minhas causas locais, né, por exemplo... [...] O movimento dos blogueiros tem focado muito na questão dos jornalistas, na causa das comunicações... A gente tem outras causas, muitas outras pra discutir [...] Discutir filosoficamente o próprio movimento. (Ativista digital 7).

Figura 10: Imagem reproduzida por ativista digital



Fonte: Facebook

Figura 11: Imagem reproduzida por ativista digital



Fonte: Facebook

Quando começou a batalha pela mídia na Argentina, no último ano, quando teve a lei das mídias, aí eu pensei: bom, a mídia tá jogando como se fosse uma coisa assim, que promove a censura. Aí meu plano de ação era: pegar as características da lei, procurar, fazer a comparação dessa lei com a brasileira, comparar com a dos outros países da América Latina, e até de outros países como a Inglaterra, que teve recentemente uma lei de mídia. Eu pesquisava, botava a lei, fazia um desenho no infográfico, pra mostrar pras pessoas que não é verdade que é uma censura, na verdade é uma democratização. Então eu tinha um plano de ação na lei da mídia. Agora, o conteúdo que eu produzo é muito a partir do que está escrito em blogs, como o Azenha, Miguel do Rosário e outros blogs. Aí eu pego o que eles estão colocando e eu tento apresentar de outra forma, em forma de imagem, e em forma de conteúdo, em que a pessoa consiga entender, divulgar, de forma rápida. Porque a gente vê na Internet que é tudo na hora, não quer ler um texto... a mídia social é pra pessoa mais preguiçosa (risos). Aí a gente acaba pegando.... O Azenha posta um texto assim enorme... Aí eu tenho que produzir

uma imagem a partir daquilo pra que a pessoa tenha pelo menos o básico, tenha curiosidade de olhar a legenda, o texto completo. Aí, por exemplo, na lei das mídias, é isso. A lei é enorme, eu vou, traduzo em imagens pra pessoa poder compartilhar pros outros, pros outros entenderem. (Ativista digital 6).

Fica evidente, portanto, que as estratégias utilizadas pelos ativistas digitais para o alcance de seus objetivos são bastante variadas, mas algumas delas são comuns a quase todos os entrevistados. Como pode ser percebido nos trechos, alguns ativistas privilegiam em suas atuações elementos como a imagem e a linguagem, uma vez que estes são centrais para a compreensão por parte do leitor sobre o tema que eles consideram importantes ser trazidos para a discussão. Assim, enquanto um deles costuma transformar o texto em uma “linguagem bem acessível”, uma vez que não é possível “ficar super técnico na blogosfera”, outro ativista considera que, ao apresentar grandes textos em forma de imagens e facilitar seu conteúdo por meio de uma linguagem que seja mais acessível, os leitores poderão entender, compartilhar e divulgar “de forma mais rápida”. Um deles, aliás, diz que nem sempre a imagem possui relação direta com o conteúdo, mas que ela funciona como uma “indutora do assunto”. A ponte entre tais elementos e à velocidade das redes sociais, aliás, também foi feita por outro ativista quando este afirmou que “outras expressões, fora o texto, são fundamentais” até mesmo pela velocidade que tem, já que “você às vezes no mesmo minuto no Facebook consegue postar 5, 6 coisas”.

Outro aspecto que chama a atenção na fala dos ativistas digitais é o fato de que a maioria deles costuma reproduzir o conteúdo dos agentes que são referências na blogosfera, ou seja, os blogueiros-jornalistas e os blogueiros-ativistas, o que não impede que um novo conteúdo seja gerado a partir das discussões que são feitas com base nessas reproduções. Dessa forma, um dos ativistas afirma que costuma monitorar as notícias que saem já a partir da madrugada e que ele costuma jogar nas redes sociais as tags que estão relacionadas aos temas que ele selecionou. Assim, ele se define como “um traficante de informação”, já que, em suas palavras, “o pessoal que produz conteúdo me municia para que trafique essas informações, aglutine os produtores dessa informação e gere novos conhecimentos”. Outro ativista digital se auto-define como um “disseminador de conteúdo” e que esta é a sua função na blogosfera. Dois ativistas digitais bastante atuantes no campo deixaram claro, inclusive, que na época em que as listas de e-mails eram mais utilizadas, eles costumavam produzir conteúdo, mas que a partir do advento das redes sociais eles passaram a focar suas atuações no compartilhamento ou na reprodução de textos escritos pelos outros agentes.

Uma das razões que parece explicar essa mudança de prática está relacionada justamente à própria velocidade das redes sociais, que faz com que o indivíduo “no mesmo minuto no Facebook consiga postar 5, 6 coisas”. Uma vez que a escrita de um texto leva um certo tempo para que possa ser feita e os ativistas sentem a necessidade de compartilhar diversos assuntos em seus perfis nas diferentes redes sociais, é natural que estes prefiram diminuir a prática da produção de textos e privilegiem o compartilhamento dos conteúdos escritos por aqueles que dedicam grande parte de seu tempo à tal função, como é o caso dos blogueiros. Dessa forma, o que se percebe é que, ainda que de forma indireta, os diferentes grupos que atuam na blogosfera exercem papéis diferenciados que acabam por ser complementares uns aos outros. Enquanto os agentes-blogueiros são os grandes produtores de conteúdo dentro do campo, os agentes ativistas digitais são aqueles que promovem uma ampla disseminação desse conteúdo nas redes sociais por meio de formas diversas, além de, evidentemente, comentarem tais publicações nos próprios blogs que eles freqüentam.

Foi observado também ao longo da coleta dos dados por meio da observação online que uma estratégia de ação bastante comum por parte dos ativistas digitais críticos à mídia tradicional e que costumam interagir com os blogueiros pertencentes ao movimento *BlogProg* é uma auto-articulação mais explícita que ocorre de tempos em tempos na blogosfera. Uma das mais recorrentes é o ato de protestar contra algo ou apoiar alguém ou alguma situação por meio de tuitos, sendo estes um tipo de campanha virtual feita no twitter em que milhares de usuários dessa rede social utilizam a mesma hashtag simultaneamente como forma de chamar a atenção para algum assunto específico. As *hashtags* são palavras-chave relacionadas ao assunto antecedido pelo símbolo # e que se convertem em hiperlinks por meio dos quais é possível que outros usuários realizem buscas sobre aquele assunto. Na rede social twitter, há um espaço em que é possível visualizar as hashtags mais utilizadas em cada país ou a nível mundial (os chamados *trending topics*). Nesse sentido, foi possível observar ao longo do período de coleta de dados que constantemente ativistas digitais que atuam na blogosfera política alternativa obtiveram sucesso em levar algumas hashtags para o *trending topics* do twitter, muitas vezes sem que nem mesmo esses ativistas tivessem se organizado para tal.

Como exemplo, podem ser citados o tuitos ocorrido em novembro de 2013 em favor da aprovação do marco civil da Internet e da neutralidade na rede. Outro protesto virtual que mereceu destaques por parte de vários veículos da mídia alternativa e também de alguns veículos da mídia tradicional foi um tuitos realizado em maio de 2012 que recebeu a hashtag #VejaComMedo e que ocupou o primeiro lugar nos *trending topics* do Brasil e também do

mundo. Esse protesto surgiu em função de uma publicação da Revista Veja na qual acusava os ativistas digitais de serem “insetos”, “robôs” e “petralhas amestrados” (em função do termo “petralha” utilizado pelo colunista e blogueiro da Veja, Reinaldo Azevedo, para referir-se a petistas ou a simpatizantes do partido). A acusação da revista se deve ao fato de que, naquele momento, havia uma possibilidade concreta de se convocar um jornalista da revista para depor na CPI do Cachoeira, este um bicheiro envolvido em diversas irregularidades que deram origem a diferentes escândalos políticos, inclusive no escândalo do chamado mensalão. Como se descobriu, por meio de vazamentos da investigação que estava sendo feita pela Polícia Federal naquele momento, que esse jornalista mantinha contatos frequentes com o bicheiro investigado, contatos estes que foram encarados por muitos como trocas de favores entre ambos, diversos blogueiros e ativistas passaram a tentar exercer pressão para que sua convocação ocorresse. Ainda que ela não tenha ocorrido, tal fato acarretou em uma intensa troca de acusações entre a *Veja* e os blogueiros e ativistas, que resultou, nesse sentido, no tuitaço contra a revista.

4.3.4. Interação entre Blogueiros e Ativistas Digitais

Procurou-se descobrir, também, de que maneira os blogueiros e ativistas digitais se inter-relacionam ou interagem no interior do movimento ou da blogosfera. Para isso, foram analisados os dados coletados por meio das publicações encontradas nos blogs aqui estudados e, também, das entrevistas.

Corroborando outros elementos já discutidos em tópicos anteriores, parece ser possível afirmar que há dois tipos de interação que ocorrem entre os agentes pertencentes ao BlogProg ou a blogosfera política como um todo.

No caso dos agentes pertencentes ao grupo dos blogueiros, o primeiro tipo de interação é aquele que ocorre no âmbito da própria esfera virtual e que ocorre por meio: a) das constantes menções que eles fazem uns aos outros em seus blogs; b) da reprodução por parte de um blogueiro de textos escritos por outro blogueiro que possui certa afinidade com o pensamento do primeiro e; c) por meio dos diferentes *links* inseridos nos blogs de tais agentes que, na realidade, são em sua maioria mais ou menos os mesmos, o que contribui para a maior institucionalização desse mesmo conjunto de blogs ou sites. Já o segundo tipo de interação está relacionado aos encontros nacionais e estaduais promovido por blogueiros e ativistas

digitais ou ao outros eventos considerados importantes por estes agentes. Em suas falas, a maioria dos blogueiros destacou o segundo tipo de interação.

Já no caso dos agentes pertencentes ao grupo dos ativistas digitais, parece ser possível afirmar que a interação entre eles ocorre, em primeiro lugar, na própria esfera virtual, onde compartilham entre si textos, mensagens e imagens e, em segundo lugar, nos eventos formais e informais que eles também costumam frequentar. Conforme já mencionado anteriormente, os ativistas digitais possuem preocupações e formas de atuação bastante diversas uns dos outros, o que faz com que alguns deles freqüentem mais os eventos do campo e outros raramente compareçam a esses eventos. No entanto, pode-se afirmar que a visão política de caráter mais militante e o incômodo gerado pela situação de concentração dos grandes grupos de mídia no campo da comunicação no país são elementos que servem como elo na atuação desses indivíduos e que, portanto, auxiliam no sentido de criar certa identidade entre eles.

Com relação aos dados coletados por meio das entrevistas feitas com os blogueiros que pertencem ao movimento, as principais respostas foram destacadas por meio dos trechos abaixo e corroboram a afirmação feita acima, qual seja, a de que os encontros formais promovidos pelo movimento e a menção recíproca entre eles em seus blogs são as formas mais comuns de interação por parte deste grupo de agentes:

Acho que a interação, ela sempre se deu quando eu não tinha o blog. As besteirinhas que eu escrevia eu mandava por e-mail para quem eu me relaciono, na área de jornalismo na... Nos sites, e vários deles replicavam o que eu escrevia né? A partir do blog isso facilita e como eu também replico muita coisa, muita gente também replica o que eu escrevo. Isso cria uma relação, troca de e-mails né? Troca de mensagens. Eu acho que a relação se aprofundou quando ela adquiriu um pouco mais de organicidade né? Que foi o que? Com a fundação do Barão de Itararé, de Maio de 2010. Por sugestão do Luiz Carlos Azenha, que é um grande jornalista brasileiro do blog Vi o Mundo. Nós vimos o seguinte, pô bicho nós tamo escrevendo o blog, tamo fazendo um comentário, tamo participando das redes sociais, mas não nos conhecemos. Então vamo tentar sair do mundo virtual para o mundo presencial para se conhecer pelos menos na cara, para trocar idéia. E isso levou à realização daquele primeiro encontro nacional de blogueiros. Que foi realizada em São Paulo, em... Junho de 2010. Dois meses de, não... Agosto de 2010. Três meses depois da fundação do Barão nós organizamos aquele Encontro de Blogueiros. Esse foi um momento importante pra criar uma relação maior, por que realmente nós... Foi até uma cena bonita, por que de repente começou a chegar no Sindicato dos Engenheiros pessoas que viviam trocando e-mail e viviam retuitando o que o outro escrevia e viviam um pegando do outro texto para... Mas que não se conheciam, eu não conhecia naquele encontro dos Engenheiros, eu não conhecia... Acho que de 300 pessoas eu não conhecia 280 né? Então aquele foi um momento muito interessante bem de intercâmbio, que você está chamando de intercâmbio ali marca uma nova fase (Entrevista Altamiro Borges).

Isso começou comigo... por exemplo... eu não tinha muita relação até esse caso do Movimento dos Sem Mídia em 2007. Eu tinha conhecido jornalistas do Estadão no passado porque eu enviava cartas [...] O que acontece? Eu comecei a me afastar dessa

imprensa quando o Lula chegou ao poder até 2004, por aí, eu até mantinha uma relação com esses jornalistas, era publicado, eles me convidavam pra muitos eventos, principalmente na Folha. Quando chegou 2005 e teve o escândalo do mensalão eu comecei a me opor... Falei per aí... Porque eu até tava numa linha... Inclusive no começo do governo Lula eu tava um pouco crítico, e tal, porque eu achei que o governo tava um pouco mais à direita do que eu esperava. Só que quando chega o negócio do mensalão lá eu falei, pô, per aí, assim não, vocês querem derrubar o governo, vamos ver o que ta acontecendo, tal, e me cortaram... E aí eu fiz o blog, e eu comecei... praticamente não existiam outros blogs, existia muito pouca coisa... O meu blog começou a circular muito com aquele negocio de 2007 do Movimento dos Sem Mídia lá dentro da Folha, e uma pessoa que ficou me conhecendo através da blogosfera, uma das pessoas, foi o Luiz Carlos Azenha. E aí ele começou a entrar em contato comigo, ele tinha criado um blog, eu escrevia e ele botava no blog dele, aí começamos a nos falar por telefone, aí através dele eu conheci outros jornalistas, ao mesmo tempo processos parecidos aconteceram com outros jornalistas, como o Luis Nassif, o próprio Paulo Henrique Amorim, tal, até que um dia, “vamos fazer uma reunião aí, pra se encontrar todo mundo”, a gente começou a se encontrar inclusive lá no Sujinho. E aí surgiu da parte do Azenha uma idéia de um encontro de blogueiros, para unir blogueiros de todo o país, que ele se baseou num encontro semelhante que houve durante a campanha do Obama, porque ele era correspondente da Globo em Nova York, o Azenha. E ele presenciou esse movimento de blogueiros que surgiu nos EUA com o Obama e teve a idéia de fazer a mesma coisa aqui. Então montamos uma comissão organizadora de um movimento de blogueiros progressistas, então quem era? Era eu, o próprio Azenha, o Rodrigo Viana, Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Altamiro Borges, Renato Rovai, a Conceição Leme, a Conceição Oliveira (a Maria Frô) e é isso, eram esses. E aí nos reunimos, aí como é que faz, o dinheiro, e não sei o que, e tal, e aí conseguimos organizar, principalmente com o Miro, porque o Miro jogou um pouco o peso do PCdoB nessa empreitada, e aí a gente conseguiu fazer o primeiro encontro de blogueiros e aí a coisa foi acontecendo, aí logo chegou o Leandro Fortes, da Carta Capital, e assumiu a gente, e aí começou a ampliar a interlocução, e aí a própria dinâmica da blogosfera, né. Você vai conhecendo (Entrevista Eduardo Guimarães).

Assim, o primeiro blogueiro inicia sua fala ressaltando que a interação entre ele e os demais agentes do campo existia mesmo antes que ele tivesse criado seu blog e, também, que “a partir do blog isso facilita e como eu também replico muita coisa, muita gente também replica o que eu escrevo”. Fica evidente mais uma vez, que a reprodução de textos é uma das principais características que marcam a blogosfera política no Brasil, sendo que tal prática, levada a cabo não apenas pelos ativistas individuais, mas, também, pelos próprios blogueiros, contribui substancialmente para o fortalecimento das relações entre os agentes do campo. Tal característica, portanto, está associada ao que aqui se assume como o primeiro tipo de interação descrito mais acima.

Já o segundo tipo de interação, ou seja, aquele associado aos encontros e eventos promovidos no campo, foi privilegiado na fala de todos os entrevistados pertencentes ao grupo de blogueiros. Tal tipo de interação, portanto, é considerado aqui como a principal forma de relacionamento levada a cabo nesse espaço que permitiu uma maior institucionalização do movimento e, portanto, da blogosfera política. Destaca-se, nesse sentido, a fala do blogueiro Altamiro Borges de que “a relação se aprofundou quando ela

adquiriu um pouco mais de organicidade”, a partir da “fundação do Barão de Itararé, em maio de 2010”. O blogueiro Eduardo Guimarães, por sua vez, também compartilha da idéia de que o aprofundamento da relação entre os agentes do campo ocorreu especialmente a partir do momento em que o movimento foi formalizado ao afirmar que “a gente conseguiu fazer o primeiro encontro de blogueiros e aí a coisa foi acontecendo {...} e aí começou a ampliar a interlocução, e aí a própria dinâmica da blogosfera”.

A fala dos ativistas digitais, por sua vez, se assemelha em muitos aspectos à fala dos blogueiros aqui entrevistados. Entretanto, enquanto os agentes pertencentes ao grupo de blogueiros ressaltaram em seus discursos os eventos formais promovidos pela blogosfera, os agentes pertencentes ao grupo de ativistas digitais privilegiaram a interação que decorre da própria dinâmica da esfera virtual, além dos encontros informais que eles realizam em diversas ocasiões.

Também, parece que, mesmo que esses ativistas em sua maioria se identifiquem com o *BlogProg* e até mesmo dele façam parte de alguma forma, a participação nos eventos formais promovidos pelo movimento não parecem ser objeto de grande preocupação por parte desses indivíduos, ainda que muitos deles tenham participado de alguns dos encontros nacionais ou estaduais ocorridos desde que o movimento foi criado. No entanto, ainda que nem todos os entrevistados participem ativamente dos encontros formais, muitos afirmaram que eles são “particularmente importantes”, não apenas pelo fato de ser o momento em que os participantes do movimento “formulam suas estratégias conjuntas” e avaliam os “resultados que o movimento conseguiu alcançar” e quais ainda estão por ser atingidos, mas também porque são oportunidades para que indivíduos que até então não se conheciam pessoalmente, possam estabelecer relações de amizade fora do âmbito virtual. Os trechos abaixo ilustram o pensamento de alguns desses entrevistados:

Quando não são os encontros de blogueiros... Quer dizer, tem alguns que eu até por acaso me tornei amiga (...). Mas em geral é através da internet mesmo, ou então no encontro dos blogueiros nos quais a gente se encontra e aí, pó, se esbarra, bate um papo, então ela se torna amiga ou amigo.... Mas em geral, é pela internet mesmo (...). Eu tenho... O BlogProg, eu já fui há três encontros e tem, assim, grupos que acabam se formando de alguma forma, como por exemplo esse grupo que a gente tá formando pra discutir política e tal, então tem alguma ação assim de grupos diferentes que eu to frequentando (Ativista Digital 8).

Primeiro, tem essa relação que, por ser interpessoal, ela não é de um divulgador como o Azenha, como o Nassif, né, que são grandes produtores, então eles não entram no debate direto no tête-à-tête, mas são grandes produtores de conteúdo, então têm seu espaço privilegiado (Ativista digital 1).

Tudo o que eles fazem eu quero ir pra prestigiar. Não vou pra falar no palco, não vou pra nenhum projeto pessoal nem pra mostrar... É muito pra... Alguém tem que ser a platéia, então eu sou a platéia ali, to ali pra bater palma, a não ser que falem mal do meu governo, aí eu não admito não, mas se tiver defendendo eu to ali batendo palma pra eles., porque eles foram fundamentais, porque a gente não tem ninguém. Porque o PT não tem ninguém, é toda uma mídia contra nós, e às vezes até mesmo essa mídia mais progressista, ela também é muito crítica [...] Eu me identifico com o movimento, me considero parte, mas à parte... Porque a primeira coisa que eu sou é petista, uma militante do PT, depois eu sou leitora dos blogueiros, mas crítica, deles eu sou crítica (Ativista digital 4).

Entretanto, o interesse de frequentar algum tipo de evento por parte de vários desses ativistas digitais entrevistados parece ser maior quando tal encontro está relacionado a manifestações políticas que estejam relacionadas a pautas pertencentes a uma agenda política de esquerda.

Assim, alguns dos ativistas mencionaram protestos divulgados na blogosfera política alternativa tais como uma manifestação de repúdio ao golpe institucional contra o presidente Fernando Lugo ocorrida em frente ao consulado do Paraguai em Junho de 2012. Além desta, outras manifestações foram mencionadas, tais como aquelas que tinham como pauta a defesa da democratização da mídia ou críticas dirigidas à própria mídia corporativa. Um dos ativistas digitais, por exemplo, lembrou-se de uma manifestação ocorrida no vão do Museu de Artes Modernas de São Paulo, promovida pela organização não-governamental *Movimento dos Sem Mídia* que, por sua vez, é liderada pelo blogueiro Eduardo Guimarães (um dos precursores do movimento *BlogProg*), e cujo título era Ato Público Contra a Corrupção da Mídia. Um segundo ativista digital recordou-se de um ato político contra o monopólio da mídia que aconteceu em frente à Rádio Globo, no Rio de Janeiro, e que se deu em paralelo ao Encontro Estadual de Blogueiros Progressistas do Rio de Janeiro no ano de 2011. Ainda, outro entrevistado ativista mencionou uma manifestação organizada pelo Barão de Itararé no Rio de Janeiro no ano de 2013 que teve como objetivo protocolar no Ministério Público documentos que comprovariam a sonegação de quase R\$ 1 bilhão de reais por parte das Organizações Globo ao Fisco Federal. Tal ação visou, nas palavras desse ativista, pressionar o órgão para que este abrisse uma ação com o intuito de investigar o caso.

É importante, também, chamar a atenção para o fato de que, ainda que grande parte dos ativistas digitais entrevistados tenha enfatizado em suas falas a interação mais espontânea que ocorre graças à dinâmica da própria esfera virtual, conforme relatado acima, um grupo de ativistas relatou ter participado de quase todos os encontros nacionais e, também, dos encontros de suas respectivas localidades, sendo que um deles relatou inclusive “promover” tais eventos. No entanto, é importante frisar que tal grupo é formado por ativistas que também

exercem papéis organizativos ou que possuem algum tipo de cargo dentro do próprio movimento. A coleta de dados feita a partir da observação da blogosfera, inclusive, indica que este grupo de ativistas digitais, de uma maneira geral, é mais conhecido no campo e costuma interagir com um número maior de pessoas do que outros ativistas, o que, portanto, está relacionado a um acúmulo de papéis que resulta da soma de ativismo na esfera virtual com atuação mais organizativa com vistas a fortalecer o próprio movimento ao qual eles pertencem.

Também, vale a pena mencionar o relato de um ativista digital que, ao ser questionado a respeito de sua interação com outros militantes, acabou por estabelecer uma relação entre a possibilidade de estabelecer tal inter-relação e o prejuízo ao exercício de liberdade em que ele poderia acarretar como fica claro em sua fala abaixo:

Fora da internet com pessoas que eu conhecia antes. Ou pessoas que eu conhecia já em 2005 porque aí não tinha muita opção, a Internet, a blogosfera ainda não era desse tamanho, a gente tinha que se encontrar, então conheço muita gente naquele período. De lá pra cá não, pouca gente, não costumo interagir não, não conheço quase ninguém, se você me perguntar, conheço pouquíssima, são pessoas de sempre. Acaba que sim, você conhece mais de uma pessoa, enfim, mas... É meio assim, eu acho que eu tenho que ficar independente. Eu quero ser livre pra falar o que eu quiser, na hora que eu quiser, eu não quero me sentir vinculada, até pra não me atrapalhar. Eu acho que na rede, primeiro tem que ter muito cidadão pra depois ver o que a gente vai fazer. Depois a gente se organiza de outra forma, eu não sei (Ativista digital 3).

Entretanto, ao ser perguntado se há algum evento promovido pela blogosfera política do qual ele participe, o mesmo ativista digital admitiu a possibilidade de comparecer caso isso seja compatível com seus recursos financeiros, mas condicionou sua presença ao local de realização do encontro, como exposto no trecho abaixo:

Sempre que tiver e que eu puder ir, eu vou. Aos eventos eu vou. Porque eu acho que também é legal, a gente acaba... e não sabe o que vai sair daí. De repente vai sair um grupo novo, um outro tipo de organização, né, diferente, talvez os partidos não estejam mais, não estejam mais dando conta do que tá acontecendo. Eu acho que vai vir a hora da blogosfera ter a sua representação (...) Então tudo que eles fizerem, se eu puder ir, eu vou... Agora, é lógico, se for fora do Rio, aí, já complica porque você tem que fazer um investimento. Não tenho, não faria, eu acho que a coisa vai andando devagarinho, vai chegando onde estão as pessoas, né. (Ativista Digital 3).

Ainda que nem todos os ativistas digitais tenham sido tão explícitos quanto o entrevistado acima quanto a não-necessidade de se comparecer regularmente aos eventos promovidos pelo movimento *BlogProg*, uma vez que “a coisa vai chegando onde estão as pessoas”, o fato é que muitos desses ciberativistas, como mencionado anteriormente, parecem colocar a interação *online* e outros tipos de encontros como eventos mais centrais em seus cotidianos. No entanto, todos eles reconheceram a importância de se realizar os encontros formais. De acordo com um

entrevistado, tais encontros são particularmente importantes, não apenas pelo fato de ser o momento em que os participantes do movimento “formulam suas estratégias conjuntas” e avaliam os resultados que o movimento conseguiu alcançar e quais ainda estão por ser atingidos, mas também porque são oportunidades para que indivíduos que até então não se conheciam pessoalmente, possam estabelecer “relações de amizade” fora do âmbito virtual.

Por fim, as palavras do ativista digital 3 destacadas acima também parecem indicar que mesmo aqueles indivíduos que optam por não se vincular ao movimento BlogProg de forma mais direta (apesar de possuírem algum tipo de identificação com ele) ou que interagem em menor grau com outros agentes do campo, acabam por acumular capital social que advém da interação com outros ativistas digitais na própria esfera virtual ou nos encontros não ligados diretamente ao movimento. Nesse sentido, é particularmente interessante o fato de que, mesmo que esse mesmo ativista tenha ressaltado em sua fala que não costuma interagir e que não conhece quase ninguém, a não ser as mesmas “pessoas de sempre”, seu nome foi mencionado ao longo do processo das entrevistas por alguns ativistas digitais bastante atuantes e reconhecidos no campo. Isso demonstra que, em se tratando especialmente do grupo formado pelos ativistas digitais, o acúmulo de capital social no campo pode ocorrer quase que exclusivamente por meio da própria esfera virtual e em função do conteúdo que eles postam. Caso tal conteúdo seja percebido como relevante por outros agentes do campo, ele será objeto de comentários diversos, compartilhado e muito possivelmente reproduzido por diversos outros agentes nas redes sociais, o que fará com que o produtor daquele conteúdo ganhe visibilidade na rede.

A interação entre os blogueiros e os comentaristas ou ativistas digitais também parecem seguir uma lógica parecida com esta mencionada anteriormente, qual seja, a de que aqueles comentaristas que são percebidos como sendo aqueles que possuem informações mais relevantes ou cuja argumentação é dotada de maior qualidade, são os que mais ganham visibilidade em tais espaços, ainda que existam outros elementos que podem contribuir para tal. Os trechos abaixo refletem a percepção de alguns blogueiros precursores do movimento com relação à dinâmica de interação que ocorre em seus respectivos *blogs* ou que dizem respeito a elementos que podem levar alguém a se destacar mais no campo do que outros:

Essa é a parte mais legal... Você pode notar ali gente que escreve muito bem... comentaristas... e outros que tem texto tosco, tal, mas é que ele tá transmitindo sua idéia [...] Hoje tem essa questão da dificuldade de surgir... Pra alguém se sobressair na Internet dificilmente ele vai... Eu acho que pode se sobressair assim, com um belíssimo texto, tal, mas o padrão dos blogs ele não é muito esse... Os blogs muitas vezes se limitam a reproduzir outras matérias, notícia de jornal e não sei o que, então, mas o talento realmente é... Tem coisas boas por aí, tal, mas eu acho que o importante é o seguinte, é que haja essa circulação dos textos... Então o cara pega um texto meu, ou às vezes tem um blogueiro desconhecido, mas o texto dele... Olha, tem um advogado agora que não é uma pessoa muito conhecida, mas ele é um advogado que deu uma resposta a emails que ele recebia contra o Lula, contra a Dilma [...] e esse advogado... ele é um sujeito desconhecido, mas ele escreveu uma resposta e o texto dele começou a circular, o cara ficou super conhecido. Então também tem essa questão, você pra ter um sucesso aí na blogosfera, um sucesso maior, você vai ter que se destacar de alguma maneira. Ou por uma idéia, por um texto ou por uma ação qualquer que você faça, ou você ser conhecido por outra razão (Entrevista Eduardo Guimarães).

É muito comum você falar que ‘há, fulano escreve errado’, na blogosfera não tem essa de escrever certo ou errado, o que importa é a lógica do que o cara escreveu. O conteúdo do que ele escreveu. Não importa se o nome dele é Joãozinho, Pedrinho, Paulinho ou... Franco Atirador, como um cara que tem esse nome, codinome, dentro do meu Blog.. Codinome não... O Avatá... Não interessa, o que interessa é que ele escreve coisas bacanas, às vezes eu cato os comentários dele e transformo em *posts* no *blog* pra dar destaque, causar discussão. Pra mim pouco importa o sobrenome dele. A blogosfera tem uma coisa assim, ela subverte esses valores tradicionais da mídia. Subversão... É o Franco Atirador, eu não sei o nome dele, não sei se ele é rico, se ele é pobre, se ele é preto, se ele é branco... Essa é uma das coisas boas que a gente tem que preservar na blogosfera. Inclusive o anonimato. Se eu não tiver pregando ódio racial, não tiver matando ninguém, ele tem direito à palavra dele, independentemente de saber o nome dele ou não. Porque o que interessa pra gente são as idéias que estão expressas por aquela pessoa, e nada mais do que isso. Estamos falando de uma rede de idéias, de debates, de troca de informações. Então preservar isso é essencial (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Esse tipo de trabalho é um trabalho, diferentemente da Globo, que ela solta uma nota, fala com quatro pessoas e ela alcança oitenta milhões, na blogosfera não... A democracia impera de um jeito tal que você tem que ter um conhecimento, as pessoas tem que estar convencidas. Então, da onde parte? Depende... Pode ser de um Cafezinho, pode ser de um Paulo Henrique Amorim, pode ser de um internauta que consiga pegar um documento e dali a gente... Ou um fato, ou uma situação qualquer... E em vários aspectos no Brasil a gente tem visto exemplo de, regionalmente, mini tsunamis que conseguem fazer nas suas áreas esses efeitos que tivemos na bolinha de papel e do processo contra a Globo... São pequenas tsunamis, que ali nas suas regiões, conseguem fazer frente aos impérios locais (Entrevista Alexandre Teixeira).

Os dados coletados a partir da observação da blogosfera política alternativa também mostraram que alguns ativistas digitais ganharam bastante visibilidade e se tornaram uma espécie de “celebridade” nesse espaço graças não apenas às suas constantes presenças nas discussões, mas principalmente por fornecerem informações consideradas valiosas por grande parte dos agentes nele presentes, dentre eles os agentes-blogueiros jornalistas, agentes blogueiros-militantes, e também outros agentes-ativistas digitais.

O mais conhecido desses ativistas digitais utiliza o nome Stanley Burburinho nas redes sociais, e, além de ser constantemente citado por esses agentes, ele costuma enviar informações aos blogueiros mais conhecidos do movimento, que com base nelas publicam

posts geralmente contendo algum tipo de denúncia ou com o intuito de desconstruir reportagens publicadas pela mídia corporativa. Esse ativista digital, porém, sempre optou por preservar seu anonimato na rede e grande parte dos agentes do campo também não sabem que ele é. O blogueiro-jornalista Paulo Henrique Amorim, por exemplo, ao reproduzir alguma informação recebida por tal ciberativista, costuma sempre escrever ao final de sua publicação a frase “Quem será Stanley Burburinho?”, com o intuito de reforçar o anonimato desse sujeito. Outros blogueiros como os jornalistas Luis Nassif e Luiz Carlos Azenha também costumam citá-lo freqüentemente em suas publicações, escrevendo “Por Stanley Burburinho” ao final do texto.

Os trechos abaixo, além de fazerem referência ao ativista digital conhecido como Stanley Burburinho, reforçam a idéia de que um considerável ganho de capital simbólico no campo aqui analisado pode ser obtido por meio de uma constante interação com outros indivíduos e, principalmente, por meio de comentários que sejam percebidos como “preciosos” por parte dos agentes nele inseridos, como destacado a seguir:

O intercambio virtual ainda será esmiuçado por especialistas de diversas escolas. O que a bem da verdade é ótimo para toda a humanidade. Pessoas como STANLEY BURBURINHO fazem diferença, pouco importando sua identidade e cpf, vale e muito as preciosas informações que ele nos oferece. Há uns quatro dias a página dele no facebook foi "sumida" ... o recado do próprio facebook é objetivo: Desculpe, essa página não está disponível. De nada adiante entrarmos em debate se o facebook tem critérios e coisa e tal ... na verdade STANLEY BURBURINHO atua intensamente na política e no campo progressista. Eis o motivo de terem SUMIDO com a página dele ... questão política, STANLEY BURBURINHO incomodou (TEIXEIRA, 2013, s/p).

Stanley Burburinho é hoje muito mais influente que muito deputado brasileiro. O incansável Burburinho, que não conheço pessoalmente, é um leitor ávido da blogosfera. Tornou-se, como muitos comentaristas deste e de outros sites e blogs, um “polinizador”. Lê, pesquisa e faz um trabalho que antes era o de editor de jornais: contextualiza as informações. Em seguida, dissemina via e-mail. Seu relato mais recente anuncia que o ex-governador José Serra aderiu à blogosfera, com um site carregado de críticas ao governo. Eu sempre disse, aos colegas blogueiros e internautas, que a maquinaria digital à disposição de qualquer pessoa é apenas isso: maquinaria digital. Insípida, inodora e incolor. O que adianta ter seguidores no twitter, milhões de amigos nas redes sociais e um blog muito acessado se você não tem idéias? ‘É a produção de conteúdo, estúpido!’, diria nos dias de hoje o James Carville, marqueteiro de Bill Clinton (AZENHA, 2011, s/p).

Assim, os trechos acima parecem corroborar a ideia de que, no âmbito da blogosfera política, parece haver um consenso de que o maior reconhecimento alcançado por blogueiros e ativistas digitais no campo é obtido principalmente devido ao volume de capital informacional ou de capital cultural que eles detêm. Tais capitais, assim, podem garantir a esses agentes uma maior apropriação de valores tais como reputação, popularidade e

autoridade no interior do campo e ainda contribuem para que ocorra um aumento de seu capital social.

Desta forma, a posse do capital informacional e do capital social por parte de um agente somado à percepção positiva de outros agentes do campo sobre os valores de reputação, popularidade e autoridade apropriados pelo primeiro, resultam em um ganho de capital simbólico no campo que lhes consagra dentro desse espaço. Este parece ser o caso tanto dos blogueiros mais conhecidos no campo, como de alguns ativistas digitais que mais se destacam e representados principalmente pela figura de Stanley Burburinho. A principal diferença entre eles, é que, enquanto grande parte do volume de capital informacional e de capital simbólico detidos pelos blogueiros com maior visibilidade no campo já haviam sido conquistados especialmente na mídia tradicional, no caso dos ativistas digitais essa dinâmica de acumulação e de conversão de capitais ocorreu graças à dinâmica do próprio ciberespaço.

4.3.5. Dificuldades ou obstáculos Percebidos pelos Agentes

Perguntou-se aos agentes pertencentes ao movimento quais as principais dificuldades ou obstáculos que eles enfrentaram ao longo do tempo em que atuam como blogueiros políticos ou como ativistas digitais. Tal questionamento foi feito com o intuito de se investigar possíveis consequências ocorridas na dinâmica do campo em estudo acarretadas por situações percebidas pelos agentes como desagradáveis ou indesejáveis, bem como para que se pudessem obter por parte deles maiores detalhes a respeito de sua atuação no campo.

As respostas obtidas a partir dos dados das entrevistas com relação a essa questão foram bastante variadas. Alguns entrevistados abordaram questões relacionadas à própria dinâmica da esfera virtual, enquanto outros mencionaram aspectos relacionados às suas próprias vidas pessoais. Problemas relativos ao gerenciamento de seus blogs em situações específicas e as dificuldades financeiras enfrentadas por blogueiros ou ativistas devido ao tempo em que eles se dedicam à esfera virtual foram, por exemplo, objeto de menção por parte de alguns desses indivíduos.

Nesse sentido, um dos blogueiros entrevistados afirmou que “os blogs cresceram muito, tem tido picos de cem mil leitores únicos por dia, você tem uma responsabilidade muito grande”. Outro entrevistado afirmou que seu maior obstáculo é “conciliar a vida profissional com a vida de ativista”. O mesmo entrevistado disse também que ele acaba tendo dificuldades de sobrevivência por sacrificar muito seu desempenho profissional em prol do ativismo político.

Outra questão que foi mencionada em especial por alguns dos agentes pertencentes ao grupo de blogueiros diz respeito à dificuldade de financiamento que a comunicação alternativa ainda enfrenta quando comparado à mídia tradicional. Ainda que esse item também seja discutido no último objetivo específico, quando são analisadas as práticas organizativas que caracterizam o *BlogProg*, é importante ressaltar o fato de que o cruzamento dos dados oriundos da participação dos eventos e da análise da própria blogosfera com os dados provenientes das entrevistas corroboram a percepção de que a obtenção de capital econômico-financeiro é objeto de forte preocupação por parte dos agentes pertencentes à blogosfera.

É importante, assim, ressaltar que muitos agentes consideram que a blogosfera alternativa ou a própria mídia alternativa vem sendo prejudicada especialmente em função da política de distribuição da verba publicitária atualmente implementada pelo Estado que acaba por beneficiar as grandes empresas de comunicação. Outros agentes também reclamam da postura do governo no que tange à falta de apoio à mídia alternativa e também à própria estrutura legal que favorece a concentração dos meios de comunicação, como fica claro na fala do blogueiro Renato Rovai, que também é editor de um conhecido veículo impresso da mídia alternativa, a revista Fórum:

As principais dificuldades, eu acho que elas são... em todos esses setores, são econômicas, né. Você não tem sustentabilidade, apoio governamental, do ponto de vista público... A gente não quer dinheiro do governo Lula, a gente gostaria que tivesse um fundo para ações de comunicação, como tem pra produção de cinema, como tem para o desenvolvimento da pequena agricultura, que tivesse ido para os pequenos veículos de comunicação, não pra grande mídia. A grande mídia tem... Ela vai no BNDES e pega 50 milhões. A gente não consegue pegar 100 mil reais, às vezes pra fazer um investimento. Então, fundamentalmente elas são econômicas. Eu acho que se resolvesse isso, a gente teria outros problemas. Teria mais audiência, teria maior alcance. São econômicas e estruturais. Eu tenho uma revista. Hoje só há uma distribuidora no Brasil. A concentração da comunicação ela está em todos os ramos da atividade [...] Enfim, eu acho que o principal problema é de ordem econômica, e que toda a legislação, todo o arcabouço legal no Brasil nessa área ele leva vantagens aos grandes grupos e tira vantagem dos pequenos (Entrevista Renato Rovai).

Você tem hoje um governo que não está interessado em nenhuma política pública, que financie a diversidade, seja através de publicidade oficial, seja através de qualquer outro formato, financiamento do BNDES. Você não tem essa preocupação né? Ou seja o governo... O governo é importante, porque aí você fala 'Não, ficar dependendo do governo'... O governo tem dinheiro no Brasil. O Estado brasileiro é poderoso [...] Você num pode depender de governo né? [...] A tentativa que a direita e os neoliberais fazem de dizer, 'nossa por que é... blog chapa branca'... eles não sabem nem do que estão falando. Eles não deram conta ainda de entender a diversidade que nós representamos. É uma diversidade que eles não exercem nos seus meios de comunicação, nas páginas dos seus jornais e eles não entendem, ou não entendem ou é de má fé. Às vezes é um pouco de má fé e às vezes não entendem, a riqueza que existe no debate do lado de cá. A gente faz questão de saber, a gente faz questão de ter lado, nós temos lados entendeu? Nós assumimos nossas opiniões, nossos blogs, assumimos nosso lado e isso é muito mais honesto pro leitor [...] Não fico me escondendo, não, por que eu sou neutro. Neutro

nada... Ninguém é neutro... O Otavinho é neutro em relação ao capital? Ele é neutro em relação ao financiamento do... da Folha de São Paulo? Ele por acaso disse que não vai mais receber dinheiro público? Ou o Globo? Ou a Globo? Ou a Record? Algum deles disse assim: 'Não, a partir de hoje, em nome do Brasil, não recebo mais nenhum dinheiro público, nem estatal, nem federal, nem municipal'. Não falam, e eles têm lado, eles têm escolha (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Quem atua intensamente nos blogs, também precisa sobreviver. Tem alguns blogs de referência que fazem isso como atividade de vida. Precisam sobreviver. E existem mecanismo na sociedade pra isso, que são as verbas publicitárias e tal. E que se uma pequena parcela fosse destinada pra... Por exemplo: 'O Barão de Itararé vai ter uma verba x para administrar coisa e tal'... Qualquer percentual que se fale que vai pra Globo que viesse para o Barão, nossa, seria uma coisa assim, de transformar a água em vinho. Mesmo não tendo essa verba, a gente já consegue fazer um trabalho de presepça política marcante... Mas essa é uma busca, que é a tal da democratização das verbas (Entrevista Alexandre Teixeira).

A situação do blogueiro é muito complicada. Contam-se nos dedos de uma mão os blogs que já conseguiram uma estrutura de autossustentação. O blogueiro, o grosso deles, é um militante virtual. Mesmo estando com outro emprego ou não estando com emprego nenhum, ele faz desse espaço de expressão uma militância — e não recebe nada. Pegue o caso do Eduardo Guimarães, do Blog da Cidadania. É um pequeno empresário que se preocupou com a manipulação da mídia e resolveu produzir textos. Além de não ganhar dinheiro com o blog, ele acaba é perdendo. Com o tempo que se dedica para fazer seus belos artigos, ele deixa de fazer negócios. É um ato de heroísmo e coragem. Ele é um puta militante, um baita militante. Isso é um pouco da realidade. Tem blogueiro que está morando na casa de mãe, porque não tem grana. Tem blogueiro que está cheio de processo nas costas, como o menino de Santa Catarina que denunciou o [...] de ter cometido estupro [...] Esperamos que, na próxima edição — no 2º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas —, o governo federal tome vergonha e veja que a blogosfera é uma forma de mídia. Da mesma forma como financia a Veja e a Globo — e geralmente se financiam serpentes —, o governo deve financiar um encontro de blogueiros. Houve o encontro do Instituto Millenium (o reacionário Fórum Democracia e Liberdade de Expressão, em São Paulo, no dia 1º de março). É uma entidade que só reúne empresários — o Basile, da Abril; os Marinho, da Globo; a Judith Brito, da Folha... Só estão lá os grandes, e eles tiveram apoio público. Por que os blogueiros — que também são cidadãos e pagam seus impostos — não podem ter apoio? É um absurdo. Esperamos que o próximo governo seja mais corajoso e resolva ajudar essa mídia que está sendo construída. Mas é que todos eles têm medo desse poder. Na campanha, todos os candidatos falam e investem em mídias sociais. Na hora de contribuir, fogem de medo (BORGES, 2010, s/p).

Os dados acima, portanto, corroboram idéia de que ainda que a blogosfera política não possua como principal recurso de poder em jogo o capital econômico-financeiro, sendo este o recurso predominantemente disputado pela mídia tradicional, isso não impede que tal tipo de capital seja também objeto de disputa por parte de grupos de agentes pertencentes àquele espaço. Nesse sentido, parece ser possível afirmar que o capital econômico financeiro é percebido pelos integrantes do movimento *BlogProg* como um recurso-meio vital para que o a blogosfera consiga atingir seu principal objetivo, que é o de gerar contrainformação no que tange à cobertura política da grande mídia e se fortalecer, assim, por meio do alcance de maior capital político e simbólico. Em outras palavras, os agentes consideram que para que a blogosfera obtenha maior sucesso em sua luta pela conquista do consenso social e pela hegemonia (MORAES, 2010) no espectro político, faz-se necessário que este espaço (ainda

em construção e relativamente recente) seja contemplado com formas de financiamento diversas. Tais formas de financiamento são importantes para possibilitar que blogueiros possam produzir conteúdos por conta própria e que tenham condições de lidar com eventuais problemas que surgem em decorrência da própria dinâmica de tal luta no campo da comunicação

A destinação de um volume considerável de capital econômico-financeiro para as organizações pertencentes à mídia tradicional é visto pelos agentes pertencentes ao movimento *BlogProg* como uma opção feita pelo Estado que está relacionada ao medo por parte dos agentes do campo político de enfrentar o poderio das organizações de mídia tradicional, ou, nas palavras de um entrevistado, os “barões da mídia”. Tal opção, para esses agentes, acaba por enfraquecer e desprivilegiar não apenas o subcampo da comunicação alternativa, mas, sobretudo a própria luta pela democratização das comunicações no Brasil.

Além da questão no tocante às dificuldades enfrentadas pela blogosfera política, alguns entrevistados citaram como outra grande dificuldade alguns eventos relacionados a ameaças de processos ou processos que eles enfrentaram na justiça por conta de conteúdos por eles postados em seus blogs ou em seus textos na Internet. Tal situação, aliás, foi citada não apenas por alguns blogueiros, mas também por um ativista digital bastante atuante no campo. Os trechos abaixo explicitam as principais respostas obtidas por meio das entrevistas realizadas:

Por enquanto pelo menos eu não fui censurada. (risos) Eu já fui ameaçada, mas não censurada. . Eu fui ameaçada pelo[.....] quando era prefeito do Rio de Janeiro [...] O meu interesse nesse caso, é... É, quer dizer, mostrar que um prefeito ameaçou uma cidadã. Entendeu? De uma forma absurda, entendeu? Ele me intimidou para que eu não fizesse uma pergunta desagradável a ele. Quando ele tinha aquele blog, ele tinha... Então teoricamente você tinha acesso a ele, mas é um acesso que se você perguntasse alguma coisa que incomodava a ele, ele mandava um e-mail pra um policial que te fazia uma ameaça. Entendeu? Eu... Quer dizer, isso eu acho uma coisa muito louca [...] Por conta de uma pergunta que eu... pergunta inclusive, eu não afirmei nada. Perguntei pra ele. Você imagina um prefeito que resolve te ameaçar, né? E ele tem lá o poder, por que ele era o prefeito na época, então é uma coisa tão absurda quanto... Temerosa. (Ativista digital 8).

Há, é muita tensão, nervosa eu acho, é muito tenso né? Os blogs cresceram muito, meu blog cresceu muito, ele tem assim... Tem tido picos de cem mil leitores únicos por dia, ou seja, cem mil pessoas que... Indivíduos que leram o blog num único dia, é muito grande e isso você tem uma responsabilidade muito grande né? Acho que o mais desgastante foram os processos na justiça... um deles quase me fez fechar o blog, que foi o do Ali Kamel, o diretor, hoje diretor de jornalismo da... Que moveu uma ação alegando que eu teria tentado difamá-lo, por tê-lo citado muitas vezes em *posts* em meu blog e eu demonstrei na justiça que esses *posts* representavam zero vírgula zero alguma coisa do total de *posts*. Tinham sido críticas políticas que eu fiz a ele... Porque ele é uma figura publica e ele como figura publica está sujeito a críticas... Tanto quanto eu, que já fui muito criticado na blogosfera... A direita me massacrou né? Saiu denúncias na capa do Globo em relação a

minha pessoa. Veja, Diogo Mainardi, Reinaldo Azevedo... Fui criticado já muito... Faz parte, eu sou uma figura pública e assim também ele é, eu fiz essas críticas e ele alegou que eu havia tentado difamá-lo e também disse que eu teria colaborado pra fazer como se ele fosse descrito como um... Como um... Ator pornô... Na verdade porque existe um ator chamado Ali Kamel. Não sei se esse ator existe, de fato existe um filme, que tem nos créditos um ator chamado Ali Kamel. E a partir disso, quando isso apareceu... Não é um filme pornô, é uma pornochanchada... E a partir disso um blogueiro lá do sul, chamado Cloaca, fez um post e circulou na rede essa brincadeira. Dizendo: 'ah, o Ali Kamel faz jornalismo pornográfico, num vamos chamar o Ali Kamel de ator pornô pra não ofender o ator pornô'. Críticas políticas, ácidas, duras... Sim, sem dúvida nenhuma são críticas duras! E aí ele processou vários blogueiros, no meu caso ele também incluiu isso e aí eu costumo lembrar o seguinte... Primeiro, que eu nunca disse, nunca escrevi que ele era um ator pornô, pelo contrário, eu sempre disse que era um homônimo [...] Na verdade, o que aconteceu? Ele usou, usou o episódio, usou pra mover uma ação, né? Eu fui condenado na primeira instância, tô recorrendo. Mas aquilo me deixou... Eu falei: 'nossa senhora'! Fiz uma piada com o cara... E aquilo me desanimou, porque já não era o primeiro processo e a questão era a grana, né? Porque tava entrando já... Paguei advogado... Não é pela multa de vinte mil reais que a gente tá recorrendo, mas é pelo advogado, pelo custo disso tudo, e me deu um desânimo muito grande... Até pensei em fechar o blog, mas a reação foi muito grande dos leitores... E aí eu decidi é... Não fechar o blog, voltei atrás na minha decisão. Tava desanimado naquele período, mas a responsabilidade era muito grande. Essa ação na justiça, ações são muito desgastantes, né? (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Eu sou processado. O Azenha também é. Porque isso foi um caso. Foi uma ironia, quer dizer uma metáfora, eu evidentemente não escrevi, não tem post nenhum que eu dissesse que ele era um ator pornográfico e eu não sabia se era ou não e não me interessava e se fosse dane-se, mas era um norte pra falar de um jornalismo que pra mim é um jornalismo pornográfico. É uma metáfora que se usa, só que ele, passado a eleição de 2010 ele usou isso como um norte pra me processar, pra me causar constrangimento, pra me perturbar né, como diz o meu advogado o processo é a pena, às vezes o processo já é a pena (Entrevista Rodrigo Vianna).

Com relação às colocações feitas pelos entrevistados acima, é importante mencionar que o incômodo causado pela ameaça de processos judiciais e as disputas que ocorrem nos tribunais parecem ser, de fato, um dos maiores problemas que blogueiros e ativistas digitais enfrentam na luta que ocorre no âmbito do campo da comunicação no Brasil.

Foi possível perceber por meio da coleta de dados proveniente da observação da blogosfera e também da participação dos eventos da área que não apenas os agentes com maior acúmulo de recursos de poder no campo são afetados por tais disputas, mas, também, agentes com menos recursos de poder, como, aliás, ficou claro na fala da ativista digital 8. A possibilidade de que venham a ser processados como consequência de algum texto escrito por eles contendo críticas dirigida a classe política ou às corporações de mídia tradicionais são, nesse sentido, uma ameaça constante que, na visão dos agentes, afetam diretamente suas atuações dentro do campo em que estão inseridos.

O exemplo mais emblemático no âmbito da blogosfera e que é recorrentemente mencionado como um dos maiores exemplos do que muitos agentes denominam como sendo o fenômeno da judicialização da censura é o caso do blog Falha de São Paulo. O site, que foi

criado por dois irmãos com o principal objetivo de realizar críticas satíricas à mídia tradicional do país e cujo nome representa uma crítica ao posicionamento político do jornal Folha de São Paulo, foi obrigado a sair do ar devido a uma liminar e a um processo por parte daquele veículo com menos de um mês de funcionamento. O jornal alegou no processo que o blog utilizou o nome da marca de forma indevida e, por essa razão, pediu uma indenização em dinheiro por danos morais. Depois de algum tempo, os responsáveis pela Falha de São Paulo abriram outro *blog* intitulado *Desculpe a Nossa Falha* e, ao mesmo tempo, recorreram na justiça com o intuito de derrubar a liminar, mas não obtiveram sucesso. Os autores do blog conseguiram vencer, entretanto, o processo judicial movido pela Folha, uma vez que o juiz do caso compreendeu que a questão girava em torno da discussão sobre liberdade de expressão. O domínio do site original, porém, não foi recuperado e o blog segue fora do ar, como fica claro no trecho abaixo escrito pelos responsáveis do blog em discussão:

Em setembro de 2010 a Folha de S. Paulo tirou o blog Falha de S. Paulo, por meio de uma liminar que cassou nosso domínio e conteúdo. O jornal pedia uma multa diária de R\$ 10 mil caso continuássemos com o site. O juiz deu a liminar, mas baixou a multa para R\$ 1.000. Não temos esse dinheiro nem de longe, então derrubamos tudo na hora. Além de conseguir a liminar da censura, a Folha abriu um processo de 88 páginas (sim, oitenta e oito páginas) contra nós, alegando “uso indevido da marca” e pedindo “indenização por danos morais” em dinheiro (em valor a ser definido pelo juiz). O tal “uso indevido da marca” é o eufemismo que a Folha arrumou para tentar esconder sua censura, e essa tese do jornal se apóia em alguns “argumentos” que constam do processo, tais como: 1) um leitor da Folha, ao entrar em nosso blog, mesmo dando de cara com fotomontagens, poderia achar que, na verdade, estava na página oficial da Folha; 2) na ação eles citam como exemplo uma empresa chamada DALL, que vendia computadores passando-se pela DELL; 3) nos acusam literalmente de má-fé, de levar vantagem com a marca deles [...] Não tem ninguém “por trás”. Estamos tendo que lidar sozinhos com advogados, fórum, ações recursos etc. Era a reta final da última eleição presidencial, e nos incomodava ver a Folha se dizendo apartidária e imparcial sendo que até os próprios jornalistas que lá trabalham sabem que não é verdade. Resolvemos então criticar essa postura do jornal de forma criativa e bem-humorada. [...] A blogosfera brasileira tem nos apoiado em peso. E tivemos alguns apoios pontuais importantes, como a entidade Repórteres sem Fronteiras, que soltou comunicado em três línguas condenando censura, e Julian Assange (WikiLeaks), que declarou publicamente apoio ao blog, condenando o jornal. Segundo próprio o juiz de primeira instância, o processo é inédito no Brasil. Talvez na China, no Irã ou na Coreia do Norte já tenha acontecido. Aqui, nos EUA ou na Europa, não. O Faux News, por exemplo, há anos tira sarro da Fox News e nunca saiu do ar. Ou seja, a decisão final abrirá uma jurisprudência no Brasil, o que aumenta a importância do caso. Em caso de vitória da Folha, abre-se um precedente real contra a liberdade de expressão. E esse é o maior dos problemas, porque diz respeito a todos nós. Uma vitória do jornal seria um recado claro para outras grandes empresas, de comunicação ou não: se alguém te encher o saco na internet, alegue esse tal “uso indevido da marca” e pronto. A jurisprudência vai te ajudar a cassar o site e, de quebra, você ainda arranca uma grana dos atrevidos que te incomodaram. Em caso de vitória, aí vale o contrário: abre-se uma bela jurisprudência a favor da liberdade de expressão no Brasil, dando segurança jurídica para outros blogs e sites parodiarem e criticarem outras empresas. Uma vitória da Folha seria péssima não apenas para nós, mas também para você e toda internet brasileira. A ação do jornal é tão agressiva e perigosa para o coletivo que, em caso de vitória da Folha, a jurisprudência aberta poderia ser usada contra ela própria (BOCCHINI, 2013, s/p).

A preocupação com possíveis situações de censura semelhantes aos do caso acima fez com que os agentes integrantes do movimento *BlogProg* passassem a discutir possíveis alternativas que protegessem blogueiros e ativistas digitais e que favorecessem a liberdade de expressão na blogosfera. Documentos provenientes do primeiro, segundo e terceiro encontros nacionais de blogueiros e também do primeiro encontro estadual de blogueiros do Rio de Janeiro indicam a existência de mesas de discussão destinadas a abordar esse tema de forma específica. O Primeiro Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas teve como título de um de seus painéis “Ameaças à internet, neutralidade na rede e questões jurídicas”, com a participação de professores da área de direito de instituições como UFMG e FGV-SP. O Segundo Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas teve uma mesa denominada “Perseguição e censura contra a blogosfera” que contou com a participação de blogueiros que respondem à processos judiciais diversos. Por fim, o Terceiro Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas contou com um ato intitulado “Ato político em defesa da blogosfera e da liberdade de expressão” e, também, com uma mesa denominada “Apresentação e debate da proposta sobre a Associação de Apoio Jurídico à Blogosfera”. Por fim, os próprios documentos finais referentes a tais encontros registram com clareza a preocupação com os ataques que blogueiros e ativistas vem sofrendo desde que o campo se constituiu:

Lutaremos para instituir núcleos de Apoio Jurídico aos Blogueiros Progressistas, no âmbito das tentativas de censura que vêm sofrendo sobretudo por parte da classe política e de grandes meios de comunicação de massas (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2010, s/p).

Ser contra qualquer tipo de censura ou restrição à internet. No Legislativo, continua em tramitação o projeto do senador tucano Eduardo Azeredo de controle e vigilância sobre a internet – batizado de AI-5 Digital. Ao mesmo tempo, governantes e monopólios de comunicação intensificam a perseguição aos blogueiros em várias partes do país, num processo crescente de censura pela via judicial. A blogosfera progressista repudia essas ações autoritárias. Exige a total neutralidade da rede e lança uma campanha nacional de solidariedade aos blogueiros perseguidos e censurados, estabelecendo como meta a criação de um “Fundo de Apoio Jurídico e Político” aos que forem atacados. (CARTA DBLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2011, s/p).

Com base nos trechos de entrevistas e dos documentos acima, parece ser possível afirmar, portanto, que dentre as principais formas de disputas que ocorrem no campo da comunicação entre agentes inseridos na blogosfera política e agentes inseridos no subcampo da mídia tradicional, as diversas batalhas judiciais podem ser consideradas como sendo uma das mais relevantes e uma das que representam maior ameaça para a atuação tanto de blogueiros como de ativistas digitais, já que possuem o poder de impactá-los economicamente de forma considerável. Além disso, esse tipo de conflito muitas vezes atrai a atenção da própria mídia

tradicional e, portanto, constitui-se em uma forma de disputa bastante explícita entre os agentes pertencentes a esses diferentes espaços.

Entretanto, a análise dos dados provenientes da observação da própria blogosfera parece indicar também que, se por um lado as disputas judiciais representam uma forma de ameaça bastante visível e são consideradas como altamente incômodas e indesejáveis por parte de quase todos os agentes, para outros agentes as vitórias ou derrotas nessa esfera também podem ser encarados como demonstração de força não apenas a partir de uma perspectiva pessoal, mas especialmente no tocante à força inerente ao próprio espaço que eles construíram.

Além disso, foi possível perceber que grande parte dos agentes pertencentes ao campo da blogosfera que se envolvem em disputas judiciais com representantes da mídia tradicional são aqueles que possuem maior poder simbólico nesse espaço, caso dos blogueiros-jornalistas provenientes da mídia tradicional, tais como Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Rodrigo Vianna e Luiz Carlos Azenha. Sendo assim, ainda que este campo possua um número grande de agentes que possuem distintas trajetórias e recursos de poder, fica claro que, em geral, os alvos prioritários dos processos são justamente aqueles agentes que representam um incômodo maior para as organizações de mídia tradicional. Este incômodo, conforme já mencionado anteriormente, se deve ao fato de que o volume de capital simbólico e capital social acumulado pelo grupo dos blogueiros-jornalistas é maior do que o de outros grupos, o que faz com que o número de acessos de seus blogs seja consideravelmente maior. O poder de influência que eles possuem não apenas neste campo, mas também em outros campos, como o da política, também é um elemento que explica que estes blogueiros sejam aqueles mais envolvidos em tais disputas. Isso não significa dizer, entretanto, que outros blogueiros menos conhecidos no campo não sejam em algumas ocasiões alvos de processos dessas mesmas organizações, como ficou explícito no caso referente ao blog Falha de São Paulo.

Em publicação em que aborda uma vitória judicial que obteve sobre Ali Kamel, diretor de jornalismo da TV Globo, o blogueiro Paulo Henrique Amorim afirma que:

Diante de informações precipitadas divulgadas no twitter [...], este ansioso blogueiro pediu autorização a seus infalíveis advogados [...] para divulgar, aos poucos, como se serve champagne, as sucessivas vitórias obtidas por este ansioso blogueiro. Iniciamos esta série reveladora com decisões irretocáveis dos juízes [...] da 25ª. Vara Criminal da Comarca de São Paulo; e dos desembargadores Carlos Bueno (relator) e David Haddad, Fábio Gouvêa e Rachid Vaz de Almeida, do Tribunal de Justiça de São Paulo. O requerente é Ali Ahamad Kamel Ali Harfouche, o mais poderoso editor de jornalismo da história de Rede Globo de Televisão [...] Que agora deu para perseguir blogueiros sujos, como o Azenha e o Rodrigo Vianna, como se tivesse perdido “a batalha das idéias” (AMORIM, 2011, s/p).

Já em outra publicação na qual comenta o mesmo processo que sofreu na justiça pelo diretor de jornalismo da Rede Globo (mencionado em sua entrevista), o jornalista Rodrigo Vianna afirma em seu blog:

Um advogado amigo costuma dizer: “no Rio, a Globo joga em casa”. Hoje, tivemos mais uma prova. Ano passado, fui condenado em primeira instância, num processo movido pelo diretor de Jornalismo da Globo, Ali Kamel. Importante dizer: a juíza na primeira instância não me permitiu apresentar testemunhas, laudos, coisa nenhuma. Acolheu na íntegra a argumentação do diretor da Globo – sem que eu tivesse sequer a chance de estar à frente da meritíssima para esclarecer minhas posições. Recorremos ao Tribunal de Justiça, também no Rio. Antes de discutir o mérito da ação, pedimos que o TJ analisasse um “agravo retido” (espécie de recurso prévio) que obrigasse a primeira instância a ouvir as testemunhas de defesa e os especialistas de duas universidades que gostaríamos de ver consultados na ação. O Tribunal, em decisão proferida nessa terça-feira (15/01), ignorou quase integralmente nossa argumentação. Negou o agravo e, no mérito, deu provimento apenas parcial à nossa apelação – reduzindo o valor da indenização que a meritíssima de primeira instância fixara em absurdos 50 mil reais. Ato contínuo, certos blogs da direita midiática começaram a dar repercussão à decisão. Claro! São todos fidelíssimos aos padrões e ao diretor da Globo, na luta que estes travam contra outros jornalistas. Sobre esse processo, gostaria de esclarecer alguns pontos. Primeiro, cabe recurso e vamos recorrer! [...] Mais que isso: se Kamel pensava em calar ou intimidar seus críticos, vai se dar mal. Esse processo vai ajudar a mobilizar aqueles que lutam contra os monopólios de mídia no Brasil. Vai ajudar a escancarar a hipocrisia daqueles que na ANJ e na SIP pedem “amplo liberdade de crítica”, daqueles que usam Institutos Milleniuns para exigir “que não se criem travas ao humor como ferramenta de crítica”, mas que fazem tudo ao contrário quando são eles os objetos da crítica e do humor (VIANNA, 2013, s/p).

Com base nos dois trechos acima expostos, parece que as vitórias ou derrotas obtidas na justiça representam, para esses blogueiros, resultados que estão diretamente relacionados às características do próprio campo ao qual eles pertencem. Assim, tais resultados, na visão deles, impactam não apenas suas atuações individuais, mas podem trazer consequências para a própria blogosfera política como um todo e, mais ainda, se relacionam à própria luta pela liberdade de expressão. Isso fica mais evidenciado nas palavras de Vianna (2013, s/p) quando ele afirma que “esse processo vai ajudar a mobilizar aqueles que lutam contra os monopólios de mídia no Brasil”. De fato, pôde-se observar ao longo do processo de coleta de dados um processo de *coletivização* das derrotas ou vitórias obtidas na justiça por esses agentes, fazendo com que estas sejam celebradas ou lamentadas não apenas por quem está envolvido de forma mais direta, mas por outras pessoas que se identificam com o movimento como um todo, especialmente os ativistas digitais.

Tal processo de coletivização é claramente expresso em publicação escrita pelo também blogueiro Diógenes Brandão, quando este comenta processo semelhante ao anterior sofrido pelo jornalista Luiz Carlos Azenha, também por parte do diretor de jornalismo da Rede Globo:

Desde quando anunciou que seu blog Viomundo estaria suspendendo suas atividades, o jornalista e blogueiro Luiz Carlos Azenha conseguiu a façanha de mobilizar voluntariamente grandes nomes da blogosfera progressista do Brasil, e esta se lançou de forma espontânea numa campanha contra a Rede Globo e todos os conglomerados que controlam a comunicação no país [...] A comoção e apoio de toda a blogosfera nacional pelo “caso Azenha” se deu após este comunicar que iria retirar do ar o blog Viomundo, pois não agüentaria mais sustentar os custos de honorários advocatícios, que já alcançaram a bagatela de R\$30 mil reais para ter que defender-se da toda poderosa Organização Roberto Marinho, controladora da maior emissora de televisão do Brasil, representada na justiça por Ali Kamel, quem move contra Luiz Carlos Azenha várias ações judiciais, por este criticar e denunciar os desmandos e manipulações da Rede Globo [...] A notícia do fim do Viomundo gerou indignação em vários blogueiros e Ativistas Digitais que utilizam a internet para fazer o contraponto à mídia conservadora e seus representantes. Uma reunião está marcada para acontecer nesta terça-feira (02/04) em SP, onde ativistas digitais debaterão estratégias de reação à tentativa de silenciar os que lutam pela democratização dos meios de comunicação e pela verdadeira Liberdade de Expressão. (BRANDÃO, 2013, s/p).

Mais uma vez, parece que o fato de ser processado, ainda que seja uma situação considerada extremamente desagradável, se constitui na visão dos agentes do campo em uma oportunidade para que uma “campanha” contra “os conglomerados que controlam a comunicação no país” seja impulsionada a partir de um sentimento coletivo de “indignação”.

O discurso da luta pela democratização da comunicação, assim, parece ser reforçada a partir das lutas judiciais que ocorrem no campo. Nesse sentido, vale a pena destacar a fala de um dos ativistas entrevistados, na qual é demonstrada grande preocupação com a possibilidade de ele ser processado. Isto porque esse ativista se auto-observa como uma “formiguinha” em comparação a outros blogueiros que detêm mais poder e que, portanto, possuem maior possibilidade de se livrar dos processos:

A regulamentação da mídia é importante [...] Alguns blogs, como o do Ismael Moraes, foram censurados, tiveram que parar a atividade durante a eleição, porque um governador não gostava da crítica que ele fazia. É importante que a gente não seja censurado, que a gente não seja processado, porque tem gente ali que pode ser processada e conseguir se livrar, tem gente ali que é profissional, como o Paulo Henrique Amorim que tem dezenas de processo, acho que 69 processos, contra o Daniel Dantas, todo mundo... mas tem gente ali como eu, que é estudante, que se tomar um processo, tá ferrado né. Aí, é importante isso né, a gente não tem, como é tudo formiguinha, se pisar na formiguinha a gente tá ferrado (Entrevista ativista digital 6).

A fala do ativista digital 6 e o fragmento extraído do texto produzido pelo blogueiro Altamiro Borges reforçam, portanto, a conclusão de que, na blogosfera política alternativa, os problemas decorrentes das ações judiciais contra os blogueiros não são problemas apenas destes, mas são vistos por muitos como um problema que afeta a todos que nela atuam. Essa percepção vai ao encontro do resultado de pesquisas anteriores, como a de Martinuzzo e Mallini (2010), que chegaram à conclusão de que a coletividade observada na blogosfera

política se converte em uma espécie de corporativismo. Para os autores, “a cooperação entre os blogs, e isso é mais evidente nos blogs que tratam de política, ultrapassa as discussões teóricas”, sendo que “os blogueiros se defendem e atacam em grupo. Reagem em conjunto àquilo que consideram ameaçador um semelhante, utilizam os espaços que os blogs propiciam como armas ideológicas” (MARTINUZZO e MALLINI, 2010, p.10). Coincidentemente, os autores obtiveram essa mesma percepção ao analisar também um processo judicial contra o blogueiro Luis Nassif por parte do diretor chefe da revista Veja.

Parece ser possível afirmar, portanto, que as lutas engendradas no campo da comunicação com o intuito de gerar contrainformação política e de conquistar maior capital simbólico, não ocorre sem que as organizações pertencentes à mídia tradicional também lancem mão de estratégias de reprodução do *status quo* com o intuito de reafirmar seu poder econômico e sua posição de agentes dominantes no campo da comunicação de forma mais geral.

Dessa forma, ainda que as novas tecnologias de informação e comunicação tenham proporcionado as condições necessárias para que os anseios de uma parcela expressiva da sociedade identificada com o espectro da esquerda política fossem em parte materializadas por meio do surgimento da blogosfera política alternativa e do movimento *BlogProg* no campo da comunicação, essas tecnologias estão longe de proporcionar uma plena igualdade na disputa entre estes grupos de agentes.

Assim, se por um lado o surgimento da Internet e o desenvolvimento das novas tecnologias a ela associadas foram essenciais para que setores da sociedade pudessem colocar em prática novas formas de resistência ao poder da mídia tradicional, por outro lado as organizações de mídia tradicional também colocam em prática ações de contra-resistência àquilo que elas julgam ser novas ameaças ao seu poderio tanto econômico quanto político. Essas ações de contra-resistência se dão não apenas por meio da desqualificação dos principais blogueiros e ativistas que atuam na blogosfera, que são denominados constantemente de chapa-brancas nos grandes veículos de comunicação, mas também por meio dos processos na justiça ou as ameaças de processo, que possuem o potencial de trazer grandes prejuízos econômicos ou simbólicos a esses agentes. Tais estratégias, portanto, são formas de se estabelecer uma censura no campo da comunicação e reafirmar o *status quo* estabelecido nesse espaço.

Entretanto, ficou evidente ao longo do processo de análise dos diferentes itens acima que, nessa luta que ocorre entre os diferentes grupos de agentes que estão inseridos no campo da comunicação no Brasil, os agentes que se inserem no âmbito da blogosfera política alternativa

lançam mão de práticas distintas que podem ser encaradas como estratégias de subversão das regras hegemônicas impostas pelos grupos dominantes presentes nesse espaço. Essas práticas não podem ser reduzidas, nesse caso em específico, a tentativas de se tentar simplesmente sobreviver em tal espaço, mas devem ser encaradas como práticas que possuem o potencial de influenciar a maneira por meio da qual o jogo é jogado nesse campo.

Isso não significa dizer, entretanto, que essas estratégias subversivas ocorram sempre de forma explícita e que sejam dotadas de uma intencionalidade por parte dos agentes. Ainda que estratégias de ação de caráter mais macro de fato sejam formuladas e implementadas (que são descritas mais detalhadamente no próximo item), grande parte dessas práticas é implementada cotidianamente pelos agentes de uma forma infraconsciente, sem que exista uma preocupação maior em termos de consecução de objetivos. Tais práticas, conscientes ou infraconscientes, são geradas a partir da posição que os agentes subversivos ocupam no campo e podem ser alteradas, aperfeiçoadas ou reinventadas em função de outras práticas implementadas pelos agentes com quem se disputa.

O que parece ter ficado claro por meio das respostas é que grande parte dos ativistas digitais e muitos blogueiros que atuam ativamente na blogosfera possui objetivos que são os mais variados possíveis. Assim, esses agentes lançam mão de distintas estratégias de subversão que, na maior parte das vezes, não são muito elaboradas ou sofisticadas, mas que simplesmente são construídas por meio de suas vivências pessoais no campo, sendo influenciadas fortemente pelos *habitus* desses sujeitos e de suas identidades e valores.

Assim, no que diz respeito à atuação desses agentes na blogosfera, é possível afirmar que, no caso dos ativistas digitais, suas práticas são construídas e reconstruídas no dia-a-dia, por meio da interação que eles estabelecem com outros ativistas digitais, dos encontros que promovem e também a partir das práticas dos grupos contra os quais se luta. Dessa forma, microestratégias citadas tais como a utilização do humor como forma de atrair outras pessoas para a discussão política, a simplificação da linguagem utilizada nos posts, a disseminação de conteúdos produzidos pela grande mídia acrescidos de comentários que tentam desconstruir o próprio conteúdo, a utilização de imagens, a organização de protestos presenciais ou virtuais (como os *twitaços*) contra alvos específicos e a adoção do termo “sujo” para reafirmar-se como diferentes dos blogueiros da mídia tradicional, são todas elas práticas recorrentes entre os ativistas digitais. Apesar de muitas vezes simples, tais práticas, em seu conjunto, se convertem em uma espécie de mini-trincheira que possui o potencial de gerar algum incômodo aos grupos dominantes presentes no campo.

Já no caso dos blogueiros, microestratégias de subversão semelhantes são colocadas em prática por meio de suas atuações. Enquanto alguns deles possuem uma preocupação maior com a luta travada contra os grandes veículos de comunicação e, dessa forma, lançam mão de algumas práticas de subversão mais elaboradas com o intuito de desequilibrar as relações de poder no campo ou exercer influência sobre o campo político (caso do blogueiro Eduardo Guimarães, que constantemente promove abaixo-assinados em seu blog ou protestos presenciais por meio da ONG Movimento dos Sem Mídia), outros blogueiros simplesmente atuam sem se preocupar muito com tais práticas. Neste último caso, pode-se citar o blogueiro Antonio Mello, que menciona com orgulho a indicação ao prêmio iBest como fator indicativo de que sua linha de atuação totalmente independente e despreocupada é capaz de gerar resultados positivos. Ou, conforme as palavras do blogueiro Renato Rovai, “a gente vai fazendo”. Dessa forma, apesar das estratégias de subversão variarem, o fio condutor que une todos esses agentes é a vontade em ser um contraponto à mídia tradicional.

É também importante chamar a atenção para o fato de que se as características macroestruturais do campo acabam por gerar grande parte das microestratégias de subversão por parte dos grupos com menos recursos de poder, os agentes que detêm volumes maiores de capitais específicos também desenvolvem estratégias distintas com o intuito de reafirmarem seu poder no campo e sua posição. Como visto mais acima, uma das principais formas por meio da qual isto ocorre é por meio dos processos judiciais contra blogueiros e ativistas digitais que porventura sejam percebidos como um incômodo. Tais processos geram um desgaste considerável aos que nele estão envolvidos e muitas vezes são eficazes na tentativa de se silenciar o adversário, como no caso da página Falha de São Paulo. Entretanto, nos casos em que a vitória nesse âmbito é conquistada pelo agente subversivo, a situação inicial se inverte e tal vitória é celebrada como uma importante vitória por parte dos grupos em posição inferior na hierarquia do campo.

Além das microestratégias de subversão analisadas mais acima, a coleta de dados permitiu que outros tipos de estratégias por parte dos agentes pertencentes aos grupos subversivos fossem verificadas. Entretanto, diferentemente daquelas outras, estas são elaboradas de forma muito mais sofisticadas e possuem como intuito promover modificações significativas na macroestrutura do campo da comunicação. Este conjunto de práticas, denominadas como macroestratégias de ação, é discutido no próximo item e ocorre por meio das instâncias do movimento BlogProg. Por esta razão, tais práticas são aqui consideradas como práticas organizativas de subversão da estrutura do campo.

4.4. Quarto Objetivo Específico:

- Analisar as práticas organizativas dos agentes que pertencem ao *Movimento dos Blogueiros Progressistas*, estabelecendo uma relação entre tais práticas e o surgimento de novas estratégias de subversão das práticas dominantes presentes no campo da comunicação no Brasil.

Conforme discutido no capítulo do referencial teórico, o conceito de *estratégias de subversão* adotado no presente trabalho de pesquisa é aquele que se refere a um conjunto de micro e de macro práticas, conscientes ou não conscientes, que se constituem em uma “reação de um conjunto de vozes marginalizadas e silenciadas pela estrutura dominante” (CARRIERI *et al*, 2008, p.3).

Nesse sentido, o movimento aqui analisado, o *Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg)* é aqui entendido como um novo movimento social que, estando inserido no campo da comunicação, foi constituído com o principal intuito de contestar o poder da mídia tradicional. Paralelamente, surge com o propósito de se mobilizar em favor de uma política de democratização das comunicações no Brasil que possibilite o surgimento de novos agentes no campo que estejam alinhados com posições políticas e valores diferentes daqueles defendidos e reproduzidos pelas grandes corporações de mídia.

Tendo sido apresentados anteriormente a partir de uma perspectiva histórica os principais fatores contextuais que propiciaram o surgimento e a consolidação do movimento *BlogProg*, bem como algumas das principais características inerentes ao próprio campo da comunicação no Brasil, serão apresentadas no presente item as principais características estruturais inerentes a este movimento. A análise das características estruturais faz-se extremamente importante, uma vez que, a partir dela, serão analisadas as práticas organizativas adotadas pelo movimento em análise. Paralelamente, é feito um esforço de se relacionar tais práticas organizativas com as principais categorias de análise advindas da base teórica. O intuito, dessa forma, é tentar descobrir se as características inerentes ao movimento *BlogProg* e as práticas organizativas por ele adotadas podem ou não vir de fato a ser consideradas como novas estratégias de subversão da estrutura do campo da comunicação ou de resistência ao poder da mídia tradicional. Para isso, são analisados dados advindos das entrevistas realizadas, da participação dos eventos do campo e, também, dos dados oriundos de publicações feitas na própria blogosfera. Os documentos oriundos dos encontros nacionais de blogueiros progressistas também foram essenciais para que tal análise pudesse ser realizada.

Conforme abordado no capítulo de Metodologia, além das categorias de análise estabelecidas previamente a partir da base teórica aqui adotada, surgiram no decorrer do processo de coleta e análise de dados novas categorias de análise que se referem diretamente a aspectos organizacionais inerentes ao movimento *BlogProg* e que são essenciais para que se possa analisar o próprio fenômeno do surgimento de práticas de subversão. Escolheu-se, para fundamentar a análise deste último objetivo específico, justamente aqueles aspectos organizativos mencionados por uma quantidade expressiva de entrevistados e constatados também nos dados coletados por meio de outras fontes. Assim, as subcategorias de pesquisa que estão diretamente relacionadas a aspectos organizacionais são: *práticas de comunicação; lideranças/referências do movimento; organização das atividades; participação e tomada de decisões e; perspectiva do campo.*

Conforme analisado de maneira detalhada no primeiro objetivo específico, o movimento *BlogProg* surgiu “como uma reação aos monopólios de mídia, que se baseiam num modelo usurpador quase que exclusivamente voltado à defesa dos interesses do grande capital em detrimento das aspirações populares” (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2012, s/p). Mais especificamente, o *BlogProg* se constituiu durante a campanha eleitoral do ano de 2010 a partir da iniciativa de um grupo de blogueiros e ativistas políticos que cada vez mais se incomodavam com aquilo que consideravam como sendo um fenômeno no qual os grandes grupos de mídia do país com o passar do tempo se transformaram eles mesmos em uma espécie de partido político que não poupava esforços para favorecer candidatos situados no espectro político da direita e para prejudicar candidatos com bandeiras políticas progressistas.

Na visão dos precursores desse movimento, havia naquele contexto uma tentativa clara por parte das principais organizações que dominam o campo da comunicação do país de favorecer o principal candidato da oposição ao governo Luis Inácio Lula da Silva e de desgastar ao máximo e mesmo de prejudicar a candidatura de sua sucessora, o que era evidente a partir dos editoriais, reportagens e colunas publicados diariamente em tais veículos, os quais assumiam claramente um viés de oposição política. Esses veículos de comunicação, na visão desse grupo de blogueiros e ativistas políticos, além de adotarem um perfil altamente conservador no âmbito político e serem contrários a praticamente qualquer política pública que assumisse um viés mais social, há muito havia abandonado qualquer esforço de se consituir como um espaço democrático de informação e não permitia praticamente a difusão de nenhuma opinião que fosse contrária à opinião defendida pelos donos de tais veículos.

Assim, o campo da comunicação encontrava-se, naquele momento, dominado por poucas organizações de mídia tradicional que detinham um altíssimo volume de recursos de poder diversos que permitia com que elas fossem eficazes não apenas no bloqueio que havia no próprio campo no que tange a opiniões divergentes das suas, mas também no que diz respeito à imposição de seus pontos de vista sobre temas diversos e a própria influência que elas exerciam na agenda política do país.

Ainda que as características descritas acima fossem uma realidade, não se pode dizer que, mesmo naquele momento, não houvesse grupos de comunicação alternativa no país que, com todas as dificuldades causadas pela situação de quase monopólio da informação por parte dos grupos de mídia tradicionais, ainda assim se faziam presentes tanto em formato tradicional quanto na esfera virtual. No que diz respeito à comunicação alternativa na Internet, já era possível constatar a presença de diversos *blogs* que tinham como objetivo principal fazer o contraponto ao que era veiculado pelas grandes organizações de mídia e que ao longo do tempo obtiveram sucesso em atrair um número considerável de leitores. Entretanto, conforme já abordado no início deste capítulo, tais esforços ainda possuíam um caráter mais fragmentado e a natureza das ações desses agentes era predominantemente individual.

A criação do movimento *BlogProg* por parte de um grupo de blogueiros e ativistas, a ideia de se realizar um primeiro encontro de blogueiros em âmbito nacional e, ainda, a fundação de um instituto que auxiliasse a realização deste encontro e também que, de forma mais geral, coordenasse os esforços dos agentes que lutam pela democratização da comunicação no país, foram eventos que podem ser considerados marcos na comunicação alternativa do Brasil, uma vez que permitiram uma alteração na maneira por meio das quais os embates no interior do campo se dão.

O surgimento do movimento *BlogProg* e a criação do *Instituto Barão de Itararé*, portanto, foram eventos responsáveis por um fenômeno no interior do campo em que uma luta que à princípio se dava a partir de esforços individuais e fragmentados se transformasse em uma luta de caráter coletivo.

4.4.1. Práticas de Comunicação

Procurou-se identificar, por meio da análise de dados primários e secundários, os seguintes aspectos relacionados às práticas de comunicação adotadas pelos agentes pertencentes ao movimento aqui analisado: a) os métodos por meio dos quais as informações

são transmitidas entre os diferentes grupos de agentes (jornalistas, militantes e organizações) que compõem o movimento *BlogProg* e b) características inerentes ao modelo de comunicação que os diferentes grupos de agentes (jornalistas, militantes e organizações) que compõem o movimento *BlogProg* defendem como alternativa ao modelo de comunicação dominante adotado pela mídia tradicional. Tais aspectos são tratados aqui de forma conjunta, uma vez que a discussão sobre as principais ferramentas e métodos de comunicação adotados pelos agentes do movimento levam diretamente à discussão sobre os modelos que orientam a lógica de atuação dos agentes pertencentes tanto a este último quanto ao da mídia tradicional.

É importante mencionar que é evidente que a própria esfera virtual - e, nesse sentido, a blogosfera - pode ser considerada não apenas como sendo por si mesma o espaço dentro do qual as lutas e disputas de poder se originam no que tange à democratização da comunicação, mas, também, como meios de comunicação alternativos responsáveis pela difusão de conteúdos contra-hegemônicos que se opõem a lógica comercial inerente à comunicação praticada pelas organizações da mídia tradicional.

Assim, dentre os principais instrumentos de comunicação adotados pelos agentes pertencentes ao movimento *BlogProg*, há que se destacar, em primeiro lugar, os próprios *blogs* e *sites* pertencentes aos grupos formados pelos agentes-jornalistas, agentes-militantes e agentes-organizações que, em sua grande maioria, procura realizar a crítica do conteúdo publicado nos grandes jornais do país. Conforme abordado anteriormente, enquanto o grupo formado pelos blogueiros-jornalistas provenientes da mídia tradicional tais como os jornalistas Luiz Carlos Azenha, Luis Nassif e Rodrigo Vianna, procuram promover em seus respectivos *blogs* e *sites* discussões mais analíticas e, nesse sentido, mais próximas do que pode ser caracterizado como aquilo que costuma ser denominado de jornalismo de opinião, os *blogs* e *sites* pertencentes ao grupo formado pelos blogueiros-militantes costumam trazer discussões mais focadas na defesa explícita de partidos políticos (de esquerda) com os quais eles se identificam, sendo que grande parte deles apoia o governo do Partido dos Trabalhadores. Nesse sentido, ainda que os *blogs* e *sites* pertencentes ao primeiro grupo possuam, de maneira geral, a tendência de se posicionarem de maneira favorável às políticas públicas adotadas pelo governo do PT, ficou bastante evidente ao longo do processo de coleta de dados que tal inclinação política não é um fator que impeça a publicação por parte desses blogueiros de textos extremamente críticos ao governo, especialmente no que diz respeito às políticas públicas relacionadas ao tema da democratização da mídia. Tais políticas são consideradas equivocadas por parte da maioria dos agentes pertencentes ao movimento,

especialmente os critérios atualmente estabelecidos pelo governo que dizem respeito à distribuição das verbas de publicidade oficial. Esta última, na visão deles, ao mesmo tempo em que beneficia as grandes organizações de mídia tradicional, acaba por prejudicar o desenvolvimento ou fortalecimento da mídia alternativa no país, conforme já apontado por um dos entrevistados no item denominado “Dificuldades ou obstáculos Percebidos pelos Agentes”.

Já no que está relacionado mais especificamente ao movimento *BlogProg*, deve-se mencionar que grande parte dos agentes que com ele se identificam procura divulgar constantemente em seus *blogs* e *sites* os encontros nacionais e estaduais realizados por seus organizadores, a programação detalhada de tais eventos e, ainda, as cartas lançadas ao final de cada um deles contendo os principais tópicos discutidos ao longo dos encontros, além das decisões que neles foram tomadas de forma coletiva. Além de notícias a respeito dos encontros, muitos desses *blogs* e *sites* também divulgam constantemente informações relacionadas, dentre outras coisas, a decisões tomadas pelos agentes responsáveis pela criação do movimento e que procuram contribuir para o alcance dos principais objetivos que este busca alcançar. É importante mencionar, também, que o movimento *BlogProg* é representado na esfera virtual especialmente pelo site do *Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé*. Este último, não obstante o fato de ser uma organização mais ampla que busca representar os interesses de blogueiros e ativistas digitais no âmbito da mídia alternativa possui como seu principal objetivo “se somar a outras entidades e movimentos sociais que lutam pela democratização da comunicação, visando conquistar maior pluralidade e diversidade informativa e cultural no país”, tendo como um de seus eixos centrais “contribuir na ampliação da militância na luta pela democratização da comunicação”. O Movimento *BlogProg*, desta forma encontra-se claramente representado por meio da referida organização, uma vez que seus objetivos são exatamente os mesmos.

Além dos inúmeros *blogs* e *sites* identificados com o movimento, deve-se mencionar também o papel das redes sociais como importantes ferramentas de comunicação que também contribuem para dar maior visibilidade ao movimento. Nesse sentido, o *Facebook* e *Twitter* são claramente as ferramentas mais utilizadas pelos participantes do movimento com o intuito de compartilhar informações que estejam relacionadas aos objetivos que orientam suas respectivas atuações. Assim, constantemente aqueles que se identificam com o *BlogProg* divulgam, por exemplo, informações referentes a datas dos encontros nacionais ou estaduais de blogueiros ou fóruns, congressos e seminários que contenham alguma discussão relativa à

temática da democratização da mídia ou do ativismo digital, conforme as imagens abaixo extraídas de alguns perfis abertos da rede social Facebook:

Figura 12: Logotipo do encontro WEBFOR 2013



Fonte: Facebook

Figura 13: Logotipo do encontro de blogueiros progressistas do Rio de Janeiro de 2011



Fonte: <http://rioblogprog.blogspot.com.br>

Por fim, não se pode deixar de mencionar também outras ferramentas como os *vídeos-chats*, que proporcionam o aumento da interação entre os participantes do movimento, ainda que tais *chats* sejam caracterizados mais pela característica da informalidade e pela variedade de temas discutidos do que pela divulgação ou mesmo a discussão sobre eventos específicos.

Um exemplo é a *Rede Liberdade*, criada por dois atores bastante conhecidos no contexto brasileiro também no ano de 2010, durante as eleições presidenciais. O acesso às salas de *vídeo chat* da Rede Liberdade ocorre em sua própria página da Internet ou por meio dos *links* que são divulgados por seus participantes nas redes sociais como *twitter* e *facebook*. É importante ressaltar que, ainda que a *Rede Liberdade* não possua vínculos formais com o *movimento dos blogueiros progressistas*, grande parte de seus participantes são também integrantes do movimento e os próprios atores que a fundaram participaram de alguns de seus encontros. O trecho abaixo, extraído da página da *Rede Liberdade*, explica seu surgimento e o objetivo para o qual ela foi criada, bem como trecho de entrevista com um conhecido ativista digital do Rio de Janeiro que costuma colaborar com as atividades da Rede Liberdade:

A Rede Liberdade surgiu durante o processo eleitoral de 2010, através dos atores Benvindo Sequeira e José de Abreu, para enfrentar aos ataques, calúnias e falsas informações da imprensa golpista contra a democracia. Existe para dar sustentação e suporte às lutas populares e democráticas, sendo notadamente de esquerda nossa posição. Garante e propõe livre discussão de temas nacionais e internacionais, filosóficos e práticos. Não admite ofensas pessoais. Em poucos meses, cresceu e se expandiu por diversas mídias, e hoje associa mais de uma centena de blogs e sites, promove debates por twitcams/twitcasts, encontros e palestras no mundo real, incentiva novos valores humanos, defende a web livre. Por ser virtual, não tem sede, estatutos, diretoria, nem possui fins lucrativos. Não é linha auxiliar de governos ou partidos, embora eventualmente possa vir a apoiá-los, desde que dentro da perspectiva para a qual foi criada. Tem crescimento autônomo e horizontal na sua constituição (REDE LIBERDADE, 2012, s/p).

Eu vou explicar: era um chat, a Rede Liberdade era um chat. Mas a grande Rede Liberdade, ela surgiu como um movimento que antes eram rádios, era Rádio Liberdade... Na verdade, era o seguinte, o Benvindo e o Zé de Abreu, independentes um do outro, subiam na, na câmera, no twitter, twitcast, faziam twitcast sobre a eleição e tal, muito populares né, a quantidade de pessoas bastante grande e tal. Uma vez o Zé de Abreu chegou a dar 10 mil pessoas, ele tava meio alterado, é lógico que deu polêmica, começou a vir um monte de gente né, subiu nos TTs e tudo. E ele tava falando lá cobras e lagartos. Enfim a, depois se fez o chat, começou a se fazer o chat, era uma rede colaborativa muito grande. Então, um cuidava do blog, o outro fez chat, o outro fez o twitter, cada um fazia uma coisa ali né, e como todo grupo criou-se uma rivalidadezinha e tal, criou-se algumas propostas de atividade, eles faziam entrevistas, havia um problema com moderação que foi resolvido já depois da eleição, bem depois, né. A gente tinha um problema de um rapaz lá, foi exatamente esse problema que eu tô relatando que eu sofri resistência, era um cara que expulsava qualquer pessoa nova que entrasse, né. Ele, inclusive o pessoal, muita gente, da blogosfera dizia que a Rede Liberdade de liberdade não tinha nada, que você às vezes convidava uma pessoa e ela tomava um block na sala né, que se desconfiava pelo nome do usuário que fosse alguém suspeito e não sei o que, e bloqueava né, e se achava que o botão de bloqueio era pra uso assim. Enfim, besteira mas causou problemas, como todo grupo assim que é muito unido tem briga e tal, mas assim, depois de resolvido isso a

atividade rolou ainda por muitos meses, fizeram muitas entrevistas, o pessoal gravava as entrevistas. Fizeram entrevista com Caribé, com o Sérgio Amadeus, com o Hélio Paes, com o pessoal da, da, da época da ditadura, o Carlos, Carlos Eugenio Paes por exemplo, que foi um cara da resistência da ditadura importante né (Entrevista ativista digital 7).

A Rede Liberdade, nesse sentido, é a principal forma de interação em vídeo entre os participantes do *BlogProg* e teve seu pico em termos de participação no ano de 2010, quando os atores de duas grandes emissoras de televisão responsáveis por sua criação constantemente iniciavam as conversas com o objetivo de discutir justamente os rumos das eleições presidenciais que ocorreram naquele ano. Ainda que essa rede não esteja diretamente ligada aos responsáveis pelo movimento *BlogProg*, é evidente que sua criação ocorreu quase que paralelamente à criação deste último e que tais eventos não estão de forma alguma descolados, já que naquele momento diversos agentes ligados à esquerda política procuravam formas alternativas de se expressar e, para tal, passaram a explorar o capital tecnológico que estava disponível a seu favor. Além disso, diversos participantes do movimento também passaram a participar do *vídeo-chats* e a promover discussões diversas, sendo que os próprios atores que criaram a rede passaram a ser convidados a participar dos encontros nacionais ou estaduais de blogueiros por ele produzidos. Sendo assim, tais fatos fizeram com que, ao longo do tempo, fosse praticamente impossível não considerar a *Rede Liberdade* não apenas como sendo parte da mesma luta travada pelo *BlogProg*, mas também como uma ferramenta cuja criação foi bastante relevante para a comunicação alternativa no Brasil.

Figura 14: Página da Rede Liberdade



Fonte: Fonte: <http://www.redeliberdade.net>

Conforme visto acima, as redes sociais são extremamente relevantes pelo fato de proporcionarem algumas vantagens que os *blogs* e *sites* contemplam com mais dificuldade, como, por exemplo, o desenrolar de conversas e diálogos mais livres que fujam dos temas pré-definidos nos *posts* dos inúmeros *blogs* pertencentes à blogosfera. Alguns *blogs*, como, por exemplo, o Blog do Nassif, procuram proporcionar espaços para que os comentaristas escrevam textos mais livres sobre assuntos diversos e, nesse sentido, os *posts* são desprovidos de discussões específicas, como fica claro nesse texto do referido blogueiro ao explicar algumas mudanças que estavam por ocorrer em seu *blog* no ano de 2013:

Os posts mais colaborativos - como o Fora de Pauta, Clipping, Multimídia e Fotos - se tornarão editoriais. Em vez de colocar o conteúdo nos comentários, vocês poderão criar posts completos, que terão chamadas nas editoriais respectivas e aqui no próprio Blog. O novo modelo permitirá as seguintes funcionalidades: **Grupos** - criar grupos de discussão abertos ou fechados. **Mutirão** - áreas para trabalho colaborativo em torno de temas específicos. **Posts** - seja nos espaços colaborativos ou para as demais editoriais (NASSIF, 2013, s/p).

O que ficou claro ao longo da observação é que, tendo em vista o grande número de blogs e *sites* que surgiram no campo da comunicação, ainda são poucos aqueles que permitem uma discussão mais livre por parte dos leitores- comentaristas e que não tenham como ponto de

partida o viés do próprio blogueiro, ou seja, aquilo que Nassif denomina como sendo *posts* de caráter colaborativo. De fato, o que ficou evidente é que, em geral, tal preocupação é mais evidente justamente nos blogs de maior porte e cujos responsáveis são alguns jornalistas oriundos da mídia tradicional, como o próprio Nassif e, também, o Vi o Mundo, de Luiz Carlos Azenha. Com relação a este último, a blogueira Conceição Oliveira afirmou durante a entrevista que seria ótimo “se a blogosfera conseguisse chegar nesse nível que o Azenha chegou, de confiabilidade no trabalho colaborativo de jornalismo”. Em seu caso, ela afirmou que os debates acontecem no facebook, uma vez que os leitores pegam a discussão do blog e transferem para esta rede social.

A maioria dos blogs, entretanto, ainda reproduz um modelo que, ainda que não se possa dizer que seja uma reprodução daquele da mídia tradicional pelo fato de permitir que os leitores se manifestem livremente, por outro lado ainda estão bem longe de lançar mão das inúmeras possibilidades permitidas pela Internet no que tange a uma maior colaboração e interação entre blogueiros e leitores. Tal crítica foi claramente expressa em um post escrito pelo jornalista Luiz Carlos Azenha quando este afirmou que:

A Conceição Oliveira, do Maria Frô, definiu bem: os blogueiros mais velhos devem ensinar aos mais novos como fazer política; e os mais novos devem ensinar tecnologia aos mais velhos. Foi a respeito de um momento que considero simbólico no debate final do Encontro Nacional de Blogueiros, quando aqueles que queriam incluir a palavra “mídia colaborativa” na carta foram derrotados pela grande maioria. Perderam duas vezes, por não terem conseguido explicar o que queriam dizer com isso. Talvez não tenham tido tempo de fazê-lo. Vou tentar explicar esse distanciamento entre as gerações, que ficou evidente. Quando leio os portais da grande mídia e mesmo quando leio a Carta Maior, a Caros Amigos e a CartaCapital na internet (as três com conteúdo editorial excelente), percebo que todos estão ainda na internet do século 20. Na internet 1.0. Na internet verticalizada, em que os editores decidem e os leitores lêem. Sim, há caixas de comentários. E há espaço para os leitores se manifestarem, enviando fotos e informações, em alguns portais. Mas esses espaços ainda refletem, acima de tudo, a transposição da lógica da velha mídia para o espaço virtual. O leitor está ali, mas ainda é tratado como se fosse hierarquicamente inferior aos jornalistas, aos editores e aos especialistas. Para não cometer uma injustiça, noto o excelente blog do Emir, do professor Emir Sader, que foi ao encontro dos blogueiros; e as mudanças que Celso Marcondes fez, melhorando muito o site da CartaCapital. Noto, também, que a lógica da velha mídia é reproduzida por muitos blogueiros. Aliás, ela fazia sentido quando a internet começou a se transformar em um espaço para furar o bloqueio dos barões da mídia. Muitos blogueiros se tornaram, eles próprios, micro-barões da mídia, com poder de veto sobre os comentários e a condução da linha editorial do espaço. Fazia sentido, quando não existiam ainda as ferramentas da internet 2.0, da chamada mídia colaborativa ou horizontalizada. Quais são essas ferramentas? O twitter e o formspring, os microblogs que permitem a você trocar informações com outros internautas; as redes sociais como o facebook e o orkut, em que você se integra a uma comunidade de internautas; e ferramentas como o twitpic, a twitcam e o ustream, que permitem a você enviar e receber imagens de internautas e transmitir vídeo ao vivo enquanto interage com os leitores. Há dezenas de outras, essas são apenas as mais conhecidas. O que significam essas ferramentas? Basicamente, interação. Qual a consequência do uso delas por um blogueiro, seja jornalista ou não? Fica implícito que ele desce do pedestal, se iguala aos leitores, passa a ser apenas o coordenador do espaço, que na verdade é tocado pelos interesses dos leitores e

comentaristas. A longo prazo, seria o fim do jornalismo industrial. Seria, não, será. Talvez eu não viva para testemunhar isso, mas o papel tradicional da mídia, assim chamada por pretender fazer a mediação entre os diversos atores sociais, receberá uma estaca no coração cravada pela “mídia colaborativa”. As razões para isso residem no fato de que há uma infinidade de leitores muito mais qualificados do que eu ou qualquer blogueiro para escrever sobre engenharia, medicina e informática. Para fazer humor ou opinar sobre política. Para tratar de questões éticas ou legais. E essas pessoas começam a participar da blogosfera, criando seus próprios espaços ou comentando nos já existentes. Como demonstrei no Encontro Nacional de Blogueiros, onde apresentei a minha “mala de ferramentas” (câmeras, gravadores, cabos de conexão etc.), quando quero carrego comigo uma emissora de rádio, de TV e um jornal. Quanto Assis Chateaubriand gastou para formar seu império? E o Roberto Marinho? Guardadas as devidas proporções, as novas tecnologias de informação permitem a um blogueiro ter seu mini-império informativo com um investimento total de menos de 5 mil reais. Qual é a diferença essencial entre ele, blogueiro, e o jornalista que trabalha em uma corporação? A liberdade para falar e escrever o que quiser, desde que se submeta de maneira elegante à chuva de críticas de seus próprios leitores, quando for o caso. Sim, porque os leitores deixam de ser apenas receptores de informação. Eles opinam, criticam, acrescentam e anunciam na caixa de comentários. Funcionam como abelhas em um processo de polinização. Trazem sugestões de textos, insights e informações que muitas vezes se transformam em posts, ou seja, os leitores se tornam co-responsáveis pelo espaço (AZENHA, 2010, s/p).

A afirmação feita acima é extremamente interessante porque não apenas corrobora a percepção obtida ao longo do processo da observação de que ainda são poucos os blogueiros que de fato se preocupam com uma verdadeira colaboração entre blogueiros e leitores que vá além do caráter da crítica e da opinião por parte destes últimos com relação aos textos escritos pelos primeiros, mas também porque evidencia uma forte crítica do jornalista com relação à postura de alguns blogueiros ligados ao movimento que acabam por reproduzir uma lógica semelhante à lógica da mídia tradicional. Assim, com base nessa afirmação, pode-se dizer que o modelo que este blogueiro e outros blogueiros importantes no campo como Luis Nassif defendem como sendo o grande desafio da blogosfera é justamente aquele em que o blogueiro passa a assumir mais uma função de coordenador dos diferentes esforços por parte dos leitores e comentaristas daquele blog específico, uma vez que compreende que a discussão deve ser tocada prioritariamente por parte destes últimos.

Nesse sentido, tal modelo defendido por importantes atores pertencentes ao movimento *BlogProg* acaba por se distanciar consideravelmente e propositalmente do modelo da mídia tradicional, o qual invoca nas figuras do editor do veículo, colunista ou mesmo de alguns jornalistas o mérito de construtores da opinião pública. Como agentes privilegiados dotados de tal privilégio, esses indivíduos são caracterizados pela postura altamente distanciada com relação aos receptores das opiniões e notícias que eles veiculam, por uma considerável impermeabilidade com relação às críticas externadas por esses destinatários das informações (uma vez que estas são recebidas geralmente com desinteresse pelos agentes construtores da opinião pública) e, especialmente, pela frequente menção à clara separação de papéis entre

jornalistas e leitores que não deve ser rompida em momento algum. O discurso comum entre os agentes pertencentes à mídia tradicional, aliás, é o de que os veículos de mídia impressa ou pelo menos a lógica que permeia a mídia tradicional são essenciais porque proporcionam às pessoas que elas se mantenham bem-informadas e “antenadas” com aquilo que ocorre no país e no mundo, algo que ocorre justamente pela própria existência dos profissionais de mídia e que não pode em hipótese alguma ser preenchida por aqueles indivíduos que não possuem expertise e formação para tal e nem por veículos alternativos cujos responsáveis são incapazes de produzir informação fidedigna aos fatos que ocorrem.

Nesse sentido, pode-se dizer que, no contexto atual, há claramente uma disputa em andamento entre diferentes agentes dentro de um campo maior e que, por sua vez, estão inseridos em diferentes posições no interior desse espaço: os agentes ligados às grandes corporações de mídia (comunicação tradicional) e os agentes ligados à blogosfera política alternativa. A blogosfera política alternativa pode ter sua existência justificada a partir de esforços por parte de diferentes agentes da sociedade civil de se contrapor ao modelo dominante de produção e distribuição de informações praticado tradicionalmente no campo da comunicação. Tal modelo não apenas passou a ser duramente criticado por importantes agentes que se colocam como algumas das principais referências dentro da blogosfera, mas, com o passar do tempo, vê-se um crescente esforço por parte de tais agentes de se lançar mão de práticas alternativas de produção e distribuição de opiniões, notícias e informações que possam subverter as velhas práticas legitimadas no campo, o que é possível apenas devido à existência da esfera virtual.

Pode-se afirmar, assim, que o surgimento e consolidação da blogosfera política alternativa e, posteriormente, do movimento *BlogProg*, colocaram em evidência dois espaços orientados por critérios de atuação distintos: enquanto o critério central que orienta as ações dos agentes pertencentes à mídia tradicional é o da busca pela lucratividade, o critério que orienta as ações dos agentes pertencentes à blogosfera política alternativa parece ser aquele movido por uma lógica que visa à mudança social e que coloca a disputa política como eixo central. Isso não significa, entretanto, que algumas das práticas ou formas de atuação das quais esses agentes lançam mão não possam estar presentes em ambos os grupos. Isso se deve ao fato de que, apesar de ser composto por uma diversidade de agentes muito maior do que o da mídia tradicional e de ter surgido justamente como uma forma de se contrapor a esta, a blogosfera política alternativa não se desvincilhou de algumas características presentes no primeiro

grupo, o que pode estar ligado a uma série de fatores que não podem deixar de ser considerados.

Em primeiro lugar, o próprio fato de a blogosfera política alternativa ser ainda muito recente e estar ligada diretamente ao desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, bem como sua consolidação ter ocorrido principalmente após a criação do movimento *BlogProg*, explica em parte o fato de que algumas práticas próprias do grupo de agentes dominantes (consolidado há muito mais tempo) são reproduzidas também por este novo grupo. Nesse sentido, o fato de grande parte das pessoas ainda não saber utilizar adequadamente as diversas ferramentas disponíveis na Internet aliado à própria consolidação da lógica que caracteriza a mídia tradicional, marcada pelo unidirecionalismo e pelo verticalismo que coloca produtores de informação de um lado e leitores do outro, são fatores que provavelmente levam muitos agentes da blogosfera política alternativa a adotar um formato que parece ser dotado de um maior grau de certeza e previsibilidade.

Em segundo lugar, parece ser possível afirmar que ainda que a blogosfera política alternativa seja marcada especialmente pelo grande número de agentes oriundos de outros campos os mais diversos, suas principais referências vieram da mídia tradicional e alguns inclusive nela ainda trabalham. Isso significa que alguns agentes relevantes possuem a capacidade de transitar entre diferentes grupos que, a princípio, são marcados por distintos *habitus* ou aquilo que Bourdieu (1983) denomina como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” [...] O *habitus*, é importante enfatizar, diz respeito às regras do jogo que orientam o modo de agir dentro de um campo e é tanto individual quanto coletivo.

Uma vez que os agentes que transitam em ambos os grupos são figuras de referência, é natural que alguns deles acabem por transferir de um para outro não apenas os principais recursos de poder que permitem a eles uma posição privilegiada em tais espaços e que se convertem em poder simbólico, mas também o sistema de regras que eles incorporaram ao longo de suas atuações. Há que se mencionar, entretanto, que não são apenas os agentes que atuam em ambos os grupos que podem ocasionar a transposição de práticas típicas da comunicação tradicional para a blogosfera política alternativa. O próprio fato de alguns blogueiros importantes que atuam na blogosfera política alternativa serem formados na área de jornalismo, (apesar de atuarem profissionalmente em outras áreas), pode explicar que eles

consciente ou inconscientemente adotem práticas ou padrões de comportamento nos blogs ou sites pelos quais são responsáveis que foram a eles ensinadas ao longo de suas formações.

Entretanto, há que se chamar a atenção para o fato de que, se por um lado alguns jornalistas que atuam na blogosfera política alternativa parecem reproduzir algumas práticas próprias da comunicação tradicional, principalmente no que diz respeito à postura de maior distanciamento com relação ao leitor e por adotarem padrões de comportamento que alguns entrevistados classificaram como sendo parecidas com a de “celebridades”, outros jornalistas que também atuam na blogosfera são mais críticos com relação a essas mesmas práticas. Enquanto alguns blogs tais como o Conversa Afiada, do jornalista Paulo Henrique Amorim, estariam mais próximos do primeiro caso, o Blog do Nassif e o Vi o Mundo, como afirmado anteriormente, estariam mais próximos de um modelo em que o leitor possui um papel mais central e é capaz de interferir de maneira mais significativa tanto na produção dos textos que são publicados (uma vez que diversos comentários feitos por leitores se transformam em posts), seja na modificação de alguns textos originalmente escritos pelos responsáveis pelo blog ou por meio de alguma réplica a estes últimos.

Já em outros blogs considerados referências no âmbito do movimento BlogProg, tais como o Blog da Cidadania, O Escrevinhador e O Cafezinho, foi possível perceber variações em termos de interação entre blogueiros e leitores. Nesse sentido, enquanto o Blog da Cidadania adota uma linguagem mais distanciada daquela comumente utilizada no jornalismo tradicional e é marcado mais nitidamente por uma postura explícita de engajamento político e de defesa ao governo do Partido dos Trabalhadores, o Escrevinhador e o Cafezinho são marcados por algumas características que lembram bastante aquelas presentes no modelo do jornalismo tradicional, tais como a própria linguagem adotada e uma menor interferência do leitor na produção dos textos lá publicados. A explicação para isso talvez esteja, novamente, no próprio habitus e na área de formação de seus responsáveis. Enquanto os dois últimos blogs foram criados por blogueiros formados em jornalismo, o primeiro é de responsabilidade de um cidadão que, não sendo formado nesta área e cuja atividade profissional está no comércio, se auto-declara um ativista político.

Em termos de comunicação direta com os leitores no espaço de comentários, entretanto, evidenciou-se que, de todos os blogs analisados por meio da técnica de observação, o Blog da Cidadania é aquele em que há o maior contato entre blogueiro e leitor, já que seu responsável costuma pessoalmente responder grande parte das mensagens que são enviadas ao blog por meio do espaço de comentários. Comparando-se as características mencionadas anteriormente

no que diz respeito ao modelo interativo de comunicação, pode-se dizer, portanto, que o Blog da Cidadania é aquele cuja interatividade em termos de trocas de mensagens entre blogueiro-leitor é uma das mais altas, apesar de haver baixas participação ou interferência do leitor no conteúdo dos posts. Já o Blog do Nassif e o Vi o Mundo possuem um menor grau de contato entre blogueiro e leitor, mas uma interatividade maior do que a dos outros blogs no que diz respeito à participação do leitor no conteúdo ali publicado.

4.4.2. Lideranças do Movimento

A subcategoria liderança diz respeito à influência que alguns indivíduos ou grupos exercem sobre os integrantes do movimento de subversão aqui analisado e, por consequência, do campo dentro do qual este último faz parte. Procurou-se identificar tanto os agentes que se destacam neste espaço como as formas de influência por eles adotadas.

Com relação às principais formas de influência verificadas no âmbito do movimento, ficou claro que estas não são uniformes e variam em função dos capitais detidos pelos agentes do campo e, também, conforme o *habitus* que fundamenta suas ações. As influências políticas, sociais e simbólicas são as que mais claramente se destacaram nesse sentido. Ainda que não se possa afirmar que os integrantes do movimento sejam influenciados exatamente pelos mesmos grupos de agentes que exercem papéis de liderança (devido à diversidade do próprio movimento e também pelo fato dele se estruturar não apenas a nível nacional, mas também local), pode-se afirmar que muitos *blogs* e *sites* se fortaleceram e consolidaram a partir de uma união de forças ocorrida entre seus responsáveis e entre eles e grupos de ativistas digitais em torno de um embate com algumas organizações de mídia tradicionais ou com o poder público em prol de uma política pública de democratização da comunicação no Brasil. Esta união de forças, que resultou na constituição desse movimento denominado *BlogProg*, propiciou que diversos blogs ganhassem maior notoriedade e fossem mencionados até mesmo em veículos da mídia tradicional.

É importante destacar que, no caso do movimento aqui analisado, há diversos grupos de agentes que exercem uma influência efetiva sobre os demais integrantes, especialmente os blogueiros que foram responsáveis por sua criação. No entanto, foi possível perceber que, além deste grupo de blogueiros, influências diversas passaram com o passar do tempo a emanar de um contingente maior de pessoas, como, por exemplo, outros blogueiros que não necessariamente participaram da criação do movimento ou também de alguns ativistas

políticos digitais que ganharam relevância no campo graças às características de suas atuações.

Antes que sejam mencionados os principais agentes que foram percebidos como aqueles que mais exercem influência no movimento, há que se chamar a atenção primeiramente para o fato de que a própria percepção dos entrevistados no que diz respeito à liderança variou consideravelmente. Não houve, portanto, unanimidade por parte dos entrevistados quanto à existência desse fenômeno, o que não significa dizer que alguns elementos que estão relacionadas ao conceito não foram por eles reconhecidas.

Assim, ao se perguntar aos entrevistados se havia indivíduos ou grupos que poderiam ser considerados líderes no campo da blogosfera política alternativa no Brasil, alguns entrevistados (especialmente os blogueiros que criaram o movimento) foram incisivos ao afirmar que o que havia não era liderança, mas sim pessoas que podem ser consideradas como referências no movimento ou neste espaço, mas que não possuem as características de um líder no sentido mais tradicional do conceito. É curioso o fato de que o termo referência foi utilizado com veemência por mais de um entrevistado sem que ele fosse mencionado na pergunta, o que demonstra que realmente muitos agentes rejeitam a aplicação da figura do líder no âmbito do movimento.

A explicação dada por eles é que a blogosfera é um espaço democrático que não permite que alguém possa acumular um volume tão grande de poder a ponto de alterar os rumos do movimento ou de exercer uma influência muito significativa no comportamento de seus demais integrantes, o que está relacionado a características como a fragmentação do espaço virtual e a oportunidade que este concede a qualquer pessoa de montar seu blog, reproduzir seus pontos-de-vista, atrair um número considerável de leitores e, por fim, adquirir notoriedade no campo.

Um dos entrevistados afirmou, inclusive, que quando algum agente acredita ser mais importante que os demais, imediatamente surgem outros agentes que ganham relevância e que acabam naturalmente por minimizar a influência que o primeiro pensava ter. Além disso, outros entrevistados destacaram novamente que o papel do blogueiro é o de um coordenador do espaço de debates e que, portanto, é impossível para ele influenciar consideravelmente os rumos das discussões, já que muitos comentaristas possuem o poder não apenas de influenciar consideravelmente o debate, mas também de desmentir ou corrigir o blogueiro de forma imediata. Além disso, diversos entrevistados fizeram questão de afirmar que o movimento *BlogProg* e a própria blogosfera são marcados pela horizontalidade, característica esta que

eles relacionaram diretamente com a percepção da ausência de figuras que podem ser consideradas líderes e também da ausência de estruturas formalmente organizadas. Os trechos abaixo reproduzem com profundidade a percepção daqueles entrevistados que acreditam na horizontalidade da blogosfera:

O Zé Serra deve achar que existe uma central que os blogueiros se reúnem e tramam, os blogueiros se sentam em torno de uma mesa com uísque ou com café e tramam, “ó vamo fazer isso, vamo...” isso não existe, é uma coisa muito informal. Existem sim instancias nas quais blogueiros se reúnem, pra tratar. por exemplo, tem um centro de mídia alternativa, o Barão de Itararé que é blogueiro e é ligado ao PCdoB. Ali sim ele faz eventos que a gente vai, mas nunca a gente se reuniu em volta de “vamos escrever juntos esse texto e todos nós vamos difundir esse texto e amanhã tem isso”, nunca. Até por que nós não acreditamos nisso. por que não acreditamos nisso? Primeiro, não existe blogosfera organizada, a blogosfera é feita por centenas de milhares de pessoas, impossível ser organizada. Segundo, nós todos temos ideias muito divergentes entre nós, todos temos ideias muito divergentes. colocar no mesmo saco político o Paulo Henrique Amorim, o Rodrigo Vianna e o Altamiro Borges, só um louco... Miguel do Rosário... só um louco faria isso. Por que nós pensamos completamente diferente em muitas coisas. Se existe uma coisa que nos une, talvez, é assim, não acreditar nas ideias do neoliberalismo, por exemplo, isso dá um zum zum zum mas tá muito vago isso. Então a gente é muito divergente, não existe essa coisa, a relação entre os blogueiros é tão informal quanto a relação dos blogueiros com seus leitores. É informal né? Da mesma maneira que você veio parar na minha casa, assim, eu sou com os outros... Passa em casa, conversamos, falamos, somos muito... Nós temos ideias muito distintas, inclusive sempre se falou, os leitores falam: “ah tem que montar um portal dos blogueiros”, mas ninguém quer centralizar, a gente é contra a centralização. E é muito difícil vender essa ideia, por que o papel que a grande mídia faz além de nos criminalizar, eles criminalizam a internet como um lugar que vale tudo, pistoleiros de aluguel, os chapas branca. Eles criminalizam por que eles não entendem o que acontecem. Eles são pegos de surpresa pelos acontecimentos, inclusive pelos protestos aí, são pegos completamente de surpresa por tudo isso, porque eles não sabem, não sabem o que tá acontecendo no mundo digital e na blogosfera. Então esses movimentos que a gente faz, já chamou muita gente que ficou correndo atrás, mas quem organizou a ida até a Globo do Rio? Será que foi a Record? (sussurrando) Absurdo, as pessoas se organizam em rede por ideias comuns, mas não tem ninguém dirigindo, é um absurdo. E a nossa relação entre os próprios blogueiros é essa, é completamente informal, talvez como eu lhe disse por questão de amizade eu falo mais com o Rodrigo, mas eu não ligo e falo assim “Rodrigo, faz um post assim ou senão faz um post me manda que eu publico”. Não, num existe compromisso nenhum entre a gente, nada combinado. Pelo contrário a informalidade é o que nos rege [...] Absolutamente horizontal, quando você tem é assim, o Centro de Estudo de Mídia Barão de Itararé o Miro entende isso, ele sabe que não tem controle. Não é nenhuma tentativa de controle ele tem lá, ele promove eventos nos quais a gente participa, mas é isso que a gente existe em comum não existe hierarquia, “ah mas o Barão de Itararé manda”. Não manda em ninguém. Ninguém manda em ninguém, completamente horizontal. Não existe nenhuma hierarquia entre nenhum blogueiro, nem hierarquia entre blogueiro que fala mais, que tem mais audiência e o blogueiro que tá começando agora que não tem audiência nenhuma. Pelo contrário, se o blogueiro que tá começando agora tiver uma informação relevante, bombástica, ele vai ser supervalorizado. Nem hierarquia entre os grandes blogs e os pequenos, não tem, não existe isso (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Não, não... Você tem referências né? Você tem, por exemplo... Paulo Henrique Amorim pelo impacto do blog dele, ele é uma grande referência. Uma referência inclusive nesse sentido, você tem que discordar de opiniões do Paulo Henrique Amorim, neste ou naquele caso. Mas ninguém desconhece o seguinte: Paulo Henrique Amorim, qual é a visibilidade que ele tem? Ele é apresentador do segundo programa mais importante de televisão de domingo no Brasil. Ele poderia tá cuidando da vida que blog, que porra nenhuma... É... podia ser uma pessoa que se acomodou e não, ele é um cara que mesmo tendo toda essa visibilidade midiática, um programa de grande expressão na televisão brasileira, o cara tá lá e escreve o blog dele. E ele desce o cacete, ele não tem medo de comprar briga né? Num tem medo de comprar polêmica, ele podia estar numa posição cômoda, pelo padrão de vida, pela... Então isso vai fazer dele uma certa referência... Uma coisa mais interessante, esse caboclo poderia tá quietinho cuidando só da vida dele, dane-se o resto. E ele milita no blog, o que ele faz no blog dele é uma militância. Uma militância, por um jornalismo mais ético, um jornalismo mais crítico, mas isso é uma referência... Líder nesse movimento de blogueiros não tem e aí de quem quiser ser. Aí de... Aí de quem levantar o dedinho e disser assim: ‘eu sou líder do movimento de blogueiros do Rio Grande do Sul, eu sou líder do movimento de blogueiros na Bahia, eu sou líder do movimento de blogueiros do Rio de Janeiro’, tá danado por que ele é um movimento muito plural e ele é um movimento que é isso, como ele não é de ação. É diferente de um sindicato, sindicato você tem uma greve né? Uma ação coletiva, tá lá a referência, a liderança da greve, o presidente do sindicato. Uma ocupação de terra é uma ação coletiva, você vai lá e ocupa uma área ociosa, grilada, você tem uma liderança que aparece e tal. O movimento de blogueiros não é uma ação coletiva, é uma ação individual, cada tá atrás de seu computador escrevendo as besteiras que acha. Que acaba se combinando, tem... Tem proximidade política, não eu gostei das suas ideias e você gostou das minhas, tem afinidades políticas, mas cada um tá atrás de seu computador. Não é uma ação coletiva, acaba se tornando uma ação coletiva... Mas é uma ação em que cada indivíduo tá no seu computador, tá no seu laptop. Então não dá pra ter líder num negócio desse, se alguém achar que é líder nesse negócio, vai levar chute. Né? E eu acho ótimo isso, eu acho mó barato, eu acho que essa é uma das... Algum... Alguns falam assim: “pô, mas tinha que ter, isso é um defeito do movimento”. Pra mim essa é a qualidade do movimento, não precisa de líder. Não precisa de líder, o * tem uma belíssima poesia que diz assim: “coitado do povo que precisa de heróis”, né? Coitado do povo mermo, agradeço a poesia do *. Esse movimento de rede não precisa de um líder, né? Você tem referências, você tem pessoas que tem mais condições de se dedicar a organização de um evento, mas isso não significa liderança não (Entrevista Altamiro Borges).

Eu acho que a internet ela é mais linear, não sei, ela é mais horizontal, não vejo ninguém como liderança. Ninguém como liderança e ninguém como última palavra. Acho isso bom também, acabou esse negócio de professor de pós-doutorado na Indonésia e eu entendo de papagaio, uma papagaiada. Não tem problema nenhum, porque o meu papagaio não faz isso. Acabou né? Eu acho que não... Acho que acabou um pouco dessa coisa dessa autoridade, dessa hierarquia, não sei. Acho que ali é um bolo de gente e é só. Eu acho que ela consegue, por que, por mais que você... Por exemplo, ali você é... É... Um depende do outro, tudo bem, você pega assim o Paulo Henrique Amorim é um blog que tem 15 milhões de pessoas, se aquelas milhões de pessoas num tiverem lá não tem blog do Paulo Henrique Amorim. Isso na internet é muito mais fácil, do que é, por exemplo, na televisão, em que você tem três canais. ‘Ah mas se você desligar a Globo’... Não, não dá pra fazer isso porque você tem 40 anos no canal. Na internet não, a gente migra muito fácil, migra do Orkut pro Facebook pro Twitter. Todo mundo migra muito fácil, então o cara tem que tá muito esperto ali também. Eu não tô pegando você como o hospedeiro, o wikileiro, como é que chama? É, enfim. O dono do blog lá tem que tá ligando também, porque o pessoal migra de um lado pro outro. Não consigo ver liderança (Entrevista ativista digital 3).

Os trechos acima, portanto, deixam claro que os entrevistados descartam a existência de figura de liderança no âmbito do movimento pelo fato de que a própria característica da esfera virtual, na concepção deles, impede que tal fenômeno seja possível. No entanto, ambos reconhecem a existência de indivíduos que são importantes para o movimento. Isso, para eles, se deve em função do “impacto” de seus blogs, que faz com que eles se tornem referências para outros.

Nesse sentido, é interessante a ligação que o blogueiro 1 estabelece entre o impacto de blogs como o do jornalista Paulo Henrique Amorim e a notoriedade que este possui em função de seu trabalho na mídia tradicional. Essa percepção corrobora afirmações feitas anteriormente de que o capital simbólico que jornalistas como ele acumularam na mídia tradicional e que foi trazido para a blogosfera é um fator que faz com que eles se tornem referências neste novo espaço. No entanto, ainda que este capital oriundo de tal processo de conversão seja extremamente importante pelo fato de angariar um número considerável de leitores, outros tipos de capitais também são importantes para que alguns indivíduos ou grupos se tornem referências no campo. Isso fica evidente na fala do blogueiro 5, que considera que “se o blogueiro que tá começando agora tiver uma informação relevante, bombástica, ele vai ser supervalorizado”.

Um aspecto interessante que marca o discurso do blogueiro 5 e que também se fez presente no discurso de outros entrevistados é a ideia de que ainda que a blogosfera não seja organizada pelo fato de ser “completamente informal”, há algumas instâncias que ao menos facilitam a promoção dos encontros entre os agentes, sendo o Centro de Estudos Barão de Itararé a organização predominantemente citada. Essa instância não possui o poder de decidir nada, não tendo nenhum tipo de controle sobre o movimento.

Ainda que um número considerável de entrevistados tenha rejeitado a existência de lideranças no movimento BlogProg e na própria blogosfera, outros respondentes disseram acreditar que havia algumas lideranças importantes e citaram mais ou menos os mesmos agentes que eles mencionaram anteriormente ao responderem quais eram os principais blogs e sites que compõem a blogosfera política alternativa. Assim, grande parte daqueles que disseram acreditar em líderes no movimento ou no campo citaram os blogueiros-jornalistas provenientes da mídia tradicional tais como Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna, bem como blogueiros-militantes como Eduardo Guimarães e Altamiro Borges. Este último blogueiro, aliás, foi citado com bastante admiração por parte de alguns entrevistados por ser considerado um exemplo de militante político que, sendo

ligado a um partido tradicional de esquerda, qual seja, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), logrou a utilização de parte da estrutura dessa organização para que fosse possível o funcionamento do Instituto *Barão de Itararé*. Ficou claro na fala de alguns entrevistados, portanto, que o blogueiro e presidente deste instituto é considerado uma figura simbólica no que diz respeito à luta pela democratização da comunicação no contexto brasileiro e que, possuindo a característica de um militante político, detém a capacidade de realizar articulações entre os diferentes grupos que se engajam nesse mesmo objetivo. Um dos entrevistados, por exemplo, disse que ele seria uma espécie de líder no movimento, justamente pelo papel que ele imprimiu ao Barão, qual seja, o de “lutar pela unidade em defesa da democratização da mídia” e “pela liberdade pra toda mídia falar o quizer sobre qualquer assunto” (Ativista digital 9).

O blogueiro Eduardo Guimarães, por sua vez, também foi muito mencionado por grande parte dos entrevistados como exemplo de militante político que, sendo um pequeno empresário, dedica grande parte de seu tempo ao blog pelo qual ele é responsável. Alguns entrevistados fizeram questão de afirmar que esse blogueiro desempenha um importante papel na blogosfera política pelo fato de que, não sendo ele um jornalista conhecido, conquistou grande reconhecimento nesse espaço devido a duas razões: a primeira está relacionada à sua militância em prol da democratização da comunicação no Brasil, especialmente por meio da ONG que ele fundou (Movimento dos Sem Mídia - MSM) e que organiza diversas manifestações ligadas a temas políticos); a segunda diz respeito à qualidade de seu blog que é constantemente atualizado e cujos textos são considerados pelos entrevistados como sendo comprometidos com a luta política e marcados pela espontaneidade.

Já os jornalistas provenientes da mídia tradicional citados anteriormente foram frequentemente mencionados por aqueles que reconhecem algum tipo de liderança no movimento, sendo que a explicação para que eles fossem reconhecidos como tal diz respeito não apenas à visibilidade que eles possuem devido ao trabalho desempenhado na mídia tradicional, mas também pelo fato de eles possuírem informações importantes e fontes que outros indivíduos não possuem, justamente por serem indivíduos consagrados. É curiosa, por exemplo, a constatação de que mesmo tendo explicitamente se desligado do movimento *BlogProg*, o jornalista Luis Nassif foi mencionado por muitos entrevistados como um líder importante no campo da blogosfera política progressista devido à importância de seu blog, que congrega um número muito expressivo de leitores.

Também, foram mencionados por alguns entrevistados outros agentes que, mesmo não sendo ligados diretamente ao movimento *BlogProg*, desempenham um papel importante na blogosfera política alternativa, tais como o blog do professor Emir Sader e sites de esquerda que já existem há muitos anos, tais como o portal Carta Maior e o portal *Vermelho*. Essas duas páginas, é importante mencionar, abrigam diversos blogs, sendo que a *Carta Maior* pode ser considerada um dos veículos pioneiros na blogosfera política alternativa brasileira. Os trechos abaixo mostram algumas das principais percepções por parte dos entrevistados que reconhecem o fenômeno da liderança no movimento aqui analisado ou mesmo na blogosfera de maneira mais geral:

É... Eu acho, Emir Sader, é... O Nassif, o Paulo Henrique Amorim, o Miro, o Eduardo Guimarães, eu acho que são pessoas que são... Que são reconhecidas como líderes, dessa blogosfera eu acho que são os *sites* mais frequentados, tem um *site* também, a Carta Maior, que na verdade não é um... Um jornalista... São diversos, que são excelentes e que eu considero muito importantes. O Portal Vermelho eu acho muito interessante... Eu acho que são os principais (Ativista digital 8).

Fica claro na fala da ativista digital 8, portanto, que o fenômeno da liderança na blogosfera está relacionado intimamente com o número de acessos ou com a frequência de visitas que aquele site possui, o que é uma percepção não apenas dela, mas de vários outros entrevistados que estabeleceram a mesma ligação. Entretanto, é importante lembrar que a mesma entrevistada fez uma colocação extremamente interessante de que, em sua visão, os líderes da blogosfera são aqueles que detêm informação privilegiada que outros não possuem. Assim, ela afirma que “é informação privilegiada mesmo, nada além disso [...], sem contar que elas são pessoas que no decorrer do tempo se tornaram pessoas dignas de credibilidade”.

Parece ser possível afirmar a partir dos trechos de entrevistas acima apresentados que as principais figuras de liderança ou de referência no âmbito do movimento *BlogProg* continuam sendo aquelas que participaram de sua criação em meados do ano de 2010. Dentre elas, encontram-se especialmente os blogueiros-jornalistas egressos da mídia tradicional e blogueiros-militantes que de alguma forma já tinham certa experiência com o embate político. Todos esses agentes, é importante mencionar, possuíam blogs com um número de acessos que já era considerado alto, mesmo antes do movimento ser por eles criado.

Já o Instituto *Barão de Itararé*, juntamente com a figura de seu presidente, são percebidos por muitos entrevistados como agentes bastante importantes para o movimento e para a luta pela democratização da comunicação no Brasil pelo papel que desempenham e que possibilita

a interação entre blogueiros e ativistas digitais. Assim, mesmo não sendo uma organização vinculada diretamente ao *BlogProg*, essa organização, na percepção dos entrevistados, exerce grande influência sobre o movimento e sobre o campo da comunicação, o que também a coloca como figura de referência extremamente importante para seus integrantes. O trecho de entrevista abaixo evidencia a percepção de grande parte dos entrevistados no que diz respeito ao papel do Barão de Itararé e de seu presidente:

Pra você conseguir ter o trabalho da representação, da organização, passa muito pela direção, pela liderança, é onde eu bato palma pro Miro, porque o Miro é um exemplo de líder contagiante no âmbito desse movimento. Ele é um catalizador, é uma referência histórica, inclusive, ele é um protagonista efetivo. O papel do que significa o Barão de Itararé é muito importante. E aqui nós do Rio, eu, Miguel e o Théo [...], a gente tenta trabalhar fazendo a divulgação da grife Barão, por conta exatamente da lógica do que a gente entende que é importante, que é essa disputa efetiva de poder, no setor de comunicação [...] Eu vejo o Barão como um irradiador de uma nova consciência, uma nova visão do que seja participação cidadã numa sociedade democrática (Entrevista Alexandre Teixeira).

O trecho acima, nesse sentido, não apenas coloca o blogueiro Altamiro Borges como um líder efetivo do movimento, mas também ressalta a centralidade do agente organizacional *Barão de Itararé* na disputa de poder que ocorre no âmbito do campo da comunicação.

No que diz respeito à blogosfera política alternativa, além destes acima citados, outros agentes são percebidos como referências importantes, inclusive alguns que não possuem vínculos diretos com o *BlogProg*, como os portais *Carta Maior* e *Vermelho*. Entretanto, praticamente todos os agentes mencionados pelos entrevistados de alguma forma estabelecem algum tipo de relação com o movimento, mesmo que seja apenas por meio da participação dos eventos que este promove.

Também parece evidente que, ao abordarem de que forma os indivíduos por eles mencionados exercem o papel de líderes, os entrevistados acabam por fazer referência aos capitais que aqueles possuem e que fazem com que eles se tornem agentes mais relevantes no campo. Isso indica que a posse de determinados capitais e a transformação destes em capital simbólico é fator imprescindível para que alguém se torne referência. A fala dos respondentes parece indicar que, dentre os principais recursos de poder que permitem a alguém se tornar referência, estão: a) o capital simbólico que, por si só acaba por gerar mais capital simbólico (caso dos blogueiros-jornalistas egressos da mídia tradicional); b) o capital informacional ou capital cultural, ou seja, a posse de informações valiosas que acabam por ser reconhecidas pelo público e que atraem leitores para aqueles que as publicaram (caso de alguns blogueiros ou ativistas digitais que obtêm de alguma maneira essas informações) e; c) capital social ou os

vínculos e redes estabelecidos com outros agentes (caso do próprio Barão de Itararé, que se dedica justamente a promover esse tipo de interação e de outros agentes que possuem cargos no movimento).

Com relação às diferenças observadas no discurso dos entrevistados quanto à existência ou não de lideranças no movimento ou no campo, parece ser possível concluir que, ainda que à primeira vista possa haver algum tipo de divergência sobre tal fenômeno, uma análise mais aprofundada permite afirmar que esta é na verdade muito tênue. Assim, independentemente de se perceber a existência de figuras de lideranças ou simplesmente de referências, o fato é que tanto um conceito quanto o outro parecem ter sido percebidos pelos respondentes como tão somente o privilégio ou capacidade que algum agente possui de ser percebido como figura simbólica no movimento ou no próprio campo em função da posse daqueles capitais mencionados anteriormente e que os levam a ser constantemente lembrados ou considerados agentes dignos de credibilidade. Assim, se conceitos mais tradicionais de liderança dizem respeito à capacidade que alguns indivíduos possuem de exercer influência sobre o comportamento de outros indivíduos rumo a um objetivo definido, as características da blogosfera política alternativa alteram significativamente esta definição, dado que um líder ou uma referência neste espaço é tão somente aquele que é crível perante os demais e que por essa razão é capaz de estimular determinadas ações. Este é o caso, por exemplo, de agentes como o blogueiro Eduardo Guimarães que ganhou notoriedade no campo não apenas por seu blog, mas também pelas diversas manifestações e abaixo-assinados que ele promoveu ligados a temas políticos ou ao tema da democratização da mídia no Brasil.

Por fim, ao se analisar os elementos mencionados pelos entrevistados para caracterizar as figuras de referências ou de liderança, parece ser possível afirmar que a falta de descrição de elementos que fundamentam o conceito mais tradicional de liderança por parte de todos os entrevistados (até mesmo daqueles que disseram reconhecer a existência de líderes) é explicado por dois fatores.

O primeiro fator se refere ao fato de que a blogosfera como um todo possui características próprias que impedem que alguém possa emergir como sendo uma liderança formal, o que se explica pela quase total ausência de estruturas formais nas quais os agentes se inserem e pelo “caos” que rege tal espaço.

O segundo fator é explicado pelo fato de que a principal característica que rege o fenômeno da liderança quando se analisa movimentos sociais é justamente a ideia da informalidade. Conforme Misoczky, Flores e Moraes (2010), ao entender os movimentos

sociais como organizações que produzem, socialmente, modos de cooperação instáveis e em movimento, torna-se viável a atuação de líderes embasados na ideia de confiança e no fomento de mais lideranças [...] onde a liderança seja fundamento do aprendizado no movimento que está inserido. A ideia de confiança, dessa forma, equivale no campo aqui analisado à ideia da credibilidade. Se no movimento *BlogProg* há figuras de referência bastante consolidadas que, em sua maioria ajudaram a criar o próprio movimento, o fato é que a influência que eles exercem sobre outros agentes é marcada pela informalidade. Entretanto, isso não impede que constantemente apareçam novos agentes que aos poucos também logram ser percebidos como referências importantes. Tal fenômeno ocorre com a condição de que esses novos agentes adquiram algumas das propriedades consideradas mais relevantes no campo, como frisado anteriormente.

4.4.3. Organização das atividades

No que tange à organização das atividades, emergiram menções por parte de diversos entrevistados sobre elementos por eles considerados importantes tais como as formas por meio das quais as atividades do movimento são implementadas, as rotinas internas; o papel desempenhado pelo Centro de Estudos Barão de Itararé e como ocorre a tomada de decisões no âmbito do movimento.

O *BlogProg*, de acordo com os entrevistados, não conta com praticamente nenhuma estrutura formal e, como foi relatado em falas anteriores, é considerado um movimento caracterizado pela horizontalidade ou linearidade e pela ausência de hierarquias. Isso se deve ao fato de que, como afirmou o blogueiro entrevistado Altamiro Borges, a blogosfera “não é uma ação coletiva, acaba se tornando uma ação coletiva [...], mas é uma ação em que cada indivíduo tá no seu computador, tá no seu laptop”, característica essa que naturalmente impede a formação de estruturas muito formalizadas e que se reflete no próprio movimento que foi criado para facilitar a interação entre os blogueiros. Assim, o movimento conta tão somente com a estrutura disponibilizada pelo Barão de Itararé para a realização de encontros regulares entre seus principais representantes em sua sede na cidade de São Paulo e também conta com a ajuda do mesmo Barão de Itararé para a organização dos encontros nacionais de blogueiros.

Para que os eventos promovidos pelo *BlogProg* nacional sejam realizados, por sua vez, é necessário que organizações diversas da sociedade civil os patrocinem ou se tornem “amigos da blogosfera”, conforme as palavras utilizadas nas chamadas dos encontros disponibilizadas nos diversos blogs analisados. Dentre as principais organizações que costumam patrocinar os

eventos, podem ser citados sindicatos, associações de classe, movimentos sociais e veículos de mídia alternativa. Já o Barão de Itararé, por sua vez, também conta com recursos próprios provenientes especialmente de doações e também lançou em sua página na Internet a campanha “Seja Amigo do Barão”, em que faz o seguinte chamado:

Fique sócio do Centro de Estudos Barão de Itararé. Ajude a construir uma entidade que participa da luta pela democratização dos meios de comunicação, contribui para o fortalecimento das mídias alternativas e comunitárias, desenvolve projetos de estudo e de pesquisa sobre a mídia contemporânea e investe na formação de novos comunicadores. Fundado em 14 de maio de 2010, o Barão de Itararé é uma entidade ampla e plural, que reúne em seu conselho consultivo 60 pessoas destacadas nesta frente estratégica da luta de idéias, entre jornalistas, ativistas da luta pela democratização da mídia e lutadores dos movimentos sociais. O Barão de Itararé depende da sua ajuda voluntária para desenvolver os seus trabalhos (BARÃO DE ITARARÉ, 2013, s/p).

Com relação ao papel desempenhado pelo Barão de Itararé, o discurso de um dos entrevistados aponta que seu surgimento foi inspirado na Conferência de Comunicação realizada no ano de 2009, evento este que enfatizou a necessidade de que houvesse uma maior interação entre os diferentes grupos da sociedade civil preocupados com a democratização da mídia no Brasil. Nesse sentido, afirma o entrevistado, o Barão surgiu com o intuito de “agregar” essas entidades, como fica claro no trecho abaixo:

O Barão? O Barão é um negócio legal. O Barão, ele nasceu, ele... É isso né? O movimento faz as coisas acontecer né? A gente... Caminhando é que se faz o caminho também, num é isso? O Barão nasceu desse processo de luta pela democratização da comunicação, eu diria que um fator fundamental do nascimento do Barão, foi no ano de 2009 a Conferência Nacional de Comunicação. A Conferência Nacional ela... Ela... Ela mostrou que o tema democratização da mídia não precisa e não deve ser debatido por uma parcela especialista em mídia, que o tema mídia interessa toda a sociedade né? Então você tem que envolver todos os atores sociais nesse debate, a Conferência de Comunicação ainda... mesmo que um pequeno, conseguiu envolver muita gente, conseguiu envolver vinte mil pessoas ou trinta mil pessoas, alguns chegam a falar, nas conferências estaduais e na conferência nacional. Ali mostrou o seguinte: o movimento pela democratização da comunicação tá ganhando impulso. Você já tinha varias entidades que contribuem na luta pela democratização da comunicação, você já tinha um Fórum Nacional da Democratização da Comunicação FNDC, que é uma entidade guarda-chuva, dentro dele tem varias entidades do movimento social que participam, uma entidade frentista. Você já tinha outras, você tinha, por exemplo, a Intervenções que é um coletivo jovem com uma grande capacidade de elaboração teórica (tosse), formulação, uma galera hoje na minha opinião decisiva no papel da democratização da comunicação no Brasil. Que é uma moçada que se formou, entende o que é a mídia no Brasil, conhece as diferenças internacionais né? É... Então tem muita capacidade de elaboração, então você já tinha várias, já tinha alguns organismos de democratização da comunicação. Só que no processo da Conferência, as pessoas começaram a pensar “po, mas daria para criar um outro”, por que não é pra dividir com ninguém é pra somar e ele pode agregar ainda outros setores que ainda... Ainda não tão sentindo participantes mais ativos nessa luta pela democratização da comunicação, então o Barão surgiu da ideia do que? De tentar confluir, de tentar agregar né? Sem centralizar né? Blogueiros que tavam começando a pintar, vários blogueiros escrevendo seus blogs que estavam dispersos, nunca tinham se encontrado. Tentar agregar vários sites progressistas que existem, revistas progressistas que existem e que não tinham representação né? Não tinham um espaço pra conversar, pra... Espaço pra tomar alguma... Algum tipo de iniciativa. Uma coisa legal do Barão desde o início, essa preocupação que eu te falei do

encontro de blogueiros nesse ultimo, essa preocupação de fazer interlocução com o movimento social né? Entendendo que o movimento social é o principal alvo e o principal... Principal alvo dessa mídia tradicional e deve ser o principal protagonista da luta pela democratização da comunicação, então o Barão conseguiu agregar esses setores, acadêmicos, estudiosos do tema [...] Então o Barão juntou essa turma, juntou essa turma né? É... Ele funciona de que forma? Ele tem uma diretoria, aí tem uma diretoria, lei registrada e tal tal tal. Tem uma diretoria composta de sete diretores, mais seis membros do conselho que fazem parte da diretoria, do conselho fiscal e ela tem... O Barão tem um grande conselho, que se reúne uma vez ao ano, que aí junta esses vários setores, junta o pessoal de rádio e TV comunitária, junta o pessoal da academia, junta o pessoal dos blogueiros, junta os movimentos sociais, junta essas entidades que já existiam e que tem papel e que tem papel importantíssimo nesse processo da democratização da comunicação, agrega toda essa galera. Com quais objetivos? Basicamente quatro grandes objetivos que o Barão tem: Um, participar de todas as lutas da democratização da comunicação, então tudo que tiver. Campanha da banda larga é pra democratizar a comunicação então é. Campanha contra os absurdos da telefonia móvel tem haver com democratizar a comunicação, támo nela. Campanha pelo marco regulatória da comunicação, o grande tema, támo nela. Segundo, fortalecer todos os veículos alternativos de comunicação da rádio comunitária à blogosfera, tudo o que agente puder dentro das nossas limitadas condições e limitada estrutura. O que a gente puder fazer, pra fortalecer essas várias experiências de mídias alternativas, agente vai fazer. Três, ajudar na formação de novos comunicadores, nós tamos com um problema sério nessa área. Novos comunicadores né? Frutos da ofensiva ideológica que se deu nesses últimos anos, da... Do individualismo exacerbado, da negação da ação coletiva né? Do consumismo doentio, fruto desses vários fatores, fruto no específico da péssima qualidade de ensino nas faculdades de Jornalismo né? Os nossos comunicadores, muitos deles perderam qualquer tipo de referência ética, perdendo qualquer tipo de compromisso com a verdade. Hoje tem compromisso em querer ser o William Bonner e Fátima Bernardes, esse é o... O objeto de desejo, isso é lamentável.. Então terceiro, é ajudar a formação nós não podemos deixar, nós estamos tendo uma ação criminoso ultimamente que é parcerias de faculdades com empresas de comunicação. Pra formar jornalista de mercado, enquadradinho. Né? Jornalista que às vezes é mais realista que o rei, é mais patrão do que o patrão. Quer ser mais patrão do que o patrão, no ponto de vista ideológico. Então ajudar na formação de novos comunicadores e terceiro, ajudar no estudo da comunicação né? Ter projetos de pesquisa sobre comunicação, então esses são... Então o Barão nasceu disso, desses quatro grandes objetivos. (Entrevistado Altamiro Borges).

O entrevistado deixa claro, portanto, que o *Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé*, ainda que possua um vínculo muito forte com o *BlogProg*, é uma organização que transcende este movimento. Isto porque ele agrega inúmeros outros grupos de agentes que também estão inseridos no campo da comunicação no Brasil e que se engajam na luta pela democratização da comunicação. Isso fica evidente quando o entrevistado cita como exemplo os “vários sites progressistas que existem” e “revistas progressistas que existem e que não tinham representação”.

Dessa forma, parece correto afirmar que a importância simbólica que o *Barão de Itararé* adquiriu com o passar do tempo desde que foi criado e que fica evidente na fala de diversos entrevistados está justamente em lograr que um espaço como o da blogosfera política alternativa, fragmentado por natureza, presenciase em seu interior um fenômeno de articulação entre grupos de agentes os mais diversos e com distintas trajetórias, tais como

blogueiros, revistas tradicionais, movimentos sociais, acadêmicos, TVs e rádios comunitárias, etc. Parece ser claro, também que, foi necessário que o próprio movimento adquirisse um formato orientado por uma lógica de organizar semelhante (mas não idêntica) ao de outras organizações burocráticas formais para que ela pudesse dar prosseguimento a suas atividades e perseguir seus objetivos formais os quais foram explicitados pelo mesmo entrevistado.

Do ano passado, terceiro encontro nacional e aí tomamo uma decisão, também chega né? Não dá pra fazer encontro todo ano, que é um custo muito elevado * continental, passagem, hospedagem é um custo muito elevado, então agora os encontros passam a ser bianuais né? Então nós vamo fazer uma... Vamos intercalar uma... Um ano ímpar é ano de encontros regionais e estaduais, pra ir enraizando mais, pra ir agregando mais gente, pra ir envolvendo principalmente a juventude, a juventude é a principal... É... Ativista digital e no ano par fazemos um encontro nacional. Acho que tá... Vamo tocando esse movimento, é um movimento muito horizontal ele não tem uma estrutura organizativa, não tem nada, direção nem lei. Não tem nada disso. Ele é muito em rede, ele é a expressão do que é o ativismo digital, ele não tem... Não é uma coisa burocratizada né? O que eu acho que é fundamental para gente sobreviver, por que como ele é muito diverso, como ele é muito plural, como ele tem vários atores né? Ele é uma verdadeira fauna né? Se você quiser criar uma estrutura muito pesada e tal, ele não se aguenta [...] Esse encontro internacional, no terceiro encontro eu acho que teve um negócio muito legal também. No terceiro encontro ele teve que, primeiro que ele se relacionou mais com os movimentos sociais né? Então no encontro da Bahia, nós tínhamos muito mais presença dos movimentos sociais. No que, podia-se criar uma... Uma... Barreira entre o ativismo digital e a luta social, muita gente da luta social dizia assim, “não, vocês só fazem militância no computador” né? Isso num... Num cheira nem fede [...] Muita gente aqui no ativismo digital tende a falar, “não, mas vocês tão muito parados” né? Podia criar uma dicotomia, uma barreira. Nem uma coisa nem outra, não é só a luta nas redes ou só a luta nas ruas, é saber combinar as duas coisas né? Então eu acho que a ideia nas redes e nas ruas é uma coisa combinada. Por que cês são o que mais apanham, movimento sindical é o que mais apanha dessa imprensa que tá aí, essa imprensa patronal que tá aí né? Movimento dos Sem-terra é o que mais apanha, qualquer luta do movimento dos Sem-terra é criminalizado, então tem que ser uma coisa casada né? E uma ação fortalece a outra né? Então não há separação nas redes e nas ruas. Nós vamo lutar nas redes e nas ruas, vamo combinar esse negócio. Eu acho que isso foi um negócio legal do terceiro encontro, começou a... É... Uma outra coisa legal é que esse terceiro encontro adquiriu uma maior, sem ser vertical, sem ser um movimento, uma organicidade muito rigorosa. Mas ele adquiriu mais institucionalidade, a Câmara Federal tava em debate uma * da internet que é uma coisa fundamental, a Câmara Federal pediu pra fazer uma audiência pública sobre o marco civil na internet durante o encontro. Então mostra a força que esse movimento também foi adquirindo né? Então acho que foram marcos importantes desse terceiro encontro nacional. Nós tivemos mudança de direção também, isso é legal. Essa direção que é inorgânica tanto é que não é coordenação, não é direção que se chama, comissão nacional de organização do encontro. Ela só tem o objetivo de organizar o encontro, ela não faz mais nada. Ela não fala em nome de ninguém, queira essa comissão ficar falando que esse estado ou aquele estado deve fazer, cada estado que se vire né? Ela num... Ela num se pronuncia pela blogosfera, a blogosfera quem se pronuncia pela blogosfera são os blogueiros né? Mas teve mudanças mesmo nessa comissão, por que como ela nasceu primeiro de uma... De uma atividade do Barão de Itararé, da Fundação Barão de Itararé mais paulista e como ela nasceu desses blogueiros que já tinha uma maior... Maior consolidação e maior acesso, num primeiro momento a comissão foi paulista desses blogueiros, esses blogueiros é que carregaram o piano nas costas, que deram legitimidade, que deram visibilidade ao movimento. Com o passar do essa comissão organizadora, comissão organizadora não é coordenação, não é direção de porra nenhuma né? Essa comissão organizadora começou a mudar, então num segundo encontro ela adquiriu um caráter regional, ela tinha representantes das cinco regiões e agora ela tem representantes dos estados. Cada estado tem um representante, quem indica esse representante? Blogueiros do estado, eles que se virem, pode rodiziar?

Pode, se quiser vir uma numa reunião, outro na outra pode vim. Qual é o papel? Não é decidir nada, o papel é trabalho só, é organizar o encontro (Entrevistado Altamiro Borges).

A fala acima indica, portanto, que o Movimento *BlogProg* em sua trajetória inicial era caracterizado por uma forte influência de questões inerentes ao contexto do Estado de São Paulo, uma vez que a maior parte dos agentes-blogueiros que o inauguraram vivem nesta região. A partir do II Encontro Nacional, entretanto, o movimento procurou descentralizar suas decisões e, assim, comissões estaduais foram formadas para dar voz aos blogueiros e ativistas de outras regiões do país que em plano local vinham passando por problemas muito parecidos com os blogueiros precursores do movimento, como processos judiciais, censuras, ameaças e mesmo alguns casos de assassinatos.

Além disso, houve uma preocupação por parte dos principais agentes do *BlogProg* de que era necessário que o movimento também debatesse questões de caráter mais local e que refletisse os elementos culturais oriundos de outros Estados. Dessa forma, tal decisão fez com que não apenas as comissões estaduais fossem criadas, mas que o III Encontro Nacional de Blogueiros fosse realizado na cidade de Salvador, no Estado da Bahia.

Ao explicar a dinâmica organizativa do movimento *BlogProg*, a blogueira Conceição Oliveira trouxe à tona situações em que eventuais conflitos surgem durante algumas votações e tomada de decisões nas comissões. Ela afirmou que, muitas vezes, alguns representantes de comissões estaduais de blogueiros recorrem à comissão nacional para que ela intervenha em alguma questão que porventura seja objeto de conflito entre os participantes da primeira e sobre o qual não há algum tipo de consenso. De acordo com ela, quando esse tipo de situação ocorre, a resposta da comissão nacional é a de que não há nada que possa ser feito, uma vez que o movimento é horizontal e por isso rejeita qualquer tipo de interferência nesse sentido, como mencionado no trecho de entrevista abaixo:

Tem isso, tem essa coisa muito horizontal do movimento. Ninguém manda em ninguém. Não existe dizer assim: 'Nós vamos fazer isso'. Não existe, ninguém vai fazer. Muito pelo contrário, se você ousar fazer, é capaz do outro fazer o oposto só pra não seguir regra nenhuma. Então é difícil falar em um movimento que não tem hierarquia... Às vezes tem umas muvucas que acontecem internamente na cidade e tal, e os caras recorrem à gente, e não tem o que fazer. Aí a gente olha e fala assim: 'Meu, a gente pode conversar, não tem como a gente tomar nenhuma decisão, tenta conversar entre vocês'. Ninguém delega poder pra nós e vice-versa, a gente é um movimento que é horizontal, e a gente quer que continue assim (Entrevista Conceição Oliveira).

Já o blogueiro Renato Rovai explicou, ao ser perguntado sobre a organização do movimento, que a comissão nacional do *BlogProg* foi formada durante o II encontro nacional

de blogueiros e que ela se renova a cada encontro. Ele reconheceu que o movimento possui algumas lideranças naturais ou referências importantes decorrentes da contribuição que elas já deram, mas enfatizou que ele tenta ser “tenta ser horizontal” e que eles “evitam falar em nome do movimento”. Ele enfatizou, ainda que na hora da votação não há diferença alguma com relação ao peso de seus integrantes, conforme o trecho abaixo:

Sempre acaba tendo, não vamos dizer que não... É bobagem, fazer de conta que não. Porque se você tem uma audiência maior, a sua opinião dentro de um grupo, ela tem... Ela é mais representativa de alguma forma. Ela pode não ser a melhor, mas as pessoas olham e falam: ‘olha, aquela pessoa tá falando, se ela romper agora não é bom, então vamos tentar conversar’... [...] Eu falo, calma vamos tentar ver o que dá pra fazer... Não tem muito desse tipo de divergência no fundo, mas o que eu quero te dizer é que sempre tem pesos, mas na hora das decisões nas assembleias, cada um é um voto. Vai lá pra frente e defende, perde ou ganha. Eu já vi blogueirão perder votação pra blogueirinho... Não tem muito isso. Mas em geral tem, sim uma atenção especial a algumas pessoas que são referências pelo aquilo que fizeram, não pelo blá blá blá, pelo que fazem. Porque eu acho que tem essa cultura hacker, a coisa da cultura hacker é... Você não gostou, faça melhor! Você não faz, então quem faz... Quem faz mais acaba tendo, quem faz mais tem mais protagonismo, então se alguém entra e faz e monta, e bloga suas histórias e tal tal tal, vai ter mais [...] Tem uma coordenação nacional do movimento que eu participo, ela é eleita no encontro nacional. Renovada a cada encontro nacional... Essa... Esse grupo deve ter umas quinze pessoas, [...] e ele tem gente de todas as regiões do país, quase todos os estados. Então é assim, não é mais o grupo original dos dez que fizeram aquela, o primeiro BlogProg, que é daqui de São Paulo. Até por uma questão, a gente tava mais em São Paulo, tava perto e conseguia se encontrar, tem essa cara mais paulista... E agora cresceu, as pessoas estão fazendo encontros por aí, a gente nem sabe às vezes (Entrevista Renato Rovai).

A fala do blogueiro acima vai ao encontro, portanto, da fala de outros representantes do movimento que reconheceram a existência de algumas figuras de peso no interior do movimento que podem ser consideradas “líderes naturais” ou “referências”. Ao mesmo tempo, ele deixa claro que esse fato não interfere no caráter horizontal do movimento, já que em seu entendimento ninguém pode falar em nome do *BlogProg*. A tomada de decisões no âmbito do movimento, segundo Rovai, ocorre com base em votação nas assembleias onde “cada um é um voto” e onde qualquer pessoa pode defender seu posicionamento livre de constrangimentos.

Já o blogueiro Rodrigo Vianna, ao comentar sobre os diferentes papéis exercidos pelo Barão de Itararé e pelo movimento *BlogProg* e como eles se inter-relacionam, também explicou a maneira por meio das quais as decisões são tomadas. Da mesma forma como o blogueiro anterior, ele mencionou a existência da comissão e também a renovação que esta sofreu ao longo do tempo e que possibilitou uma maior amplitude e representatividade do movimento, como o trecho abaixo:

O Miro é o presidente, tem uma grande autonomia, porque até pela figura dele, é uma pessoa com um grau de confiabilidade grande pra tudo... É que existem duas coisas...

Uma coisa é o Barão de Itararé e outra coisa é o movimento dos blogueiros. São parceiros, mas não são a mesma coisa. O Barão de Itararé ajudou a organizar o movimento de blogueiros, mas o movimento de blogueiros tem uma comissão nacional da qual fazem parte algumas pessoas do Barão e outras pessoas que não são do Barão. Os encontros de blogueiros tem um relativo grau de autonomia, contam com a estrutura, que é pequena, do Barão pra organização, mas as decisões são tomadas nessa comissão. Tem representantes dos estados, das regiões... Tem uma comissão nacional original que tinham dez pessoas e essa comissão foi renovada no II, III encontro, e depois ela foi ampliada com os representantes das regiões do Brasil (Entrevista Rodrigo Vianna).

O mesmo blogueiro, entretanto, considerou, em sua fala que não se pode afirmar que o movimento seja totalmente horizontal, uma vez que considera que o papel das organizações é importante para que se possa “aglutinar” os esforços dos diversos agentes envolvidos. Apesar de achar que a rede possa até ser marcada pela menor presença de mecanismos de controle e de maior abertura e mais democrática, o jornalista Rodrigo Vianna, ao abordar o papel do *Barão de Itararé* e do blogueiro Altamiro Borges como articulador no movimento, afirmou que não se pode “abolir completamente o papel das organizações e das instituições”, como indicado no trecho abaixo:

Eu não acredito, apesar de que as redes facilitam muita coisa, mas eu não acredito em geração espontânea. Eu acredito em organização. Pode até ser razoavelmente horizontalizada, democrática, aberta pra, ser menos piramidal, mas alguma organização tem que ter porque se não... A geração espontânea até existe, mas ela se perde, se não tiver ninguém que aglutine, dê forma e ajude, e dinamize, você perde muito a energia. Então eu acho que o importante é... Na verdade eu acho que dá pra conviver com as duas coisas... Atividades horizontais, mas alguma organização que tenha institucionalidade e formalidade até... Tem que ter uma comissão pra decidir onde eu vou fazer o próximo encontro! Tem que marcar hotel, tem que ajudar alguém com passagem, hospedagem, (inaudível) etc, etc, tudo isso precisa de alguém pra fazer. Então eu não acredito nesse discurso: ‘ah não, é a rede, é tudo horizontal’. Olha, eu acho que as redes têm um papel porque ajuda a disseminar a informação de maneira menos controlada, mas você não abole completamente o papel das organizações e das instituições (Entrevista Rodrigo Vianna).

A fala do blogueiro Rodrigo Vianna é extremamente importante, uma vez que vai ao encontro de observação feita anteriormente de que foi necessário ao movimento *BlogProg* adotar práticas organizacionais orientadas por uma racionalidade semelhante a de organizações burocráticas formais para que ela pudesse perseguir seus objetivos formais e, assim, não “se perder”. Nesse sentido, pode-se chegar à conclusão de que, se por um lado a organização das atividades, participação e tomada de decisões no âmbito do movimento de fato possui diversas características que permitem que ele possa ser marcado por um grau razoável de horizontalidade e descentralização, por outro lado, como qualquer movimento minimamente organizado, ele necessita da burocracia para ser viabilizado.

Já o blogueiro Alexandre Teixeira afirmou não acreditar no argumento da horizontalidade, e ressaltou que acredita ser necessário algum tipo de direção, por mais que fuja do estilo tradicional, como mencionado no trecho abaixo:

Eu não acredito no tal horizontalismo. Horizontalismo pra mim é sexo (risos). Tem que ficar na vertical em pé e caminhando. É uma falácia essa coisa do horizontalismo, por quê? Porque há necessidade, sim, de se ter um comando, uma direção, um pensamento consensuado que seja o norte a se seguir, não necessariamente uma pessoa que seja a voz de comando no estilo tradicional. É óbvio que tem os de referência, mas mesmo os de referência, eles passam por um filtro de aferição de muita gente [...] É óbvio que na prática o horizontalismo concretamente não é efetivo, mas ele enquanto bandeira, enquanto uma referência, ele funciona pra fazer a contraposição ao segmento privilegiado que é a vanguarda que ocupa os espaços tradicionais de representação. E até é muito importante porque ele oxigena e força com que essas instituições de representação, que são necessárias [...] (Entrevista Alexandre Teixeira).

Entretanto, o mesmo entrevistado afirmou que enxerga elementos de horizontalidade no movimento, ainda que, em sua opinião, tais elementos não sejam suficientes para que se possa afirmar que exista uma prática política horizontal consolidada:

Os eventos ocorridos no Brasil em Junho e Julho são a prova concreta de que um alcance maior, não necessariamente horizontalidade pura... Porque há necessidade de ter uma iniciativa, um mínimo de unidade de comando ou de rumo, desde... Vamos nos concentrar onde, a que horas, qual o percurso a ser percorrido... Essas coisas são pré-estabelecidas e não horizontalidade nenhuma que define, porque senão não vai a lugar nenhum, e essas coisas são definidas pelo método tradicional. Quando se fala em horizontalidade, talvez haja uma confusão no seguinte: o alcance da comunicação alternativa. Hoje as ferramentas de comunicação que se tem, a blogosfera progressista, não vinculada às grandes famílias, ela é horizontal, não existe um comando, mas isso não significa que isso seja um êxito de uma política de horizontalidade. Até porque se for chamada uma discussão, eu já vi exemplos disso, ah, vamos fazer não sei o que, nossa senhora, não há consenso, não há decisão, porque a diversidade é tamanha... A única coisa que é de consenso, quase, eu diria que é um sentimento majoritário é o confronto com a Globo, isso é consenso. É o que eu digo... É um horizontalismo, mas não é a consolidação nem o louvor de uma prática de política horizontal, é um alcance de comunicação em contraposição ao que tem a mídia tradicional. (Entrevista Alexandre Teixeira).

Já a menção à renovação pela qual passou o movimento *BlogProg* a partir do II encontro nacional de blogueiros e que foi mencionada por blogueiros mais acima está registrada na Carta referente a este encontro, em que fica clara a importância dada pela comissão nacional à descentralização do movimento. Assim, em um dos itens do documento intitulado Fortalecer o movimento da blogosfera progressista, garantindo o seu caráter plural e democrático com o objetivo de descentralizar e enraizar ainda mais o movimento, foi aprovado o seguinte:

- Que a **Comissão Organizadora Nacional** passará a contar com **15 integrantes**- Altamiro Borges, Conceição Lemes, Conceição Oliveira, Eduardo Guimarães, Paulo Henrique Amorim, Renato Rovai e Rodrigo Vianna (que já compunham a comissão anterior);- Leandro Fortes (representante do grupo que organizou o II Encontro em Brasília);- um representante da Bahia (a definir), indicado pela comissão organizadora local do III Encontro;- Tica Moreno (suplente – Julieta Palmeira), representante de

gênero;- e mais um representante de cada região do país, indicados a partir das comissões regionais (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte). As comissões regionais serão formadas por até dois membros de cada estado, e ficarão responsáveis também por organizar os encontros estaduais e estimular a formação de comissões estaduais e locais. Os blogueir@s reunidos em Brasília ainda sugerem que, no próximo encontro na Bahia, a Comissão Organizadora Nacional passe por uma ampla renovação (CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS, 2012, s/p).

A importância da atuação dos blogueiros locais no movimento foi enfatizada também por outro entrevistado, um ativista digital que atua como representante do Centro de Estudos Barão de Itararé da cidade do Rio de Janeiro. Ao ser perguntado sobre que *blogs* poderiam ser considerados os mais importantes do movimento, ele afirmou que, atualmente, ocorre uma situação particular em que os *blogs* locais vêm cada vez mais se tornando referência do movimento e pautando as discussões feitas nos blogs mais nacionais, como fica claro no trecho abaixo:

É difícil né, porque a pergunta, uma resposta superficial eu diria que é o blog do Miro, o blog do Azenha, o blog do Paulo Henrique Amorim, o blog no Nassif né, mas não é, porque o blog deles depende de uma blogosfera que tá sustentado e produzindo informação aqui embaixo, tá virando referência, inclusive cada vez maior. Então o blog do cafezinho, do Miguel né, o blog do Ismael lá no Paraná, o blog da Cris no Rio Grande do Sul, tem blogs em todos os estados né, que não são tão conhecidos nacionalmente, mas que são quem sustentam esses blogs que são conhecidos nacionalmente. É a produção, aquilo que é produzido no local e que chega lá no blog nacional e quer dizer a gente ouve muito vindo do, do que vem do blog nacional, mas ele tá consumindo o que tá sendo produzido... Então são centenas e centenas de blogs né, locais que mantém a, que fazem a blogosfera ser viva né, de fato (Entrevista ativista digital 9).

Ao ser perguntado sobre as práticas organizativas do *Barão de Itararé*, o mesmo entrevistado acabou por mencionar algumas características que já haviam sido descritas por outros entrevistados, mas mencionou outros elementos que são importantes para que se possa compreender a dinâmica do movimento, como, por exemplo, o papel dos representantes eleitos. O trecho abaixo aprofunda a discussão sobre a forma por meio do qual o *BlogProg* se organiza:

Eu vou falar sobre o Rio de Janeiro, que é o pelo qual eu sou responsável. A gente tenta fazer tudo da forma mais coletiva possível, então a gente tá pensando em fazer em setembro agora o encontro de blogueiros, mas a gente chama na rede reuniões, que é pra tentar debater de forma mais coletiva possível com os blogueiros como é que vai ser a programação, como que vai ser o financiamento, como que vai, onde, se vai acontecer né, o encontro, então, é da forma mais coletiva possível entre os blogueiros e ativistas midiáticos né, e ativistas das redes sociais. Tem gente que não tem blog, mas tem o twitter que funciona muito, então a essa é a principal característica fazer de forma, de forma coletiva. A gente elege né. Eu fui, eu entrei no lugar do Sérgio Telles que era antes representante dos blogueiros, mas não é pra ser o presidente né, o Miguel fala que eu sou

o presidente, não é pra ser o presidente, não é isso... É pra tirar alguém que pode ter uma disponibilidade maior pra ir em São Paulo, nas reuniões do encontro nacional, pra trazer de São Paulo pra cá também o que tá sendo pensado nacionalmente, então o representante do Rio BlogProg não é o Blogprog, é importante deixar claro isso. Ele é só uma figura que vai lá em São Paulo encontrar com o pessoal de outros estados e trazer pra cá as informações, é o cara que vai chamar a reunião, que alguém tem que falar: vamo fazer a reunião tal dia? Ou não né, a maioria acha que é outro dia, é mais isso, é mais horizontal do que vertical propriamente dito. Ele só existe assim porque no dia em que ele virar vertical ele acaba, o movimento acaba (Entrevista ativista digital 9).

Mais uma vez, portanto, as práticas organizativas do movimento são descritas e justificadas com base nas características da horizontalidade e da descentralização. Assim, o entrevistado acima fez questão de reforçar a ideia de que não é um presidente da organização, mas apenas um representante cuja principal atribuição é trocar informações com a comissão nacional do movimento e levar para esta as demandas de seu estado.

Por fim, um dos entrevistados afirmou que, ainda que os encontros sejam importantes para o movimento, existe uma preocupação com relação ao grande trabalho que envolve tais eventos que acaba prejudicando de certa forma as práticas de ativismo por parte dos militantes digitais. Ainda, o mesmo entrevistado, apesar de haver ressaltado em diversos momentos o caráter horizontal do movimento, afirma que ainda há discussões com relação à melhor maneira de organizá-lo, como fica evidente no trecho abaixo:

Pois é, a gente vai fazer um encontro nacional ano que vem. Vai fazer encontros estaduais agora em 2013, né. Fortaleza é um lugar certo, inclusive as características dos estados que tiverem encontros estaduais é que façam encontro com um porte razoavelmente grande. Até porque vão ser menos lugares né, perdeu-se um pouco do encanto com a novidade. Essa coisa dos encontros, tudo bem que a gente sente saudade das pessoas, tem muito desse lado humano também, a gente faz amizades, né, a gente quer encontrar as pessoas, mas além do custo, tem um trabalho muito grande... Você tira as pessoas do front do movimento, do ativismo, pra ficar organizando. E muitas das pessoas não têm tempo, existem alguns questionamentos burocráticos sobre como organizar né, que, que enfrentam idealismos pra conseguir se chegar a melhor fórmula (Entrevista ativista digital 7).

Com base no que foi descrito com base na subcategoria de análise, pode-se afirmar que é possível considerar o *BlogProg* como um movimento cujas práticas organizacionais vão ao encontro das características da horizontalidade e da descentralização mencionadas pela maioria dos entrevistados. Isso está relacionado a dois fatores.

Em primeiro lugar, ainda que alguns blogueiros e ativistas digitais possuam um maior poder de influência sob os demais agentes devido à quantidade de capital por eles acumulados, na prática os primeiros não exercem um papel de liderança formal pelo fato de não possuírem a pretensão de orientar os esforços dos segundos. Nesse sentido, eles exercem

um papel de referências do movimento ou no máximo de um estilo mais informal de liderança, já que suas influências ocorrem a partir da própria opinião que emitem no campo, o que foi analisado no item anterior.

Em segundo lugar, a possibilidade que a própria blogosfera abre para que agentes diversos possam utilizar as tecnologias de informação e comunicação para emitir suas diferentes opiniões e assim converter alguns tipos de capitais que possuem em capital simbólico já se constitui em um fator que torna o próprio movimento bastante diverso. Isto cria dificuldades para que ocorra uma institucionalização de determinadas práticas e estratégias de ação, ou mesmo para o surgimento de mecanismos de controle vistos nas organizações formais.

A horizontalidade e a descentralização que caracterizam o movimento *BlogProg* estão ligadas, portanto, justamente à própria natureza da blogosfera política alternativa, em que diferentes agentes atuam conforme seus *habitus*, recursos de poder e estratégias diversas. Assim, a principal característica que marca o *BlogProg* é o fato de caracterizar-se como um movimento em que, excetuando os objetivos por ele perseguidos e que estão listados nos documentos formais dos encontros nacionais e estaduais periodicamente realizados, não há a presença de nenhum tipo de diretriz, regras e mecanismos de controle. Tampouco há algum tipo de requerimento necessário para que alguém seja incluído formalmente no movimento, apenas o senso de identificação por parte do indivíduo com seus objetivos maiores. Parece ser possível afirmar, portanto, que, em geral, aquelas pessoas que costumam comparecer aos eventos do movimento podem ser percebidas como integrantes do movimento, ainda que nem todos os blogueiros e ativistas digitais que possuam relação com o movimento necessariamente compareçam a tais eventos.

Por fim, deve-se mencionar também que, embora o *BlogProg* seja um movimento claramente horizontal e descentralizado, isso não significa dizer que ele não seja dotado de elementos que também estão presentes em organizações formais orientadas por uma racionalidade de natureza instrumental. A própria necessidade que o *BlogProg* possui de contar com o *Centro de Estudos Barão de Itararé* para que este auxilie na realização dos diversos eventos promovidos pelo movimento é um indicativo de que mesmo aquelas organizações que lançam mão de estratégias de subversão e que possuem uma estrutura horizontal na maioria das vezes acabam lançando mão de estruturas formais como forma de implementar suas atividades. Além disso, como visto anteriormente, o movimento também não dispensou a criação de estruturas como a criação de comissões nacionais e estaduais em que de alguma forma seus agentes mais representativos se encontram inseridos. Por outro

lado, ficou claro também que, além de não haver nenhum tipo de organograma formal organizativo desenhado, todas as pessoas se situam no mesmo nível hierárquico no âmbito dos comitês formados. Assim fica bem claro que a estrutura do movimento é desprovida de hierarquia e a tomada de decisões ocorre de modo muito distinto ao modo como ocorre em organizações orientadas por uma lógica puramente instrumental, onde as decisões estratégicas são tomadas por pequenos grupos que ocupam uma posição privilegiada na hierarquia organizacional. Nesse sentido, fica claro que a tomada de decisões, no exemplo aqui analisado, vai ao encontro do que Coelho (2012, p.313) afirmou ser característico dos movimentos sociais, em que as decisões não estão fundamentadas em “interesses e valores pessoais, mas sim em critérios construídos coletivamente, por meio da série contínua de consultas e da busca de consensos”. O ato de militar, para a autora, é aquele que significa a “construção da organização, como um processo vivido de modo pessoal e coletivo, consciente e voluntário, o que torna o coletivo mais forte e constrói identidades. (COELHO, 2012, p.313 apud MISOZCKI; FLORES; MORAES, 2010).

A maneira encontrada para que as decisões sejam tomadas, dessa forma, não apenas faz com que o movimento evite qualquer tipo de intromissão por parte das instâncias nacionais em problemas de nível local, mas também possibilita que ele se adapte com mais rapidez às diversas contingências que surgem em seu cotidiano e que interferem nas práticas organizativas de seus agentes.

4.4.4. Financiamento

Outro elemento diretamente relacionado às práticas organizativas do *BlogProg* que foi mencionado por praticamente todos os entrevistados pertencentes ao grupo dos agentes-blogueiros foi a questão relacionada ao financiamento das atividades levadas a cabo por seus agentes. Sendo assim, surgiram ao longo do processo de coleta dados duas principais abordagens ligadas à categoria de análise. A primeira delas diz respeito ao financiamento das atividades do próprio movimento *BlogProg* e a segunda está relacionada ao financiamento das atividades dos próprios agentes que dele participam direta ou indiretamente.

A primeira abordagem por parte dos entrevistados com relação à subcategoria de análise financiamento das atividades do movimento diz respeito à obtenção de recursos financeiros que são utilizados especialmente para que os encontros do movimento sejam realizados. No caso dos encontros nacionais, conforme mencionado por alguns entrevistados e de acordo

com diversos dados secundários, a comissão organizadora nacional é a principal responsável pela disponibilização da infraestrutura básica para os eventos, sendo que para até um número específico de participantes são oferecidas hospedagem e alimentação ao longo dos dias em que eles são realizados. A inscrição para a participação nos eventos e a concretização das decisões tomadas pela comissão é, por sua vez, de responsabilidade do Centro de Estudos Barão de Itararé. Os trechos abaixo exemplificam tal afirmação ao mencionarem a estrutura que possibilitou a realização do II e III encontro nacional de blogueiros progressistas no DF e na cidade de Salvador, BA:

A Comissão Organizadora oferecerá hospedagem, dois almoços e dois cafés da manhã para os 400 primeiros inscritos. Para os demais inscritos, não será possível fornecer almoço ou hospedagem. O auditório que sediará o evento será o do Centro de Eventos e Treinamento da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio (CNTC). A instituição ainda dispõe de 120 camas em seu alojamento. Outros alojamentos estão sendo buscados. Haverá, ainda, assessoria do Centro de Estudos Barão de Itararé para os que excederem os 400 inscritos aos quais serão oferecidos alojamento e refeições, de forma a ajudá-los a localizar as melhores opções para tais necessidades. Sugere-se aos internautas de Brasília que nos ajudem com hospedagem solidária, ou seja, oferecendo-se para hospedar participantes de outros Estados. É importante ressaltar que, até o último dia 31 de maio, já havia 211 inscrições, o que deixa apenas 189 vagas disponíveis. Contudo, o auditório da CNTC pode abrigar pelo menos o dobro das 400 pessoas que receberão suporte da Comissão Organizadora. Contatos e inscrições podem ser feitos através do e-mail contato@baraodeitarare.org.br. O valor da inscrição é de R\$ 60, porém estudantes pagarão apenas R\$ 20. Finalmente, o evento será integralmente coberto, ao vivo, pela TV dos Trabalhadores (TVT) (GUIMARÃES, 2011, s/p).

Na reta final para o III Encontro Nacional de Blogueiros, que ocorrerá nos dias 25, 26 e 27 de maio em Salvador (BA), 279 ativistas digitais de todo o país já se inscreveram no sítio do Centro de Estudos Barão de Itararé. A meta é atingir 400 participantes. Toda a estrutura do evento está montada. Graças aos vários apoios, foi possível garantir hospedagem e alimentação aos inscritos. O III BlogProg será feito no Hotel Sol Bahia [...] Conforme definido pela comissão nacional organizadora, o III BlogProg terá dois eixos básicos: a defesa da liberdade de expressão e da blogosfera, alvo de intensos ataques no último período; e a luta pela democratização da comunicação, com a deflagração de um debate democrático na sociedade sobre o novo marco regulatório do setor. Com base nestas premissas e a partir de inúmeras sugestões, também já foi fechada a programação oficial do encontro. (VIOLIN, 2012, s/p).

No que está relacionado ao financiamento dos encontros nacionais realizados pelo movimento, os dados indicaram que este é possibilitado por meio do apoio de diferentes organizações da sociedade civil que são mencionados nos documentos oficiais do BlogProg como “amigos da blogosfera”. Conforme o Centro de Estudos Barão de Itararé (apud CUT, 2012, s/p), a garantia de hospedagem e alimentação para os participantes ocorreu graças ao “apoio dos ‘amigos da blogosfera’, que perceberam a importância do fortalecimento destas novas mídias”. Também, de acordo com notícia publicada por Costa (2012, s/p) no portal Vermelho em que divulgou a realização do III BlogProg:

Desde a sua primeira edição, o Encontro vem se viabilizando através de apoio de entidades sindicais, de sites e revistas progressistas, como Caros Amigos, Carta Capital, Carta Maior e Vermelho; de fundações de estudos, como a Perseu Abramo e Mauricio Grabois, além disso nós buscamos apoios institucionais e cobramos pela inscrição. O governo da Bahia, através da Secretaria de Comunicação, tinha sinalizado a possibilidade de apoio e estamos aguardando a resposta para dar continuidade à preparação do evento”, acrescentou (COSTA, 2012, s/p).

Por meio da análise dos documentos referentes aos três encontros nacionais realizados pelo BlogProg, pode-se afirmar que a maioria das organizações que costuma apoiá-los é formada de fato pelos agentes mencionados no último trecho acima destacado, quais sejam, “entidades sindicais, de sites e revistas progressistas”. Deve-se ressaltar que grande parte dessas organizações já foi mencionada no item 4.2.1, quando se abordou de forma mais específica as características inerentes ao grupo formado pelos agentes-organizações.

Não se pode, entretanto, deixar de mencionar uma acusação que é comumente feita por parte dos principais veículos tradicionais de comunicação com relação ao financiamento das atividades do movimento e que diz respeito ao apoio de algumas empresas estatais à realização de suas atividades do. Tal acusação se deve especialmente devido ao patrocínio de empresas como Petrobras, Fundação Banco do Brasil e Itaipu binacional ao II Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, que contou com a presença do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Tal patrocínio, de acordo com tais veículos, significa que o movimento pode ser caracterizado como governista ou chapa-branca, adjetivos estes que também foram utilizados na ocasião em que ocorreu a entrevista coletiva dos blogueiros com Lula no Palácio do Planalto. De acordo com Falcão (2011, s/p) em reportagem para o jornal Folha de São Paulo:

Um evento de "blogueiros progressistas" se transformou ontem em palco para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro Paulo Bernardo (Comunicações) dispararem ataques à mídia. Lula criticou o papel de "falsos formadores de opinião" e cobrou a discussão do marco regulatório da mídia (conjunto de leis e diretrizes que regulam o funcionamento do setor). Paulo Bernardo disse que os meios de comunicação precisam saber "ouvir críticas", cobrou aprovação de lei pelo Congresso que estabeleça o direito de resposta e disse estar finalizando o debate da nova regulamentação. O evento é patrocinado pela Petrobras, Fundação Banco do Brasil, Itaipu binacional e governo do Distrito Federal. Participam até amanhã 400 blogueiros que apoiaram o governo Lula e a eleição de Dilma Rousseff. Lula pediu que Paulo Bernardo coloque em discussão o novo marco regulatório, com debate. Ele disse que a resistência à proposta muitas vezes parte de quem diz ser amante da democracia. Paulo Bernardo disse que alterou o projeto que recebeu do ex-ministro Franklin Martins (Secretaria de Comunicação Social na gestão Lula). "Tem novidades. Chegamos à conclusão que temos de colocar questões de telecomunicações porque cada vez mais há convergência." Ele negou que o governo trabalhe para censurar os meios de comunicação. "Não partiria de nós esse tipo de proposta. Lutamos para resgatar a democracia do país". Sobre a necessidade de o

Congresso estabelecer o direito de resposta, derrubado com o fim da Lei de Imprensa pelo STF, Paulo Bernardo disse que há "reportagens irresponsáveis" (FALCÃO, 2011, s/p).

No trecho acima, fica evidente que a principal característica mencionada pela reportagem ao se referir ao movimento é justamente o patrocínio de algumas empresas estatais ao evento, o que é reforçado pelo recurso da utilização das aspas quando o nome do grupo é mencionado, além da escolha de termos tais como “palco” para descrever a fala do ex-presidente. A menção à luta pela democratização da comunicação também é mencionada, mas o texto é finalizado por meio do estabelecimento de uma relação entre aquela e a possibilidade de algum tipo de “censura” aos meios de comunicação, algo que é constantemente reforçado pelos meios de comunicação tradicionais quando tal tema é abordado.

Em resposta à reportagem da Folha de São Paulo, o blogueiro Eduardo Guimarães afirmou que as mesmas empresas estatais que patrocinaram o evento financiam outros encontros e também mencionou o que segundo ele são “centenas de milhões de reais que a mídia tradicional recebe, como indicado no trecho abaixo:

A foto que encima este texto é de evento ocorrido no ano passado no instituto Millenium, que congrega colunistas e donos de grandes meios de comunicação. Como se vê na imagem, o então candidato a presidente José Serra compareceu para prestigiar o evento. Essa é a contrapartida da aproximação que o ex-presidente Lula passou a manter com blogueiros a partir do ano passado, quando recebeu dez de nós para uma entrevista no Palácio do Planalto, pois ainda era presidente da República. Como a grande imprensa, os blogueiros fizeram as suas escolhas políticas, apesar de que veículos como a Folha gostam de fazer parecer que são “isentos”. A única diferença entre a grande imprensa oposicionista e a blogosfera que essa imprensa diz “governista” é quanto dinheiro público cada um recebe. Em primeiro lugar, há que esclarecer o que a imprensa oposicionista tenta distorcer: empresas de economia mista como a Petrobrás ou até mesmo governos de todos os níveis (federal, estadual e municipal) financiam eventos análogos. Empresários têm eventos financiados, total ou parcialmente, todo o tempo. No caso da imprensa que se autodeclara “oposicionista”, o financiamento vai à casa das centenas de milhões de reais. Em sua “defesa”, essa imprensa diz que todo esse dinheiro se deve à sua audiência. Se assim for, posso garantir que o financiamento público e privado ao evento dos blogueiros em Brasília é mais do que justo porque não temos, todos juntos, muito menos audiência do que uma Folha, se não tivermos mais audiência (GUIMARAES, 2011, s/p).

O argumento utilizado pelo blogueiro acima citado vai ao encontro do posicionamento de vários outros blogueiros entrevistados que também foram enfáticos em afirmar que a acusação ao movimento por parte de setores da mídia tradicional é “hipócrita” pelo fato de ignorar que esta última é a mais beneficiada pelos critérios de distribuição das verbas de publicidade feitas pelo governo, ao mesmo tempo em que sua audiência e número de leitores diminuem a cada

ano. Tal critério de caráter “técnico”, na visão de grande parte dos entrevistados, acaba por corroborar a hegemonia dos agentes tradicionais no campo da comunicação no Brasil.

A segunda abordagem dos entrevistados que diz respeito à questão do financiamento está relacionada aos recursos financeiros que possibilitam as atividades dos próprios agentes-blogueiros. Tal discussão, entretanto, já foi realizada em momento anterior quando foi analisada a relação existente entre o capital financeiro, *habitus* dos agentes e posições que tais agentes ocupam no campo da blogosfera política alternativa no Brasil. Foi mencionado que os agentes pertencentes ao grupo dos blogueiros-jornalistas egressos da mídia tradicional são os que mais conseguem obter financiamento de organizações diversas (públicas e privadas) em seus blogs ou sites, o que está relacionado em grande parte ao capital simbólico que eles acumularam em seus campos de origem. Os blogs dos jornalistas Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif são alguns dos que mais atraem publicidade dessas organizações e que possuem um porte muito maior do que aquele de outros blogs situados no mesmo campo.

Também ficou claro por meio das respostas obtidas nas entrevistas que grande parte dos blogueiros não conta com qualquer tipo de financiamento externo e que seus blogs são sustentados inteiramente por eles próprios, sendo que alguns deles recebem no máximo a ajuda de alguns amigos que com eles colaboram na área de computação. É o caso da maioria dos blogueiros-militantes ou de blogueiros-jornalistas que não pertencem à mídia tradicional.

Para que o problema da falta de capital financeiro seja minimizado, alguns agentes pertencentes ao movimento BlogProg acabaram por criar mecanismos que possibilitam a obtenção deste tipo de recurso. Este é o caso de blogueiros como o jornalista Miguel do Rosário que decidiu criar em seu blog O Cafezinho uma área para assinante. Aquela pessoa que se torna uma assinante do blog recebe conteúdos exclusivos aos quais o leitor comum não possui acesso (ROSÁRIO, 2013, s/p). Já o blogueiro Luiz Carlos Azenha, responsável pelo blog Vi O mundo, também criou uma área em que o leitor pode “patrocinar” o blog por meio de uma assinatura mensal ou por meio do financiamento de reportagens específicas. Em seu blog, o jornalista afirma que “não aceitamos recursos de governos” e “não queremos depender de corporações”, além de afirmar que as assinaturas “darão o suporte necessário para a sobrevivência e manutenção de longo prazo do site”. (AZENHA, 2013, s/p).

Outro entrevistado, o blogueiro Antonio Mello, enfatizou ao longo de toda a sua entrevista que ele se recusa a depender de qualquer tipo de financiamento externo e que seu blog é sustentado por ele próprio, o que lhe garante a independência necessária para emitir a opinião que queira a respeito de qualquer assunto:

O blog do Mello é isto, desde o início, continua a ser isto e continuará a ser isto até o dia que eu parar, eu não vou virar uma, um conglomerado, botar um monte de gente escrevendo junto comigo. Eu não aceito de jeito nenhum qualquer tipo de propaganda, meu blog é apenas para eu falar o que eu quero, ter o direito de me expressar. Eu não, não objetivo ganhar um tostão de ninguém! Eu não quero, eu nunca vou pedir pra blogueiro, não é que eu critique isso não, é que eu tô querendo dizer qual é a minha posição em relação ao blog do Mello [...] Meu blog é um blog onde eu falo o que eu quiser, na hora que eu quiser e sobre o que eu quiser e do jeito que eu quiser. Meu blog não é um blog de política é um blog político. É um blog político com crítica da mídia (Entrevista Antonio Mello).

Conforme visto no item em que se analisavam as principais dificuldades relacionadas à atuação individual desse grupo de agentes, a ameaças de processos por parte de agentes ligados à mídia tradicional ou ao campo da política foi um dos principais obstáculos mencionados pelos entrevistados. Nesse sentido, é importante enfatizar uma importante decisão tomada pelo movimento *BlogProg* no ano de 2013 logo após uma condenação da justiça ao blogueiro Luiz Carlos Azenha por um texto por ele publicado com críticas ao diretor-geral de jornalismo da Rede Globo. Após esse evento, diversos agentes pertencentes ao movimento se reuniram na sede do Barão de Itararé e decidiram criar um fundo destinado a auxiliar blogueiros de menor porte que porventura fossem alvo de processos judiciais diversos, como mencionado nos trechos de entrevista abaixo por parte do jornalista Luiz Carlos Azenha e também de *post* por ele escrito em seu próprio blog:

Nasce daí a ideia de um fundo que tá sendo organizado pelo... Pelo Barão de Itararé, Centro de Estudos de Mídia Barão de Itararé. Que é o seguinte, esse fato comigo não é um fato isolado, né? Quê que aconteceu? A blogosfera em geral oferece uma alternativa aos meios tradicionais de comunicação. O poder político no Brasil, ele é muito ligado ao controle dos meios de comunicação, até porque se você olhar quantos são os congressistas que são donos diretos ou indiretos dos meios de comunicação... Soma isso aí, eu não sei, estatística eu não tenho. Quantos são os prefeitos, deputados estaduais, os vereadores que são donos ou têm laranjas como donos de meios de comunicação? São muitos. A blogosfera rompe esse... Essa... Essa... Essa coisa política no Brasil, essa estrutura política assentada sobre o controle dos meios de comunicação. Rompe em parte, essa é a minha avaliação. Por isso que eu acho que existem tantos processos, surgiram tantos processos. Você tem o blog do Tarso, em Curitiba que tá... Que recebeu uma multa imensa... Você tem o blog do Gusmão em... No interior da Bahia... Você tem blogs em todo o Brasil, em várias partes do Brasil. Blogueiros processados, justamente porque eles oferecem uma alternativa e começa a ter seguidores e leitores e eles sabem como atuar no Twitter, sabem como atuar no Facebook e eles começam a ter influencia política. E aí os donos do poder se voltam contra ele, e aí então, aí nasceram centenas de ações na justiça. A minha é apenas mais uma. Então por exemplo, a gente... O que a gente fez? A gente ajudou a organizar, mas eu renunciei a receber qualquer ajuda desse fundo, que é um fundo que foi criado, é um fundo que tá arrecadando dinheiro da blogosfera mesmo. Justamente pra poder escolher alguns casos e ajudar os blogueiros que não tenham condições de se defender na justiça. Além disso o próprio Barão de Itararé, se você abrir a página do Barão de Itararé, tem isso lá. Tem um mapa da violência contra blogueiros no Brasil, que

foi uma das decisões também tomadas pelo Barão de Itararé com a nossa... Com o nosso apoio (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Reunidos ontem à noite na sede do Centro de Estudos de Mídia Barão de Itararé, em São Paulo, blogueiros, ativistas, militantes de partidos políticos, movimentos sociais e advogados decidiram, por consenso, criar um fundo para socorrer financeiramente colegas que sejam alvo de processos judiciais, ameaças ou violência em todo o Brasil. O fundo de emergência será inicialmente organizado pelo Conselho Nacional da blogosfera, formado por 26 ativistas de todo o Brasil no mais recente encontro da entidade, em Salvador, na Bahia. Uma conta bancária receberá as contribuições de internautas, por enquanto em nome do Barão de Itararé. Decidiu-se também que a entidade terá um corpo jurídico exclusivamente devotado à defesa de blogueiros. Segundo Altamiro Borges, presidente do Centro, a judicialização do debate político e a ameaça a poderes nunca antes questionados multiplicou o número de ações, que incluem ameaças, agressões e assassinatos [...] Presentes, os blogueiros Paulo Henrique Amorim, Rodrigo Vianna e Lino Bocchini — além deste que vos escreve —, que enfrentam na Justiça ações movidas por grandes corporações da mídia, declararam que não pretendem recorrer ao fundo, nem agora nem no futuro. Conceição Lemes, editora-chefe do **Viomundo**, explicou: “Há gente que nem dispõe de advogado e que, por falta de recursos, se cala diante de autoridades em várias partes do Brasil. Não é o nosso caso”. Eduardo Guimarães deixou claro: “É importante que o fundo de apoio a blogueiros tenha critérios claros e pré-estabelecidos para aqueles que serão beneficiados em caso de necessidade. Sugiro que os que se interessarem por tal apoio façam uma contribuição mensal — pequena, talvez simbólica —, de forma que integre o esforço que está sendo empreendido e, assim, faça jus ao eventual apoio do qual poderá vir a precisar. Dessa maneira, não haverá questionamento sobre quem vier ou não a ser apoiado”. Embora as decisões futuras ainda dependam do Conselho Nacional, vários oradores lembraram como absolutamente prioritário o caso do jornalista/blogueiro Lúcio Flávio Pinto, do Pará. Editor do Jornal Pessoal, Lúcio Flávio foi condenado pelo Superior Tribunal de Justiça a indenizar Cecílio do Rego Almeida, a quem acusou de ser grileiro de terras (AZENHA, 2013, s/p).

Figura 15: Reunião em que foi criado o fundo de ajuda aos blogueiros alvos de processos judiciais



Fonte: <http://www.viomundo.com.br>

As alternativas encontradas pelos diversos agentes pertencentes ao movimento *BlogProg* como forma de obterem capital econômico-financeiro que lhes permita desenvolver suas atividades são, dessa forma, variadas e vão desde formas mais tradicionais de financiamento até formas alternativas que caracterizam o grupo como um movimento de resistência.

No caso dos recursos financeiros obtidos por meio de publicidade oriunda de organizações formais, pode-se afirmar que tal tipo de financiamento é semelhante àquele que também é utilizado pelas organizações pertencentes à mídia tradicional. No caso do *BlogProg* e da blogosfera política alternativa, este tipo de financiamento contempla alguns agentes que, apesar de poucos, são bastante representativos no âmbito dessas estruturas. Já o tipo de financiamento em que os próprios leitores assinam ou patrocinam os blogs também vem sendo adotados por muitos agentes pertencentes ao movimento, e também podem ser consideradas como formas alternativas importantes de obtenção de recursos que permitem aos blogueiros aprimorar suas atividades, manter seus *blogs* e até mesmo se dedicar exclusivamente ao exercício do jornalismo virtual. Este tipo de recurso também vem sendo cada vez mais utilizado pela mídia tradicional, sendo que muitos jornais impressos já decidiram cobrar pelo conteúdo disponível em seus respectivos sites, tais como o Jornal do Brasil, Folha de São Paulo e Estadão.

Parece evidente que a alternativa encontrada para possibilitar que blogueiros que mais necessitam de recursos financeiros se defendam de processos que enfrentam na justiça pode ser considerada um marco no movimento *BlogProg* e também uma solução que à princípio fortalece a autonomia da blogosfera política alternativa no Brasil. Assim, tanto a criação de espaços de assinaturas nos *blogs* quanto a criação do fundo de blogueiros se constituem em práticas organizativas alternativas que podem ser consideradas como estratégias de subversão ou formas de resistência a práticas oriundas de agentes pertencentes à mídia tradicional ou ao campo da política. Além disso, a solução encontrada por muitos dos agentes que compõem o movimento como forma de minimizar as diversas dificuldades que enfrentam reforça a ideia de que o *BlogProg*, longe de apresentar uma estrutura semelhante aos das organizações formais, se caracteriza especialmente por sua fluidez e por sua facilidade em se adaptar rapidamente às circunstâncias que surgem e que afetam a vida de blogueiros e militantes que com ele identificam. Esta característica é próximo do que autores como Melucci (1994) percebem como sendo uma das principais características dos movimentos sociais.

4.4.5. Resultados alcançados pelo movimento e perspectiva futura do campo

Ao serem perguntados sobre quais os principais resultados que o *BlogProg* conseguiu atingir ao longo do tempo em que ele existe, os entrevistados deram respostas variadas. Ficou claro que a grande maioria dos entrevistados, ao responder essa pergunta, acabou por ressaltar a importância da blogosfera e o papel proporcionado pela Internet na livre difusão da informação. Isso parece demonstrar que, para eles, mais relevante do que o próprio movimento em si é o próprio contraponto à mídia tradicional que na visão deles tem sido feito nos últimos anos graças à popularização da blogosfera.

Alguns entrevistados, entretanto, fizeram uma avaliação mais específica do movimento ao longo de suas respostas, sendo que, enquanto para uns o *BlogProg* já atingiu seu auge quando representava uma novidade no campo, para outros o movimento tende a continuar crescendo, englobando cada vez mais atores da sociedade civil para a luta pela democratização da comunicação no Brasil.

O blogueiro Renato Rovai, em sua resposta, afirmou que é necessário que o movimento alcance maior independência financeira e que lute pelo fim do critério de publicidade pública por parte do governo. Ele citou o fundo de ajuda aos blogueiros como um exemplo que vai ao encontro dessa autonomia:

Acho que agora a gente tem que pensar nisso financeiramente, a gente precisa fazer o movimento no sentido de se autonomizar financeiramente, não quero mais fazer revista com publicidade oficial, deixa isso pra eles. A gente vai ter que criar um movimento que autonomize as ações do ponto de vista financeiro, que disputa um novo momento para a publicidade pública, tem que acabar esse conceito de publicidade pública. Não tem que ter publicidade, o governo tem que fazer prestação de contas e fazer campanhas de caráter ou educativo ou em momentos que tenham alguma questão vinculada à saúde, por exemplo, campanha da dengue, campanha ligada à questão do uso do carro, entendeu? Ou a respeito da faixa de pedestre, parar com essa pipocaçada de que o Brasil melhorou, não sabe tantas pessoas estão na escola, ele tem que garantir que tem uma informação pública do Estado, veículos públicos para informar isso que não podem ser na publicidade para ficar dando dinheiro pra TV Globo, né? Nem pra Veja, pro Grupo Abril e pros mesmos de sempre. Tem uma outra lógica.

A resposta acima, portanto, vai ao encontro das preocupações já demonstradas por diversos outros entrevistados no que diz respeito às principais dificuldades enfrentadas por blogueiros e ativistas digitais. Parece claro, portanto, que a problemática em torno do financiamento das atividades implementadas por esses agentes é aquela que está no centro das discussões sobre o futuro da blogosfera e do próprio campo da comunicação no Brasil. Como observado em outros momentos, ainda que o capital econômico-financeiro não seja o

principal recurso de poder que está em jogo na blogosfera política alternativa, o fato é que isto não faz com que ele deixe de ser alvo de intensas disputas por parte dos agentes que nele se encontram. Isto porque a posse de tal recurso é essencial não apenas para que blogueiros ganhem maior independência para realizar seu trabalho, mas porque ele os fortalece para as inúmeras disputas que são travadas entre seus agentes e os agentes pertencentes à mídia tradicional.

A preocupação expressa pelo blogueiro Renato Rovai também foi mencionada pelo blogueiro Luiz Carlos Azenha, que ressaltou a necessidade de que o movimento encontre meios de financiar suas atividades para evitar que ocorra um processo de reprodução do conteúdo produzido pelos grandes veículos de comunicação. Ele sugere, nesse sentido, que a própria blogosfera seja capaz de financiar suas atividades. O blogueiro ainda faz uma crítica às políticas públicas de comunicação colocadas em prática pelo governo Dilma, que, segundo ele, privilegia a mídia tradicional e que não privilegia a diversidade na comunicação.

Acho que é crescimento, crescimento constante, eu acho, né? Eu me lembro que quando eu morava em Nova Iorque, o dia que eu celebrei cem leitores num mês, eu falei: YES! Cem leitores num mês, agora é cem mil num dia. Dez anos depois... Eu acho que... Nós vamos caminhar na coisa que eu propus, não quero ficar elogiando, auto-elogiando minha antevisão, mas de fato essa é a visão que eu tive no primeiro encontro. Eu falei ó, a gente tem que sair do âmbito da mídia tradicional, começar a produzir conteúdo próprio, com qualidade igual ao dela, enquanto a gente ficar apenas reproduzindo o que sai na Folha, no Estadão, no Globo, a gente tá perdido. A gente tem que criar nosso publico, produzir conteúdo pra ele, conteúdo distinto, esse é o caminho. Como financiar isso? Esse é o grande problema né? Você tem hoje um governo que não está interessado em nenhuma política pública, que financie a diversidade, seja através de publicidade oficial, seja através de qualquer outro formato, financiamento do BNDES. Você não tem essa preocupação né? Ou seja, o governo... E o governo é importante, porque aí você fala... 'Não, ficar dependendo do governo'... O governo tem dinheiro no Brasil. O Estado é poderoso. [...] Portanto o governo brasileiro, o Estado brasileiro, não pode se abdicar de fazer políticas pública para isso. Mas aparentemente, por questões políticas circunstanciais, conjunturais, o governo Dilma está felicíssimo com o que tem aí de mídia. Nós não estamos e não depender dele nesse sentido. Nós vamos lutar nossa luta. Porque amanhã esse governo vai embora [...] Você não pode depender de governo. A tentativa que a direita e os neoliberais fazem de dizer 'nossa por que é... É... blog chapa branca', eles nem sabem do que estão falando. Eles não deram conta ainda de entender a diversidade que nós representamos. É uma diversidade que eles não exercem nos seus meios de comunicação, nas paginas dos seus jornais e eles não entendem, ou não entendem ou é de má fé. Às vezes é um pouco de má fé e às vezes não entendem, a riqueza que existe no debate do lado de cá. A gente faz questão de ter lado, nós temos lados entendeu? Nós assumimos nossas opiniões nos nossos blogs, assumimos nosso lado e isso é muito mais honesto pro leitor (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Já ao ser perguntado que resultados o movimento alcançou e quais resultados ainda estavam por ser alcançados, o blogueiro Luiz Carlos Azenha afirmou que a blogosfera logrou “oxigenar o ambiente informativo do Brasil” e que a mídia tradicional já não possui o poder

de omitir informações como ocorria anteriormente. O desafio, para ele, é que o movimento encontre formas de financiar totalmente suas atividades, ao mesmo tempo em que novas pressões surgirão para que o governo federal implemente políticas públicas que garantam a diversidade na comunicação:

Eu acho que ela oxigenou, no conjunto dessas mudanças, oxigenaram, mudanças oxigenaram o ambiente informativo do Brasil, um pouco pelo menos. Não tem mais a Globo e as emissoras de TV e as emissoras de Rádio e os jornais e os jornalões né, falando sozinhos. Especialmente, você não tem mais essa troika... Na verdade não é uma troika... Estadão, Folha e Organizações Globo e Veja, não têm mais esse pequeno grupo de donos de mídia que são... O Civita morreu, mas enfim... Família Civita, Família Marinho, Frias e Mesquita... Você não tem essas quatro famílias ditando o que pode ou não ser discutido na sociedade brasileira mais, graças a Deus e isso se deve a blogosfera. Esses caras, essas quatro famílias, pelo poder delas inclusive de disseminação de conteúdo, elas ditavam... Elas ditavam o que era ou não possível discutir no Brasil né? Esse poder eles perderam, claramente [...] A capacidade de omitir informação eles perderam, se eles não dão, outros dão. Se eles não dão informação, vai vir por outro caminho, por que existem caminhos pra vir pela blogosfera. [...] Você vai ter outros grupos que vão nascer exclusivamente na blogosfera, não vão ter relação de capital com o velho capital, os chamados Barões da Mídia. É gente que vai conseguir se sustentar, vai conseguir fazer, desenvolver, capacidade de disseminação de informação importante, a partir de capital totalmente obtido na própria blogosfera, com seus leitores, com alguns esquemas de cooperativa. Que já existem e vão crescer. Eu não tenho dúvidas de que a gente vai ter o nosso Huffington Post daqui a pouco... Você vai ter fortes grupos regionais de mídia, feitos em cima da blogosfera, por jovens que tão hoje blogando e que daqui a pouco vão descobrir que existe um filão aí. Então eu acho que você vai ter uma... E você tem muita pressão sobre o governo federal, especialmente pra que ele adote algum tipo de política que fortaleça esse movimento em direção à pluralidade. Sempre diz né? Nós, quando brincamos, os blogueiros, a gente não quer menos mídia que acusam a gente de tentar censurar... São uns imbecis, a gente não quer menos mídia, a gente quer mais mídia. Ninguém aqui divulgou que queria fechar a Globo, fechar a Veja, fechar a Folha, o Estadão. Imagina... Nós somos pro mais mídia, nunca por menos, mais. A gente quer que a extrema direita fale e que a extrema esquerda fale e tenha seu espaço dentro do aspecto político brasileiro, tenha como se expressar. Então a gente quer que o MST fale, a gente quer que todos esses deserdados, os indígenas, os negros, os... As pessoas no interior, tenham voz, que saibam e possam se expressar na sociedade brasileira. E que ela não seja mais refém, de uma oligarquia informativa em que nós vivemos. Uma oligarquia informativa em que um dono da mídia com um telefone na mão bloqueia um acesso a uma informação conversando com outros dois Barões da Mídia. Isso é preciso romper definitivamente (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Dessa forma, a perspectiva futura que o blogueiro Luiz Carlos Azenha traça para a blogosfera política alternativa é bastante positiva, uma vez que ele acredita que é apenas questão de tempo para que surjam novos grupos oriundos totalmente da mídia alternativa dotados de uma lógica econômica diferente daquela que orienta as práticas da mídia tradicional. Mais uma vez fica evidente, portanto, que a questão do autofinanciamento e independência por parte dos agentes da blogosfera é o ponto central de sua argumentação, sendo elemento-chave para a sobrevivência da mídia alternativa.

Já o blogueiro Altamiro Borges, por sua vez, também possui uma perspectiva positiva com relação à blogosfera alternativa, não obstante o fato de que, em suas palavras, a blogosfera ainda é descrita como uma “guerrilha” que luta contra um “exército regular”. Em suas palavras, é importante uma maior profissionalização no que tange ao trabalho dos blogueiros, além de políticas públicas que garantam à população o acesso à Internet.

Em termos de contraponto, eu acho que essa blogosfera... Quando ela cria maior sinergia, ela cria maior poder de fogo. Eu acho que essa blogosfera, por exemplo, politicamente ela já é um contrapontozinho à mídia tradicional. É a guerrilha contra o exército regular, mas faz barulho. Cito três casos, na eleição do ano passado que eu achei o maior barato, que foi o papel da blogosfera né? Quando veio a tal história da bolinha de papel na cabeça, na careca lá do Serra. Que a Globo tentou transformar num míssil, ali quem denunciou foi a blogosfera, a blogosfera desmoralizou aquilo, aquilo virou motivo de chacota [...] Outra coisa que a blogosfera fez, que foi tão rápido, mas foi tão eficiente [...] foi a história do clipe dos 45 anos da TV Globo. A Globo colocou um clipe que tinha três coincidências irritantes... A primeira coincidência é que usava o mesmo slogan da campanha do Serra, ‘Eu quero mais’. A segunda coincidência é que usava o fundo azul, que é do partido do Serra e a terceira coincidência é que terminava o clipe com o número 45 anos de aniversário, que por acaso era o número do partido do Serra, o PSDB. Ali quando aquela, aquele clipe pintou na Globo, pela primeira vez começou uma campanha viral na internet, dizendo que aquilo era campanha ilegal [...] Aquilo, se não fosse a internet, por onde a gente faria? No boca a boca? Não tinha um instrumento, ali foi a internet. Então a internet já cumpriu um papel... Eu acho que ela pode cumprir um papel ainda maior. Fora a luta pela democratização da comunicação que ia quebrar o exército regular, mas pensando na guerrilha... Pra ela cumprir um papel ainda maior, depende muito de política pública. Você teria que ter realmente um grande avanço da banda-larga no Brasil, na internet, não essa internet que te vendem uma coisa e te entregam outra. Não essa putaria que é feita por essas teles, né? Você teria uma internet de qualidade no Brasil, de velocidade no Brasil. Por que aí permite que mais gente escreva, permite mais gente baixar e subir coisas né? E... Isso é política pública... Dos blogueiros, é preciso aperfeiçoar o uso do instrumento, seja no sentido da coisa jornalística, né? É isso, evitar adjetivação, evitar baixaria, né? Tentar fundamentar mais o que você tá falando, com as regras do jornalismo... Inclusive, seja do ponto de vista de conteúdo, seja do ponto de vista de aperfeiçoamento da técnica. Na técnica, como que eu uso um vídeo? Como que eu uso um áudio? Não é isso? Como que eu uso uma manchete? Como que eu uso uma charge, né? Então eu acho que nós temos, eu acho que o movimento é... Como que ele pode crescer? Ele pode crescer por políticas públicas ampliando a banda-larga, não é isso? Ampliando espaços públicos de internet gratuita, por exemplo... E do ponto de vista dos próprios blogueiros, aperfeiçoando o uso dessa arma. É tentar... Isso é uma arma poderosíssima [...] Então é, como eu aperfeiçoo esse instrumento, como eu me qualifico mais. Pra usar esse instrumento, seja qualificar em sentido de conteúdo, jornalisticamente falando, seja se qualificando no ponto de vista da técnica. De como utilizar mais os instrumentos disponíveis, eu acho que é isso (Entrevista Altamiro Borges).

Assim, do ponto de vista do presidente do *Barão de Itararé*, a blogosfera política alternativa, apesar de já ter conquistado importantes vitórias ao longo do tempo em que existe, ainda deve ser aperfeiçoar em termos das técnicas que estão disponíveis, para que os agentes possam se qualificar mais no que diz respeito à atividade jornalística. Tal afirmação é bastante interessante porque parece corroborar análise feita anteriormente de que, ainda que represente

um contraponto à mídia tradicional, as ferramentas e técnicas consagradas neste último são também valorizadas pelos agentes pertencentes à blogosfera.

A fala acima é extremamente interessante, e foi corroborada também na fala de outros entrevistados e também nos *posts* extraídos de alguns *blogs* vinculados ao movimento. O blogueiro Luiz Carlos Azenha, por exemplo, afirmou em uma de suas publicações, ao analisar o futuro da blogosfera, que é necessário que blogueiros mais novos que entendam mais de tecnologia sejam futuramente “os professores dessas tecnologias em seus bairros, em escolas técnicas ou junto aos movimentos sociais”. Essa troca seria importante, segundo ele, para que se evite a transposição da lógica da velha mídia e de seu modelo tradicional de comunicação para as novas mídias.

Já o blogueiro Rodrigo Vianna, em sua entrevista, afirmou que existe uma tentativa de se institucionalizar mais a blogosfera, inclusive por meio da criação de *blogs* que se caracterizem como equipes. Ele demonstrou, entretanto, não compartilhar da idéia de que a blogosfera deva ser mais institucionalizada e profissionalizada, uma vez que isso pode representar certa perda de autonomia por parte do responsável por aquele blog:

Tem gente que acha que o caminho é esse aqui no Brasil né, profissionalizar, chega de fazer blog que você faz em casa, vamos fazer equipe,... aí não vai ser blog, vai ser sítio né. Já tem nessa nossa turma aqui a Carta Maior, você tem a Rede Brasil Atual que é ligada aos sindicatos, você tem o Nassif que tá tentando fazer um site além do blog pessoal, o GGN né, – tem várias tentativas de institucionalização de produção de conteúdo próprio né, mas eu acho que isso é diferente do blog né, eu acho que a graça do blog é justamente você poder ter um grau de autonomia... (30min e 09seg). Hoje eu acho que tem que descer a lenha na Dilma e a minha linha não é a linha institucional, é uma coisa mais pessoal. Eu mantenho essa, eu mantenho essa tendência ainda, eu acho que não necessariamente eles precisam caminhar pra uma coisa tão formalizada assim, mas são... A gente tá Tateando. Eu acho que continua tendo um papel de crítica, fazer a crítica à grande mídia porque as posições deles até agora não mudaram, mas se radicalizaram mais ainda, então continua tendo um papel de contraponto. O contraponto continua tendo um papel central eu acho, contraponto à mídia, crítica da mídia, pegar todas as contradições, mostrar os interesses, mostrar as parcerias (Entrevista Rodrigo Vianna).

Assim, ainda que grande parte dos blogueiros pertencentes à blogosfera política alternativa não sejam jornalistas, o fato de que os agentes em maior evidência sejam formados nessa área faz com que o discurso do profissionalismo e da técnica seja bastante valorizado, enquanto que práticas consideradas amadoras são desencorajadas, uma vez que isso reduz o poder de contraponto à mídia tradicional. Nesse sentido, as afirmações deixam claro que o peso que o grupo dos agentes-jornalistas (egressos ou não da mídia tradicional) exerce na blogosfera política alternativa acabou tendo como consequência a transposição do *habitus* inerente ao campo jornalístico para aquele, e é por esta razão que o *know-how* que orienta o modo de se fazer jornalismo é tão incentivado nesse novo espaço.

Evidentemente, tal conclusão não significa dizer que a lógica daquilo que alguns agentes pertencentes à blogosfera denominam como a velha mídia seja incorporada plenamente nesse espaço. Conforme ficou claro por meio de trechos de entrevistas anteriores, blogueiros altamente reconhecidos como o jornalista Luiz Carlos Azenha vêm incentivando que a blogosfera potencialize o uso da tecnologia à disposição dos agentes, estimulando a interação entre blogueiros e leitores e deixando de lado a lógica tradicional dentro da qual os produtores da informação possuíam uma posição privilegiada na hierarquia da cadeia da produção de conteúdo. No entanto, ainda que muitos agentes reconheçam e critique esta hierarquização típica da mídia corporativa, é possível se questionar até que ponto o estímulo para que os agentes pertencentes à nova mídia aprendam as “regras do jornalismo” não acaba por reforçar a lógica à qual se critica.

Já o blogueiro Eduardo Guimarães, em sua resposta, emitiu uma opinião um pouco diferente daquela dos demais entrevistados, pelo menos naquilo que diz respeito à perspectiva futura do movimento *BlogProg*. Para ele, tal movimento já atingiu seu auge e também já cumpriu com seu papel, que era estimular o surgimento de novos blogs. Entretanto, ele acredita que, independentemente disso, o futuro da blogosfera é positivo, uma vez que a Internet faz com que a informação não tenha mais dono, conforme exposto nos trechos abaixo:

Eu acho que o movimento no começo havia uma expectativa maior, de ele alcançar mais resultados do que alcançou.. Mas o que eu acho positivo naquele movimento, no início dele, é que ele chamou a atenção, criou um fato político é... As pessoas que inventaram isso aí, eu entre elas, foram citadas até em matéria de jornal, né? Nós conseguimos inclusive entrevistar o Lula, teve aquela entrevista ao Lula no Planalto, acho que foi em 2010, depois da, da eleição que a Dilma venceu... A partir dali pra hoje eu acho que o movimento já não é mais o que era, mas ele deu um encaminhamento dife... Maior, quer dizer deu um impulso e um estímulo para o surgimento de mais blogs, então eu acho que hoje você tem uma blogosfera muito maior, mas o movimento uno assim, eu acredito que ele já perdeu um pouco de força, assim como um movimento uno, mas em compensação eu acho que ele estimulou o crescimento da blogosfera, toda hora surgem blogs... E eu acho que é isso, tem que criar mesmo blogs, quem tiver mais competência que se sobressaia e a informação circule, porque quanto mais a informação circular, é melhor... Quanto mais ela circular e quanto mais ela divergir. O que é ruim pra qualquer sociedade é o pensamento único, isso é uma desgraça (Entrevista Eduardo Guimarães).

Eu acho que os resultados atingidos, você pode constatar principalmente nos anos eleitorais, quando a audiência sobre muito, muito... Na eleição de 2010, nossa a minha audiência praticamente triplicou, aumentou muito, ano passado aumentou bastante também, mas não como 2010. 2010 foi uma coisa incrível porque você tinha gente procurando é... Informação [...] Então isso vai mudar, eu acho que a blogosfera realmente pro... Pra concluir o nosso papo eu acho que a blogosfera tem um papel importantíssimo nesse processo, é... Que ele talvez existisse sem a blogosfera, mas isso não da mesma forma e talvez até não existisse, porque você... Qual é o meu trabalho? Particularmente como de tantos outros, mas eu falo de mim. O meu trabalho é dar argumentos pras pessoas. Então é muito comum no blog, talvez você já até tenha lido, alguém dizer: ‘ah,

eu levei seu texto pro colega meu do trabalho eu mandei e não sei o quê. Então, sabe... Eu tô subsidiando. Essa denuncia contra o Lula, eu tô... Você leu o texto que eu escrevi, né... Eu tô explicando aquilo ali, por que a mídia fez uma confusão, a Folha fez uma confusão naquela matéria, por que ela misturou uma coisa com outra entendeu? [...] Então esse é o papel, porque isso vai circulando e circulando um fala pro outro... Eu já vi gente repetir argumento que eu criei, gente eu não conheço e repetir argumento que eu criei, gente que eu nunca vi na vida e tal, eu sei que nem me lê, mas que ouviu em algum outro lugar, alguma coisa que eu disse e isso evidentemente, se reproduz em várias situações e pelo país inteiro, pelo mundo inteiro. A comunicação, a tecnologia já tem muito estudo... Existem tentativas de barrar esse processo como... Ela... Como é que se chama, a igualdade na rede né? A Neutralidade na rede, que é uma das formas... Porque isso é muito ruim pros detentores do poder, né? Então isso não é só no Brasil, é no mundo inteiro, é que a informação circule livremente, como eu te falei. A gente volta pro início da conversa, toda ditadura, a primeira coisa que faz, é estabelecer a censura. Pra não permitir... Porque a informação e a contra informação, as ideias divergentes, no consenso, elas tem um efeito viral e elas, se você deixar é que nem é... Cupim, é que nem é... Que é um mal exemplo né? É que nem grama, é que nem trepadeira que você põe ali e ela vai arrumando um jeito. É a mesma coisa que você tentar segurar água nas mãos, você não consegue você pode tentar fechar as mãos que se você coloca a água aqui ela vai escorrendo. Demora um pouco mais, mas ela vai escorrendo até ficar com a mão vazia [...] Então o papel da blogosfera é... Não da blogosfera, por que eu não posso restringir isso ao movimento político que eu endosso, mas eu... A internet de qualquer maneira, a internet, seja pra que lado for, ela vai permitir cada vez mais que a informação não tenha mais dono e não tenha mais controle, ela vai se tornar cada vez mais incontrollável, e isso é muito bom (Entrevista Eduardo Guimarães).

A resposta acima, ainda que vá ao encontro da percepção de outros entrevistados no que se refere ao menor poder que a mídia tradicional atualmente possui de exercer um quase que total controle sobre a informação, se diferencia das demais respostas especialmente por considerar que o *BlogProg* como movimento já está mais enfraquecido do que quando surgiu e que os resultados alcançados foram menores do que a expectativa que se projetava sobre ele. Entretanto, o blogueiro considera que o movimento foi muito importante especialmente por abrir as portas para que uma infinidade de blogs e sites surgissem no campo, diminuindo, assim, o poder exercido pela mídia tradicional.

Já ao ser perguntado que resultados ele considera terem sido atingidos pelo *BlogProg*, o blogueiro Rodrigo Vianna afirmou que o papel que ele exerceu foi o de “tirar a máscara da neutralidade” da mídia e o de lutar por uma comunicação mais democrática. Ele explicou, ainda que o movimento *BlogProg* é apenas parte de um universo formado por outros grupos que também “não se veem refletidos pela comunicação tradicional”. Assim, para o blogueiro, o *BlogProg* representa “um pedaço de um movimento que é maior e esse movimento que é maior tem uma tarefa importante que é enfrentar o poderio dessa máquina de comunicação que tem um poderio de comunicação, mas empresarial”:

A gente sabe que ainda tá pra ser atingido que não é só da blogosfera, existe um movimento de uma comunicação mais democrática no Brasil que os blogueiros também fazem parte desse movimento, esse movimento que tenta aprovar, coletar assinaturas pra essa lei de iniciativa popular, você acompanha esse debate né? O FMDC que é o Fórum

Nacional tem uma articulação pra coletar assinaturas pra uma lei de iniciativa popular, pra comunicação democrática, pra ser apresentada no Congresso, e os blogs fazem parte desse movimento então... a gente ainda precisa... Uma coisa a gente fez, a gente ajudou a tirar a máscara da neutralidade, a imprensa não fala mais do lugar de neutralidade, é muito claro que ela tem lá... Eles também nos ajudaram porque foram tão, foram tão longe na falta de pluralismo ali que ajudaram a tirar a máscara. O episódio da Ditabranda, centenas de episódio... Mas então eu acho que a gente ajudou a tirar a máscara da neutralidade, eu acho que a gente cumpriu esse papel. É de fazer a crítica da mídia. E acho que o que tá pra se conquistar ainda é uma comunicação mais democrática, regras, porque comunicação mais democrática não é só cada um ter o seu blog, são regras, eu acredito na institucionalidade, acho que isso tem que terminar em leis, os conflitos tem que terminar em lei [...] Há um conflito claro no Brasil, a comunicação tá concentrada em poucas mãos, eu gostaria que isso terminasse numa lei que tornasse a comunicação mais democrática, que acho que os blogs, os movimentos dos blogueiros e dos ativistas digitais ajudem a empurrar esse movimento [...] Porque tem o movimento dos blogueiros e dos ativistas e tem um movimento muito mais amplo de gente que não é blogueira, né, por exemplo, mulheres ou do movimento negro que não se veem refletidos em uma comunicação tradicional, eles querem uma comunicação democrática, rádios comunitárias, então são vários núcleos no qual os blogueiros são interados, nós somos um pedaço de um movimento que é maior e esse movimento que é maior tem uma tarefa importante que é enfrentar o poderio dessa máquina de comunicação que tem um poderio não só de comunicação, mas empresarial. E nós estamos em um momento rico porque os grupos e familiares brasileiros que eu falei, parece uma República Velha da comunicação, estão fustigados pelas grandes corporações internacionais, normalmente. Você tem o Google chegando e disputando mercado comercial [...] então a Globo vai chegar uma hora que ela vai. [...] Até hoje ela foi contra qualquer tipo de, de regulação da imprensa, de mídia, porque diz: 'não isso é censura', e nos não estamos falando de censurar conteúdo, estamos falando de regulação de propriedade, de regras, negócios né? negócios e incluindo as concessões, e ela sempre se negou a isso, ela e os parceiros dela, vai chegar um momento em que ela vai pedir água, porque ela vai precisar de regulação pra enfrentar esses outros que estão chegando, que são muito maiores do que esses grupos nacionais, eles não pagam imposto aqui no Brasil, eles faturam aqui e seguem as regras de fora. Como é que você enfrenta esses sujeitos? A Globo vai querer regular, então tem uma conjuntura que talvez favoreça um grande debate sobre a regulação (Entrevista Rodrigo Vianna).

A fala do entrevistado acima é bastante interessante especialmente por corroborar análises mais iniciais de que o advento das novas tecnologias de informação e comunicação foi responsável pelo fenômeno da fragmentação do campo da comunicação, uma vez que diversos agentes que anteriormente não estavam inseridos nesse espaço, graças a seu uso, nele ingressaram. Nesse sentido, se essa fragmentação permitiu que diversos grupos da sociedade civil fizessem uso das novas tecnologias justamente para tentar promover uma alteração nas regras que regem o campo, por outro lado ela permitiu também que outros grupos econômicos com grande volume de capital econômico-financeiro (como a empresa *Google* e as teles,) também passassem a atuar no campo, o que representa um perigo não apenas para aqueles que lutam por uma comunicação mais democrática, mas também para as organizações que atualmente detém mais poder nesse espaço, caso, por exemplo, das Organizações Globo.

Assim, em sua fala, o entrevistado considera que o marco regulatório da comunicação terá que ocorrer mais cedo ou mais tarde porque as próprias organizações que atualmente

dominam o campo vão precisar de algum tipo de regulação para que elas não sejam derrotadas por essas novas organizações que ingressaram fortemente no campo. A democratização da mídia, a partir desse ponto de vista, acabaria por garantir não apenas o fim do monopólio no setor, mas também salvaria o negócio das próprias organizações que atualmente lutam para evitar qualquer tipo de discussão sobre uma eventual regulação da comunicação.

Com relação a essa disputa entre novos-entrantes no campo como a Google e organizações tradicionais de mídia, de acordo com reportagem do jornal Folha de São Paulo feita por Sá e Soares (2013, s/p), “o Google já é dado no setor como segundo grupo em publicidade, à frente de Record e Abril, “só perde mesmo para a Globo” e, assim, “já começa a incomodar”. Assim, fica claro, mais uma vez, que a fragmentação ocorrida no campo fez com que grupos diversos adquirissem maior poder para desafiar as organizações tradicionais e criou diversas novas disputas no campo. Se as organizações tradicionais dominantes como a Globo passaram a se incomodar com a maior pressão exercida por movimentos que lutam pela democratização da comunicação, ao mesmo tempo ela também necessita criar estratégias que tentem minimizar o poder econômico das corporações multinacionais ligadas à área da telecomunicação e que atuam na Internet como a própria Google. Ao mesmo tempo, os grupos que lutam por um marco regulatório no campo que democratize a comunicação no Brasil se engajam não apenas na luta contra essas organizações tradicionais, mas também inevitavelmente acabam tendo que lutar contra a possibilidade de que esses outros novos grupos constituídos por grandes corporações multinacionais prejudiquem a tentativa de se instituir uma comunicação que garanta a liberdade na Internet. Como exemplo disso, pode-se citar a luta por parte dos agentes ligados ao *BlogProg* e da blogosfera política alternativa como um todo para que seja aprovado um marco civil da Internet que garanta o princípio da neutralidade na rede, algo que claramente vai contra os interesses desses novos entrante representados especialmente pelas teles.

É importante mencionar, também, que praticamente todos os entrevistados afirmaram em suas entrevistas que a blogosfera política alternativa já é capaz de exercer influência no debate político nacional e que, dessa forma, a grande mídia já não é mais capaz de construir uma opinião pública sobre os diversos fatos por si só, como ocorria no passado. Assim, entrevistados como o blogueiro Altamiro Borges disseram que um exemplo de blog muito influente é o *Conversa Afiada*, do jornalista Paulo Henrique Amorim, que “já pauta a política, ele mexe com o Congresso Nacional, ele mexe com o governo”. Já o blogueiro Luiz Carlos

Azenha deu um exemplo de decisão política por parte do governo que foi modificada em função de pressões advindas da blogosfera, como relatado no trecho abaixo:

Sim, a blogosfera claramente já pauta os grandes meios, por que eles correm atrás muitas vezes da gente, e acho que eles pautam agenda publica sim. Eu acho que em conjunto com as redes sociais, você tem várias situações em que políticos e governos voltaram atrás em relação... Por exemplo, vou dar exemplo do meu blog. O governo Dilma tinha uma proposta que, ainda de forma muito indireta, reconheceu os direitos do nascituro, do feto. Que é uma agenda política antiga dos evangélicos principalmente, dos que são contra o aborto e que querem dar direitos civis ao feto. Se você dá direitos civis, se você reconhece o feto como um ser com direitos civis, você torna o aborto muito mais difícil. As feministas enfrentam isso com muita força, em nome do direito sobre seus próprios corpos, é um debate antigo que existe e o governo ia embarcar nessa. As feministas se mobilizaram e começaram a mandar informações pra Conceição Lemes, que é a que faz a parte de saúde, principalmente do blog. E era só publicar, isso foi crescendo, as críticas à proposta, que era do ministro Padilha da Saúde. Que começou e isso foi repercutindo, isso, isso e aquilo, começou, foi crescendo tão grande que depois de umas três semanas o governo federal recuou, retirou, isso é apenas um exemplo. Existem muitos outros, mas esse eu vivi, eu tava aqui e eu recebia as críticas dos petistas. 'Não, mas você está querendo destruir esse governo'. Não, isso é uma questão de princípios vamos ver a discussão, eu tô querendo expressar uma discussão que não tá, os jornais não falaram nada disso, passou e os jornais deram depois da decisão da Dilma. A Dilma tá voltando atrás. Sem entender, sem entender o que tinha sido toda aquela história que tinha rolado. Tá em cima de uma historia que foi totalmente na blogosfera (Entrevista Luiz Carlos Azenha).

Além do exemplo mencionado acima pelo blogueiro e jornalista Luiz Carlos Azenha, outros entrevistados mencionaram alguns fatos já abordados anteriormente que, na visão deles, demonstra o poder de influência já acumulado pela blogosfera. Assim, o ativista digital 9 citou o processo contra a Globo por sonegação fiscal, divulgado em blogs como *O Cafezinho* do jornalista Miguel do Rosário e também nas redes sociais e que foi protocolado no Ministério Público Federal pelo núcleo do Barão de Itararé do Rio de Janeiro. O caso da bolinha de papel ocorrido durante as eleições de 2010 também foi resgatado pelo mesmo ativista 9 e por diversos agentes no decorrer das entrevistas, demonstrando, mais uma vez, que de fato tal evento foi um marco tanto no que diz respeito à trajetória da blogosfera política alternativa, como no que tange à demonstração de força por parte desta última.

Por fim, é importante chamar a atenção para o fato de que, ainda que a blogosfera política alternativa tenha se consolidado ao longo de sua trajetória e que tenha conseguido chamar a atenção de setores da sociedade no que diz respeito à luta pela democratização das comunicações (especialmente por meio do movimento *BlogProg*) isso não significa dizer que os agentes desse espaço deixem de considerar o grande poder de influência que a mídia corporativa ainda detém no campo das comunicações. Assim, os blogueiros, tanto em seus *posts* como em trechos de suas entrevistas afirmaram que ainda que os grandes veículos de comunicação de fato tenham em parte perdido o poder de influência que anteriormente

possuíam, tais organizações continuam a exercer uma forte influência sobre o setor como um todo, por meio de expressões tais como a publicidade sendo “sugada pelos barões da mídia”, o “poder relativo” da blogosfera” e o cuidado em “não-superdimensionar esse fenômeno”, conforme os fragmentos abaixo evidenciam:

A internet abriu brechas para novas vozes se expressarem na sociedade. Mas ela não deve ser idealizada. Quem detém maior audiência são os portais de notícia e entretenimento dos mesmos grupos midiáticos. A publicidade, que cresce na rede (nos EUA, ela superou pela primeira vez na história os anúncios nos jornais impressos), é totalmente sugada pelos barões da mídia. Ou seja: a internet é um campo de disputa (BORGES, 2011, s/p).

[...] o poder da blogosfera é relativo. Às vezes conseguimos até vitórias contra os gigantes da "grande imprensa". Mas são vitórias pontuais. Servimos mais para atrapalhar as passadas dos gigantes, para mostrar que já não podem mais falar o que querem, porque agora podem ouvir o que não querem (MELLO, 2011, s/p).

Dia desses, encontrei numa festa jornalistas que trabalham para um grupo tradicional de mídia. Os dois fizeram comentários sobre textos que eu escrevera aqui. A velha mídia passou a ler os blogs. O que não quer dizer que devamos super-dimensionar esse fenômeno. Talvez, aqui, a gente consiga – sim – fazer contraponto à velha mídia impressa. Mas contraponto à TV, ainda é difícil. Não nos iludamos. E lembremos que a Globo conseguiu levar a eleição de 2006 para o segundo turno (MIRANDA, 2010, s/p).

Assim, as falas acima são importantes porque deixam claro que ainda que a fragmentação do campo tenha resultado numa relativa perda de poder por parte das organizações dominantes, o campo da comunicação, baseado na fala de Borges (2011), é um “campo em disputa”. Esse campo em que diversos agentes disputam recursos diversos com o intuito de se posicionarem em espaços mais privilegiados ainda é marcado por um alto grau de incerteza, uma vez que antigos modelos de comunicação estão sendo substituídos por novos modelos e práticas que caracterizam o jornalismo tradicional estão sendo questionadas. Ao mesmo, o campo carece de um marco regulatório que beneficie a liberdade e a diversidade e, enquanto isso não ocorre, as organizações tradicionais mantêm sua posição dominante em função do poder econômico-financeiro que ainda detêm e do próprio capital simbólico que possuem e que as auxiliam a reproduzir a ordem dominante nesse espaço social.

Dessa forma, os elementos organizacionais relacionados ao movimento *BlogProg* que emergiram em sua grande maioria do próprio campo estão retratados na tabela 4 a seguir:

Quadro 5: Características organizacionais do movimento *BlogProg*

Prática Organizativa	Resultados
Práticas de Comunicação	<ul style="list-style-type: none">✓ Blogs e sites✓ Encontros nacionais e estaduais✓ Documentos dos encontros✓ Redes sociais✓ Video-Chats✓ Modelo interativo <i>versus</i> modelo tradicional
Lideranças ou Referências	<ul style="list-style-type: none">✓ Não há líderes formais;✓ Percepção da maioria dos agentes é de que há algumas figuras de referência no campo;✓ A liderança é fluída e muda de forma constante;✓ O líder é aquele que consegue transmitir credibilidade para os outros agentes.
Organização das Atividades, Participação e Tomada de Decisões	<ul style="list-style-type: none">✓ Estrutura pouco formalizada;✓ Estrutura descentralizada;✓ Inexistência de uma hierarquia;✓ Movimento conta com a estrutura do Centro de Estudos Barão de Itararé;✓ Existência de uma comissão nacional e comissões estaduais;✓ Decisões são tomadas pela comissão nacional e pelas comissões estaduais.✓ Características da horizontalidade e descentralização;✓ Inexistência de diretrizes, regras e mecanismos de controle.
Financiamento	<ul style="list-style-type: none">✓ Auxílio de organizações diversas para a realização dos eventos promovidos pelo movimento;✓ Alguns <i>blogs</i> de maior porte contam com patrocínio de algumas organizações, enquanto que outros não contam com nenhum tipo de financiamento;✓ Possibilidade dos leitores financiarem ou patrocinarem alguns blogs;✓ Criação de um fundo para auxiliar blogueiros alvos de processos judiciais.
Resultados Alcançados e Perspectiva do Campo	<ul style="list-style-type: none">✓ Movimento contribuiu para estabelecer o contraponto à mídia tradicional;✓ Movimento foi fundamental para a consolidação da blogosfera política alternativa✓ Necessidade de se encontrar formas de financiamento próprias

Fonte: Dados do campo

Por fim, os aspectos organizacionais que caracterizam o movimento *BlogProg* e que se destacaram ao longo do processo de análise se aproximam daquilo que Bourdieu classifica em seus trabalhos como sendo estratégias de subversão, e em que há: a) formas de comunicação alternativas e a adoção de um modelo que se distancia do modelo dominante de comunicação; b) a existência do fenômeno de uma liderança informal ou de figuras de referência que são reconhecidas como tal em função da percepção dos outros agentes com relação a quão valiosas são as informações que elas possuem, c) uma organização das atividades que conta com poucos elementos estruturais formais e que é pautada pela horizontalidade, descentralização e pela participação coletiva nas tomadas de decisões; d) uma estrutura de financiamento que depende do voluntariado de outros agentes individuais e coletivos, como organizações públicas, privadas e da sociedade civil, e também dos leitores dos blogs vinculados ao movimento.

As características que marcam o movimento *BlogProg*, portanto, além de serem coerentes com uma organização contra-hegemônica, vão ao encontro dos próprios objetivos sociais por ele estabelecidos e pelos métodos de luta escolhidos por seus agentes. Ainda que tais características não dispensem alguns elementos presentes em organizações tradicionais e que a resistência às práticas dominantes da grande mídia não signifique a ausência de mecanismos instrumentais, parece ser possível afirmar que a lógica substantiva é aquela que se coloca como central nas práticas implementadas pelo movimento aqui analisado, uma vez que a informação, para este, é percebida como um direito de todos os cidadãos, e não como simples mercadoria. A Internet, nesse sentido, ainda que não signifique a consecução do objetivo de se democratizar as comunicações no Brasil, é uma importante arma utilizada por este movimento para a difusão de um ponto de vista político diferente daquele defendido pelas organizações de mídia tradicionais. Tal movimento, nesse sentido, foi essencial para que a blogosfera política alternativa no Brasil, surgido em tempos recentes, fosse consolidada e adquirisse uma maior autonomia, essencial para a continuidade da luta política no âmbito de uma democracia ainda tão frágil como aquela que caracteriza o contexto brasileiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como principal objetivo analisar de que maneira a gênese e consolidação de uma blogosfera política alternativa possibilitou, especialmente a partir da criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)*, o surgimento de estratégias de subversão por parte de grupos de agentes no campo da comunicação no Brasil. Para tal, buscou-se descrever os principais eventos críticos que possibilitaram o surgimento e a consolidação de uma blogosfera política alternativa no Brasil, bem como a criação do *Movimento de Blogueiros Progressistas (BlogProg)* no interior do campo da comunicação no Brasil; identificar os principais agentes que pertencem à blogosfera política alternativa e ao movimento dos *Blogueiros Progressistas*, analisar suas principais características, bem como os principais recursos de poder que eles detêm; analisar as principais características relacionadas à atuação de blogueiros e ativistas digitais na blogosfera política alternativa, estabelecendo uma relação entre tais características e as estratégias de subversão por eles adotadas; bem como analisar as principais características do *Movimento dos Blogueiros Progressistas*, estabelecendo uma relação entre estas e as estratégias de subversão adotadas pelos agentes que a ele se vinculam.

A caracterização histórica do campo indicou que os elementos percebidos por seus agentes como sendo aqueles que mais contribuíram para a gênese de uma blogosfera política alternativa no interior do campo da comunicação foram predominantemente de ordem política e tecnológica. O surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, aliado a uma crescente insatisfação por parte de alguns grupos da sociedade civil com relação ao viés conservador das organizações da mídia tradicional, foram responsáveis pelo surgimento de diversos *blogs* na Internet que tinham como intuito expressar pontos-de-vista políticos distintos aos da grande mídia e fazer a crítica desta última. Paralelamente, diversas iniciativas foram ocorrendo por parte desses grupos que tinham como intuito não apenas aproximar blogueiros críticos à mídia tradicional, mas também promover debates sobre a situação do campo da mídia no Brasil, dominado por algumas poucas organizações que detinham o controle quase absoluto da produção e distribuição de notícias.

O ano de 2010, entretanto, foi particularmente importante por promover alterações significativas no universo da blogosfera política alternativa no Brasil. Como reação ao que blogueiros e ativistas digitais percebiam como um processo de crescente partidarização da grande imprensa na cobertura das eleições presidenciais em defesa da principal candidatura da oposição, um grupo de blogueiros mais alinhados à candidatura governista decidiram reunir-

se para organizar um movimento que pudesse exercer um contraponto às opiniões veiculadas pela grande mídia, que fosse capaz de contrabalancear o poder de influência que elas detinham, bem como influenciar a própria disputa eleitoral que ocorria naquele ano. Surgiu, então, o *Movimento dos Blogueiros Progressistas (BlogProg)*, organizado em sua maioria por blogueiros provenientes da mídia tradicional que haviam tido divergências com esta última, e também blogueiros provenientes de outros campos ligados em sua maioria ao campo da política e a movimentos sociais.

Além disso, os agentes pertencentes ao campo que fundaram o movimento criaram uma organização denominada *Centro de Estudos da Mídia alternativa Barão de Itararé*, cujo objetivo principal era coordenar os esforços dos diferentes blogueiros e ativistas digitais que lutam pela democratização do campo da comunicação, organizar os principais eventos promovidos pelo movimento e, ainda, coordenar as estratégias traçadas pelos agentes como forma destes atingirem seus objetivos. O surgimento do *BlogProg*, portanto, contribuiu significativamente para a consolidação da blogosfera política alternativa no Brasil, uma vez que ela tornou-se mais coesa e menos fragmentada, como ocorria até então.

Os agentes responsáveis pela criação do *BlogProg*, ainda, tomaram a importante decisão de realizar regularmente encontros nacionais e estaduais de blogueiros em que se pudesse discutir assuntos de interesse dos participantes do movimento e, ainda, estipular estratégias para que o principal objetivo do movimento pudesse ser alcançado, qual seja, pressionar os agentes públicos para a implementação de políticas públicas que garantam a democratização da mídia e que impeçam o monopólio por parte das grandes organizações. Como resultado, o movimento *BlogProg* acabou ganhando destaque perante outros agentes relevantes, sendo mencionado (ainda que negativamente) por importantes veículos da mídia tradicional nacional, sendo objeto de discussão na própria campanha eleitoral de 2010 e, ainda, alcançou uma importante demonstração de força quando alguns de seus principais representantes conseguiram obter uma entrevista coletiva exclusiva por parte do presidente da república à época.

Com relação aos principais agentes que compõem a blogosfera política alternativa no Brasil, podem ser mencionados três grupos: agentes blogueiros-jornalistas, agentes blogueiros-militantes, agentes militantes e agentes-organizacionais diversos.

Os agentes blogueiros-jornalistas são o grupo formado pelos jornalistas oriundos da mídia tradicional que foram precursores da blogosfera política alternativa e que continuam a exercer um papel de destaque dentro dela, uma vez que vinculam seus conhecidos nomes a um

movimento que ainda é bastante recente e participam diretamente de sua organização. Os agentes blogueiros-militantes são o grupo formado também por blogueiros, mas que, diferentemente do caso anterior, possuem uma atuação mais caracterizada pela militância política, pela militância a favor da bandeira da democratização da mídia ou também pela militância em prol da cultura digital. Já o grupo formado pelos agentes-militantes é constituído por um grande número de pessoas que, apesar de não exercerem o papel de blogueiros, também em sua maioria militam pelas mesmas causas do segundo grupo. Uma vez que simpatizam com as publicações do primeiro ou do segundo grupo, portanto, esses militantes leitores e comentaristas freqüentemente as reproduzem nas redes sociais como o *Facebook* ou o *Twitter*. Por fim, o grupo formado pelos agentes-organizações é constituído por diferentes organizações que também se envolvem ou militam pelas mesmas causas que os grupos anteriores, especialmente a militância de caráter político ou em prol da democratização da comunicação. Neste grupo podem ser incluídos, como visto mais acima, movimentos sociais diversos, entidades de representação dos trabalhadores, partidos políticos, fundações, veículos de mídia alternativa e organizações como o *Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé* e a organização não-governamental *Movimento dos Sem Mídia* (MSM).

Com relação aos recursos de poder detidos por esses diferentes grupos de agentes, parece ser possível afirmar que os agentes blogueiros-jornalistas possuem principalmente o capital informacional, o capital simbólico por eles já acumulado em seus campos de origem e, por fim, o capital econômico financeiro. O capital simbólico acumulado por estes jornalistas em seus campos de origem, especialmente a televisão e, também, jornais e revistas impressas, contribui significativamente para que eles obtenham informações valiosas perante agentes pertencentes a outros campos as quais são aproveitadas nos *posts* que eles publicam em seus *blogs*. Também, esse mesmo capital simbólico é essencial para que esses agentes consigam obter capital econômico financeiro proveniente de publicidade de organizações públicas e privadas, ou seja, outro tipo de conversão de capital que contribui para que os *blogs* que eles dirigem possam contar com uma estrutura mais complexa do que *blogs* dirigidos por outros grupos de agentes que não possuem grande volume deste último tipo de capital. Já no que diz respeito ao capital detido pelo grupo formado pelos agentes blogueiros-militantes, parece ser possível dizer que aquele está relacionado especialmente às novas tecnologias de informação e comunicação e ao próprio capital político. Tais tipos de capital, portanto, colocam-se como sendo o principal tipo de recurso que os blogueiros cujas atuações são marcadas pela

militância partidária utilizam para contrapor-se à mídia tradicional e para que possam difundir seus pontos-de-vista na esfera política.

Ao contrário do grupo formado pelos agentes blogueiros-jornalistas, que já detinham capital simbólico importante acumulado na mídia tradicional e cuja transferência deste último para o campo da blogosfera política crítica foi extremamente importante para que seus blogs se tornassem imediatamente consagrados, os blogueiros-militantes possuíam outros tipos de capitais anteriormente acumulados que também os auxiliaram na atuação dentro do campo em questão. Entretanto, os principais agentes que representam esse grupo adquiriram sua relevância justamente por meio da sua atuação na blogosfera e nas redes sociais, com o apoio do conhecimento que detinham em suas áreas de atuação de origem.

O grupo formado pelos agentes militantes possui como importantes recursos de poder os capitais tecnológico e social, sendo que ambos são extremamente importantes para o fortalecimento da blogosfera política alternativa. O primeiro tipo de capital é, naturalmente, aquele que se constitui no recurso de poder que possibilitou a própria fragmentação do campo da comunicação e que permite a milhares de indivíduos interferir no processo de produção de conteúdo, emitir suas opiniões e reproduzir as publicações dos grupos formados pelos blogueiros, consolidando ainda mais o capital simbólico por estes acumulado. Já o capital social também é bastante importante para que a blogosfera seja fortalecida. No âmbito *online*, o capital social decorre da interação espontânea entre os ativistas digitais e a discussão de assuntos diversos nas redes sociais ou nos espaços para comentários nos próprios *blogs*. No âmbito *offline*, o capital social permite a consolidação dos laços de relacionamento entre os ativistas digitais e, também, a discussão e análise dos rumos do próprio movimento.

Com relação ao grupo formado pelos agentes-organizações, parece ser possível afirmar que são diversos os tipos de capitais pertencentes a eles, justamente pelo fato dessas organizações serem marcadas pela característica da diversidade. Dentre os principais recursos identificados, podem ser citados os capitais econômico-financeiro, cultural, político e simbólico. Com relação à organização que pode ser considerada como sendo central para o movimento, o *Barão de Itararé*, o tipo de recurso que a ela confere essa posição é o capital social. Tal tipo de capital está relacionado ao próprio papel exercido por essa organização, que é o de articular os blogueiros que se identificam com a luta pela democratização da mídia e, ainda, de organizar os próprios encontros nacionais de blogueiros que ocorrem de forma regular.

Nesse sentido, a perspectiva de poder advinda do pensamento de Pierre Bourdieu e sua teorização acerca das características de um campo de produção cultural permitem que se possa analisar o campo da comunicação como um espaço marcado por forças e disputas entre indivíduos, grupos e organizações diversas. Assim, os agentes localizados nesse campo – jornalistas, grandes corporações de mídia, blogueiros, movimentos sociais, organizações diversas pertencentes à sociedade civil, entre outros – competem e disputam entre si os diversos tipos de capitais que possibilitam a ocupação de uma posição privilegiada neste espaço de poder.

O efeito mais importante do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação foi o de permitir que agentes diversos que não atuavam no campo ou mesmo aqueles que nele atuavam, mas que não possuíam recursos de poder suficientes para ocupar uma posição de destaque no campo pudessem expressar e difundir suas opiniões sem que, para isso, tenham que passar pelo filtro das grandes organizações detentoras dos tradicionais veículos de comunicação.

Assim, ao se analisar o campo por meio do arcabouço teórico proposto por Bourdieu, é possível afirmar que o surgimento e consolidação de uma nova arena de atuação tão ampla como a blogosfera política alternativa resultou em certa alteração nas posições relativas dos agentes do campo da comunicação. Essa alteração na posição dos agentes é fruto do que autores como Ramonet (2010) apontam como uma crise em tal estrutura e que foi impulsionada, sobretudo, pelo desenvolvimento e acesso das novas tecnologias digitais.

O campo da comunicação no Brasil, atualmente, passa por um momento de alterações em sua estrutura, que foi afetada especialmente pelo surgimento de *blogs*, *sites* jornalísticos diversos jornalísticos e das redes sociais, tais como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, dentre outras. Se até recentemente as grandes organizações midiáticas, conforme mostrou Borges (2009), exerciam uma posição de dominância no campo e possuíam os recursos de poder que se faziam necessários (especialmente os de ordem tecnológica e econômica), para manterem tal posição, tais fatores propiciaram a entrada de novos agentes no campo, o fortalecimento daqueles que até então não tinham recursos para reagir a essa dominação. Assim, os próprios movimentos sociais, partidos políticos e centrais de trabalhadores podem ser ilustrados como exemplos de organizações que, ao perceberem os benefícios das novas tecnologias digitais, passaram a utilizá-las visando difundir para um maior número de pessoas seus pontos de vista no que tange à luta política.

Entretanto, conforme visto anteriormente, os diferentes grupos que agora possuem a oportunidade de expressar-se por meio da utilização das novas ferramentas digitais o fazem não apenas para que possam difundir seus diferentes pontos de vista, mas também as usam como uma clara expressão de recusa a um modelo hegemônico praticado pelas grandes organizações de mídia, expressão de um poder estabelecido há décadas e que ainda busca legitimar-se a si mesmo como sendo o melhor.

Nesse sentido, evidenciou-se ao longo deste trabalho que tais grupos de agentes que lutam por uma posição mais privilegiada no campo da comunicação, com o intuito de tornarem seu discurso crível perante a sociedade, lançam mão de diferentes práticas de contestação que vão ao encontro daquilo que Bourdieu denomina como sendo *estratégias de subversão* da ordem de um campo. O intuito de privilegiar esta categoria de análise foi justamente o maior entendimento do que ela vem a ser e quais elementos que as caracterizam, tendo em vista que o próprio autor não a conceituou de maneira mais aprofundada. Assim, por uma questão de adequação epistemológica, optou-se não recorrer a outros autores que desenvolveram categorias que se aproximam da anterior, tais como Foucault, e privilegiaram-se os elementos que emergiram da pesquisa de campo, já que esta foi estruturada justamente a partir do arcabouço teórico de Pierre Bourdieu.

Os discursos dos entrevistados, as observações participantes realizadas nos eventos do campo e os textos analisados a partir dos *blogs* selecionados possibilitaram a identificação de um conjunto de práticas adotadas pelos agentes que pertencem à blogosfera política alternativa que permitem não apenas com que eles desafiem as organizações vinculadas à mídia tradicional, mas por meio das quais se tenta também reverter as regras e a ordem dominante estabelecidas nesse espaço.

Assim, as estratégias de subversão identificadas ao longo do trabalho puderam ser caracterizadas como sendo um conjunto de micropráticas e de macropráticas adotadas pelos agentes. As micropráticas possuem como principal característica o fato de serem utilizadas, sobretudo, de maneira inconsciente ou infraconsciente, por meio das interações cotidianas entre blogueiros e ativistas digitais na própria esfera virtual e fundamentadas nas experiências e trajetórias dos agentes, ou seja, em seu conhecimento tácito. Dessa forma, o constante compartilhamento de textos contendo posições políticas diferentes daquelas da mídia tradicional; a reprodução de imagens diversas nas redes sociais em que se demanda, por exemplo, a democratização da comunicação no Brasil; os protestos contra o monopólio dos grandes veículos de comunicação que são organizados na esfera virtual e que depois se

concretizam nas ruas (como os protestos em frente à Globo no RJ e SP durante as manifestações de Junho de 2013); bem como os encontros informais entre os ativistas críticos à mídia tradicional, podem ser consideradas como os exemplos mais representativos de microações que são implementadas por blogueiros e ativistas digitais em seu dia-a-dia e que não são elaboradas a partir de grandes planejamentos e que são desprovidas de um alto grau de racionalidade.

Já as macroestratégias de subversão foram identificadas no trabalho como aquelas práticas de subversão adotadas especialmente pelos agentes vinculados ao *BlogProg*, movimento este que exerce um peso considerável no âmbito da blogosfera política alternativa. Diferentemente da natureza das práticas anteriores, as macroestratégias podem ser caracterizadas como dotadas de um maior planejamento por parte dos agentes e de maior intencionalidade e, também, são orientadas por um grau de racionalidade maior do que as outras. Isto é explicado em função do *BlogProg* ser um movimento social organizado que possui objetivos bem definidos e que para tentar atingi-los, conseqüentemente, formaliza suas ações.

Ao se tentar identificar as principais macroestratégias de subversão levadas a cabo pelo movimento *BlogProg*, analisou-se primeiramente as características organizacionais por ele adotadas. Ficou claro que tais características se baseiam em um modelo de organizar que foge à lógica presente no modelo de negócios das organizações dominantes do campo. Já as práticas de subversão estão relacionadas principalmente às táticas que seus agentes implementam como forma de se contrapor ou mesmo de reagir às práticas dominantes dos grandes veículos de comunicação.

Dessa forma, o movimento *BlogProg* claramente adota práticas organizacionais que privilegiam as características da horizontalidade, descentralização e participação no que tange à sua estrutura. A adoção dessas características não é fruto tão somente da vontade dos que exercem cargo no movimento, mas são quase naturais, tendo em vista que a própria esfera virtual facilita o surgimento de um novo modelo de comunicação que as contempla. Ao incorporar tais características, o movimento conseguiu claramente crescer desde que foi criado, se consolidou em diversas regiões do país e, também, viu a entrada de diferentes grupos da sociedade civil que se identificam com a mesma luta na qual ele se engajou.

Entretanto, parece evidente que o movimento *BlogProg*, ao mesmo tempo em que busca adotar as características anteriormente citadas, foi obrigado a se institucionalizar minimamente e a incorporar uma lógica mais instrumental em suas ações como forma de dar continuidade à sua luta, alcançar seus objetivos e também se contrapor às estratégias de

reprodução implementadas pela mídia tradicional como forma de reafirmar seu poder simbólico no campo. Assim, o movimento passou a realizar encontros nacionais anuais (depois se decidiu que seriam bianuais), encontros estaduais, e formou uma comissão nacional e comissões estaduais para que decisões importantes na vida do *BlogProg* fossem tomadas. Além disso, o movimento conta com a estrutura do *Barão de Itararé*, que disponibiliza seu espaço para as reuniões da comissão nacional e também é responsável pela organização dos eventos promovidos pelo movimento.

Um importante exemplo de estratégia de subversão implementada pelos agentes vinculados ao movimento foi a decisão de se criar um fundo de recursos financeiros e de auxílio jurídico para serem disponibilizados a blogueiros que porventura fossem alvo de processos judiciais por parte das grandes organizações da mídia tradicional. O fundo se constitui em um exemplo de ação planejada que visa não apenas evitar que blogueiros políticos críticos à mídia tradicional sejam objeto de algum tipo de sanção no campo, mas claramente reforça a vontade dos grupos de contestação de continuarem a jogar o jogo e a desafiar os agentes dominantes.

Outro exemplo de estratégia de subversão importante levada a cabo pelos agentes do movimento é o de convidar agentes públicos a seus eventos, como ministros e parlamentares, para que a discussão sobre a implementação do marco regulatório da comunicação seja feita nesse espaço, o que possibilita que algum tipo de pressão seja exercido e, ao mesmo tempo, faz com que o movimento adquira reconhecimento por parte de agentes de outros campos importantes, como o da política.

Ainda, as próprias demandas estipuladas pelo movimento e que se encontram listadas nas cartas dos encontros nacionais podem ser vistas como sendo a defesa de outro modelo de comunicação diferente daquele defendido pela mídia tradicional. A defesa enfática de políticas públicas que garantam a liberdade na blogosfera, a distribuição dos recursos advindos de publicidade oficial de maneira mais equilibrada que considere também os *blogs*, bem como a defesa do marco civil da Internet que garanta a neutralidade da rede, são exemplos de reivindicações claras do movimento que orientam a atuação daqueles que dele fazem parte e que levam o movimento a se institucionalizar minimamente até mesmo para que ele possa adquirir maior coesão e, assim, maior peso simbólico.

Já outro aspecto da tese que aqui se propôs defender é a de que as estratégias de subversão colocadas em prática por agentes dentro de um campo dominado em sua maioria por organizações, ainda que sejam orientadas por um desejo de promover transformações

revolucionárias no campo por meio da defesa de práticas opostas às práticas dominantes, ainda assim muitas vezes são obrigadas a incorporar algumas práticas ou elementos que também estão presentes nestas últimas. Isto se deve ao fato de que, diferentemente de algumas perspectivas organizacionais que trabalham com a noção de *resistência*, os agentes de contestação efetivamente fazem parte do jogo e suas estratégias de subversão variam de acordo com as estratégias adotadas pelos agentes dominantes. Assim, por mais que as disputas de poder que ocorrem no interior de um campo deem margem para que grupos de agentes de contestação lancem mão de práticas que se diferenciam das práticas dominantes (ex: características alternativas de organização), a necessidade desses grupos de sobreviverem no campo e o próprio peso da ordem dominante do campo acabam por limitar o grau de diversificação existente entre esses conjuntos de práticas.

Como exemplo, pode-se mencionar a importância que o capital econômico-financeiro exerce também para os agentes da blogosfera política alternativa. A necessidade por parte dos blogueiros políticos alternativos de darem continuidade às suas atividades em meio às dificuldades por eles enfrentadas e também de produzirem conteúdo próprio fizeram com que alguns deles buscassem formas independentes de financiamento. Assim, da mesma forma que alguns veículos da mídia tradicional passaram a cobrar por parte de seu conteúdo *online*, alguns blogueiros vinculados à blogosfera política alternativa também lançaram mão de recursos tais como a produção de conteúdos exclusivos para assinantes ou áreas em que o leitor pode patrocinar o próprio *blog* ou financiar reportagens específicas. Tais práticas são importantes pelo fato de permitirem que alguns blogueiros possam, inclusive, se dedicar profissionalmente a seus *blogs*. A importância do capital econômico também é evidenciada na preocupação por parte de muitos blogueiros no que diz respeito à distribuição da verba de publicidade do governo. Esta última é percebida como essencial para que a mídia alternativa possa se fortalecer e, assim, seja possível reduzir o monopólio da mídia tradicional. Uma vez que tal política é central tanto para os grupos dominantes quanto para os grupos de contestação, ela se tornou objeto de disputa acirrada entre ambos.

Outro exemplo é o incentivo visto no âmbito da blogosfera política alternativa para que pequenos blogueiros se profissionalizem e potencializem a utilização das tecnologias a eles disponíveis. Isto está relacionado, evidentemente, não apenas à necessidade dos agentes de contestação adquirirem recursos necessários para a sua atuação, mas, também, se deve à força exercida pelo *habitus* dos principais agentes desse segmento do campo. Assim, uma vez que

os agentes com mais recursos de poder são jornalistas oriundos da mídia tradicional, é natural que ocorra uma pressão por maior profissionalização na blogosfera política alternativa.

Por fim, a discussão relacionada às próprias características organizacionais do movimento *BlogProg* também parecem corroborar a tese aqui estipulada. Ainda que o ambiente virtual seja marcado por uma maior horizontalidade, descentralização e fragmentação que coloca em xeque o antigo modelo de comunicação em que havia uma separação bastante clara entre produtores e receptores da informação, a blogosfera não foi capaz de garantir que houvesse efetivamente uma democratização no campo da comunicação. Isto porque as organizações dominantes no campo, por mais que tenham perdido parte do poder que detinham justamente por conta da maior fragmentação do campo no contexto atual, ainda possuem um considerável poder de impor a ordem nesse espaço social devido ao grande volume e variedade de recursos que ainda concentram. Assim, dentre várias organizações que surgiram engajadas no ativismo de mídia, o movimento *BlogProg* foi uma das que mais exerceu influência na luta pela democratização da comunicação no Brasil. Entretanto, por mais que esse movimento se estruture em torno de características que sejam as mais próximas possíveis desse novo modelo de comunicação marcado pela horizontalidade, descentralização e fragmentação, foi necessário que o movimento se institucionalizasse minimamente e formulasse algumas estratégias de ação como forma de garantir a continuidade de sua luta e das disputas nas quais se lançou.

Nesse sentido, as estratégias de subversão não podem ser consideradas como ‘puras’ ou completamente independentes das práticas adotadas pelas organizações tradicionais, mas existem com base em um *continuum* de interação entre dominantes e subversivos. No caso da blogosfera política alternativa, parece claro que a própria dualidade que marca o discurso dos agentes de contestação e por meio da qual as diferenças entre a mídia “limpa” e os “blogs sujos” são ressaltadas, se constitui como recurso importante que auxilia a legitimidade dessa arena e também do próprio movimento. O termo PiG (*Partido da Imprensa Golpista*), particularmente, é um exemplo importante dessa afirmação, uma vez que foi popularizada na Internet e sua utilização acaba por identificar aqueles que se identificam com essa blogosfera. Até mesmo veículos da mídia tradicional já mencionaram essa expressão para se referirem ao movimento, o que sem dúvida se constitui em uma forma de reconhecimento do “outro”, ainda que a intenção daqueles seja a de desqualificá-lo.

Por fim, como outra contribuição desta tese, parece ser possível afirmar que a abordagem teórica de Bourdieu não elimina a possibilidade de visualizarmos práticas de caráter mais

macro que possuam certo grau de intencionalidade e que sejam adotadas de forma mais consciente pelos agentes do campo.

Isto não significa dizer, evidentemente, que as macroestratégias de subversão que emergiram na pesquisa sejam completamente racionais ou desprovidas da interferência de elementos inconscientes. Pelo contrário, mesmo aquelas ações mais explícitas levadas a cabo pelos agentes como forma de subverter a ordem dominante do campo, caso das práticas adotadas pelo movimento *BlogProg*, são orientadas por elementos como a trajetória dos agentes, suas experiências, elementos culturais, relações de poder entre dominantes e subversivos ou as relações de poder visualizadas entre os próprios agentes subversivos, etc. Em outras palavras, ficou claro ao longo da análise que o *habitus* dos agentes influencia a todo o momento as estratégias de subversão, o que não significa dizer que os agentes não possam planejar minimamente suas ações com o intuito de promover alterações na ordem do campo.

Dessa forma, reafirma-se aqui a ideia de que a abordagem de Bourdieu, longe de se caracterizar por um inevitável determinismo estrutural, abre possibilidades para que os agentes de um campo modifiquem sua estrutura e se rearranjam em seu interior, ainda que isto não ocorra facilmente. É por esta razão que não apenas autores como o próprio Bourdieu (1998; 2001) convoca intelectuais e militantes de movimentos sociais a elaborarem um projeto alternativo ao modelo neoliberal, como também estudiosos da organização de movimentos sociais, como Misozcky (2003b; 2005), utilizam tal autor como suporte teórico de algumas de suas reflexões, especialmente por meio da categoria *estratégias subversivas*. Assim, entende-se aqui que a abordagem de Bourdieu pode contribuir imensamente para a análise de fenômenos importantes para a área de estudos organizacionais, uma vez que por meio dela é possível a análise de práticas diversas adotadas pelos agentes dentro de um campo sem que se privilegie o nível macro ou o nível micro de análise. Em outras palavras, a perspectiva de Bourdieu, conforme outros trabalhos já analisaram, permite que estudiosos das organizações escapem da velha dicotomia *estrutura/agência* e *objetividade/subjetividade* ainda tão presente nos campos das ciências sociais e ciências sociais aplicadas (PECI, VIEIRA e CLEGG, 2006).

Como sugestão de pesquisas futuras - também no âmbito da temática das relações de poder no interior do campo da comunicação no Brasil - parece ser extremamente importante que, dentro de um contexto em que as organizações vinculadas à mídia tradicional vêm sendo cada vez mais questionadas por diferentes atores da sociedade civil, sejam analisadas de

forma mais aprofundada as estratégias de conservação que vêm sendo adotadas por aquelas com o intuito de conservar sua posição dominante neste espaço. Ao longo desta tese, foram discutidas algumas dessas estratégias, como, por exemplo, a tentativa dessas organizações de reafirmarem seu poder simbólico por meio do ingresso de ações na justiça, o que outros agentes denominam como a estratégia de *judicialização da censura*. Entretanto, seria importante que outras estratégias fossem analisadas, preferencialmente a partir de uma análise com foco nos próprios grupos dominantes.

Também, considera-se importante que mais estudos sejam realizados acerca das características organizacionais adotadas por outros movimentos que tenham como intuito promover a democratização da comunicação no Brasil ou que lutem para difundir outros pontos de vista políticos que sejam distintos daqueles defendidos por grande parte dos meios de comunicação de massa. A existência de diversos fóruns de discussão sobre a democratização da comunicação tais como o *Fórum de Mídia Livre*, associações de organizações independentes de comunicação como a *Altercom*, conselhos estaduais de comunicação ou iniciativas que surgiram recentemente com base em modelos organizacionais alternativos, como o grupo *Mídia Ninja*, podem se constituir em objetos de pesquisa bastante interessantes nesse sentido.

Por fim, é importante desenvolver mais estudos sobre a democratização da comunicação no Brasil a partir de uma perspectiva de políticas públicas, tendo em vista que, especialmente na América Latina, onde a concentração dos meios de comunicação ocorre com bastante vigor, diversos países vêm realizando discussões acerca da mesma problemática ou mesmo promovendo significativas reformas nesse campo. Como exemplo, pode ser citado o marco regulatório aprovado na Argentina no ano de 2009, mais conhecido como Ley de Medios, que impede o fenômeno da propriedade cruzada naquele país. Tendo em vista que o campo da comunicação é composto por um grande número de agentes, é essencial que a percepção e discurso desses diferentes grupos sobre a questão sejam estudados e levados em consideração. Isto pode contribuir para se possa realizar uma reflexão mais aprofundada sobre um marco regulatório no setor que possa contemplar, na medida do possível, os interesses da sociedade civil como um todo no que diz respeito ao direito a uma comunicação livre e democrática.

REFERÊNCIAS:

ALCADIPANI, R. O declínio dos jornais. *Revista de administração de empresas*, vol. 6, nº 2, mar/abril 2007, pp.31-35.

ALMEIDA, L.R.D.A. Pierre Bourdieu: *A transformação social no contexto de 'A Reprodução'*. *Revista Fac. Educ, UFG*, vol. 30, nº1, pp.139-155, jan./jun. 2005.

ALTMAN, B. *Boas razões para a presidente Dilma não ter ido à SIP*. *Opera Mundi*. 15 out. 2012. Disponível em:

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniaio/24898/boas+razoes+para+a+presidente+dilma+nao+ter+ido+a+sip.shtml>. Acesso em: 20/10/2012.

ALVES, M.A. Análise crítica do discurso: exploração da temática. *Relatório de Pesquisa*. São Paulo: FGV, 2006.

AMORIM, P.H. Quem somos. *Conversa Afiada*. Disponível em:

<http://www.conversaafiada.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 14/07/2013.

AMORIM, P.H. Somos top of blogs. *Conversa Afiada*. 19 dez. 2011. Disponível em:

<http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2011/12/19/somos-top-of-blogs-alo-cerra-dantas-e-gilmar/>. Acesso em 20/12/2013.

AMORIM, P.H. Franklin e a Ley de Medios: nada além da Constituição. 26 mai 2012.

Conversa Afiada. Disponível em: <http://www.conversaafiada.com.br/pig/2012/05/26/franklin-e-a-ley-de-medios-nada-alem-da-constituicao/>. Acesso em: 28/05/2012.

_____. Entrevista. A BrOi e Daniel Dantas me demitiram. *Revista Fórum*, 24 out. 2011. Entrevista concedida a Revista Fórum. Disponível em:

<http://revistaforum.com.br/blog/2011/10/a-broi-e-daniel-dantas-me-demitiram/>. Acesso em 14/08/2012.

_____. *Como PHA costuma derrotar Ali Kamel na Justiça*. *Conversa Afiada*. 02 Jun 2011. Disponível em: <http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2011/06/02/como-pha-costuma-derrotar-ali-kamel-na-justica/>. Acesso em: 15/06/2011.

ANHEIER, H. K.; GERHARDS, J.; ROMO, F. P. Forms of capital and social structure in cultural fields: examining Bourdieu's social topography. *The American Journal of Sociology*, vol. 100, nº 4, pp. 859-903, 1995.

AZENHA, L.C. Participe do Vi o Mundo. *Vi o Mundo*. Disponível em:

<http://www.viomundo.com.br/faca-parte>. Acesso em: 25/11/2013.

AZENHA, L.C. Globo consegue o que a ditadura não conseguiu: calar imprensa alternativa.

Vi o Mundo. 29 mar 2013. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/globo-consegue-o-que-a-ditadura-nao-conseguiu-extincao-da-imprensa-alternativa.html>. Acesso em: 30/03/2013.

AZENHA, L.C. Stanley Burburinho: José Serra adere à blogosfera. *Vi o Mundo*. 09 mai 2013.

Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/politica/stanley-burburinho-jose-serra-adere-a-blogosfera.html>. acesso em: 10/04/2013.

AZENHA, L.C. Blogueiros criam fundo e sugerem Lúcio Flávio como beneficiário. *Vi o*

Mundo. 02 Abr. 2013. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/blogueiros-criam-fundo-para-batalhas-judiciais-e-sugerem-lucio-flavio-pinto-como-primeiro-beneficiario.html>. Acesso em: 05/04/2013.

AZENHA, L.C. O próximo passo da blogosfera: incentivar a militância digital. *Vi o Mundo*.

21 ago. 2010. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/a-nova-era-da-blogosfera-enterrando-o-leitor-passivo.html>. Acesso em: 25/08/2010.

AZENHA, L.C. O Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas. *Vi o Mundo*. 06 jun. 2010.

Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/o-encontro-nacional-de-blogueiros-progressistas.html>. Acesso em: 10/06/2010.

AZENHA, L.C. *Nota de esclarecimento. Chega junto*. Dez. 2007. Disponível em:

<http://chega-junto.blogspot.com.br/2007/12/nota-de-esclarecimento-luiz-carlos.html>. Acesso em 14/08/2012.

ARAÚJO, R.P.A.; PENTEADO, C.L.C.; SANTOS, M.B.P. Informação e contra-informação:

o papel dos blogs no debate político das eleições presidências de 2010. *IV Congresso Latino Americano de Opinião Pública da WAPOR*, Buenos Aires, 2011. Disponível em: <http://www.waporlatinoamerica.org/index.cfm?fuseaction=main.home&seccion=61&artid=136>. Acesso em: 04/06/2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUN, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 2ª Ed.

BAUER, T. La televisión pública nuevamente a la vanguardia. In: MIRANDA, A.; SANTAGATA, G.; GUÉRIN, A. (Eds). *Pensar los médios en la era digital: Iberoamérica frente al desafio de la convergência*. Buenos Aires: La Crujía, 2010.

BOCCHINI. Entenda o caso. *Desculpe a Nossa Falha*. Disponível em: <http://desculpeanossafalha.com.br/entenda-o-caso/>. Acesso em 20/08/2013.

BORGES, A. A festa do Barão de Itararé. *Blog do Miro*. 21 mai. 2012. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/2012/05/festa-do-barao-de-itarare.html>. Acesso em: 30/05/2012.

BORGES, A. A blogosfera e a luta pela democracia. *Blog do Miro*. 17 Ago. 2011. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/2011/08/blogosfera-e-luta-pela-democracia.html>. Acesso em: 20/08/2011.

BORGES, A. A força e os limites da blogosfera. *Blog do Miro*. 22 Mar. 2011. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/2011/03/forca-e-os-limites-da-blogosfera.html>. Acesso em: 25/03/2011.

BORGES, A. Entrevista com Entrevista com Altamiro Borges. O responsável pelo #BlogProgBrasil. *Teia livre*. 16 jun. 2011. Disponível em: <http://www.teialivre.com.br/colaborativo/publish/dimasroque-com-br/Entrevista-com-Altamiro-Borges-O-respons-vel-pelo-BlogProgBrasil.shtml>. Acesso em: 18/07/2011.

BORGES, A. Governo financia as serpentes da mídia. *Blog do Miro*. 06 ago 2010. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/2010/08/governo-financia-as-serpentes-da-midia.html>. Acesso em: 10/08/2010.

BORGES, A. A blogosfera progressista está em crise? *Blog do Miro*. 22 dez. 2010. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/2010/12/blogosfera-progressista-esta-em-crise.html>. Acesso em: 24/12/2010.

BORGES, A. *Blog do Miro*. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/>. Acesso em 03/11/2010.

BORGES, A. *A ditadura da mídia*. São Paulo: Vermelho, 2009.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2004

_____. *Escritos de Educação*. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2003

_____. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

_____. *A TV precisa de um contra-poder*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu.htm>. Acesso em: 12/06/2012.

_____. *The field of cultural production*. Cambridge: Polity Press, 1993

_____. The purpose of reflexive sociology: the Chicago workshop. In: BOURDIEU, P. & WACQUANT, L.J.D. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: Chicago University Press, 1992. p.61-215.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989a.

_____. Social space and symbolic power. *Sociological Theory*, vol. 7, nº 1, pp. 14-25, 1989b.

_____. “Esboço de uma teoria da prática”. In: ORTIZ, Renato (Org). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 154-161

BOURDIEU, P. *Le capital social: notes provisoires*”, *Actes Rech. Sci. Soc.*, 31, pp. 2-3, 1980.

_____; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRANDÃO, D. Censura judicial e reação da blogosfera. *As falas da Pólis*. 31 mar 2013.

Disponível em: <http://diogenesbrandao.blogspot.com.br/2013/03/a-censura-judicial-e-reacao-da.html?spref=tw>. Acesso em: 05/04/2013.

BRANT, J. O papel do Estado na garantia do direito à comunicação. In: MIELLI, R. (ORG). *Comunicação pública no Brasil: uma exigência democrática*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009, pp. 63-75.

BRASIL. Ministério das Comunicações. *Caderno da 1ª Conferência Nacional de Comunicação*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

CAPPELLE, M.C.A.; Melo, M.C.O.L.; BRITO, M.J. *Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault: uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações*. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v. 7, n. 3, p. 356-369, 2005.

CARRIERI, A.P.; SARAIVA, L.A.; LIMA, G.C.O.; MARANHÃO, C.M.S.A. Estratégias subversivas de sobrevivência na "feira hippie" de Belo Horizonte. *Gestão.Org*, Recife, v. 6, n. 2, p. 174-192, maio/ago 2008.

CARROLL, W.K; HACKETT, R.A. Democratic media activism through the lens of social movement theory. *Media Culture Society*, 2006, pp. 83-104.

CARTA DE FOZ DO IGUAÇU. In: AZENHA, L.C. 1º Encontro Mundial de Blogueiros: Carta de Foz de Iguaçu. *Vi o Mundo*. 30 out. 2011. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/carta-de-foz-de-iguacu.html>. Acesso em: 01/11/2011.

CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS. In: AZENHA, L.C. Carta dos blogueiros progressistas. *Vi o Mundo*. 18 Ago. 2010. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/carta-dos-blogueiros-progressistas.html>. Acesso em 20/08/2010.

CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS. In: VIANNA, R. Blogueiros reunidos: a carta de Brasília. *Escrevinhador*. 20 Jun 2011. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/blogueiros-reunidos-a-carta-de-brasil.html>. Acesso em 25/06/2011.

CARTA DOS BLOGUEIROS PROGRESSISTAS. In: VIANNA, R. Carta de Salvador: a força dos blogueiro. *Escrevinhador*. 28 mai 2012. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/carta-de-salvador-nada-alem-da-constituicao.html>. Acesso en: 30/05/2012.

CASTELLS. M. *A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, C. Caso Nassif/Veja esquent a guerra política na blogosfera. *Observatório da Imprensa*. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigoaberto/post/caso_nassifveja_esquent_a_guerra_politica_na_blogosfera_brasileira. Acesso em: 31/12/2013.

CATANI, A.M., CATANI, D.B., e PEREIRA, G.R.M.. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. In. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Ago, 2001.

CENTRO DE ESTUDOS DA MÍDIA ALTERNATIVA BARÃO DE ITARARÉ. Seja amigo do Barão. *CENTRO DE ESTUDOS DA MÍDIA ALTERNATIVA BARÃO DE ITARARÉ*. 09 jan

2013. Disponível em: <http://www.baraodeitarare.org.br/2013-01-09-16-56-06>. Acesso em: 10/01/2013.

CENTRO DE ESTUDOS DA MÍDIA ALTERNATIVA BARÃO DE ITARARÉ. *Objetivos*. Disponível em: <http://www.baraodeitarare.org.br/2012-09-08-21-55-06/objetivos>. Acesso em: 20/11/2012.

CINTRA, A. Lula concede entrevista histórica à blogosfera nesta 4ª feira. *Vermelho*. 23 nov. 2010. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=6&id_noticia=142142. Acesso em: 24/11/2010.

CINTRA, A. Um começo promissor do ara o Centro de Estudos "Barão de Itararé". *Vermelho*. 16 mai. 2010. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=129448&id_secao=6. Acesso em: 20/05/2010.

CLOACA NEWS. Nossa missão. *Cloaca News*. Disponível em: <http://cloacanews.blogspot.com.br/>. Acesso em: 20/05/2013.

COELHO, K.S. *A resistência à nova proposta de Plano Diretor apresentada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis: uma análise das práticas alternativas de organizar*. 2012. 358 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Departamento de Pós Graduação em Administração, UFSC, Florianópolis, 2012.

COSTA, E. Movimentos sociais discutem encontro dos Blogueiros Progressistas. *Vermelho*. 09 abr. 2012. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/ba/noticia.php?id_noticia=180270&id_secao=58. Acesso em: 10/04/2012.

COSTA, L.M. O linchamento da mídia ninja. *Observatório da Imprensa*. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_linchamento_da_midia_ninja. Acesso em: 31/10/2013.

COSTA, E. 3º Encontro Nacional do BlogProg será em maio. *Vermelho*. 21 mar. 2012. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/ba/noticia.php?id_secao=58&id_noticia=178740. Acesso em: 25/03/2012.

CRESWELL, John W. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. London: Sage Publications, 1998.

DALMASO, Silvana Copetti (2011). Linkagem e intertextualidade. Os links no blog Luis Nassif online e caso da bolinha de papel. *XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul* – Londrina, Brasil, 26-28 Maio 2011.

DEMO, P. *Pesquisa e informação qualitativa*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

DIJK, T.A.V. Critical discourse studies: a sociocognitive approach. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009, pp. 62-85.

DOWNING, J. *Radical Media: Rebellious Communication and Social Movements*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

EISENHARDT, K.M. Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, 1989, vol. 14, N° 4, pp.532-550.

ELTANTAWY, N., WIEST, J. Social media in the Egyptian revolution: Reconsidering resource mobilization theory. *International Journal of Communication* vol.5, 2011, pp. 1207–1224.

FALCÃO, M. Lula ataca mídia e pede regulamentação. In: *Folha de São Paulo*. 18 Jun. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1806201120.htm>. Acesso em: 20/06/2012.

FARIA, J.H.D. Poder e relações de poder nas organizações. In: VIEIRA, M.M.F.; CARVALHO, C.A. (Orgs.). *Organizações, instituições e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. Blog oficial do Planalto critica pergunta da Folha. *Folha Online*. 25 nov. 2010a. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2511201015.htm>. Acesso em: 30/11/2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. Em entrevista a blogs pró-governo, Lula faz críticas à imprensa. *Folha Online*. 25 nov. 2010b. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2511201014.htm>. Acesso em: 30/11/2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. Serra acusa governo de financiar ‘blogs sujos’ e perseguir jornalistas. *Folha Online*. 19 ago. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/785564-serra-acusa-governo-de-financiar-blogs-sujos-e-perseguir-jornalistas.shtml>. Acesso em: 20/08/2010.

FORTES, L. Dilma na cova dos leões. *Brasília, eu vi*. Fev. 2011. Disponível em:

<http://brasiliaeuvi.wordpress.com/2011/02/>. Acesso em: 25/02/2011.

FORTES, L. Orgulho de ser blogueiro sujo. *Vi o Mundo*. 25 dez. 2010. Disponível em:

<http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/leandro-fortes-orgulho-de-ser-blogueiro-sujo.html>. Acesso em: 30/12/2010.

FURTADO, C. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOULART, S.; CARVALHO, C.A. O pesquisador e o design da pesquisa qualitativa em administração. In: VIEIRA, M.M.F.; ZOUAIN, D.M. (orgs). *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002..

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas: São Paulo, 1998.

GRINBERG, M.S. (org.). *A Comunicação Alternativa na América*

Latina. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GUIMARÃES, E. A blogosfera tem uma dívida de gratidão para com o PIG. *Blog da Cidadania*. 21 mai. 2012. Disponível em:

<http://www.blogdacidadania.com.br/2012/05/a-blogosfera-tem-uma-divida-de-gratidao-para-com-o-pig/>. Acesso em: 25/05/2012.

GUIMARÃES, E. Autocrítico é para quem pode. *Blog da Cidadania*. 26 out. 2011.

Disponível em: <http://www.blogdacidadania.com.br/2011/10/autocritica-e-para-quem-pode/>. Acesso em: 30/10/2011.

GUIMARÃES, E. *O financiamento do Encontro de Blogueiros*. Blog da Cidadania. 19 Jun.

2012. Disponível em: <http://www.blogdacidadania.com.br/2011/06/o-financiamento-do-encontro-de-blogueiros-2/>. Acesso em: 20/06/2012.

GUIMARÃES, E. *Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas*. Blog da Cidadania. 01 Jun.

2011. Disponível em: <http://www.blogdacidadania.com.br/2011/06/encontro-nacional-de-blogueiros-progressistas/>. Acesso em: 05/06/2011.

GUIMARÃES, E. Se o Estadão pode... *Blog da Cidadania*. 26 nov. 2010. Disponível em:

<http://www.blogdacidadania.com.br/2010/11/se-o-estado-pode/>. Acesso em: 30/11/2010.

GUIMARÃES, E. Entrevista. Eduardo Guimarães, o blogueiro do megafone. *Revista Fórum*, 16 set. 2011. Entrevista concedida a Revista Fórum. Disponível em:

<http://revistaforum.com.br/blogdorovai/2011/09/16/forum10-eduardo-guimaraes-o-blogueiro-do-megafone/>. Acesso em: 18/09/2011.

HACKETT, R.A.; CARROLL, W.K Building our Media: community broadcasting, social movements and media democratization. *Global Media Journal*, vol. 1, nº 1, 2008.

HACKETT, R.A.; CARROLL, W.K. *Remaking media: the struggle to democratize public communication*. New York: Routledge, 2006.

HAMILTON, J. Alternative media: conceptual difficulties, critical possibilities. *Journal of Communication Inquiry* 24, nº 4, pp. 357–378, 2000.

HESMONDHALGH, D. Bourdieu, the media and cultural production. *Media, Culture & Society*, vol. 28, nº 2, pp. 211-231, 2006.

KNECHT, J.A. *A blogosfera "progressista" contra a "grande mídia" na cobertura do "escândalo dos dossiês" durante as eleições presidenciais de 2010*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de História, 2011.

KRAMER, D. Militância digital. *Estadão*. 25 nov. 2010. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,militancia-digital,644975,0.htm>. Acesso em: 30/11/2010.

JOHNSON, R. Editor's introduction: Pierre Bourdieu on art, literature and culture. In: BOURDIEU, P. *The field of cultural production*. Cambridge: Polity Press, 1993.

JUNGBLUT, A.L. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. *Horizontes antropológicos*, vol.10 nº 21, Porto Alegre, Jan./June 2004.

JURIS, J.F. The New Digital Media and Activist Networking within Anti-Corporate Globalization Movements. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 597, Cultural Production in a Digital Age, Jan., 2005, pp. 189-208.

LÉVY, P. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008.

LIMA, V. *Liberdade de expressão x liberdade de imprensa*. São Paulo: Publisher Brasil, 2010.

LIMA, V. A grande mídia e a segunda Confecom. *Agência Carta Maior*, 18/12/2009. Disponível em:

http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16290. Acesso em: 04/06/2012.

MACHADO, M.D.C. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº7. Brasília, janeiro - abril de 2012, pp. 25-54.

MAGALHÃES, L.A. Folha publicou ficha falsa de Dilma. 25 Abr. 2009. *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha-publicou-ficha-falsa-de-dilma>. Acesso em: 25/12/2013.

MARTINUZZO, M.; MALINI, F. A Blogosfera Política Como Inteligência de Enxame. *XV Congresso de Ciências da Comunicação*, Vitória, maio de 2010.

MCMILLAN, S.J. Exploring models of interactivity from multiple research traditions: users, documents and systems. In: LIEVROUW, L.A; LIVINGSTONE, S (eds). *The Handbook of New Media*, 2ª edição, pp. 204–229. Thousand Oaks: Sage, 2006.

MELLO, A. O poder relativo da blogosfera versus o poder impositivo da 'grande imprensa'. Que fazer? *Blog do Mello*. 29 Abr. 2011. Disponível em: <http://blogdomello.blogspot.com.br/2011/04/o-poder-relativo-da-blogosfera-versus-o.html>. Acesso em: 30/04/2011.

MELLO, A. Hoje, o Blog do Mello completa oito anos. *Blog do Mello*. 1 abr. 2013. Disponível em: <http://blogdomello.blogspot.com.br/2013/04/hoje-o-blog-do-mello-completa-oito-anos.html>. Acesso em 05/04/2013.

MIELLI, R. “Pela criação de políticas e espaços públicos de comunicação”. In: MIELLI, R (org.). *Comunicação pública no Brasil: uma exigência democrática*, pp. 9-12, São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

MIRANDA, L. Lula Miranda: turma da Kombi faz a hora. *Escrevinhador*. 11 ago. 2010. Disponível em: <http://www.rodriovianna.com.br/radar-da-midia/lula-miranda-a-turma-da-kombi-faz-a-hora.html>. Acesso em: 15/08/2010.

MISOCKY, M.C.; AMANTINO-DE-ANDRADE, J. *Tréplica*: quem tem medo do fazer acadêmico enquanto práxis? *Revista de Administração Contemporânea*, vol. 9, nº 1, Jan/Mar 2005.

MISOCKY, M.C. Abordagem de redes no estudo de movimentos sociais: entre o modelo e a metáfora. *Revista de Administração Pública*, 43, vol. 5, pp.1147-1180, Set./out. 2009.

MISOCKY, M.C. Implicações do Uso das Formulações sobre Campo de Poder e Ação de Bourdieu nos Estudos Organizacionais. *Revista de administração. Contemporânea*, 2003b, vol.7, edição especial, pp. 9-30.

MISOCKY, M.C. “Poder e institucionalismo: uma reflexão crítica sobre as possibilidades de interação paradigmáticas”. In: VIEIRA, M.M.F.; CARVALHO, C.A. (orgs). *Organizações, instituições e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2003a, pp. 141-176.

MORAES, D. Comunicação, Hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

_____. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. In: Eptic online: *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, Vol. IX, n. 2, mayo – ago.2007.

_____. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol. XXIII, nº 2, julho/dezembro de 2000, pp. 142-155.

MORGAN, G. *Beyond Method*: strategies for social research. London: Sage, 1983.

MUNIZ, M. Votação para o prêmio CUT termina nesta quarta-feira (30). *CUT Brasil*. 28 nov. 2011. Disponível em: <http://www.cut.org.br/destaques/21535/votacao-para-o-premio-cut-termina-nesta-quarta-feira-30>. Acesso em: 30/11/2011.

NASSIF, L. As mudanças no Luis Nassif Online. *Luis Nassif Online*. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/as-mudancas-no-luis-nassif-online>. Acesso em: 10/09/2013.

_____. Sobre militantes e jornalistas. *Luis Nassif Online*. 30 mai. 2012. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/sobre-militantes-e-jornalistas>. Acesso em: 01/06/2012.

_____. *O caso de Veja*. Disponível em: <https://sites.google.com/site/luisnassif02/>. Acesso em 05/04/2012.

_____. O novo ciclo da blogosfera. *Luis Nassif Online*. 21 jun. 2011. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-novo-ciclo-da-blogosfera>. Acesso em: 25/06/2011.

_____. As dúvidas sobre a estratégia política de Dilma. *Luis Nassif Online*. 22 fev. 2011. Disponível em. Acesso em: 27 fev. 2011.

_____. A mídia em debate. In: *Conteúdo*, nº4, nov. 2009. Disponível em: http://www.contee.org.br/noticias/contee/pdf/revistaconteudo_n4.pdf. Acesso em: 01/02/2011.

_____. Os blogueiros na posse da presidente. *Luis Nassif Online*. 03 jan. 2011. Disponível em <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/os-blogueiros-na-posse-da-presidente>. Acesso em: 05/01/2011.

_____. Folha e a hipocrisia de Serra sobre o aborto. *Luis Nassif Online*. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/folha-e-a-hipocrisia-de-serra-sobre-aborto>. 16 out. 2010. Acesso em: 20/10/2010.

_____. Despedida. *Luis Nassif Online*. 25 set. 2006. Disponível em: <http://luisnassifonline.blog.uol.com.br/>. Acesso em: 30/12/2010.

MARTINS, D. Lucro na blogosfera. *Portal da Comunicação – UOL*. 22 jan. 2013. Disponível em: <http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/45/artigo220113-1.asp>. Acesso em: 30/01/2012.

MARTINS, C.B. Notas sobre a noção da prática em Pierre Bourdieu. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 62, mar. 2002.

MOUSSA, M.B. From Arab street to social movements: re-theorising collective action and the role of social media in the Arab Spring. In: TAKI, M.; CORETTI, L. (Ed). *Westminder papers in communication and culture*, vol. 9, nº 2, abr. 2013.

NETROOTS NATION. *About us*. Disponível em: <http://www.netrootsnation.org/about/>.

Acesso em: 30/10/2012.

NOBLAT, R. Lula recebe Cloaca e outros amigos no Planalto. *Blog do Noblat*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/11/25/lula-recebe-cloaca-outros-amigos-no-planalto-343663.asp>. Acesso em: 30/11/2010.

NOBLAT, R. Dilma evita se posicionar em 'Carta ao povo de Deus'. *Blog do Noblat*. 25 ago. 2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/08/25/dilma-evita-se-posicionar-em-carta-ao-povo-de-deus-318847.asp>. Acesso em: 30/08/2010.

OTTO, B.; BÖHM, S. "The people" and resistance against international business: the case of the Bolivian "water war". *Critical perspective on international business*, vol. 2, n.4, 2006, pp. 299-320.

ÖZBILGIN, M.; TATLI, A. Understanding Bourdieu's contribution to organization and management studies. *Academy of Management Review*, vol. 30, nº 4, pp. 855-869, 2005.

PASSOS, N. "Mídia tradicional tenta censurar novas mídias; reformar leis é urgente".

Agência Carta Maior, 09/11/2011. Disponível em:

http://www.cartamaior.com.br/templates/quemSomosMostrar.cfm?idioma_id=1. Acesso em: 04/06/2012.

PECI, A.; VIEIRA, M.M.F.; CLEGG, S. R. A construção do "Real" e práticas discursivas: o poder nos processos de institucionaliz(ação). *Revista de Administração Contemporânea*, vol.10, nº3, jul/set. 2006.

PHILIPS, N.; HARDY, C. *Discourse analysis: investigating processes of social construction*. Thousand Oaks: Sage, 2002.

POSTER, M. Digital Networks and Citizenship. *PMLA*, vol. 117, n. 1, Jan., 2002, pp. 98-103.

RAMONET, I. *La explosión del periodismo*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011.

RAMONET, I. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

REDE LIBERDADE. Quem somos. *Rede Liberdade*. Disponível em:

<http://redeliberdade.net/quem-somos/>. Acesso em: 30/11/2012.

RHEINGOLD, H. *A Comunidade Virtual*. Editora Gradiva, Lisboa, 1996.

ROSA, A. R.; TURETA, C.; PAÇO-CUNHA E. Estudos Críticos e Pesquisa Organizacional: uma proposta teórico-metodológica a partir da Análise Crítica do Discurso e da Teoria do

Discurso de Pierre Bourdieu. In: 30º Encontro anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2006, Salvador. *Anais...* Salvador: Anpad, 2006.

ROSÁRIO, M. Linha editorial. *O Cafezinho*. Disponível em: <http://www.ocafezinho.com/linha-editorial/>. Acesso em: 14/05/2013.

ROSÁRIO, M. Os tempos estão mudando, Mr.Pig! *Óleo do Diabo*. 26 nov. 2010. Disponível em: <http://oleododiabo.blogspot.com.br/2010/11/os-tempos-estao-mudando-mrpig.html>. Acesso em: 30/11/2010.

ROVAI, R. Um balanço afetivo do II Blogprog. *Blog do Rovai*. 20 jun. 2011. Disponível em: http://revistaforum.com.br/blogdorovai/2011/06/20/um_balanco_afetivo_do_ii_blogprog/. Acesso em: 25/06/2011.

ROVAI, R. Entrevista. *Blog do Rovai*. Blogueiros com Lula: uma entrevista para história política brasileira. 24 nov. 2010. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/blogdorovai/tag/entrevista/>. Acesso em: 25 nov. 2010.

ROVAI, R. Presidente Lula vai dar a primeira entrevista à blogosfera. Fórum. 23 nov. 2010. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/blog/2010/11/23/presidente-lula-va-dar-a-primeira-entrevista-a-blogosfera/>. Acesso em: 24 nov. 2010.

RUSSELL, A. Editorial: exploring digital resistance. *New Media Society*, 2005, pp. 513-515.

SILVA, G.M.D; PACHECO, F.L. Carnaval, Bourdieu e Teoria Institucional. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28., 2004, Curitiba. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2004. 1 CD ROM.

SILVEIRA, S.A. *Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo*. Revista USP, nº.86, São Paulo, ago. 2010.

SOARES, L. Por que a mídia tradicional tem medo da Mídia Ninja. *Pragmatismo Político*. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/por-que-a-midia-tradicional-tem-medo-da-midia-ninja.html>. Acesso em: 31 out 2013.

SOUZA, M.C.J.D. Campo da telenovela e a construção social do autor. *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Salvador, set. 2002. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19012/1/2002_NP14SOUZA.pdf. Acesso em 20/01/2012.

STAKE, R.E. Case Studies. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. (orgs). *Strategies of Qualitative Inquiry*, 2ª ed, pp.134-164. London: Sage, 2003.

VIOLIN, T.C. III Encontro Nacional de Blogueiros ocorrerá entre 25 e 27 de maio em Salvador/BA. *Blog do Tarso*. 10 Mai. 2012. Disponível em: <http://blogdotarso.com/2012/05/10/iii-encontro-nacional-de-blogueiros-ocorrera-entre-25-e-27-de-maio-em-salvadorba/>. Acesso em: 11/05/2012.

TEIXEIRA, A.C.C. Stanley Burburinho é nosso amigo. *Megacidadania*. 06 abr. 2013. Disponível em: <http://www.megacidadania.com.br/stanley-burburinho-e-nosso-amigo/>. Acesso em: 05/04/2013.

THIRY-CHERQUES, H. *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*. Revista de Administração Pública (RAP), vol. 40, nº1, pp.27-55. Rio de Janeiro: FGV, jan/fev. 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN DIJK, T.A. *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*. 2 Bände. London: Sage, 1997.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2004.

VIANNA, R Lealdade. 01 fev. 2013. *Vi o Mundo*. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/rodrigo-viana-lealdade.html>. Acesso em 05/02/2013.

Watts, J. Brazil's ninja reporters spread stories from the streets. *The Guardian*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2013/aug/29/brazil-ninja-reporters-stories-streets>. Acesso em 25/08/2013.

_____. Justiça do Rio: a TV Globo e Kamel jogam em casa. *Escrevinhador*. 15 Jan. 2013. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/palavra-minha/justica-do-rio-a-tv-globo-joga-em-casa-mas-kamel-esta-derrotado-pela-historia.html>. Acesso em: 20/02/2013.

_____. Carta de Salvador: a força dos blogueiros. *Escrevinhador*. 28 mai. 2012. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/carta-de-salvador-nada-alem-da-constituicao.html>. Acesso em: 30/05/2012.

_____. Blogueiros reunidos: a Carta de Brasília. *Escrevinhador*. 20 jun. 2011. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/blogueiros-reunidos-a-carta-de-brasilia.html>. Acesso em: 25/06/2011.

_____. O dia em que até a Globo vaiou Ali Kamel. *Escrevinhador*. 22 out. 2010. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/o-dia-em-que-ate-a-globo-vaizou-ali-kamel.html>. Acesso em: 30/10/2010.

VIEIRA, M.M.F.. “Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração”. In: VIEIRA, M.M.F.; ZOUAIN, D.M. (orgs). *Pesquisa qualitativa em administração*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

WANG, S. Recontextualizing copyright: piracy, Hollywood, the State, and globalization. *Cinema Journal*, 43(1), pp. 25–43, 2003.

WODAK, R. Critical Discourse Analysis: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (eds.) *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications, 2001.

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- 1- Você poderia contar um pouco sobre sua trajetória, bem como as razões pelas quais você decidiu criar seu próprio blog ou atuar como ativista digital? (Objetivos 1 e 3)
- 2- Quais são os principais objetivos que você busca alcançar por meio de seu blog ou página na Internet? (Objetivo 4 e 3)
- 3- Qual a importância de sua atuação como blogueiro político ou como ativista digital para o contexto brasileiro? (Objetivos 2 e 3)
- 4- Que tipo de público seu blog ou *site* pretende atingir? (Objetivo 2)
- 5- Quais são as principais ações que você coloca em prática como forma de atingir seus objetivos por meio de sua atuação como blogueiro ou ativista digital? Poderia mencionar aquelas mais importantes? (Objetivos 4 e 3)
- 6- De que forma você consegue manter seu blog ou página na Internet em termos de recursos financeiros? (Objetivo 4)
- 7- Como você se inter- relaciona ou interage com outros blogueiros que atuam na blogosfera política ou com outros ativistas digitais? (Objetivo 4)
- 8- Existe algum evento promovido pela blogosfera política do qual você participe? Poderia citá-lo(s)? (Objetivo 4)
- 9- Você poderia falar a respeito de sua visão política? (Objetivos 2 e 3)
- 10- Você possui alguma preferência partidária de forma mais específica? (Objetivos 2 e 3)
- 11- Quais as principais dificuldades ou obstáculos que você enfrentou ao longo do tempo em que atua como blogueiro político ou ativista digital? (Objetivos 2 e 3)
- 12- Em sua opinião, qual a importância da atuação da blogosfera política crítica à mídia tradicional para o contexto brasileiro?
- 13- Você poderia falar sobre a história da blogosfera política no Brasil e quais fatos ou acontecimentos a marcaram em sua opinião? (Objetivo 1)
- 14- Em sua visão, quais os principais blogs e *sites* que compõem a blogosfera política nos dias de hoje? Quais deles você considera como sendo os mais relevantes? Por quê? (Objetivo 2)
- 15- Existem indivíduos ou grupos que podem ser considerados líderes no campo da blogosfera política crítica à mídia tradicional? Como exercem essa liderança? (Objetivo 2)
- 16- Quais são os principais objetivos buscados por aqueles que atuam no campo da blogosfera política crítica à mídia tradicional?

- 17- Você poderia mencionar quais são as principais características que marcaram a blogosfera política em sua origem?
- 18- Você poderia mencionar quais são as principais características que marcam a blogosfera política em seu momento atual? (Objetivo 1)
- 19- Qual a perspectiva da blogosfera política para os próximos anos em sua opinião?
- 20- Que resultados foram por ela alcançados e quais ainda estão por ser atingidos? (Objetivo 1)